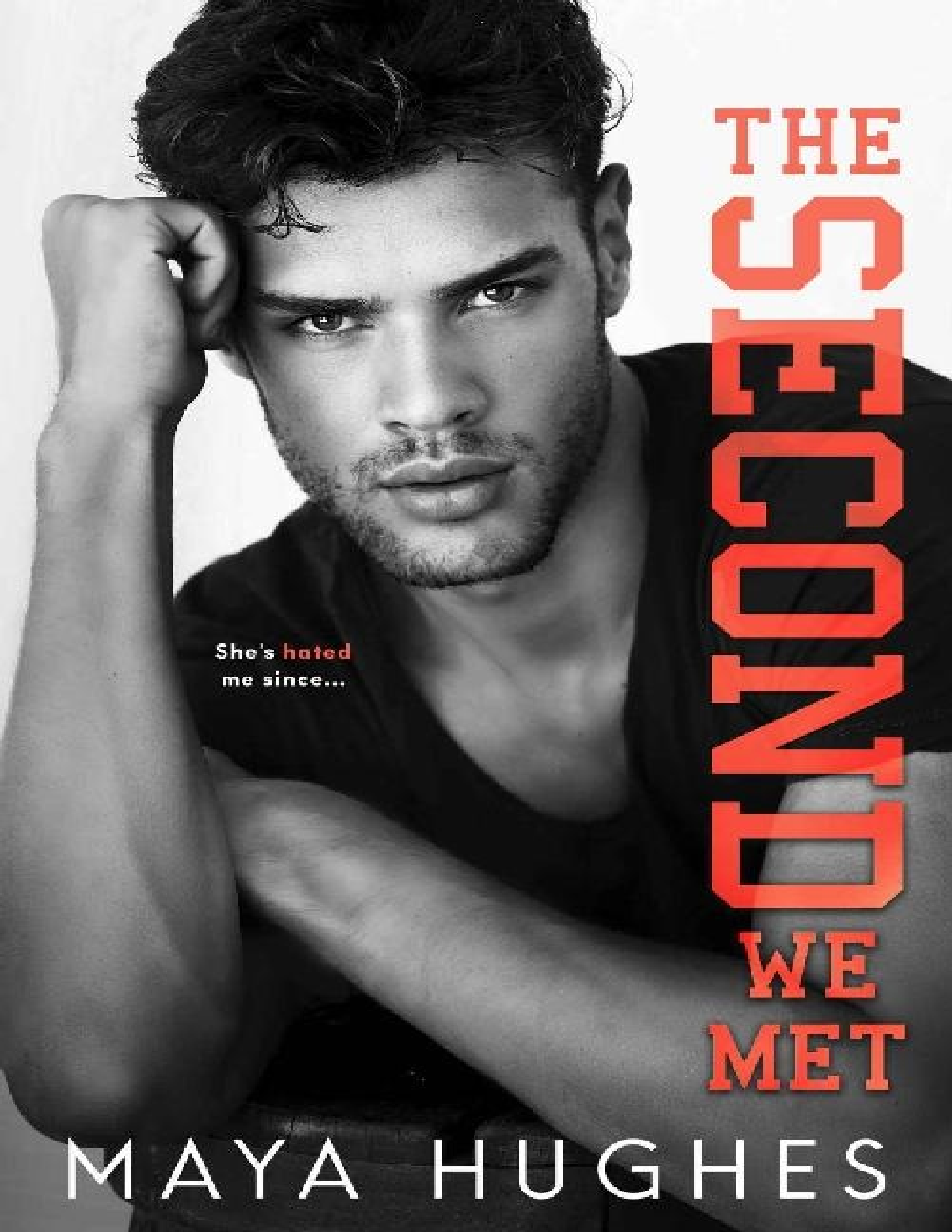
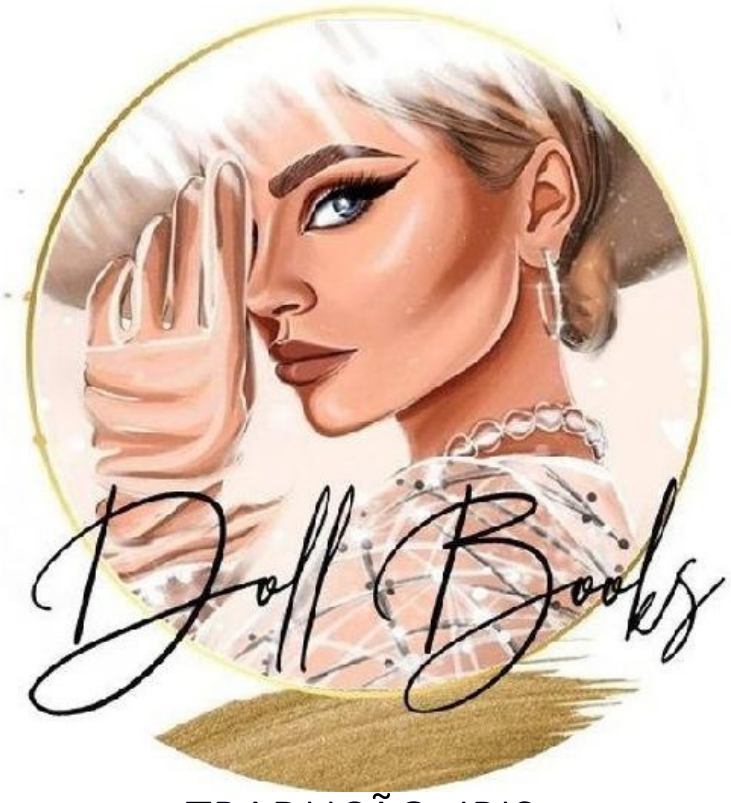


THE SECOND WE MET

MAYA HUGHES



TRADUÇÃO: IRIS
REVISÃO INICIAL: ARIANE
REVISÃO FINAL: CLAUDIA
LEITURA FINAL: PATRICIA
CONFERENCIA: LUNA & LORELAI
FORMATAÇÃO: IRIS

“Caro idiota do outro lado da rua, desculpe-me por ter acidentalmente invadido seu espaço e ter visto seu - equipamento. E mantenho aberto o convite para acompanhá-lo no chuveiro "a qualquer momento", imbecil.”

Esse é o bilhete que eu deveria escrever. Em vez disso, enviei uma versão agradável e apologética.

Se eu soubesse que *Phoenix "Nix*" Russo seria o vizinho do inferno, eu teria dito a ele exatamente onde ele poderia enfiar minhas palavras.

Nix é o fodão do campus, com todos alinhados em seus jogos para garantir que ele saiba disso. Claro, ele tem olhos azuis penetrantes, um abdômen de fazer babar e um sorriso que pode incendiar uma calcinha a cem metros de distância, mas ele também é a maior dor na minha bunda.

Querida ameaça de cabelo rosa, aprenda a fazer uma piada e deixar de ser uma estraga prazeres ...

Elle Masterson chamou a polícia para uma das minhas festas - de novo. Minha conversa fiada geralmente me deixa sem problemas, mas desta vez me colocou em um belo par de algemas de prata. Agora estou em uma turnê de reabilitação com uma parada em um projeto de serviço comunitário de férias de primavera.

Adivinha quem é meu novo chefe?

Agora estamos ombro a ombro, suados, cansados e ... ela não é como eu esperava. Deve haver um coração sob esse exterior duro. Ela está invadindo meus sonhos e não posso deixar de sentir que ela é a chave para desbloquear um pedaço de mim que escondi.

É apenas uma questão de tempo até que ela descubra por que estou realmente aqui.

Talvez eu possa atravessar suas paredes e entrar em seu coração antes que isso aconteça ... um parafuso de cada vez.

Para Nicole, que andou centenas de quilômetros comigo e sempre compartilha uma centelha de sua genialidade a cada passo.

1

ELLE

ANO JÚNIOR – AGOSTO

— EU prefiro deixar Edward Mãos de Tesoura me fazer uma manicure. — Minhas pálpebras caíram. Estacionei o carro, agradecendo a Deus por finalmente estar lá. Do lado de fora da janela, o bronze brilhante do número sessenta e seis na frente da casa brilhava ao sol da tarde.

— Agora quem está sendo dramática? Vocês dois costumavam ser tão próximos.

— Quem tem uma reunião de classe de dois anos? — Peguei meus lanches de estrada do banco do passageiro e os enfiei na minha bolsa velha e desgastada, é melhor do que nada. Mamãe continuava tentando me convencer a comprar uma bolsa de adulta durante o verão, mas de que adiantava uma bolsa se você não tinha dinheiro para guardar nela depois que a comprasse?

— Ela foi sua melhor amiga por dezessete anos.

— As coisas mudam, mãe, e Alyssa sempre fez o que era melhor para Alyssa. - *Como meu ex-namorado.* — Então, eu estou mais do que feliz em não ir. Além disso, dependendo de como as coisas vão com o Prêmio Huffington, talvez eu nem esteja no país.

Ela soltou o suspiro sofrido, reservado especificamente para mães com filhos difíceis. — Eu sei que você trabalhou muito duro para isso, mas eu simplesmente não quero que você perca o contato com pessoas que costumavam ser tão importantes em sua vida.

— Algumas pessoas não valem a pena ter por perto, mãe. Nem todo mundo é tão incrível quanto você.

Seu bufo suave me fez sorrir. — A propósito, nós lhe daremos

o dinheiro para a sua aula no primeiro dia do mês. Você sabe o quanto tem sido difícil.

— Estou feliz por poder ajudar. — O dinheiro que eu havia economizado no ano passado para a minha mensalidade foi para os pagamentos atrasados a fim de evitar a execução de uma hipoteca na casa.

— Obrigada, querida. — Levamos várias semanas para convencer meu pai a aceitar o dinheiro. Se ele salvasse a casa, valeria a pena, mas isso significava que as coisas seriam difíceis - bem difíceis.

A situação do empréstimo foi um assunto delicado. Aparentemente, crédito ruim e nenhum crédito eram a melhor maneira de acabar com muitas opções quando se tratava de pagar pela faculdade. Meus primeiros dois anos foram pagos com bolsas de estudos, no semestre passado eu estimei meus empréstimos estudantis - que estavam acumulando juros a cada dia - e agora eu estava pagando.

— Como está o cabelo?

Puxei um punhado de minhas mechas rosa elétricas por cima do ombro. — Está muito rosa.

— Eles não chamam de Day-Glo Pink por nada. Vai durar tanto tempo que seus netos terão cabelo rosa. — Ela riu.

— Impressionante. Preciso tirar as malas e depois vou para o centro de tutoria.

— Querida, você está fazendo um ótimo trabalho, mas precisa ter certeza de que está tendo tempo para si mesma. Você só tem dois anos, e eles terminarão em um piscar de olhos. Pelo menos tente apreciá-los.

Agora era minha vez de bufar. — Festas de confraternização, cerveja ruim e ser apalpada não são exatamente minhas ideias de diversão. — Nos últimos dois anos no campus, eu tive mais do que o meu limite de besteira que deveria ter, e também todo o bem que fiz desde então disparou de volta na minha cara. Talvez eu só precisasse trabalhar mais, ou talvez fosse eu. Talvez eu

tivesse um grande letreiro neon acima da minha cabeça que apenas os babacas pudessem ver. Passei as mãos pelo rosto. Cada piscada parecia pesar dez quilos.

— Bem, quando você fala dessa maneira, definitivamente não quer perder. Descanse um pouco, estude bastante e nos vemos em breve.

— No próximo mês, tenho uma noite de folga.

A atração gravitacional de seus olhos rolou do outro lado da linha e me puxou por meia cidade.

— Eu te amo.

Depois de desligar com minha mãe, puxei meu celular para fora do suporte de borracha que coloquei no painel. Jules não estaria em casa por mais algumas horas, e meus olhos não estavam cooperando com a coisa toda de “ficar acordada”.

Olhei para as casas que ladeavam a rua e examinei minha nova porta da frente, que ficava bem ao lado do meu carro. Sorte minha - local privilegiado de estacionamento.

Eu levantei uma das caixas do banco de trás em meus braços. Os degraus recém pintados e a varanda com jardineiras não gritavam aluguel de porão, mas ei, eu aceitaria. Talvez os deuses das boas ações finalmente estivessem sorrindo para mim. Depois de pegar Mitchell na cama com seu grupo de voluntárias que “totalmente não são uma ameaça”, dois dias atrás, a luta de última hora para encontrar um lugar havia começado. A maioria dos bons apartamentos ou moradias da minha faixa de preço havia desaparecido há muito tempo, mas Jules tinha uma vaga na casa que encontrou no último minuto, e era uma faixa de preço que eu podia pagar. Eu mencionei que ela é incrível demais para ser minha amiga?

As persianas azuis e a varanda pintada de branco faziam com que parecesse com qualquer outra casa do quarteirão. Bem, talvez não o outro lado da rua que parecia que as varandas eram feitas de oitenta por cento de lascas.

A porta estava destrancada e eu entrei direto. Piso de madeira

e tinta branca davam ao local uma leveza que eu não esperava. Havia um cheiro persistente de cerveja, mas que dormitório ou apartamento de faculdade não tinha?

A água caía no andar de cima. Talvez Jules tivesse chegado cedo. Subi os brilhantes degraus de madeira e espiei os quartos. O da frente tinha um poste de stripper. Sim, eu definitivamente estava no lugar certo. Ela nem tinha sido capaz de esperar para colocar em prática.

Depois de deixar a aula de pole dance que assistimos com setenta e sete por cento do meu corpo coberto por hematomas, eu dispensava qualquer coisa que tivesse a ver com bastões duros (bem, não tudo...), mas Jules tinha feito isso como um peixe na água. Ela não tinha ido a mais aulas, mas dane-se se ela não comprou seu próprio poste no dia seguinte.

Este parecia preso ao chão, no entanto. Quando diabos ela teve tempo de fazer isso? Eu perguntaria depois. Agora, eu só queria desempacotar meus lençóis e desmaiar na cama pelas próximas sete horas.

— Jules, se eu estiver babando no meu travesseiro quando você sair, basta me cutucar com um pau antes das oito, para que eu possa chegar ao centro de tutoria.

O chuveiro foi desligado quando deixei minhas coisas em um quarto dos fundos e abri as abas da caixa. *Droga.* Eu deveria ter rotulado essas coisas como minha mãe sugeriu antes de embalá-las. Era a bibliotecária na sua saída, e agora eu tinha que jogar um jogo de "Onde diabos uma Elle privada de sono teria colocado seus lençóis?" Com a minha sorte, seria a última caixa que eu carregaria para dentro.

Fui buscar mais caixas. Uma das portas se fechou, mas não completamente. Bati e entrei direto. — Você vai me deixar usar o seu poste... — Mas as palavras pararam na minha garganta como se eu tivesse levado uma bola de neve na cara. Não era Jules em sua camisa de mangas compridas e calça jeans; ao invés disso, vi a pele bronzeada e brilhante de um cara que tinha sido esculpido em mármore como uma estátua grega com gotas de água caindo

das pontas dos cabelos.

Definitivamente não era Jules. Havia um homem nu no meio na sala, com uma toalha sobre a cabeça enquanto secava o cabelo.

Minha boca ficou aberta. Meu olhar se abaixou como se um feixe de trator estivesse preso aos meus olhos. Eu não sabia que abdômen poderia vir em variedades acima de pacotes de seis. Ele parecia ter todos eles, e isso não era tudo o que ele estava carregando.

— Que diabos? — Ele pegou a toalha da cabeça e a envolveu.

Porra, eu estava de olho nele na próxima semana. Me tirando disso, a realidade da situação me ocorreu: um psicopata nu na minha casa. Eu me afastei em direção à porta. — O que diabos você está fazendo na minha casa?

— Sua casa? Esta é a minha casa. — Ele segurou a ponta da toalha.

Nada madura, eu balancei minha cabeça. — Não, não é. Eu assinei o contrato no início desta semana sessenta e seis da Aspen Drive.

Ele cruzou os braços sobre o peito, músculos inchados e ondulados. Tinha que ser uma ilusão de ótica. Ninguém tinha esse corte. Mas qualquer atração que eu possa ter sentido por seu corpo foi morta pelo olhar presunçoso em seu rosto. — É Aspen Drive sessenta e nove.

— Não, eu vi os números lá fora.

— Aconteceu checar os números de cada lado desta casa? Eles não costumam ser sessenta e sete, sessenta e seis, setenta e um. Um parafuso estava faltando no nove quando eles repintaram.

Seus olhos percorreram meu corpo.

Um arrepio percorreu minha espinha, lambendo minha pele. Talvez tenha sido a minha seca de uma vida de namoro, ou talvez eu tenha sido privada por dar aulas no centro para alunos

carentes do ensino médio durante todo o verão, mas ele era o tipo de pessoa linda que fazia você se perguntar se ele não era CGI[1] da vida real.

— Mas você é mais que bem-vinda a ficar, especialmente se estiver procurando por algum exercício de pole.

E ele o bateu como um filhote com um martelo. Meu olhar voltou-se para o seu sorriso, tão cheio de si que ele poderia flutuar. Colhi a raiva explosiva, que era muito melhor do que o embaraço que encolhe a alma.

Eu olhei para ele, e seu rosto finalmente se encaixou. Phoenix "Nix" Russo, quarterback e imbecil pomposo. — Não em sua vida.

Desci correndo os degraus, abri a porta da frente e toquei os números brilhantes ao lado da porta. Com certeza, o segundo tinha um parafuso em falta, completando meu total constrangimento. A queimação escarlate subiu pelas minhas costas e meus ouvidos provavelmente estavam brilhando como o nariz de Rudolph.

Nix saiu de calça jeans, mas parecia que alguém não conseguia encontrar o caminho do botão. A extensão de pele de seu peito sem camisa se estendia para baixo... quase todo o caminho. Mesmo que eu ainda não tivesse visto toda a mercadoria, não havia muito o que imaginar. Seu pequeno sorriso satisfeito me fez querer gritar ou dar um soco em algo. Eu odiava jogadores de futebol, odiava idiotas que pensavam que eram um pedaço do céu na terra, e odiava ter babado sobre ele mesmo por uma fração de segundo. Eu voltei para dentro.

— Precisa de ajuda? — Ele se encostou na porta enquanto eu pegava minha caixa e empurrava as coisas que eu tinha largado enquanto procurava meus lençóis dentro dela.

Batendo as abas, eu olhei para ele. — Não.

Parado ali como se fosse um presente de Deus para as mulheres, ele me encarou com aquele sorriso que fez meu estômago revirar e meus dedos formigarem para dar um soco nele. Eu cometi um erro? Sim. Ele precisava ser tão convencido

com isso, como se eu tivesse feito o dia dele sendo idiota? Não. Acima de tudo, eu estava chateada com a forma como as malditas asas de borboleta no meu estômago não paravam. Eu já tinha estado com caras gostosos antes. Geralmente, eles vinham em duas variedades: saco de lixo completo e total e excelente em esconder que ele é um saco de lixo completo e total. Adivinhe em qual definição Phoenix, que era legal demais para encurtar seu nome para Nix, estava.

Passei por ele com meus braços segurando minha caixa, mas ele não se afastou, então tive que empurrá-lo para fora do caminho e o contato de corpo inteiro terminou com as costas dos meus dedos roçando muito perto de uma parte de sua anatomia que eu estava olhando há menos de cinco minutos.

— Se você queria me tocar, tudo o que você precisava fazer era pedir.

— Eu prefiro cortar minha mão. — Eu disse com os dentes cerrados antes de me libertar da cunha de morte entre ele e a porta.

— Faça do seu jeito. — Ele andou atrás de mim, me seguindo para fora de sua casa.

— Nix, eu te amo! Você vai chegar ao campeonato este ano? — Um bajulador o atacou no segundo em que chegamos lá fora.

— Eu farei o meu melhor. Temos uma equipe sólida este ano e estamos prontos.

Seu tapinha e sua resposta praticada reviraram meu estômago. Essa humildade e roteirizada resposta sem compromisso dele era treinada como um profissional e nem estava lá ainda. Me congratulei com a queima de raiva. Era muito melhor que vergonha, e eu me apeguei a isso. Nix era um idiota total, e as borboletas tinham acabado de ser um delírio induzido pela privação do sono.

Soprando meu cabelo para fora do rosto, virei a cabeça, apertando os olhos para os números do outro lado da rua. Caso você não saiba, a casa de assassinatos assombrados que parecia

mantida em pé com fita adesiva e chiclete tinha um belo sessenta e seis pintados com spray no meio-fio.

— Simplesmente ótimo. — Eu resmunguei baixinho enquanto atravessava a rua. Uma buzina soou e eu pulei de volta. Eu estava tão decidida a não olhar para Nix que poderia ter negligenciado aquele conselho do jardim de infância de olhar para os dois lados antes de atravessar a rua.

Subindo os degraus precários para a minha nova casa, meu dedo do pé ficou preso em uma madeira solta e eu bati na porta da frente.

— Vejo você em breve, vizinha. — Nix gritou do outro lado da rua.

Em segurança lá dentro, deixei cair a caixa e tossi com a nuvem de poeira que subia do chão. — Perfeito, simplesmente perfeito. — Fechei os olhos e descansei a cabeça na porta. Fale sobre começar este ano com um estrondo. Olhando ao redor, pude ver exatamente como Jules havia conseguido tanto. Eu me preparei para o chão desmoronar sob meus pés a cada passo. *Pelo menos há um teto sobre minha cabeça.* Um pedaço de gesso caiu em cima de mim como farofa de amendoim em cima de um sundae, que dia fantástico. Sacudi meu cabelo e tirei a poeira bege da ponta do meu nariz. O primeiro ano estava começando em boa forma.

Me preparando, voltei para fora e peguei outra caixa do meu carro, que estava estacionado em frente à *sua* casa.

— Você precisa de ajuda, B and E[2]? — Nix gritou da varanda, encostando-se ao corrimão com uma cerveja na mão.

— Não da sua. — Eu empilhei outra caixa em cima da que estava no meu braço e usei minha perna para elevar as duas. Imaginá-lo com uma barriga de cerveja em quinze anos levantou um pouco o meu ânimo.

— Não seja boba. — Ele balançou o corpo sobre o parapeito, e um baque sólido caiu atrás de mim. *Se exibindo.* — Me deixe pegar uma. Aquelas parecem pesadas.

Afastei as caixas. — Toque nelas e morrerá. — Provavelmente teria sido um pouco mais convincente se a caixa de cima não tivesse caído dos meus braços para o chão, derramando algumas das minhas coisas por toda a calçada e rua, ou seja, uma caixa enorme de preservativos.

Todo mundo que andava por aí para se encontrar com Nix assistia ao nosso pequeno cabo de guerra, o que significava que todo mundo estava agora cem por cento preso nos duzentos discos envoltos em folha azul espalhados por toda parte.

— Semestre ocupado. — Alguém gritou, e a sensação de abrir um portal para o submundo estava de volta. Deixando os preservativos, corri de volta para a casa e entrei. Eu pegaria o resto das minhas coisas depois do meu turno, mais tarde. Talvez a cobertura da noite seja suficiente para reprimir meu constrangimento.

Nesse ponto, eu teria cochilado no sofá manchado de mistério se meus lençóis não estivessem na caixa que eu trouxe. De jeito nenhum eu voltaria lá, a menos que fosse absolutamente necessário até o início do semestre.

Era tarde demais para encontrar outro lugar? Sim. Tivemos a sorte de encontrar esta armadilha mortal.

A forte batida impediu que minha espiral de vergonha me puxasse para as profundezas do meu surto de palhaço no nono aniversário de Becky Smith. Abri a porta da frente.

Nix ficou lá com os braços carregados com os preservativos descartados. — Você deixou isso para trás. — Ele aumentou o charme, mostrando covinhas e tudo, parecendo um brinquedo novo e brilhante na minha varanda em ruínas.

— Ela esqueceu um pouco mais. — Alguém gritou do outro lado da rua, os invólucros de alumínio brilhando no sol do verão. Ótimo, agora eu seria conhecida como a prostituta de Aspen Drive.

Eu olhei para eles e de volta para Nix. Agarrando a caixa meio vazia do chão, eu a estendi e deixei ele despejar o conteúdo.

— Nós vamos dar uma festa.

O resto de sua sentença foi cortada por mim batendo a porta na cara dele. Sério? E fazer minha humilhação totalmente completa? “Ei, pessoal, essa é a garota que entrou na casa errada como uma idiota, me encontrou nu e depois explodiu uma fábrica de preservativos por toda a rua.” Não, obrigada.

Tenha certeza que ele pensou que eu estaria por cima dele depois do jeito que eu não conseguia tirar os olhos dele. Bati minha mão na testa. Eu sabia tudo sobre caras como ele. Arrogante. Faminto por atenção de qualquer pessoa ao seu redor. Tudo sobre os adorados fãs e elogios, esperando que toda mulher em idade de se aposentar se jogue neles. Dane-se isso!

Você não saberia? Meus lençóis absolutamente não estavam na caixa. Manchas misteriosas e um moletom embolado teriam que servir.

A porta da frente abriu e fechou algum tempo depois. Jules levantou os óculos com as costas da mão, um poste de pole dance de viagem na bolsa pendurada no braço, a mochila nos ombros.

— Porra, você parece uma merda. Eu vou fazer brownies.

Sua solução ideal para qualquer situação era exatamente o que eu precisava agora.

Ela espiou pela janela da frente. — Há uma tonelada de pessoas na calçada enchendo preservativos como balões. O que eu perdi?

2

NIX

UM ANO E MEIO DEPOIS

Não havia outros sons além do sangue batendo nos meus ouvidos. Os fãs estavam de pé nas arquibancadas, bocas abertas,

gritando e gritando, mas o barulho não chegava a mim. Chamei a jogada e meu coração pareceu desacelerar. Cada batida era prolongada por segundos a fio.

Bandeiras, faixas e camisetas da Fulton U eram uma tapeçaria viva cobrindo as fileiras do estádio. A banda ocupou seu lugar na seção estudantil das arquibancadas, mas ninguém tocou. Suas trombetas e outros instrumentos estavam apertados em suas mãos enquanto eles os agitavam no ar.

Suor escorria pelo meu pescoço. A bola foi arrancada e o couro se chocou contra minhas mãos. Expire. A linha de luta quebrou. Os homens da linha do outro time correram em minha direção, em busca de sangue, os olhos fixos em mim, procurando a menor abertura. Grandes números brilhantes contavam até zero no placar do outro lado do campo. Uma última jogada. Uma última vez.

A linha Fulton U se manteve, e vi nosso grande receptor a vinte jardas de distância. Ele disparou pelo campo, mais determinado a abrir do que estivera a temporada inteira. Keyton vinha treinando há meses até conseguir pegar bolas com os olhos fechados.

Reece, um dos melhores jogadores do nosso time, tinha pelo menos três caras pulando nele. Em qualquer outro jogo, eu teria jogado para ele. Não importava o que acontecesse, ele veio com uma pitada, mas era a hora de Keyton.

Meus dedos apertaram a bola. O couro cavou em meus dedos em um padrão familiar que eu memorizei ao longo dos anos. *Hora de colocar tudo em risco.* Uma. Última. Vez. Puxei meu braço para trás e o joguei para frente, soltando a bola. Uma dor disparou no meu ombro.

No segundo em que a bola deixou minhas mãos, o rugido do estádio encheu minha cabeça. Bloquear tudo foi fácil quando eu usava todo o meu foco para não decepcionar minha equipe. Enquanto eu olhava para a bola em espiral no ar, alguém pegou o controle remoto entre as almofadas do sofá, aumentou o volume e ajustou-o ao nível do tremor do solo.

Provavelmente é por isso que eu não vi o sucesso chegando. Alguém bateu em mim, um golpe tardio depois que a bola se foi. Voei pelo ar exatamente como a bola que soltei um segundo antes. Mas eu não estava indo para as mãos do nosso segundo melhor receptor. Não, eu subi e voltei, revirando o ar e meu ombro foi perfurado no chão. O ar saiu dos meus pulmões. Cada suspiro parecia aprender a respirar novamente. A dor queimava no meu peito e meu ombro latejava.

— Fique abaixado, Russo. — As palavras amargas de Johannsen não mudaram o fato de que essa era a jogada final.

Eu poderia dizer que seu corpo pairava sobre o meu, mesmo com meus olhos fechados. Perder era exatamente o que aquele idiota merecia. A maioria dos outros caras com quem jogamos era legal, mas o time do St. Francis U era o nosso maior rival e trouxe o babaca dentro da maioria deles, Johannsen em particular.

Eu forcei meus olhos a abrirem, Berk que nunca me decepcionou em uma jogada em que ele estava em campo, estava tentando se levantar do chão com três atacantes nas costas.

Seu olhar disparou para o meu. A raiva pela jogada suja crua e nua em seu rosto.

Eu dei a ele a melhor aproximação de um sorriso. Tudo bem. Meu olhar disparou para a bola em espiral.

E houve silêncio. A bola voou pelo ar, e os únicos corpos que se moviam em todo o estádio estavam em campo. Fiquei de olho nela, incapaz de desviar o olhar. Corpos bloquearam minha visão. O passe bateu no peito de Keyton. Seus braços a envolveram e ele girou, disparando para a zona final. O animal vivo que eram nossos fãs voltou a viver.

Ele puxou a bola com força contra o peito, fez alguns giros que não vimos durante toda a temporada e correu para a zona final. O estádio inteiro perdeu a cabeça. Eles seriam capazes de ouvir o som de Jersey.

Berk, um ataque ofensivo, estendeu a mão para mim e me ajudou a levantar do chão. Meu ombro palpitava, mas isso não se

comparava aos gritos e barulhos que ecoavam em todos os objetos do estádio. O banco de nossa equipe foi liberado. Garrafas de água, toalhas, capacetes e camisas foram abandonadas à margem enquanto todos corriam pelo campo para comemorar. Eu fiquei no centro do caos e olhei para as arquibancadas, absorvendo. Eu olhei para os meus companheiros de equipe empilhados um sobre o outro. Soltando meu capacete, o tirei da cabeça e guardei cada centímetro dele na memória.

Deixar essa equipe para trás não seria fácil, mas nada na vida era permanente. Temos que absorver o que podemos quando podemos.



Era possível puxar um músculo de sorrir? Porque eu sorri para Johannsen enquanto sua equipe se alinhava para apertar nossas mãos sob os confetes que caíam dos canhões que alinhavam o campo.

— Eu teria pegado você no próximo ano. — Ele olhou, apertando minha mão com muita força, mas não doeu. Eu estava intocável agora.

— Você não terá a chance. — Eu estava me formando e ele ainda tinha mais um ano para disputar a competição. Felizmente, Berk e LJ chutariam sua bunda na próxima temporada, junto com o resto da equipe do Fulton U.

Ficamos em campo para as entrevistas pós-jogo e a cerimônia de troféus.

Depois de centenas de jogos desde os sete anos, duas cirurgias e mais sessões de fisioterapia do que eu poderia contar, eu fiz: um campeonato nacional, o primeiro em Fulton U em quase duas décadas. Meu pai correu para o campo, praticamente jogando cotovelos para chegar até mim, e me puxou para um enorme abraço de urso.

— Bom trabalho, filho.

— Obrigado, pai. — Meu sorriso poderia ter sido visto de um ônibus espacial.

— Jogo maravilhoso, Phoenix. — Meu avô deslizou através de uma brecha no mar de corpos celebrando.

— Vovô! Você está aqui.

Ele passou os braços em volta de mim e me deu um tapinha nas costas. — Eu não teria perdido por nada.

Papai resmungou algo baixinho e lançou um olhar para ele.

Vovó segurou meu ombro, apertando-o. — Você jogou tão bem, melhor do que eu já vi antes.

— É a única vez que você o viu.

— Eu o vi jogar. — Vovô lançou um olhar para o meu pai. — Exibição incrível, e agora que a temporada acabou, você pode ir mais ao restaurante.

— Ele tem coisas melhores para fazer do que ficar naquela caixa quente e suada.

Vovô revirou os olhos. — Vejo você em breve. Preciso voltar antes que a hora do jantar termine.

Papai cruzou os braços sobre o peito. — Já saindo. — Não foi uma pergunta.

— A cozinha chama. — Vovô me puxou para mais perto novamente. — Há uma surpresa de caramelo salgado com pedaços de chocolate com o seu nome. — Ele me soltou e sorriu antes de desaparecer de volta à massa crescente de companheiros e torcedores gritando no campo.

— Ele nunca fica por aqui. — Papai olhou para sua forma de retirada.

— Ele está ocupado.

Papai zombou e balançou a cabeça. — Ótimo jogo, mas poderia ter sido mais limpo. Podemos conversar sobre isso hoje à noite.

Claro que sim. Não era como se eu tivesse uma escolha. Às vezes, eu jurava que tinha mais falhas no jogo após uma vitória do que uma derrota.

— A equipe inteira sabe que está convidada, certo?

— Eles estarão lá. — Como se eles já tivessem recusado um de seus convites. A história de Phil Russo... ele sempre foi generoso com seus elogios a todos da equipe - exceto eu - e eles sempre seguiram seu conselho como se fosse falado através de um raio de luz brilhando sobre eles no céu. Nenhum deles sabia como era esse conselho ser um fluxo interminável de como você não estava medindo continuamente.

Um dos repórteres o reconheceu e ele iniciou sua própria coletiva de imprensa em campo. Eu já estava acostumado com isso agora.

O vestiário estava caótico em cima da euforia. Mesmo que o treinador provavelmente castrasse qualquer um que encontrasse bebendo, o cheiro de cerveja, Icy Hot e fita atlética permeavam a sala. O troféu do campeonato com confetes presos à base de madeira estava no meio. Meus colegas formandos e eu estávamos saindo com uma nota alta.

— Seu pai tem certeza de que quer nos hospedar hoje à noite? Eu não acho que somos exatamente material superior da crosta. — LJ, meu colega de quarto e segurança que tinha minhas costas no campo mais vezes do que eu podia contar, esfregou a toalha sobre o cabelo castanho e encaracolado.

Coloquei meus braços na jaqueta. — Você esquece quem ele era antes de ser Phillip Russo. Tenho uma ligação a fazer e depois podemos ir. — Agarrando minha bolsa no armário, a joguei sobre minha cabeça, estremecendo quando ela pousou no meu ombro. Parecia que meu joelho e ombro queriam ser um conjunto correspondente. *Figuras.* Passei a mão sobre ele e apertei para aliviar a pressão.

— E por que você não parece feliz com isso? — Reece, meu colega sênior e melhor amigo, olhou para mim com as sobrancelhas abaixadas, como se ele estivesse tentando descobrir se eu estava tendo um aneurisma.

— Cansado, só isso. A queda de adrenalina é real, mas não se preocupe, vou ficar bom em pouco tempo.

— Inferno, sim, você estará! E você quer saber por quê? — Berk pulou no banco e iniciou sua própria versão desafiadora e enérgica de “We are the Champions” pela sétima vez.

Eu olhei para eles através da porta do vestiário se fechando lentamente. Grandes sorrisos, toalhas estalando e o tipo de camaradagem que existia quando vocês sangravam ao lado uns dos outros no campo. Porra, eu sentiria falta deles.

Eles saíram do estádio e nós entramos no meu carro. Berk apertou os botões do rádio, percorrendo as estações até encontrar uma música de que gostava, mas LJ lançou seu veto e começou tudo de novo.

— Chega. — Eu gritei e apertei meu dedo no botão liga/desliga, cobrindo todos nós em silêncio.

— Ei, eu gostei desse. — LJ ficou de mau humor.

Meus dedos se apertaram no volante. *“Você quer que eu vire este carro?”* estava na ponta da minha língua, mas ir a essa festa sozinho seria mais um castigo para mim do que para eles.

Nós saímos do carro e entreguei ao manobrista e fomos ao restaurante para encontrar meu pai, que obviamente não era no restaurante de vovô. Tanto quanto eu podia dizer, papai não tinha pisado lá desde que minha mãe morreu.

Empurrei as portas com os caras atrás de mim, e fiquei cego pela onda de flashes da câmera.

Piscando para apagar as manchas dançando diante dos meus olhos, fui puxado para um abraço de urso.

— Aí está ele, nosso quarterback do campeonato nacional e a escolha futura do draft número um, e o restante das escolhas da primeira rodada. — Papai estendeu os braços, gesticulando para o resto dos cavalos de Trojan em sua melhor representação de Vanna White. — Vamos pegar uns drinques para esses meninos. — Ele deu um tapinha nas costas de Reece, e copos grandes de cerveja apareceram nas mãos de todos como mágica. — E há garotas mais do que suficientes para manter vocês entretidos durante a noite.

Eu olhei para trás. Reece empalideceu quando as mulheres se aproximaram, parecendo que ele estava pronto para correr para se esconder. LJ deu um passo para trás e até Berk manteve os olhos fixos no copo.

O enxame começou, mas essa festa não era sua sessão normal de reforço. Não foram apenas ex-jogadores e doadores de equipe junto com as mulheres. Havia muitos caras de terno que pareciam suspeitosamente agentes, o que ainda seria tecnicamente contra as regras de recrutamento.

— Olá pai. O que diabos está acontecendo?

Ele me puxou para outro abraço. — Dando aos caras uma vantagem no recrutamento. Tem que maximizar esses dólares.

Meu queixo ficou tenso. — Isso pode colocá-los em problemas com a NCAA. — E eu era o capitão da equipe. Foder com os caras na décima primeira hora estava fora de questão.

— Quem você acha que trocará para conseguir a primeira escolha para você? Eu sei que você quer ficar em Philly, mas ir para a New England pode iniciar sua carreira — alguém chamou.

Risos ondularam pela sala. Ternos, muitos ternos, agentes por toda parte. Era como se ele tivesse ligado para todos os agentes em todo o país.

Cartões de visita foram colocados na minha mão a cada aperto.

— Sinto que estou em exibição no mercado de carne. — Berk veio até mim com as mãos sobre o peito como se estivesse escondendo seus seios imaginários. — É assim que as mulheres se sentem quando saem? — Seus olhos percorreram a sala.

LJ se inclinou sobre nossos ombros. — Exceto que com esses caras, você acorda na manhã seguinte se perguntando o que diabos você fez e quarenta por cento de seus potenciais ganhos futuros evaporaram.

Papai me acenou do outro lado da sala. Depois de mais uma rodada de apresentações, ele pegou outra bebida.

— Estou indo para Tavola amanhã. — Eu disse a ele. — Você deveria dar uma passada. — Com a temporada do jeito que tinha acontecido e minhas aulas, eu não pude visitar por muito tempo, desde que eu praticamente morava lá.

Papai zombou como sempre fazia quando eu falava. — Você sabe quem eu não o vejo aqui hoje à noite para parabenizá-lo por sua vitória? Sua avó. Nunca poderia afastar o velho daquele lugar, não importa o quê. — Ele tomou um gole do copo, o líquido âmbar girando em seu copo.

— É o trabalho da vida do vovô.

Papai bufou. — Você acha que eu não sei disso? Eu sei disso melhor do que ninguém.

— Não comece. É incrível que você tenha participado de todos os meus jogos, mas ele nem sempre pode sair. — Meus dedos se apertaram ao redor do garfo frio de metal.

— Nunca tenta. — Seu rosto escureceu antes de ele esvaziar o copo e enxugar as nuvens de tempestade. — Hoje não é noite para discutir isso. É uma celebração. Você tem o futebol no sangue. Você dedicou sua vida a isso. Se jogar tão bem quanto antes, será um MVP no seu ano de estreia no próximo ano, escreva seu ingresso para o que você quiser fazer. — Papai enfiou um aperitivo em sua boca e sorriu para uma foto, passando o braço em volta do meu ombro. — Agora, vamos analisar o que deu errado e como você pode ter certeza de que não cometerá os mesmos erros da próxima vez.

Com um play-by-play anotado em seu iPad, que alguém tinha trazido, recebi detalhes excruciantes sobre como exatamente minha vitória no campeonato nacional poderia ter sido ainda melhor. As veias no meu pescoço palpitavam e meu sangue batia nas veias. Eu puxei a gravata em volta do meu pescoço. *Toda vez, porra.*

— Nix. — Meu pai chamou atrás de mim.

Eu não parei, não consegui parar. Homens de terno me deram um tapinha nas costas e tentaram dizer uma palavra, mas essas

palavras pararam em suas gargantas quando viram o olhar nos meus olhos. Paguei minha penitência com sangue e suor no campo por ele. Eu me jogava no chão e continuava voltando para mais. Se isso não era suficiente para ele, havia algo que seria?

Abri as portas do restaurante, deixando meu casaco para trás. O clima cortante de janeiro atravessou meu suéter e blazer. Eu não sabia se eles haviam sido avisados ou eram muito rápidos, mas o manobrista parou meu carro no meio-fio no segundo em que meus sapatos bateram na calçada.

Meu pai me comprou o elegante Mercedes S-Class preto quando eu venci o campeonato estadual do ensino médio. Se não estivesse tão frio, eu o teria deixado lá e o pegado pela manhã. Entrei e voltei para casa. Reece, LJ e Berk eram espertos e se escondiam há mais de uma hora, prontos para chegar à festa real com os bolsos recheados com os cartões de todos os agentes.

Certamente haveria uma festa em pleno andamento, quando eu chegasse lá. Sempre havia, não importa o quanto nenhum de nós quisesse festejar.

Às vezes era mais fácil acompanhar a maré do que lutar contra ela. Eu aprendi isso mais uma vez hoje à noite com meu pai. Se você lutasse contra isso, às vezes se afogava. Esse era eu agora, lutando e batendo. De alguma forma, eu precisava descobrir como fazê-lo ver que o que ele queria para mim e o que eu queria nunca seriam a mesma coisa.

Eu tinha deixado tudo de fora na grade.



O chão vibrou embaixo de mim, direto através do meu colchão. O calor sufocante da festa encheu meu quarto e, mesmo com a janela aberta, o ar sufocante parou nos meus pulmões. Eu joguei a bola para cima e quase beijei o teto. Velhas marcas de desgaste pontilhavam a pintura. *Lá se vai meu depósito de segurança.* Fugir da festa não tinha sido tão fácil quanto eu esperava. Antes, eu nunca tive problemas com o fluxo das celebrações que apareciam em nossa casa, quer eu as quisesse lá ou não, mas nesta noite eu precisava de um descanso.

Eu não queria matar a diversão de ninguém, mas naquele momento todo o barulho e as pessoas lotaram minha cabeça, criando um cozido fervente junto com as palavras do meu pai. *"Bom trabalho, filho."* Depois de todo esse tempo e tudo que eu consegui, foi o melhor que ele pôde fazer. Até uma vitória inegável estava envolta em uma mortalha de críticas.

Meu braço virou para trás. A superfície pedregosa da bola cavou em meus dedos enquanto eu a apertava com mais força, meu sangue batendo nas veias. Talvez fosse porque eu tinha bebido demais. Talvez fosse porque eu ainda não recebia um "Bom trabalho, filho", sem a menor indicação de "mas" à distância. Lancei a bola como se estivesse de volta ao estádio. Em vez de deixar um belo buraco que revogava o depósito de segurança na minha parede, ela atravessou a tela da minha janela como uma dançarina fazendo sua grande entrada. A malha de metal brilhava ao luar, e o som rompeu o estrondo trêmulo lá de baixo.

Houve um segundo *estalo* e eu corri para a janela quebrada, olhando para fora. O curto, final de festa, *whoop-whoop* foi acompanhado pelas luzes vermelhas e azuis piscando de um carro da polícia parado na calçada. O mosaico lascado do que uma vez fora sua janela estava espalhado por todo o chão. Pedaços de vidro saltaram pela calçada quando a cabeça do policial subiu para a minha janela. *Por favor, não os policiais da cidade. Por favor, não os policiais da cidade.*

Eu olhei para a casa do outro lado da rua e duas casas de distância. Nem um sinal dela, mas eu praticamente podia ouvir o cacarejar daqui. O policial saiu do carro e olhou para mim. Seu distintivo da cidade brilhava nas luzes da rua enquanto ele caminhava até a varanda com o olhar perfurado no meu crânio.

A música lá embaixo parou, e as pessoas saíram da casa e desceram a rua como formigas fugindo de uma lata de Raid.

Minha dor na bunda pessoal empurrou as cortinas para o lado e olhou para todos como se fossem camponeses que deveriam ter sido arrastados para fora de sua propriedade. Esta

foi a oitava vez que ela chamou a polícia em quatro meses. Eu pensava que, depois do ano passado, ela sairia de sua cabana de horror, mas ela estava lá com raiva quando todos voltamos do campo de treinamento. Ela abaixou a cortina quando alguém bateu na minha porta.

As vozes levantadas do andar de baixo se filtraram pela janela aberta, tentando impedir o inevitável. O tom cortante do policial não trouxe argumentos. Passei as mãos pelo rosto. O final perfeito para uma noite perfeita.

Berk enfiou a cabeça na minha porta. Seu cabelo desgrenhado caiu em seus olhos e sua camisa estava meio vestida. As assinaturas dos foliões estavam rabiscadas em sua pele, junto com mais de alguns números de celular.

— Você tem visita. — Ele apoiou as mãos batente da porta.

— Por favor, me diga que estou bêbado e é um policial do campus, não da cidade.

Ele cerrou os dentes e sugou com um rosto cheio de pena.

— Porra.

— Acabamos de ganhar o campeonato nacional eles precisam nos dar uma folga. — Dois retardatários saíram do banheiro. As meninas riram e passaram correndo. Ele abaixou os braços e pulou quando alguém apertou sua bunda no caminho para o andar de baixo.

— Não foi você quem humilhou o filho do chefe de polícia da cidade com uma perda de trinta a nada no estadual no ensino médio, além de outras coisas.

Berk me deu um aceno sombrio. — Também verdade. Devo acompanhá-lo até a forca? — Ele se afastou da minha porta e me seguiu escada abaixo.

— Os policiais estão aqui para você? Sério, eles sabem quem você é? — Um cara chamou, bebendo cada sílaba.

Um aplauso lento quebrou o suave murmúrio da multidão. Eu olhei para o mar de pessoas e havia um que se destacava.

— O que diabos Johannsen está fazendo aqui? — Eu assobiei para Berk. Meu ombro doía só de vê-lo.

— Não faço ideia. Ele entrou aqui como se estivesse procurando por alguém e depois a polícia apareceu.

Não era disso que eu precisava hoje à noite.

Seu sorriso satisfeito tornou difícil enxergar direito. Mas eu tinha coisas maiores para lidar.

— Eu levo a culpa. — Outro cara vestindo uma camisa de Trojan se empurrou a frente da multidão para fazer um movimento de "eu me ofereço como tributo". Porra, a tentação de acenar e prometer a ele uma camisa autografada passou pela minha mente. Os policiais tinham uma paixonite por eu estragar tudo por um tempo agora, mas não, eu não podia fazer isso, mesmo que isso tornasse minha vida muito mais fácil agora.

O policial estava parado na sala, cercado por copos de plástico vermelhos, serpentinas encharcadas de bebida, bandeiras da escola e muito mais peças de vestuário da marca FU do que eu jamais pensei que poderiam ser extraviadas durante uma festa.

— O que você tem para dizer em sua defesa? — O olhar em seu rosto me disse que não havia nada que eu pudesse dizer para sair disso.

— Oficial. — Estendi minha mão. Ele olhou para ela como se eu tivesse lhe oferecido um peixe morto coberto de tachinhas, então ele bateu as algemas em volta dos meus pulsos e leu meus direitos. Todos na festa escolheram esse momento para começar a vaiar.

Bem, minha noite foi fodida. Eu não ia jogar o cartão *"você sabe quem é meu pai?"*. Apenas idiotas jogavam essa carta, e não importava o que nossa vizinha que quebrava e entrava e provocava avalanches de preservativos pensava em mim, eu não era esse cara.

LJ derrapou na sala de estar. Seus olhos ficaram tão arregalados que eu quase podia ouvir suas pálpebras se abrindo para trás. Ele procurou o celular. — Você quer que eu ligue para o

seu pai?

O policial colocou meus braços atrás das costas, mexendo no meu ombro. — Não! Não ligue para ele. Minha carteira está lá em cima. Eu ligo se precisar de dinheiro para a fiança. Pegue o dinheiro da minha conta.

Fui até o carro do policial. Ele abriu a porta de trás e colocou a mão em cima da minha cabeça, me empurrando para dentro do carro. Os aromas de desinfetante e plástico invadiram minhas narinas. Eu achava que era melhor do que a alternativa do BO com cerveja.

Berk e LJ estavam no topo da escada de nossa casa, também conhecida como Brothel. Esse nome, um resquício de quando a casa pertencia a uma fraternidade, não nos valeu nenhum favor, especialmente quando a filha do chefe de polícia, que está no último ano do ensino médio, apareceu à nossa porta, oscilando à beira do blecaute bêbado. Ele não se importava que tínhamos chamado uma ambulância para ela e não lhe servimos uma gota de álcool. Não, isso colocou um alvo nas nossas costas desde quase seis meses atrás, campeões nacionais de futebol ou não.

O carro da polícia desceu a rua e todos esticaram o pescoço para dar uma boa olhada em quem acabara de ser preso. Passamos pela casa cujo habitante havia começado tudo. Ela enfiou a cabeça pela janela do quarto no andar de cima. O rosto dela desapareceu quando viramos a esquina, e eu poderia jurar que houve um lampejo de remorso. Provavelmente era apenas a luz da lua fazendo truques, provavelmente o começo de um sorriso e uma dança alegre na janela do quarto, como eu a tinha visto fazer algumas vezes antes.

Mal sabia ela, essa não era a pior parte da minha noite. Nem de longe.

3

ELLE

O trânsito para casa significava que meu percurso normal de trinta minutos demorava noventa minutos. Foda-me por não ter o calendário de futebol da faculdade tatuado no meu peito como todo mundo na cidade.

Pela décima versão bêbada do grito de guerra da escola no trânsito quase parado, eu estava pronta para terminar isso batendo a cabeça no volante. O karma era real? Fios da minha vida passada voltaram flutuando para o alto céu.

Minha rua não estava melhor. As pessoas circulavam no meio da rua, e eu tive que estacionar a cinco quarteirões da minha casa para encontrar um lugar.

Saí do meu carro e bati a porta três vezes antes de a trava funcionar. A última coisa que eu precisava era sair e descobrir que minha bateria havia acabado porque a porta não havia se fechado completamente de novo. Não era como se as minhas luzes interiores sequer funcionassem mais, então como diabos a maldita bateria continuava morrendo?

A cada poucos metros mais perto de casa, o som ficava mais alto, mas um era o mais alto de todos: a porra do Brothel. Quem nomeou a casa deles de Brothel? Jogadores de futebol idiotas que não respeitavam seus vizinhos, eles mesmos.

O Mercedes S-Class que eu dirigia no ensino médio não tinha esses problemas, mas, novamente, esse pedaço de lixo era todo meu, embora fosse um insulto para o lixo chamá-lo assim.

Meus ombros doíam. Meus pés doíam. Inferno, meus olhos doíam.

O cansaço que eu mantive sob controle por quatro anos penetrou profundamente em meus ossos. Eu estava tão perto da formatura. Todo esse trabalho duro valeria a pena, e então o que? *Não há tempo para pensar nisso agora. Apenas mantenha-se ocupada. Continue se movendo e fazendo boas ações. Ganhe o Prêmio Huffington e depois descubra as coisas.* A bolsa em dinheiro que vinha com isso finalmente me tiraria da nuvem negra de chuva financeira que me seguia para todos os lugares

desde que nossa vida de classe média se tornara qualquer coisa menos isso.

Se eu entrasse no chuveiro, seria um milagre, mas minhas roupas estavam sujas. Se eu não entrasse no chuveiro, seria melhor dormir no chão para não precisar lavar meus lençóis no dia seguinte. Como eu havia me candidatado no serviço de frango frito, eu nunca saberia, mas os deuses da culinária não estavam sorrindo para mim.

Meus dentes estremeceram meu crânio, e as batidas não eram apenas da dor de cabeça que tentava agendar um horário noturno. Era uma da manhã e a festa do outro lado da rua não mostrava sinais de acabar tão cedo. Eu só queria dormir em paz uma vez.

Tropecei na prancha de madeira lascada na varanda da frente. Se eu pensasse que o senhorio realmente faria algo, colocaria um lembrete para ligar para ele de manhã e adicioná-lo à nossa lista de trezentas outras coisas que precisavam ser consertadas, mas se não fosse por ele descontando nossos cheques mês após mês, eu suspeitaria que ele estivesse morto.

Alguém disparou fogos de artifício, meu aperto mortal na alça da bolsa escorregou e eu me dei um soco no rosto. *Filho da puta!* Era isso. Eu estou farta. Eu não estava mais aguentando isso. Meu celular estava fora e pressionei discagem rápida sem pensar duas vezes. E não era um texto para o idiota do meu vizinho para mais de suas falsas promessas de acabar com qualquer confusão que estivesse acontecendo do outro lado da rua. Os policiais chegaram em tempo recorde como se estivessem esperando uma desculpa para entrar no Brothel.

Bati a porta com força. Oh boohoo, a festa deles terminaria apenas uma da manhã. Eu tinha certeza que eles sobreviveriam.

Depois de subir os degraus, fiquei tão tentada a cair na minha cama, mas nunca me esquecia uma lição aprendida várias vezes nos últimos três anos. Eu levantei meu cabelo, peguei meu pijama do chão e cheirei. Eh, servira. PJs de flanela confortáveis que ajudavam a combater o frio, minhas meias grossas e eu estava

pronta para ir.

— Elle, você está em casa? — Jules gritou do fim da escada.

— Não, não é Elle. É um ladrão educado que veio roubar seu pijama e um banho quente escaldante.

— Ok, bem, você provavelmente quer lavar primeiro. Elle os usa há mais de uma semana sem lavá-los. Ah, e lave-os antes de trazer de volta.

Não fazia uma semana. — Só faz... — Contei o número de dias desde que troquei os PJs em meus dedos. *Caramba.*

— Exatamente. Desça quando terminar. Eu tenho uma surpresa para você. — Eu juro, ela poderia ter aberto uma linha de sexo por celular com essa voz. A maioria das pessoas jurava que ela fumava maconha todos os dias, mas eu a tinha visto soluçar apenas bebendo refrigerante.

Eu ri e tirei minhas roupas. O cheiro de comida frita grudava em tudo. Eu precisaria lavar duas vezes. Eu nunca mais ficaria na fritadeira.

— Elle, olhe pela sua janela. — A voz de Jules soou como uma sirene tocando do andar de baixo.

Corri para a frente do meu quarto e me encostei no peitoril da janela. Meu estômago despencou. A prata reluzente das algemas nos pulsos de Nix brilhava sob as luzes da rua. Ele estava como um criminoso saindo de casa. *Merda!*

Eles não deveriam prendê-lo, apenas fazer com que abaixassem a música. O carro desapareceu de vista e eu caí contra a janela. Não que eu pudesse fazer algo sobre isso agora. Desta vez não foi tudo culpa deles, tudo bem, na maioria das vezes, mas os foliões sempre ocupavam todos os lugares de estacionar na rua, o que significava que eu tinha que andar vários quarteirões para chegar em casa, exausta, sozinha, à noite. Havia também os fogos de artifício quase noturnos disparados de seu teto para comemorar todas as vitórias desde que os Trojans haviam feito os playoffs, o fato de que metade da rua ainda me chamava de Rainha do Preservativo depois de um ano e meio, e o

desfile de chifres que abalou as janelas em nossa casa após cada vitória.

Um campeonato nacional era impressionante, não importa o quê, mas eles tinham que ser tão barulhentos, porra? Era uma noite de semana. Então, para a polícia buscá-lo, tinha que haver algumas coisas obscuras acontecendo. Um zing de vingança passou por mim. O que poderia ser para o garoto de ouro? Deixar crianças menores de idade beberem na festa? Drogas? Eu pensei que ele era um idiota comum, mas talvez ele fosse muito pior do que isso e eu tinha acabado de fazer um favor ao mundo.

Eu olhei para o meu reflexo na janela brilhante e totalmente nova (diferente da maioria das outras coisas neste lugar). Foi consertado com dinheiro suado - meu dinheiro -, depois que o jogo de futebol de rua do Trojan da FU terminou comigo varrendo cacos de vidro à uma da manhã depois de sair do trabalho. Com esse pensamento, minha simpatia acabou e desapareceu depois de ser incinerada nos restos carbonizados do meu remorso. *Dane-se ele e tudo em que estava envolvido.*

Eu me arrastei para o chuveiro e fiz a dança entre o ar gelado e o fogo líquido saindo do chuveiro. Com meu cabelo lavado e meu corpo embrulhado como se estivesse pronto para escalar o Everest, eu me arrastei escada abaixo. Minha cama me chamou, mas a provocação de surpresa de Jules me levou como um zumbi a descer os degraus.

Ela levantou a cabeça da cozinha e empurrou os óculos com as costas da mão.

— O que há em suas mãos? — Eu bocejei e me apoiei no corrimão. Ele vibrou e balançou.

— Venha ver. Eu vi essa receita em um daqueles vídeos com lapso de tempo e precisava experimentar. Este é o meu quarto lote e acho que finalmente entendi direito.

Enquanto algumas pessoas viam uma foto e precisavam visitar um ponto quente de férias ou comprar um novo par de sapatos, Jules precisava descobrir como fazer o que viu na natureza. Eu não estava reclamando; eu era a cobaia dela, e até

as falhas dela eram melhores do que eu podia suportar no meu melhor dia na cozinha.

Também ajudou a combater as temperaturas baixas da casa. O forno mantinha pelo menos o andar de baixo mais quente que os níveis de banho de gelo no andar de cima. Estava tão frio em todos os lugares, exceto no banheiro, que tinha lava saindo das torneiras. Se não estivéssemos realmente pagando aluguel, eu teria jurado que estávamos dentro de um experimento psicológico.

Uma parede de calor me atingiu e penetrou na minha pele quando atravessei o limiar da cozinha. Todo o lugar cheirava a canela e açúcar durante toda a noite, e não era educado, agradável de ver. Eles pareciam ter feito sexo sujo e selvagem, do tipo que não se pode andar de manhã e precisam de um cigarro, e seus bebês fritos estavam alinhados ordenadamente em toalhas de papel no balcão da cozinha.

Enquanto eu tinha meu suprimento de comida enlatada na cozinha, foi esquecido quando meus olhos pousaram na bondade marrom e crocante dourada na minha frente. Lágrimas brotaram nos meus olhos com a crocância do lado de fora, macias e pastosas na beleza interior.

— São churros? — Eu me virei para Jules e agarrei seus ombros antes de encará-la com a mão contra o peito para conter as emoções, ou talvez fosse apenas a minha TPM se transformando em um desejo de doces e carboidratos.

— Sim? — Ela empurrou os óculos pela ponta do nariz.

Eu a puxei para um abraço; pode ter deixado uma rachadura na costela de tão apertado.

— Elle, você está me esmagando. — Ela ofegou com o braço preso entre nós.

Eu a soltei, e ela tropeçou de volta.

A mão de açúcar e canela deixara uma marca no rosto.

— Isso significa que você é fã? — Ela riu, limpando a bochecha.

Meu cansaço anterior foi esquecido momentaneamente, abaixei minha cabeça no balcão, sentindo seu aroma delicioso e quase mantendo a mistura de canela e açúcar ao lado das sobremesas refrescantes. Os palitos crocantes, em forma de estrela, eram perfeitos. O saco de confeitar com a massa estava ao lado da panela com um termômetro. Quantos estudantes universitários tinham um termômetro de óleo? Havia pessoas no campus que ainda não podiam lavar suas próprias roupas. Eu deveria saber, eu era um deles.

Buzinas soaram na rua. Afastei as cortinas da cozinha, olhando do outro lado da rua para o Brothel.

— Parece que a polícia não ajudou em nada.

Jules olhou ao meu lado, as marcas de nariz já manchadas no vidro. — Eu acho que é legal que eles estejam comemorando seu trabalho duro. — Ela ocupou o quarto de frente da casa uma vez que descobriu quem morava lá. Não era que eu também não visse a casa deles, mas a vista dela era quase panorâmica.

— O trabalho árduo deles não precisa ser transmitido por todo o campus.

— As pessoas simplesmente apareceram. Isso parece acontecer muito. Lembra daquela vez em que as pessoas invadiram a casa para levar os barris antes que o jogo terminasse? — Deixou cair mais massa na panela e girou em torno dos palitos crocantes no óleo crepitante com uma colher e uma pinça.

— Eles não fazem muito para desencorajar isso. — Festas como essa tinham sido os pilares do ensino médio. Não importava que éramos todos menores de idade ou que os pais de alguém deveriam estar por perto. Casas foram destruídas. O mundo tinha sido nossa ostra, mas isso era faculdade. Alguns de nós levam o futuro a sério.

Ela rolou um monte de churros na mistura em uma bandeja e minha boca ficou com água na boca. Meu estômago estava praticamente deitado, espalhando água no chão, gritando: “Me leve!” Erguendo-os como uma tartaruga correndo em melaço, ela

os colocou em um prato. Seus lábios se curvaram, e ela olhou para mim pelo canto do olho.

Eu provavelmente parecia um cachorro olhando para um osso, andando na cozinha, esperando ela dizer quando poderia comer.

— Provavelmente deveria deixar esfriar um pouco mais. Não gostaria que você queimasse a boca. — Ela balançou a pinça para frente e para trás na frente dela.

Meus olhos se estreitaram.

Ela começou a rir. — Vá em frente, mas quando você queimar a porra da sua língua, não é minha culpa. — Jules tinha a boca suja quando queria. Provavelmente foi pelas risadas e olhares chocados nos rostos de todos quando ela soltou uma série de maldições para fazer um marinheiro corar. Sob o exterior do Easy-Bake Oven, havia uma megera hilariante, de boca suja e pole dance que poderia governar o mundo, se quisesse, mas ela ainda não sabia.

Eu me joguei no prato quando as palavras que mal tiham saído da sua boca. Meus dedos envolveram um. O óleo nos meus dedos transformou o revestimento em ouro puro. Afastei-o, mordiscando cada cume, abrindo caminho como uma máquina de escrever louca. Comi o primeiro com a boca aberta, sugando o ar fresco para impedir que minha língua pegasse fogo, mas no terceiro os afastei como queijo, segurando cada fio de churro no ar e balançando-o na boca. A corrida do açúcar me atingiu com força.

— Você é a comedora mais estranha que eu já vi. — Ela riu e me jogou o rolo de papel toalha.

Eu o peguei com meus braços, mantendo minhas mãos longe. Oh não, aqueles dedos cobertos de açúcar e canela não seriam sacrificados aos deuses das toalhas de papel.

— Você parece uma versão doce do Coringa com açúcar de churros espalhada por todo o seu rosto.

Ela puxou uma lata de cupcake de cabeça para baixo do

freezer. Havia uma massa sobre a parte de trás da forma.

— O que são esses? — Minha boca cheia de churros abafou minhas palavras, mas ela estava acostumada a me ouvir falar com a boca cheia das coisas que assava.

— Vou tentar fazer taças de sorvete.

Recuei e respirei fundo, quase engasgando com o churros mastigado. — Jules, por que não me inclina sobre a mesa da cozinha enquanto você está nisso? Isso é obsceno. Eu sabia que você tinha uma mente suja com as cartas que escreve, mas isso provavelmente é ilegal em doze estados.

Ela apontou a pinça para mim e me deu um olhar brincalhão. — É isso que recebo por lhe mostrar. Nunca mais vou ficar tão bêbada assim.

A esquisita bandeira de Jules voava alto quando ela tomava alguns drinques ou tinha a musa certa. A única vez que li uma de suas anotações, levou uma semana para minhas bochechas voltarem à sua cor natural. Ela ainda não tinha falado para quem ia enviar, mas eu tiraria dela eventualmente.

Com a cozinha fechada e meu estômago cheio de sorvete de baunilha e mais canela e açúcar do que a maioria das pessoas consumiu na vida, subimos as escadas.

— Eu não sei o que vou fazer sem você no próximo ano. — Ela caiu na minha cama.

— Você fará novos amigos não sarcásticos e não bagunceiros.

— Mas eu gosto do seu desprezo. É como uma concha amarga e malcheirosa sobre um doce e engraçado petisco.

Joguei um par de meias na cabeça dela.

— Essas nem estão limpas!

Ela mostrou a língua e se retirou do meu quarto quando eu joguei mais meias. Meu sentimento anterior de morrer sobre os pés tinha sido lavado por Jules, o que significava pensar demais. Havia apenas uma maneira infalível, que ninguém pode saber, para me ajudar a dormir. Olhando em volta como se alguém

estivesse escondido no meu quarto, abri minha gaveta e puxei as garrafas brilhantes de esmalte. Testando as cores, eu pintei minhas unhas com o brilho rosa neon. A luz ao lado da minha cama capturou as manchas metálicas e o caleidoscópio de cores dançou no meu teto. No ensino médio, eu fazia manicure todas as semanas, sentada por horas enquanto ria e tomava meu café artesanal com meu esquadrão. Era um luxo que eu não podia pagar agora, além disso, como seria aparecer em um abrigo ou sopão com uma francesinha fresca?

— Elle. — A voz de Jules veio do lado de fora do meu quarto.

Enfiei minhas mãos sob as cobertas quando ela entrou. — Sim.

— Boa noite. Saio de manhã cedo e só volto depois das dez. Não quero que você se preocupe e chame a polícia novamente.

— Foi uma vez. Seu celular ficou desligado por horas. Você sabe que sou uma preocupada.

— Eu sei. Obrigada, mãe. — Ela esticou a língua e fechou a porta atrás dela.

Arrastei minhas unhas borradas para fora dos cobertores, peguei algumas bolas de algodão junto com o removedor de esmalte e limpei tudo.

Puxei as cobertas até o queixo. O frio já havia chegado ao meu nariz. Quando deitei minha cabeça no travesseiro, os olhos de Nix na parte de trás do carro da polícia brilharam em minha mente.

Por que eu estava me sentindo mal por ele? Ele e seus companheiros de equipe fizeram minha vida um inferno durante o último ano e meio. Eu tinha certeza de que ele estava tirando selfies com os policiais na delegacia e eles o levariam de volta para casa a qualquer minuto. Era assim com jogadores de futebol, especialmente vencedores como os Trojans. Os atletas sempre podem se safar de assassinatos, mentiras e não vamos esquecer de trair o conteúdo de seus corações. Algumas se apaixonaram por esse tipo de ato, anzol, linha e chumbo - mas essa era a Elle do ensino médio. Ela já se foi há muito tempo.

Eu me recusei a me sentir mal por Nix por mais um minuto. Não era como se estivéssemos nos vendo fora dos olhares do outro lado da rua a partir de agora até o final do ano. Isso foi tudo o que já tivemos.

Exatamente como eu queria.

4

NIX

— Eles não sabem que você acabou de ganhar um campeonato nacional nesta escola? — Berk jogou o celular no sofá depois de ler o comunicado de imprensa final da polícia da cidade.

Papai trabalhou por quase três meses para manter o incidente de janeiro fora dos jornais, mas finalmente chegou o dia. Eu jurei que ele me vigiava com a rapidez com que chegara à delegacia em janeiro, depois que todos os caras juraram que não o haviam chamado.

— Não acho que o chefe de polícia se importe com o incidente com a filha. — Apertei a ponte do meu nariz e me recostei na poltrona reclinável na sala de estar. O macarrão no meu prato equilibrado no meu joelho seria suficiente para encher a boca do meu estômago. O pão de alho empoleirado na borda foi feito com minha própria manteiga de alho caseira. Tudo ficava melhor com manteiga de alho.

— Não é nossa culpa que uma garota bêbada apareça na nossa porta, nós a afastamos e suas amigas a abandonaram no nosso gramado. Se não tivéssemos chamado a ambulância, quem sabe o que diabos teria acontecido com ela. Ele deveria ter vindo agradecer. — Berk se jogou na almofada do sofá no chão e pegou o controle do console, empurrando sua bolsa para fora do caminho e esticando as pernas.

Nós tínhamos desistido de sentar no sofá, ninguém querendo andar como um corcunda pelas próximas horas depois de se levantar.

— Nunca pensei em dizer isso, mas estou cheio com as festas em casa. — LJ sentou no chão ao lado de Berk, as costas contra o sofá, e pegou o outro controle. — Este lugar estava como estar

trancado em um armário com alguém forçando você a fumar uma caixa de charutos, só que em vez de limpar as pontas dos charutos, são copos, várias manchas misteriosas e barris abandonados.

— Devolver as torneiras de todos os barris pagou pela nova grelha. — Berk levantou uma sobrancelha e encolheu os ombros.

— A grelha que eles quebraram quando saltaram do convés. — LJ apertou os botões no controle. — Oh, Alexis passou aqui hoje mais cedo.

— Ela passou? — Berk endireitou-se.

— O que há com ela? — Enfiei uma garfada de comida na boca. — Você está transando com ela ou algo assim?

— O que? Eca, não. Isso é nojento e nunca mais diga isso de novo. — O rosto de Berk se contorceu como se ele tivesse acabado de sentir o cheiro de uma lixeira cheia de fraldas assadas no verão. — Não é desse jeito.

— Certo, nada de sexual com uma ruiva bonita que sempre aparece aqui perguntando por você.

— Exatamente, nada sexual. — Berk torceu os lábios e cuspiu as palavras.

— Vocês vão ficar aqui no próximo ano, certo? — Eu olhei para os comentários na história. "*Verdadeiro idiota...*", "*A Juventude de hoje...*", "*Um programa como o Fulton não deve tolerar coisas assim, não importa quem seja a pessoa*".

— Não será o mesmo sem vocês. Além disso, este lugar é uma bagunça, e estou cansado de me limpar depois de cada tsunami de cerveja que o atinge. — Disse LJ estremecendo.

— Mas no próximo ano você estará no último ano e poderá fazer com que os calouros façam isso por você. — Quando me recostei na cadeira, o couro gemeu embaixo de mim.

— Nós nunca poderíamos ser tão cruéis. — LJ sorriu e selecionou seu avatar no jogo.

Berk estendeu a mão e agarrou o braço de LJ. — Não encerre

essa ideia tão rapidamente, cara. Isso tem algumas possibilidades sérias. — Ele tinha um olhar sonhador nos olhos que só significava problemas.

A porta da frente se abriu e Reece a bateu com tanta força que o chão tremeu. Ele entrou parecendo um pitbull que havia comido uma vespa. Berk levantou a mão do lado do corpo e acertou o meio da testa de Reece com um dardo Nerf.

Ele nem se encolheu.

— O que diabos está acontecendo com você? — Enfiei uma garfada de macarrão na minha boca.

— O que diabos Johannsen está fazendo na nossa rua?

LJ pulou e espiou pela janela da frente. — Ele está sentado no carro no meio da rua.

— Precisamos ir lá e ver o que ele quer? — Berk levantou do chão.

— Se acalmem. Se ele quer ser um perseguidor esquisito, deixe ele. Não precisamos de mais problemas. — Eu segurei cada um de seus olhares até que eles se acalmaram e se sentaram. — E o que diabos está acontecendo? — Eu me virei para Reece.

— Seph está me deixando louco. — Reece passou os dedos pelos cabelos e se virou para o quarto, olhando como se não tivesse percebido que estávamos lá. — Por que ela não escuta a razão?

Todos nós gememos e sentamos em nossas cadeiras. Berk começou a corrida em seu jogo, apoiando os pés na mochila, que nunca parecia estar a mais de seis metros dele. — Você deixaria a pobre garota em paz? Talvez ela não queira morar com você. Não posso dizer que a culpo. Ela não teria espaço para suas roupas ou sapatos se fosse. — Sua tentativa de murmurar baixinho foi tão bem-sucedida quanto sua tentativa de vencer a corrida no jogo. LJ bateu seu carro no de Berk na tela, e ele estava em uma pilha flamejante no fundo de um aterro.

— Ela encontrou uma moradia de estudantes solteiros de pós-graduação, e eles estão deixando que ela se mude agora.

— Perfeito. Você pode ficar lá em vez de nos fazer ouvir noite após noite. — Berk cobriu os ouvidos com as mãos, balançando para frente e para trás. — Pelo menos alguém está conseguindo um pouco. — Ele precisava seriamente de algum tipo de lição de resmungo, porque esse comentário tinha sido tão baixo quanto um grito dos telhados.

— Como se você pudesse falar... — Reece parou no meio da frase e inclinou a cabeça, encarando Berk. — Na verdade, você não pratica demolições no seu quarto há algum tempo. Perdeu o seu mojo?

— Cale a boca, não. — Berk deu uma mordida no seu doce. — Só não tenho sentido ninguém ultimamente.

LJ, Reece e eu trocamos olhares.

— Isso não tem nada a ver com a carta que você recebeu há um tempo atrás, teria... ? — LJ sorriu, balançando de um lado para o outro.

— Não, isso não tem nada a ver com as cartas dela. — Os ombros de Berk se ergueram mais alto e, se ele tivesse uma concha para mergulhar, estaríamos falando no ar.

— Oh, *cartas*? Agora é mais do que uma. — Reece levantou, praticamente flutuando mais perto, feliz por ter a atenção dele e como estava pendurado em Seph. — Quantas cartas? — Ele brincou.

— Algumas. — Berk manteve os olhos na tela como se todos nós fossemos desaparecer se ele não olhasse para nós.

— Quantas são algumas?

— Dez.

— Dez cartas secretas de sexo. — LJ novamente dirigiu seu carro para a tela de Berk. — Quem sabia que você era um leitor desse tipo?

Berk olhou para ele. — Elas não são todas cartas de sexo. — Um padrão vermelho e manchado subiu pelo pescoço. — Estou tentando descobrir quem está escrevendo. Eu pensei que

parariam de brincar e me contassem agora, mas ela parece perfeitamente satisfeita em trocar cartas.

— Você está escrevendo de volta? O que você está dizendo? — Todos nós nos inclinamos para mais perto. A única carta que ele nos deixou ler havia deixado nós três de queixo caído no meio do corredor. Era muito quente. Que ele pensou que qualquer um de nós usaria essas palavras para descrevê-lo, mesmo como uma piada, era além de ridículo.

— Não é da sua conta. Por que todo mundo está olhando para mim? Temos uma situação maior para lidar com a reabilitação da reputação de Nix. — Berk gritou em torno de um Twizzler enfiado na boca.

E assim, os holofotes voltaram, quase queimando minhas retinas.

— Isso é pão de alho? — Os dedos de Reece roçaram a borda da crosta crocante.

Bati na mão dele com meu garfo.

Ele assobiou e apertou a mão, sentado no braço do sofá com os braços apoiados nas pernas e as mãos cruzadas na frente dele. — Compartilhar é se importar.

— Vá pegar o seu. Eu fiz extra.

— Há quanto tempo você o conhece? — LJ levantou uma sobrancelha para Reece. — É mais provável que você o convença a atravessar a zona final do que a compartilhar comida.

— Verdade. De volta à sua reabilitação de reputação, seu pai ainda está nisso?

— Quando ele coloca algo em sua cabeça, nada menos que uma lobotomia para tirar. Ele está me dando até o final de março para criar algo para “me redimir”.

Os lábios de LJ se apertaram e ele assentiu, levantando as pernas. — Como diabos a ESPN sabia que você foi preso?

— As notícias viajam rápido. Alguém tira uma foto e é tudo o que é necessário para que as coisas se espalhem como fogo. —

Muito obrigado, Elle.

LJ soltou um assobio baixo. — Droga. O que ele têm em mente?

— Eu não sei e não quero saber. Minha carga de trabalho está louca neste semestre. Eu apostava em ter muito tempo sem o futebol comendo minha vida, mas isso? — Eu balancei meu celular para eles. — Vai estragar seriamente o meu semestre.

— E se houvesse uma maneira de você fazer tudo de uma vez? Como uma farra de boa vontade. — LJ bateu o controle contra a perna.

— Como eu deveria fazer isso?

— Finais de semana?

Eu balancei minha cabeça. — Eu faço exercícios todo fim de semana, seguidos por PT[3] no ombro. Meu pai quer resolver esses problemas antes dos exames físicos. Além disso, eu realmente gostaria de me formar. — E eu queria visitar mais o vovô no restaurante. Eu não estive lá desde o verão e sentia falta da loucura da cozinha, queria fazer parte dela novamente.

A cabeça de Reece apareceu e eu pude praticamente cheirar o calor da lâmpada sobre sua cabeça. — Há uma semana de construção durante as férias de primavera, construir casas para famílias carentes. Eles fazem doze horas por seis dias. Se isso não faz você parecer um santo, não sei o que será.

— Eu já vi isso. Panfletos estão espalhados por todo o campus. — Berk falou em torno do alcaçuz na boca. — Ouvi dizer que existem algumas gostosas também, tipo benéficos.

— Transar enquanto constrói casas não é exatamente minha ideia de diversão. — Mastiguei meu pão de alho amanteigado. Talvez eu possa ter exagerado. Com quem estou brincando? Existe alho ou manteiga em excesso no pão torrado? Eu acho que não.

— Uma mulher empunhando um martelo e pregos, tem coisa mais sexy que isso. — Berk respirou fundo e beijou as pontas dos

dedos antes de jogá-los no ar como um chef depois de provar um molho delicioso

— Não deixe The Letter Girl[4] ouvir você falando sobre outras mulheres assim. Ela pode ficar com ciúmes.

O rubor escarlate estava de volta como um sinal de néon no pescoço de Berk. Ele resmungou: — Me deixando louco. — E apertou um botão para pausar o jogo.

Subi os degraus dois de cada vez e entrei no meu quarto. Ligando o computador, procurei a compilação. Tudo começou na segunda-feira. Deixei uma mensagem com Rick, o cara listado no site, e perguntei se eu poderia participar. Não doeria tentar sair de qualquer esquema mestre que meu pai já tivesse estabelecido em seu escritório, provavelmente preso na parede com cordas que se estendiam de uma foto para outra. Isso mostraria a ele que eu estava sendo proativo em consertar minha reputação prejudicada.

As aulas foram brutais neste semestre. Parecia que os professores haviam esquecido o campeonato nacional que acontecera apenas alguns meses atrás, não que eu quisesse competir. Um diploma de negócios veio a calhar quando se tratava de examinar grandes contratos e garantir que eu não estivesse sendo ferrado.

Abrindo meus livros, me agachei para trabalhar em algumas das tarefas que levava para casa. Equações econômicas e conjuntos de problemas flutuaram na minha cabeça por horas até meu cérebro se revoltar. Massageando meus olhos, chequei a hora. *Merda!*

Eu convenci meu pai de que as conversas por vídeo eram mais fáceis e me deixavam menos ansioso para fazer um acordo melhor com o concurso de agentes que eu precisava conhecer no próximo mês. Isso também significava que eu não precisava vestir calça. Usando uma cueca, paletó e gravata, sentei em outra ligação chata.

Os cursos que eu ainda precisava terminar no semestre estavam zombando de mim no canto mais distante da minha

mesa. Eu me troquei e pulei para o final da escada. Uma pontada disparou no meu joelho, me dizendo o quão estúpido isso tinha sido. — Estou indo para Tavola hoje à noite.

— Traga-nos um pouco daquela coisa com aquele molho. — Berk largou o caderno e fechou-o antes de apertar as palmas das mãos e fazer seus melhores olhos de cachorrinho.

— Você precisa ser um pouco mais específico.

— Aquele que me faz querer adorá-lo como minha nova religião.

— O lombo de porco assado com a redução balsâmica?

— Sim! Esse mesmo, e não a traga pela metade desta vez.

— Mendigos não podem escolher. É a minha taxa. Algum outro pedido? — Entrei na cozinha e abri a geladeira, tentando fazer algum reconhecimento. — Que diabos? — Não havia um espaço aberto nas prateleiras. — Comam algumas dessas coisas primeiro, depois trarei mais comida para vocês.

LJ me dispensou. — É... hum, são falsos.

— Falsos? — Eu olhei para o papel marrom e branco e os recipientes de isopor.

— Eu tive que encher a geladira com recipientes vazios para viagem para que Marisa não tivesse nenhuma ideia sobre cozinhar.

Estremeci e enfiei minhas chaves no bolso. — Pelo amor de Deus, não a deixe entrar na cozinha novamente.

— Você está me dizendo. — LJ balançou a cabeça e bateu no celular.

Eu corri para o meu carro.

Passando pela divertida casa da polícia, fui em direção a Tavola. O restaurante do meu avô ganhou reputação ao longo dos anos, mas esta noite era especial. Era noite de estreia.

Estacionando atrás do prédio, peguei meus suprimentos no porta-malas do carro. Com uma sacola na mão, pulei para fora do

caminho quando a porta dos fundos se abriu.

Vovô congelou com um saco na mão. Um grande sorriso apareceu em seu rosto quando ele percebeu que eu não era um assaltante. — Phoenix, eu não sabia que você viria hoje à noite. — Ele jogou o saco na lixeira e me puxou para um abraço. Quantos proprietários de restaurantes jogam fora seu lixo? Vovô via algo que precisava ser feito e fazia sem pensar duas vezes, até para os trabalhos mais sujos.

— É o primeiro desde o final da temporada, é claro que eu não perderia isso.

Ele passou o braço em volta do meu ombro e me puxou para dentro. — Olha quem eu encontrei lá fora. — Ele gritou tão alto que eu xinguei as panelas e frigideiras nas prateleiras.

Todas as cabeças da cozinha apareceram.

— Phoenix! — Houve uma onda do meu nome sendo chamada por toda a cozinha, alguns cotovelos e abraços sem as mãos. Ninguém queria ter que lavar as mãos novamente.

— Existe um lugar para mim? — Tirei minha dolmã branca da bolsa e vesti. Normalmente, eu me sentia um idiota por usar uma dolmã de chef quando não era um chef de verdade, mas a escrita cursiva bordada no peito tornava tudo melhor: *aprendiz*. Não importa que eu sou aprendiz desde os dez anos, eu aceitaria.

— Eu tenho uma bandeja inteira de cenouras com o seu nome.

A noite de pré-visualização era a uma noite da semana em que meu avô fechava o restaurante para clientes pagantes e deixava os chefs de Tavola experimentarem novos pratos. Eles podem ser qualquer coisa, desde clássicos reinventados até novos e inusitados. Meu avô era tradicionalista, usando receitas de seus pais, mas isso não significava que ele não via os benefícios das pessoas inovando e criando coisas diferentes. Ele se afastou do papel de chefe de cozinha há alguns anos, então o cardápio estava sempre evoluindo.

Havia muitas novas carreiras lançadas em um prato noturno

de pré-visualização, e também era por isso que muitos dos chefs que haviam trabalhado para meu avô ainda estavam aqui, ou apareciam sempre que podiam. Era livre para quem quisesse provar as criações às vezes assustadoramente inventivas. Primeiro a chegar, primeiro a ser servido, e todos sempre saem satisfeitos.

Era a minha segunda casa, e eu estava longe há muito tempo. Eu ficava lá por horas a fio quando era criança enquanto meu pai estava na estrada. Todos os dias depois da escola, eu entrava e trabalhava nas minhas habilidades de corte. Eles provavelmente me deram essas tarefas para me impedir de roubar todo o tiramisu, mas eu adorei. Caos barulhento e organizado, a cozinha me lembrou muito do campo de futebol, exceto que não havia homens de cento e cinquenta quilos tentando separar minha cabeça do meu corpo a cada passo.

Eu massageei meu ombro. As cicatrizes do músculo sugaram muito tempo e fizeram de cada arremesso durante esta temporada um milagre; o dano foi feito.

— O que está demorando tanto? Você finalmente vai nos abandonar?

— Estou me movendo tão rápido que você nem consegue ver, vovô.

Ele soltou uma risada bufante.

Lavei as mãos, arregacei as mangas, peguei as facas e comecei a trabalhar em cubos da bandeja cheia de cenouras. Era um trabalho pesado, geralmente deixado para os novatos na cozinha, mas eu não me importava. Eu estava lá e, cara, minhas habilidades em cubos estavam enferrujadas.

Eu caí naquele velho ritmo familiar e trabalhei através da bandeja inteira, acelerando quando as rodas rangentes da minha faca voltaram para mim. Enquanto eu cortava qualquer coisa que eles colocassem na minha frente, tudo se encaixava de volta no lugar, assim como meu ombro toda vez que eu o rolava, só que isso não doía.

Na cozinha, o mundo fazia sentido. Eu faria essa coisa de

relações públicas para o meu pai. Talvez então ele pudesse ver além do draft. Todas as próximas etapas tinham seu foco completo até que eu resolvesse, e sempre havia a próxima coisa surgindo no horizonte, mas uma vez que eu estivesse no profissional, não havia mais nada, certo? Ele finalmente ficaria satisfeito com minhas realizações. Isso foi um alívio, mas também atingiu um pico de medo no meu coração. E se eu fizesse tudo isso e ainda não fosse suficiente?

Balançando a cabeça, me concentrei no trabalho da faca e no que eu precisava fazer a seguir. Escolher um agente. Digitar o rascunho. E pegar a bola novamente no outono. Fácil como torta.

Então, por que parecia que minha vida era uma versão espelhada do que eu esperava?

5

ELLE

Meu carro estremeceu no estacionamento. Cada passeio que fiz onde algo não caiu era um sucesso em meu livro.

Já havia um número saudável de voluntários aqui. Eles circulavam como zumbis privados de sono no estacionamento enquanto esperávamos no ônibus. Assim que chegava ao site, recebia a lista oficial e me certificava de que ninguém pregaria o dedo na moldura da casa como no ano passado. Eu provavelmente deveria ter trazido café para todo mundo primeiro. Eu traria isso para Rick.

A construção das férias da primavera era uma das minhas favoritas. Isso me deu a chance de acumular ainda mais horas de voluntariado, era uma grande publicidade para o Make It Home e acontecia ao ar livre. Depois de ser enviada no centro de saúde estudantil, nas bibliotecas do ensino médio e no centro de aulas particulares, sem mencionar o sopão, foi um milagre que eu não explodi em chamas no segundo em que saí para o sol da primavera.

Ainda não estava nem derretendo cara nesta época do ano. Eu tinha um moletom na minha bolsa porque as manhãs de abril ainda estavam frias, especialmente às seis da manhã.

A tela brilhante do meu celular apareceu na minha bolsa aos meus pés. Peguei na grama e olhei para ela. *Não ouse.* Eu tinha passado quase um mês sem verificar nenhuma das contas do HWITBA, um novo recorde para mim.

Soltando um suspiro através dos meus dentes cerrados, enfiei minha mão na bolsa e peguei o celular. Eu verifiquei as contas das redes sociais para saber quem é o maior imbecil. *Oh, como estão suas férias de primavera limpando praias na Nicarágua? Ah, e você também está surfando em quase todas as fotos que publica?*

Bem, eu estava construindo uma casa para famílias carentes. Não deveria ser uma competição, eu sei, mas Mitchell também estava concorrendo ao Prêmio Huffington, então eu dei uma espiada.

Os comentários me fizeram querer gritar.

Como ele era a pessoa melhor e mais carinhosa que eles já conheceram.

Um cara tão incrível.

Como encontrá-lo havia restaurado a fé das pessoas na humanidade.

Pelo menos eu não precisava me preocupar em encontrá-lo no campus pela próxima semana.

Esses comentários emocionantes sobre o personagem dele eram farpas direto para o meu peito, mesmo agora, e trouxeram de volta memórias que eu pensei que eu tinha deixado para trás há quase dois anos, de volta na minha cara. Os olhares de todos no clube que co-presidimos depois que a palavra saiu, que ele me traiu, os olhares quentes de todos como se *eu* tivesse estragado tudo...

Foi o que eu fiz.

James me afastou dos jogadores de futebol americano desde o último ano do ensino médio, o que era uma pena, porque a FU era um paraíso para gatas atléticas.

Mas Mitchell? Ele havia aberto uma ferida mal curada. Ele sabia que eu tinha sido traída. Ele sabia o quanto James tinha me machucado e quanto tempo levei para confiar novamente, então ele me traiu também. Todos os outros pensavam que eles eram tão perfeitos, de maneiras diferentes, o atleta de ouro e a gostosa humanitária.

Aparentemente, meu radar foi discado para a configuração de idiota e eu não sabia como desligar. Era mais seguro ficar sozinha.

De alguma forma, eu fui ferrada por dois caras que pensei que não poderiam ter sido mais diferentes, a estrela do futebol e o

filantropo. Não parecia importar. Todos olharam para mim e disseram: *Sim, claro, eu vou transar com ela.* Eles eram as estrelas em seus reinos de todas as maneiras imagináveis, e eu fui o acessório perfeito, até James ir para a faculdade com minha ex-melhor amiga do colegial em seu pau e Mitchell decidiu fazer exatamente a mesma coisa durante sua viagem noturna de tartarugas marinhas na América do Sul.

Coloquei meu celular de volta na bolsa, sentindo o leite voltar. *Desista, Elle.* Os longos dias significavam que eu poderia comer o que Jules tivesse cozinhado quando chegasse em casa sem culpa, poderia afogar minhas mágoas em uma bandeja de biscoitos de chocolate ainda quentes.

Quando nos juntamos no primeiro dia do primeiro ano, ela tentou se sustentar com aipo e alface, e dividir um quarto com um coelho era muito menos divertido do que viver com a deusa cozinheira que ela se deixou virar. Ela lentamente saiu de sua concha com comida e tudo mais, como o poste que colocara em seu quarto. O andamento era lento, mas ela chegava a um pole dance de cada vez.

Arrastar madeiras e uma pistola de pregos o dia inteiro significava muitos carboidratos deliciosos quando chegasse em casa. Ela me prometeu todos os pedaços de brownies que colocaria no forno exatamente às quatro da tarde de hoje.

Uma garota de short curto rosa brilhante e uma blusa caiu sobre mim. — Haverá bebidas?

— Há água e gelo no local de trabalho, e verei se conseguiremos um café para a amanhã.

— Não *bebidas* tipo água. — Ela sorriu e balançou a cabeça como se eu fosse um idiota.

— Estamos construindo casas. Que parte do “projeto de construção da comunidade” fez você pensar que haveria um bar aberto?

— Nos panfletos, dizia que seria a aventura de primavera da sua uma vida. Como você pode fazer isso sem bebida? — Ela

olhou para mim como se eu tivesse pedido para ela abrir mão do ar.

— Que tal construir uma casa para alguém necessitado que não possa fazer isso sozinho? Parece uma aventura bastante interessante e inesquecível para mim. — Eu esperava que meu rosto de cadela descansasse chamuscando suas sobrancelhas perfeitamente feitas. — Você não precisa vir hoje. Tenho certeza que ainda pode reservar um voo de última hora para Cabo.

Ela deixou escapar um gemido de nojo. — Eu não posso. Meu pai tirou meu cartão de crédito. Ele disse apenas necessidades, mas essa bolsa era totalmente uma necessidade. — Os amigos atrás dela a apoiaram, acenando com a terrível sorte de gastar o dinheiro do pai.

Eu olhei para ela, deixando o silêncio passar de desconfortável a insuportável para ela.

Ela puxou a barra do short. — Seja como for, eu vou tirar algumas selfies. Não é como se houvesse algo melhor para fazer.

Maravilhoso, um dia de reclamação era exatamente o que eu precisava agora.

— Qual o seu nome?

— Krista. — Saltou na ponta dos pés.

— Hoje vai ser um trabalho árduo. Você vai ficar suada. Vai fazer calor. Você fará coisas novas e ficará cansada. Não tenho tempo para segurar sua mão. Não entre nesse ônibus se não estiver disposta a suportar desconforto hoje.

Ela olhou para mim e olhou para as amigas. Seus rostos haviam caído. *Por favor, não entrem no ônibus.*

— Eu não pensei que nós realmente estaríamos construindo as casas, mais como pintura ou algo assim.

— A pintura vem depois, desde que façamos nosso trabalho corretamente. É sobre a vida das pessoas, pessoas que não têm um teto sobre a cabeça e precisam destas casas. — Se eu tivesse mais tempo para planejar isso, poderíamos ter feito dez casas na

mesma quantidade de tempo, mas o financiamento havia chegado tarde, e quando eu tinha coberto o campus com folhetos, a maioria das pessoas já se foram para as férias.

— Talvez tenhamos boas selfies. — Sua amiga parecia tão desconfortável quanto todos pareciam.

Então Krista se iluminou e eu pude ver a pequena lâmpada sobre sua cabeça se apagar como um personagem de desenho animado. Oh, isso seria bom. — Talvez se meu pai vir fotos minhas fazendo coisas boas, ele verá que eu mereço o cartão de volta e então podemos ir embora neste verão. — Ela segurou as mãos de suas amigas como se tivessem feito um pacto para acabar com todos os pactos.

Cerrei os dentes e torci para que o seguro de saúde da faculdade cobrisse dentista. Como alguém pode estar tão fora de contato com as necessidades de outras pessoas? Não vendo nada, exceto como o que eles estavam fazendo os impactava e não as outras pessoas ao seu redor?

Poderia ter sido eu. De muitas maneiras, isso tinha sido eu, e me assustou ao ver aquele espelho erguido no meu rosto. A incapacidade de ver além da minha pequena bolha... meu estômago revirou.

Um grito e um estrondo sinalizaram a chegada de nossa carona, o ônibus escolar amarelo brilhante de luxo e que de maneira nenhuma poderia quebrar a qualquer minuto. *Vida glam, aqui vou eu.*

— Pegue suas coisas. Partimos em cinco, e são 30 minutos até o local da construção. — As pessoas pegavam suas malas, almoços e qualquer outra coisa que precisassem ao longo do dia. O motorista parou no meio-fio e abriu as portas enferrujadas e rangentes. Todo mundo entrou no ônibus, que cheirava a uma visita de campo a uma fazenda local, e eu recebi uma contagem: trinta estudantes universitários de olhos mortos e turvos, prontos para sair. Deixar alguém para trás na viagem de volta foi uma grande dor de cabeça, mas fiquei agradecida por termos tido uma participação melhor do que no ano anterior, quando mal

conseguimos montar uma casa minúscula para o próximo grupo. Todo o meu trabalho colocando panfletos, entrando nas reuniões realizadas por outros grupos e promovendo o projeto no centro de estudos valeu a pena.

Subi os degraus do ônibus e sentei no meu lugar. Pelo menos eu tinha dormido meio que bem na noite anterior, já que não havia nenhuma festa furiosa até de manhã cedo. O Brothel estava mais quieto que o normal. Havia sido espalhado por todo o campus que Nix foi preso, sem acusações ou qualquer coisa, mas houve sussurros deles servindo bebida a meninas menores de idade. Nesse caso, super fodam-se eles.

Ainda assim, isso não significava que eu não tinha ficado acordada até as duas da manhã trabalhando em pedidos de subsídios e tentando terminar meus documentos. Espero que as bolsas sob meus olhos não se transformem em um conjunto completo de malas antes do final do dia. A viagem até o local me daria a chance de tirar uma soneca. Eu tive um turno voluntário no sopão esta semana e foi isso, sem aulas particulares ou turnos de barrista no Uncommon Grounds, já que o campus estava fechado para o recesso.

Subir nesses ônibus antigos me lembrou das viagens da escola primária ao aquário ou ao zoológico. Na metade do tempo, a viagem de ônibus era mais divertida que o destino, mas éramos estudantes universitários e era muito cedo para gritos excitados, exceto para Krista & Cia.

— Podemos ir, estão todos aqui. — Gritei para o motorista.

Peguei meu moletom na bolsa e o enrolei, descansando minha cabeça contra a janela. Eu teria dormido em pé se precisasse. O motor do ônibus roncou e as engrenagens pararam quando o motorista o acionou.

Alguém bateu nas portas do ônibus e o motorista pisou no freio. Fui jogada para a frente, batendo as mãos contra as costas do assento quase não acolchoado o suficiente na minha frente.

Rick adorava convidar as pessoas no último minuto, o que destruia completamente meus voluntários e a lista que ele me

enviou na manhã anterior. Eu teria que repassar a importância da chegada no horário. As pessoas tendiam a ficar mais relaxadas e a aparecer mais tarde à medida que os dias passavam e as lascas se instalavam. As portas se abriram novamente e nossa chegada tardia subiu a bordo.

Uma cabeça de cabelos perfeitamente bagunçados apareceu no topo da escada. Paramos na estrada e ele se segurou nos assentos, firmando-se, os antebraços amontoando-se com o balanço do ônibus. Meu cérebro lutou para processar a imagem enquanto ele entrava no ônibus.

Eu estava cansada, muito cansada. Esfreguei meus olhos, esperando que um sonho febril tivesse me tomado ou eu tivesse começado a alucinar como Jules sempre dizia que eu estava.

Os olhos. Aquele nariz. A boca dele. *Erro, não computado. Abortar a missão.* Não importa quantas vezes eu pisquei, ele ainda estava lá.

Nix.

Ele se moveu pelo corredor, e seu olhar colidiu com o meu. Talvez tenha demorado um pouco a pensar em juntar tudo, assim como aconteceu comigo. Seus olhos se estreitaram e eu engoli o nó na garganta. *Mantenha isso, Elle. Você está bem.* Não era como se ele fosse tentar homicídio em um ônibus cheio de pessoas. Então, novamente, com quem ele era, eles provavelmente o cobririam e alegremente cavariam minha cova rasa com as próprias mãos.

Ele quebrou o olhar primeiro. Seu olhar varreu as outras pessoas no ônibus. Todos os olhos estavam nele. O quarterback estrela. O herói do campus. Uma trava para a seleção do draft da primeira rodada e um idiota insignificante de um vizinho que pode ou não estar em alguma merda obscura. Olhei pela janela como se eu pudesse pular do ônibus em movimento e congelei. Por que diabos eu estava querendo escapar? Eu não tinha feito nada errado. Bem, talvez eu tenha chamado a polícia, mas foi ele quem foi preso. Eu resisti à vontade de afundar no banco.

Minhas palavras anteriores para Krista & Cia. repetiram na

minha cabeça, zombando de mim. *Não suba no ônibus se estiver desconfortável hoje.* Eufemismo do século.

Ele chegou ao meu assento.

Não tenho orgulho disso, mas consegui. Eu deslizei minha bunda para a extremidade do assento.

— Legal como sempre, hein, B and E? — Seus lábios se uniram com um olhar de desagrado.

Por que ele iria querer sentar ao meu lado de qualquer maneira? Ele não faria. Ainda assim, isso não me impediu de deslizar minha bunda pelos assentos desgastados até a borda, bloqueando até um lampejo de dúvida de que eu o queria sentado longe de mim.

— Encontre um assento. Estamos atrasados.

Foi mesquinho? Sim. Foi infantil? Claro que sim. Eu me importei? Nem um pouco, mas ele claramente sim já que revirou os olhos e continuou andando pelo corredor. Havia muitos lugares disponíveis e suspiros atrás de mim. Eu não ia me virar; não, não estava fazendo isso. A Krista & Cia. não teve problemas em oferecer um lugar para ele. Eu tinha certeza de que o convite também trazia opções muito mais íntimas.

Pegando minha blusa de moletom, eu a enrolei novamente, enfiando a mão nela e enfiando-a entre a janela e o assento. Eu descansei minha cabeça, mas não havia como dormir, não com a visão quente de Nix em mim. Não estava na minha cabeça; eu podia sentir seu olhar varrendo o lado do meu rosto do seu assento três fileiras atrás de mim.

Finja que ele não está lá. Finja que ele não estará perto de ferramentas elétricas e perto da pessoa que o jogou no carro da polícia. Sério, não poderia ser a primeira vez que ele fora preso. Bêbado e desordeiro era praticamente o seu nome do meio. Quero dizer, não de verdade, já que sempre foi ele que veio falar comigo depois que uma reclamação era registrada, mas... *ugh.* Cruzei os braços sobre o peito.

Na melhor das hipóteses: ele sairia depois de um dia, por

algum motivo, pensando que seria muito divertido como Krista. Na pior das hipóteses: ele “acidentalmente” cairia do telhado e acabaria engessado pelo resto do semestre.

6

NIX

Eu quase esperava que ela dissesse "*Não pode se sentar aqui*" com um sotaque do Alabama. Acordar depois do meu alarme já foi ruim o suficiente, mas eu fiquei por um turno noturno inteiro em Tavola. Vovô e eu ficamos acordados até tarde, preparando um pouco da carne para hoje. Ele sempre dizia que se você não estivesse na sala de reuniões, nunca saberia como as coisas estavam acontecendo no chão. Ele inventariava tudo e podia fazer recomendações aos chefs sobre quais pratos eles poderiam tentar para manter as coisas frescas. Além disso, fui promovido de cortar legumes para sopas. Foi bom praticar minhas habilidades novamente depois de quase nove meses. O treinamento da pré-temporada mais a temporada inteira não me deixara tempo para respirar, e antes desta semana eu estava me esforçando para recuperar tudo o que havia adiado neste semestre.

Se eu pudesse escolher, eu estaria no restaurante todos os dias, voltando ao ritmo e aprendendo a fazer os novos pratos que todos na cozinha pensavam. Roubar uma refeição aqui e ali durante o semestre não foi suficiente, mas eu não tive escolha com os novos regimes de treinamento e o PT que papai pressionou para me manter no topo para o draft.

Meu ombro estava me matando depois de três horas cortando e mexendo, mas era muito melhor saber que eu não enfrentaria linebackers de cento e cinquenta quilos prontos para me bater na próxima semana. Nenhuma chance de alguém no Tavola me atacar na geladeira, pelo menos não como uma ocorrência regular, embora se soubesse que o vovô ficava um pouco turbulento de vez em quando.

Eu corria para a cozinha quando tinha oito anos, com a mochila batendo nas costas e um avental na mão. Entrar na cozinha de azulejos e aço trouxe de volta todas as memórias

antigas que eu nunca quis perder, vovô bagunçando meu cabelo, os olhares severos dos cozinheiros que pensaram que eu seria um pé no saco, fazendo comida que deixava as pessoas felizes, mas as horas loucas em que os funcionários do restaurante trabalhavam me escaparam da cabeça.

Meus olhos estavam turvos e eu mordi um bocejo. Papai me teve em três teleconferências com agentes ontem à noite. Eu cochilei cerca de cinco minutos no segundo e acordei com o celular praticamente pulando sobre minha mesa com ele chamando meu nome em sua voz irritada e exasperada e um pedaço de papel preso no meu rosto quase à meia-noite.

Correndo para o local da reunião de voluntários, eu pulei para fora do meu carro quando vi o ônibus saindo do estacionamento. Atrasado no meu primeiro dia, isso não iria acabar bem. Papai queria que eu desse uma olhada no local hoje e garantisse que teria uma boa foto. Eu me debati sob o seu quase constante tormento, agora que a temporada acabou. Aparentemente, eu tinha sido atingido na cabeça vezes demais nesta temporada e isso me fez pensar que quando vencesse um campeonato nacional, ele desistiria. Eu o convenci a, pelo menos, me deixar ver o lugar primeiro, antes que ele invadisse com um corpo de imprensa inteiro para o meu serviço comunitário totalmente voluntário, de forma alguma feito por pânico e nem sendo obrigado por meu pai.

Eu conversaria com o chefe quando chegasse lá e tentaria manter as coisas mais discretas possível, além de tirar meu pai das minhas costas.

Estar atrasado era o menor dos meus problemas agora. A atenção gritante da ameaça de cabelo rosa bateu direto no meu peito no segundo em que entrei no corredor do ônibus. Perfeito. Talvez ela estivesse apenas de carona até a rodoviária mais próxima para uma viagem para fora da cidade. Se ela estivesse nessa construção, conseguir um bom PR seria um pesadelo.

Foi culpa dela que eu estava nessa bagunça em primeiro lugar. Encontrei um pouco de felicidade em pensar que talvez ela

estivesse aqui pela mesma coisa. Talvez ela tivesse incendiado uma festa de toga ou atropelado o mascote dos Trojan com seu carro, talvez queimado alguns sutiãs em nome do feminismo. Eu nunca tinha visto alguém tão contra uma boa festa. Claro que às vezes ouvimos barulho, mas é disso que se trata a faculdade. Com seu penteado rosa claro, ela precisava ter cuidado, as pessoas poderiam confundi-la com alguém que gostava de se divertir. Ela descansou a cabeça contra um moletom embolado, e eu não olhei para onde sua blusa estava na cintura, totalmente não olhei para a pele bronzeada e macia. Isso teria sido suicídio.

Me encaixei no banco do ônibus da escola e desmaiei. A vegetação da primavera finalmente chegou depois de um longo inverno, mas o frio congelante sempre tentava alguns últimos suspiros antes que a primavera finalmente dissesse “GTFO”[5].

A viagem de ônibus foi tranquila, exceto pelas freiadas estridentes que nosso motorista deu durante toda a viagem. É o que acontece quando você coloca estudantes em um ônibus antes das oito da manhã. Os passeios de nossa equipe para os jogos eram os mesmos, e ninguém fica mais agitado que os jogadores de futebol, só que não ao amanhecer.

Elle se sentou de frente para a frente do ônibus, sem falar com ninguém. Os assentos ao seu redor estavam vazios, como se ela projetasse um campo de força de “não brinque comigo”. Eu meio que desejei ter essa capacidade. Nossos caminhos haviam se cruzado algumas vezes antes no campus, geralmente com ela fazendo tudo, menos sussurrando para mim antes de olhar e sair. Eu não tinha ideia do que diabos eu tinha feito para irritá-la, brincar com ela para quebrar o gelo quando ela entrou na minha casa quando eu estava nu? Devolver sua caixa de preservativos? Convidar ela para uma festa em nossa casa? Pecados em seu livro, aparentemente. E então ela foi e chamou a polícia em todas as festas que surgiram em nossa casa. Nem precisávamos convidar pessoas. Eles simplesmente apareciam com barris, copos vermelhos e música alta. Às vezes até chamamos a polícia do campus para tirar as pessoas, mas ela escalou isso chamando a polícia da cidade e me prendendo, então, que se dane.

O encosto do banco mergulhou quando o cara atrás de mim se inclinou. Seus pelos do braço roçou a lateral do meu pescoço, e eu me preparei para a invasão do meu espaço. Ele relatou as estatísticas para toda a minha carreira universitária.

Fechei os olhos e soltei um suspiro profundo. — Obrigado por me assistir. — Eu não era um idiota, não importa o que Elle pensasse de mim. O que ela pensava nem importava.

Após a décima pergunta sobre o draft, sorri e não segurei mais os bocejos. *Como estão minhas amígdalas, cara?*

— Desculpe. Ontem tive um longo treino para me preparar para os campos de concentração.

O rosto do cara empalideceu. — Sinto muito incomodá-lo. — Ele cuspiu.

— Não se preocupe com isso. — Uma pequena pontada de culpa me atingiu, mas ele não parou de falar por dez minutos seguidos. Sim, eu continuava contando, entre olhares para a frente do ônibus, onde Elle encostou a cabeça na janela e dormiu. Ela não estava fingindo, porque seus lábios se separaram e seu ronco gentil, bem não tão gentil, mais como lixo-com-um-garfo-preso fez as três fileiras voltarem para onde eu estava. Se não fosse ela, eu teria apreciado que ela não dava a mínima para o que os outros pensavam, mas era ela, então isso me irritou.

Puxei meu boné do meu colo e joguei na minha cabeça. Cruzando os braços sobre o peito, descansei a cabeça no assento e desliguei o cérebro. Depois de horas na estrada em ônibus e aviões, eu me treinei para adormecer em qualquer lugar necessário. Aqui não foi exceção. Tudo que eu precisava fazer era passar os próximos seis dias sem chegar perto dela. Quão difícil poderia ser?

Realmente muito difícil, aparentemente. O ônibus entrou no estacionamento de cascalho. As pessoas estavam ao meu redor. Abrindo os olhos, massageei o lado do meu pescoço. Esses assentos não foram feitos para jogadores de futebol; eles foram

projetados para alunos da terceira série subdesenvolvidos.

Elle saltou para a frente em seu assento e esfregou o lado da boca com a mão. Porra, ela realmente tinha dormido, babando e tudo. A cabeça dela virou tão rápido que eu pulei. Eu tinha dito isso em voz alta?

Seus olhos se estreitaram, mas ela não passou por cima dos assentos entre nós para me estrangular, então eu acho que não.

Os olhos de todos os outros na viagem me perfuraram. Na frente de um estádio cheio de gente, não havia problema. Até festas no Brothel eu podia lidar; as pessoas bêbadas nunca se interessaram demais pelas respostas que você dava, repetindo a mesma pergunta dez vezes e rindo como se suas piadas ficassem mais engraçadas cada vez que as diziam. Mas com o fim da temporada, estar perto de pessoas que eu não conhecia, significava que as conversas desconfortáveis surgiam cada vez mais.

Em qual time você espera ser recrutado? Nenhuma ideia.

Em que cidade você vai acabar? Quem sabe.

O que você vai fazer com o seu grande salário? Nunca foi sobre o dinheiro.

Puxei meu boné mais baixo, escondendo qualquer coisa de alguém. Meus joelhos bateram no encosto do banco na minha frente. Eu assobiei, meu osso batendo contra as barras de metal bem escondidas sob meia polegada de preenchimento. Talvez eu devesse ter trazido meu aparelho. Vinte e dois anos e meu corpo já estava em decomposição.

Porra, esses ônibus eram muito menores do que eu lembrava da escola. Eu tinha talvez dez anos na última vez que entrei em um ônibus como este. Os ônibus da equipe eram do tipo charter de longo curso e com entradas para carregar nossos celulares e telas de TV nas costas de cada assento. Alguns caras até pegaram um Xbox antes que o treinador desligasse tudo.

Um amplo terreno estava cercado por vagas de estacionamento. Havia madeira em diferentes arrumações em

várias áreas. Molduras semiconstruídas estavam espalhadas pelo espaço. As folhas das árvores balançavam com a brisa suave e proporcionavam alguma sombra. Pelo menos não era junho. Como não havia muita cobertura, estávamos assando sob o sol do meio-dia.

Abaixando minha cabeça, saí atrás de todo mundo. Rick, o cara com quem falei por telefone, entregou a todos os crachás correspondentes. Ele tinha um de plástico grosso azul e com bordas desgastadas.

Seu discurso bem ensaiado, destinado a nos bombardear, saiu. — Temos cinco grupos aqui esta semana trabalhando em alguns projetos diferentes. Estas são casas que construiremos aqui e depois serão enviadas para fora do local. Elas são um cruzamento entre pequenas casas e estruturas permanentes, por isso é mais fácil fazer aqui e mover mais tarde.

Todo mundo se espreguiçou e assentiu.

— Temos projetos menores para os quais podemos recrutar pessoas, conforme necessário. Elle já fez isso antes, então ela pode ajudar se vocês tiverem alguma dúvida. Os voluntários especialistas em construção estarão prontos para verificar todos, mostrar o que precisam fazer e inspecionar seu trabalho. Agradecemos a presença de todos aqui, mas não estamos tentando construir armadilhas mortais. Em caso de dúvida, peçam ajuda a alguém. Vamos nos divertir um pouco. — Ele bateu palmas e entregou a prancheta a Elle.

E o buraco ficou mais profundo. É claro que ela era o homem– err, mulher certa para o trabalho. *Não sei o que fiz, mas me desculpe universo, ok? Podemos chamar de trégua?*

— Construiremos a estrutura de uma casa e o interior de outra, além de outros recursos adicionais que as casas possam precisar, como rampas. — Ela deu as ordens, enviando grupos de pessoas para diferentes áreas para pegar suas ferramentas.

Sentindo-me como o último garoto escolhido para um jogo de kickball, fiquei na área vazia esperando minha tarefa.

Ela se recusou a olhar na minha direção, colocou a caneta no topo da prancheta e se virou.

Dando um passo à frente, tirei meu boné e arrastei meus dedos pelos meus cabelos. — Elle, eu não recebi uma tarefa.

Girando sobre os calcanhares quando eu a chamei, ela olhou para mim com seus lábios macios e virados para baixo. — Você não está na minha lista.

Você acha que eu gosto de andar de ônibus escolares em miniatura por diversão? Engoli essas palavras. — Liguei para Rick na sexta-feira. Ele disse que não havia problema.

Seus lábios se apertaram como se ela estivesse tentando comê-los, e ela olhou para a prancheta novamente. — Bem. Pegue algumas luvas. Você está de plantão. — Era um sorriso alegre, ou ela sempre usava aquele sorriso quando condenava alguém a trabalhar duro?

— Posso ficar de plantão? — Uma das garotas do ônibus correu até nós.

— Não. — Elle falou tão bruscamente que a pobre garota pulou.

— Não precisa ser tão malvada com isso. — Ela murmurou e se afastou, voltando ao seu esquadrão de meninas.

— Você sempre é tão charmosa, B and E?

— Há muito o que fazer esta semana e não tenho tempo para segurar a mão de ninguém ou abrir a mangueira quando vocês dois estiverem atrás do galpão.

— Maneira de saltar novecentos passos à frente. Se há alguém que estaria transando com alguém, provavelmente seria a mulher que tem preservativos o suficiente para durar meio século para a maioria das pessoas - ou você já acabou com eles? Ultimamente tem estado ocupada, hein? — Tudo que eu queria era umas férias de primavera geladas, mas ela tinha que apertar botões como se estivesse pilotando um submarino.

— Você é um idiota arrogante. E sabe de uma coisa? Sim, eu

tenho me afogado em caras. Você não ouviu? Todo mundo no quarteirão teve pelo menos três rodadas, mas ainda nem de longe está perto dos seus níveis de puta, tenho certeza.

— Este homem puta não beija e conta. — Eu franzi meus lábios, que foram recebidos com o metal duro e frio de um martelo enfiado na minha boca.

Poderia ter sido pior.

Ela poderia ter usado a garra.

— Não tropece e caia sobre o seu ego e acabar com um buraco na cabeça. — Ela arrastou as mãos pelo rosto como se o mundo estivesse pousado em seus ombros. — Ouça, tenha cuidado e preste atenção. Não precisamos que ninguém se machuque e isso estraga as permissões de trabalho e outras coisas para o site. Não gostaria de ferir o garoto de ouro do campus. — Seu rolar de olhos mal contido foi tudo o que eu consegui antes que ela jogasse um par de luvas de trabalho para mim. Sua reviravolta, desde as garras até uma pitada de preocupação real. Existe alguém mais confuso e irritante do que Elle? Balançando a cabeça, eu comecei a trabalhar.

Com a minha sorte, ficaria inconsciente e essa poderia ser a história que meu pai publicaria no jornal para “recuperar” minha reputação.

7

NIX

Encharcado de suor, destranquei a porta da frente. Por que parecia que eu tinha conseguido cinco vezes a quantidade de merda para fazer do que todos os outros? Provavelmente porque Elle estalou o chicote o tempo todo. Abri a porta da frente e entrei.

O trabalho pesado nunca foi um problema para mim e era melhor fazê-lo fora do que em uma academia ou no campo, mas caramba, estava doendo. Girei meu ombro quando a porta da frente se fechou atrás de mim. O clique no manguito rotador nunca desapareceu, e os médicos disseram que isso só pioraria com o tempo, o incômodo se transformaria em dor em algumas décadas, e isso se eu não estragasse ainda mais. A próxima temporada seria brutal.

Contornando o sofá, eu me impedi de cair e desmaiar. Eu me ofereci para comprar um novo, mas os caras disseram que não. Aparentemente, a única coisa que eles odiavam mais do que aquele sofá era eu usar meu dinheiro. Entrando na cozinha, eu parei.

Marisa estava parada no centro em uma das camisas de LJ e eu rezei por boxes ou algo por baixo. Eu tinha esquecido que ela estava aqui. Ela ficou aqui depois de um incêndio em seu apartamento alguns dias atrás. LJ quase enlouqueceu quando ela o chamou para buscá-la às duas da manhã. Todos nós deixamos

que ela pedisse emprestado tudo o que precisava, e eu me ofereci para pegar qualquer outra coisa que não tínhamos em mãos, o que atraiu LJ. Ele estava cuidando dela como uma mãe desde chegou.

— Ei, Marisa. — Eu bocejei e estiquei minhas costas.

— Ei, Nix. Você está todo suado. Mantendo seu condicionamento antes do Draft? — Ela fechou um armário.

Joguei minhas chaves em cima da mesa e olhei para o balcão da cozinha. Panelas e frigideiras nos balcões. Alimentos em várias etapas de preparação. Cenouras mutiladas. Frango cru ao lado de queijo ralado.

O sangue escorreu do meu rosto e minha pele ficou úmida, apesar de estar superaquecida. O terror horrível de seus movimentos dispersos e irregulares na frente dos balcões registrado.

— O que você está fazendo? — Minha voz estava baixa, como quando se aproxima de um cavalo que você não quer assustar.

Ela levantou a cabeça e fechou a porta da geladeira.

— Queria agradecer a vocês por me deixarem ficar aqui, então pensei em fazer o jantar. — Ela sorriu. Era como encontrar uma criança que decidiu fazer uma pintura para você com o conteúdo da fralda.

Afastei-me, mantendo as mãos na minha frente como se eu tivesse encontrado um animal selvagem na cozinha, e gritei escada acima: — LJ!

Ele bateu com força. — O que? — Ele enfiou a cabeça por cima do corrimão, quase batendo com a cabeça no teto.

— Ela está cozinhando. — Mantive meus olhos treinados em Marisa. Um movimento falso e haveria salmonela em nossa água e em todas as outras superfícies da casa.

Seus olhos se arregalaram como se eu dissesse que aliens haviam pousado no quintal. — Não! — Ele pulou o lance inteiro da escada. — Ei, Ris, você disse que estava descendo para pegar

algo para beber e estudar. — Ele ficou ombro a ombro comigo como se estivéssemos indo para a batalha.

— Eu sei, mas me senti tão mal por monopolizar as cobertas e você dormir no chão, então eu queria fazer algo para todos.

— Mas lembra o que aconteceu da última vez que você cozinhou?

Apertei meu estômago. Tivemos uma batalha real por quem vomitaria no banheiro. O resto de nós tinha se alinhado ao longo da banheira como um poço de água seriamente fodido. Não foi nada bonito.

— Eu não sabia que você ia cozinhar. Pedi pizza no meu caminho de casa. Deve chegar logo. — Tirei meu celular do bolso, escondido atrás de LJ, e usei o aplicativo da pizzaria para pedir pizzas suficientes para encher a geladeira pelo resto da semana.

Os ombros dela afundaram. — Oh. — Ela olhou para a monstruosidade de sua preparação para as refeições. — Acho que posso cozinhar para todo mundo outra hora. — Deslizando tudo do balcão em um grande recipiente, ela tentou limpar. Meu radar de contaminação cruzada disparou como um contador Geiger em Chernobyl.

— Nós podemos fazer isso. — Gritei e fui para a cozinha.

Ela pulou.

— Não se preocupe com isso. — Insisti. — Eu deixei uma bagunça aqui de qualquer maneira, e é a minha vez. — Peguei a esponja da mão dela.

A porta da frente se abriu. Reece e Berk ficaram congelados na porta. Eles viram Marisa na cozinha com as mãos na panela enquanto se afastava. Eles se entreolharam, depois para ela. Pulando para a frente, os dois gritaram: — Não!

ELLE

Desabei no sofá, minha bunda mal batendo nas almofadas

antes de minha bolsa cair e o conteúdo derramado por todo o piso de madeira amassado e lascado. Poderia mesmo ser chamado de piso de madeira neste momento? Parecia mais madeira compensada presa com fita adesiva.

— Tanto faz. — Eu descansei minha cabeça contra as costas do sofá.

Um dia de sucesso no site. Nós tínhamos feito muito. Nossas postagens nas contas de mídia social do Make It Home tiveram boas respostas. Talvez possamos obter boas doações para ampliar ainda mais nosso trabalho.

Meus ombros doíam.

Meus pés doíam.

Até minhas dores doíam.

— Elle, você está em casa?

— Não, é Zoe, nossa colega de quarto fantasma.

— Eu acreditaria que era um assassino em série tentando me atrair para uma armadilha antes de acreditar nisso. — Jules bufou.

Fechei os olhos e percorri minha lista de projetos que estavam vencidos. As inscrições finais para o Huffington Award tiveram que ser feitas no final do mês. Isso não deixou muito tempo para o resto do trabalho que eu precisava fazer, mas a opção Peace Corps não me encheu de um desejo de exploração como antes. Com a bolsa do Huffington Award, eu poderia finalmente pagar a última parte da minha mensalidade, liberar minhas transcrições do purgatório dos registradores, me formar e não ser enterrada sob a nuvem de empréstimos estudantis pairando sobre minha cabeça. Até então, minha vida depois de maio era uma bola gigante de quem diabos sabe.

Falta pouco. Não há tempo para relaxar agora. Eu poderia descansar quando morresse, esperançosamente segurando o prêmio alto e o empurrando na cara de Mitchell.

O estrondo de uma porta do armário me trouxe de volta ao

que exatamente eu estava fazendo, e então a culpa apareceu. Foi por isso que eu me atropelei com tudo isso? Para superar Mitchell, me formar e sair de uma dívida de estudante com um período de dois anos vivendo em uma cabana em algum lugar? Tudo sobre mim. *Controle-se, Elle.* Eu também estava ajudando as pessoas, por isso estava equilibrado.

— Onde está Zoe? — Eu perguntei.

Formas de cupcake e outras ferramentas de assar bateram. Jules era Pavlov e eu era o cachorro insanamente faminto dela. — Seu palpite é tão bom quanto o meu. Nenhum policial apareceu na porta para nos dar más notícias, então acho que ela está na casa do namorado dela. — Ela gritou da cozinha.

Os cheiros açucarados e achocolatados tentaram me tirar do sofá, como se as deliciosas ondas de aroma pudessem me levantar como um desenho animado e me levar para o outro cômodo. A forma como meu corpo doía, eu teria preferido muito mais do que andar. — Qual namorado?

— Quem sabe? Não consigo acompanhar. Houve três em seis meses. Se ela não estivesse realmente pagando aluguel pelo quarto abandonado aqui, eu juro que ela estaria com esses caras apenas por um lugar grátis para ficar.

— Ela não esteve aqui por mais de dez noites desde que se mudou em agosto.

— E três foram quando seus pais vieram nos visitar. — Jules entrou na sala e empurrou os óculos com as costas da mão. Desta vez, elas estavam cobertas de chocolate.

Isso me animou. — O que você está fazendo? — Sentei-me e me inclinei para mais perto. Sua promessa de brownies me fez esquecer o cansaço.

Ela mudou a tigela para o outro braço como se eu não reconhecesse a massa a um quilômetro de distância. — Os seus estão esquentando no forno. Dê a eles cinco minutos. Estes são para o meu grupo de estudos de filosofia.

— Você está sempre assando para as aulas. — Eu estava

chorando? Inferno, sim, eu estava. — Isso é mau. Estou com muita fome. — Estiquei o lábio inferior, arregalei os olhos como um gatinho implorando por leite e esfreguei o estômago.

— Você pode lamber a tigela quando eu terminar e eu trarei as sobras.

— Sim! — Eu pulei e a segui até a cozinha. — E os meus brownies? Você me prometeu brownies por todas as minhas boas ações.

— Sempre procurando a vantagem de me explorar. — Ela riu.

Meu estômago azedou. Eu estava?

— Não se preocupe, os seus estão quase prontos. — Levantando a tigela, ela segurou o batedor até que a mistura retornasse à tigela em grossas e ricas fitas.

— Como foi sua prova de filosofia? — Eu a segui até a cozinha, um pouco da minha fome derrotada.

— Você vê todos esses pratos sujos e a montanha de assados, certo? — Ela derramou a massa na assadeira em zigue-zague, e adicionou pedaços de chocolate extras.

— Isso é bom, hein?

— Não sei por que me importo. Eu nem preciso dessa classe para me formar.

— Então, por que você pegou? — Pulei no balcão e bati meus pés contra os armários abaixo.

Abaixando a cabeça, ela passou a espátula ao redor da tigela. — Não há motivo. — Ela estendeu a tigela e a espátula para mim. — Aqui, você pode comer isso.

Sua tática de desvio funcionou e eu decidi deixar passar por enquanto, minha fome retornou totalmente. — Como é tão bom antes de assar?

— Provavelmente é a emoção de viver no limite com o risco de salmonela que faz seu sangue bombear. — Ela enfiou a assadeira de brownie no forno.

Olhei para a tigela de vidro manchada de chocolate e dei de ombros. — Isso e o toque de amor que você coloca em cada receita.

— Não é amor, é sangue, suor e lágrimas. — O canto de sua boca levantou, mas o sorriso não alcançou seus olhos. — Minha mãe ligou.

Ah Merda. — Não atenda as ligações dela.

— Então há o risco de que ela venha me ver. — Havia uma tristeza que se infiltrava de vez em quando. Ela não deixava isso acontecer mais do que ocasionalmente, mas às vezes batia tão forte que podia tirar o fôlego. — Há algumas receitas novas que eu quero experimentar, então você estará em uma montanha de açúcar esta semana.

Ela limpou as mãos no avental e sentou-se à mesa da cozinha. Seus cadernos e livros estavam espalhados pela nossa toalha de mesa improvisada. Ninguém queria ver o que havia embaixo da mesa. Se tivéssemos sorte, qualquer que fosse o crescimento que se mantivesse na superfície da madeira ao longo de várias tentativas de alvejante e desinfetante, não germinaria pernas e nos mataria enquanto dormíamos antes de sairmos no final do semestre.

— Intermediários ruins, hein?

Ela passou o marcador sobre um espaço vazio na borda de um cartão de índice. Outros dez estavam em cima da mesa, dobrados, rasgados e cobertos com marca-texto. — Eu não estou preocupada com eles.

— Então por que o estresse de assar e dizimar o cartão de índice?

— Eu não contei isso antes porque sei o quanto você os odeia, mas Berkley está na minha aula de filosofia. — Ela olhou para mim por cima dos óculos.

Berkley? Eu não conheço nenhum B... — Você quer dizer Berk? Berk um dos Trojans? — Mistério resolvido. Era por isso que ela fazia a aula de filosofia que não era necessária para se formar.

Os ombros dela subiram mais alto. — Sim, ele.

— Você está assando para ele?

Ela levantou a cabeça. — Não, eu não estou. Estou assando para o meu grupo e ele simplesmente está nesse grupo.

Meus problemas com jogadores de futebol não deveriam deixá-la com medo de mencionar o nome dele. — Jules, eu não sou sua carcereira. Você não precisa atravessar a rua se os vir. — Eu pensei que teria mencionado isso antes.

— Eu sei. — Ela balançou a cabeça como se estivesse prestes a cuspir sopa de ervilha dos lábios. Suas bochechas coraram e ela reorganizou suas canetas ao lado de seu caderno. — E tem mais.

— Mais?

— Ele é o cara.

— Que cara? — Eu tentei pensar em qualquer cara que ela falou sobre ele este ano. Não havia... — Ele é o cara da carta? — Meu grito ricocheteou nas paredes da cozinha.

A cabeça dela se inclinou em um aceno agudo, beliscando e seu lábio inferior com os dentes.

— E você escondeu isso de mim?

— Eu imaginei que isso iria acabar e não havia um motivo para contar.

— Caralho. — Afastei a cortina da janela e espiei a casa que havia sido a desgraça da minha existência há um ano e meio.

Ela puxou a ponta do caderno.

— Você vai dizer a ele que é você? Do outro lado da rua, com ele... — Olhei pela janela da cozinha.

Ela levantou a cabeça. — Nunca, e você também nunca pode contar a ele. — Ela bateu as mãos em cima da mesa.

Eu segurei minhas mãos na minha frente com os dedos abertos em sinal de rendição. — Por que você não conta?

— Não, Elle. Não é negociável. Você nunca pode contar a ele. — O estalo agudo de sua voz me deixou saber que não havia uma

pitada de humor em suas palavras.

— Eu nunca vou contar. Não é como se eu fosse amiga deles ou algo assim. — Eu sorrio para aliviar o clima.

Seus ombros não relaxaram e ela caiu contra a mesa. — Isso seria um milagre. — Ela riu. — Elle saindo com os Trojans.

— Bem... — Eu me encolhi e meus ombros envolveram minhas orelhas. — Nix apareceu para a construção da casa hoje.

Ela levantou a cabeça e ela olhou para mim de olhos arregalados.

— Sim, eu sei. Eu me senti da mesma maneira quando ele caminhou pelo corredor do ônibus.

— Ele ainda tem todos os membros? — Ela empurrou a cadeira para trás e verificou os brownies no rack de refrigeração.

— Ele está completamente intacto, embora seu fã-clube provavelmente vai acabar com pelo menos algumas unhas quebradas se não prestarem atenção enquanto martelam. Ele toma toda a atenção é nojento. — Nem mesmo sua comida com cheiro incrível poderia me impedir de franzir o rosto como se alguém tivesse jogado uma truta de uma semana no meio da cozinha.

— Talvez ele esteja apenas sendo gentil. Ele não pode evitar se as pessoas o bajulam.

— Ele encoraja isso. — Eu já tinha visto um milhão de vezes com James no ensino médio, e Nix foi cortado do mesmo pano. *Oh não, não preste atenção em mim. Eu sou como todo mundo, mas também estou sempre esperando tudo que eu quero cair aos meus pés, não importa quem se machuque no processo.*

— Para alguém que diz que não se importa com ele, você certamente sabe muito sobre o por que ele faz o que faz.

Meus olhos se estreitaram. Coloquei minha língua para ela e joguei uma luva de forno em sua cabeça.

Ela abaixou no meu lance e agarrou seu peito. — Houve disparos. A cozinheira está no chão. — Ela caiu contra o balcão

antes de testar os brownies no forno com um palito de dente.

Talvez eu pudesse dormir a semana toda e não precisaria lidar com uma bomba do tamanho de Phoenix Russo que havia sido lançada em minha vida. Ele parecia quente carregando toda aquela madeira? Sim. Teria sido tão difícil para mim manter meus olhos longe dele quanto para a Glitter Posse? Sim. O amanhã ia ser ainda pior? Provavelmente.

8

NIX

Outro dia, outra exposição do zoológico humano em exibição, eu. Meu pai havia combinado com um fotógrafo que chegasse ao local no final da semana, uma vez que passássemos por muito progresso, de modo que o valor do suor valeria a pena, apenas para tirá-lo do meu caso. Qualquer número de agentes que ele encontrou para mim nunca pareceu ser suficiente para ele. Embora eu não soubesse como fazê-lo sem Elle me banhar em uma avalanche de pregos enferrujados. Isso confirmaria toda a besteira que ela pensava sobre mim, e por mais que eu não quisesse admitir, me incomodava o que ela pensava. Sim.

Rick acenou me chamando. Coloquei a madeira na pilha que todos os outros adicionaram e espanei minhas luvas. O suor escorria pelas minhas costas, mesmo com as temperaturas da primavera na faixa fresca. Carregar centenas de quilos de madeira e ferramentas para frente e para trás era uma maneira de aumentar as temperaturas, mesmo com uma brisa.

— Está tudo bem?

— Estou percebendo que algumas pessoas estão um pouco distraídas. — Ele olhou por cima do meu ombro.

Virando a cabeça, apertei meus lábios. Um dos rapazes tentou atravessar uma madeira de dois por quatro através de uma fenda na parede ainda não concluída, que não era do tamanho suficiente e acabou deitado de costas com a madeira pressionando-o no peito. As roupas que as três que estavam no grupo do bar aberto de ontem estavam vestindo fez suas roupas de antes parecerem que eram de um convento. Eu não tinha pensado que shorts pudessem ficar mais curtos, e eu estava errado.

Você pensaria que depois de ir para as aulas comigo nos

últimos quatro anos, as pessoas parariam de ser tão estranhas, mas agora que eu tinha sido colocado à beira do status profissional, a estranheza havia piorado. A única pessoa que não estava me tratando de maneira diferente era Elle. Ela me odiava, não importa o quê.

Era meio reconfortante.

— Nix, deixa eu pegar isso para você. — Krista se inclinou, exibindo seu decote. Eu mantive meus olhos no céu.

Ela me entregou uma caixa de parafusos quando eu pedi mais pregos.

— Obrigado, Krista. — Eu olhei para cima e limpei o suor da minha testa com o ombro. Estava quente como o inferno aqui, não tão ruim quanto estar no meio de um campo ao meio-dia com dez quilos de equipamento, mas ainda não era um passeio no parque.

Eu peguei o olhar de Elle. Ela olhou para mim, e eu não tinha certeza se as pontadas na minha cabeça eram do sol ou se ela desenvolveu algum tipo de poder telepático. Seu escrutínio me irritava. Eu não estava disposto a liderar garotas, mas eu poderia ter ficado um pouco manso com Krista só para irritar Elle.

Eu cerrei os dentes. Ela se decidiu desde o segundo em que a peguei olhando para o meu pau como se fosse um artefato pré-histórico recém-descoberto. Passar a toalha em volta da minha cintura e colocar o jeans o mais rápido possível tinha sido a única maneira de impedir que o fluxo de sangue que corria direto para o meu pau me envergonhasse. Depois que ela descobriu quem eu era, tudo acabou e seu tumulto começou. Rumores sobre o que havia acontecido no Brothel antes de morarmos lá ainda estavam flutuando. Embora parecesse agradável e brilhante quando nos mudamos, encontrar preservativos usados amontoados nas laterais das gavetas da cozinha faria qualquer um rezar pela morte.

Ainda assim, nós não éramos esses caras, mesmo que ela tivesse decidido em sua cabeça que éramos.

A reputação de nossos antecessores nos precedeu.

— Eu pensei que você poderia querer trabalhar em um projeto que ajudasse a manter todos os outros focados. — Rick olhou por cima do meu ombro para a programação do concurso de beleza acontecendo atrás de mim.

— Essa é provavelmente uma boa ideia, verificar se ninguém pregou suas cabeças.

— Perfeito, e eu tenho o colega de trabalho perfeito para você. Ela é totalmente profissional nisso e não entrou em nenhuma das paredes emolduradas desde que você chegou aqui.

Eu soltei um suspiro. — Isso seria bom. — A última coisa que eu precisava era a culpa por outra pessoa ir para o hospital sendo colocada em mim.

— Elle? — Ele acenou com a mão sobre a cabeça para ela.

— Na verdade, talvez não seja...

— O que foi, Rick? — Ela limpou as mãos na calça cargo.

— Encontrei o parceiro perfeito para o projeto da rampa. — Ele gesticulou em minha direção e a mandíbula de Elle se apertou. — Precisamos de rampas especiais feitas para a família que morará aqui. As especificações estão na área da oficina. Se você pudesse trabalhar nelas, ajudaria muito. Tenho certeza de que não haverá problemas para vocês. — Rick deu um sorriso largo para nós dois. O cara cagou nos unicórnios e cuspiu arco-íris.

— Ótimo. — Quem sabia que você poderia rosnar palavras reais. Ela se afastou e eu a segui.

— Este não foi um pedido especial que eu fiz ou algo assim. — Eu esperava limpar o ar ali mesmo. Eu não queria ter absolutamente nada a ver com ferramentas elétricas ao seu redor.

Ela inclinou a cabeça para o lado e o canto da boca subiu.

— Claro que não.

— Por que eu iria querer ficar preso em qualquer lugar com você, B and E? — Eu tendia a ficar longe de pessoas que

provavelmente gostariam de ver minhas bolas arrancadas do meu corpo.

— Pare de me chamar assim. — Ela passou por mim.

— Foi isso que você fez, certo? Entrou na minha casa?

— A porta estava destrancada. Eu dificilmente sou uma ladra mestre.

— Tudo bem, eu posso te chamar de invasora, se preferir.

— Que tal você não me chamar de nada.

— Tudo bem, onde estão os planos para essas rampas, nada?

— Você tem cinco anos? — Ela jogou as mãos para cima e se virou para mim. Os punhos dela se apertaram e uma veia pulsou do lado de seu pescoço. Eu praticamente podia ouvir o sangue correndo em suas veias. Por que eu senti tanto prazer em seu aborrecimento?

Ela olhou por cima do meu ombro, girou de volta e caminhou até a área da oficina como se tivesse acabado de ser solicitada para cavar sua própria cova.

Dentro da oficina improvisada, ela cruzou os braços sobre o peito. — Podemos fazer isso de forma rápida e indolor. Não é necessário falar.

— Você tirou as palavras da minha boca. Quanto menos conversa, melhor, certo? — Eu tinha pessoas no meu ouvido nos últimos três meses. Agentes, termos, contratos, exercícios, consultas médicas, detalhamento de quais equipes tiveram as melhores perspectivas na próxima temporada a conversa sobre o futuro estava começando a atrapalhar.

Os risos e as vozes de fora se infiltraram em nossa prisão de madeira. Trabalhamos em silêncio, completo silêncio. Elle fez sua melhor representação de mulher das cavernas, apontando e grunhindo para mim. Quando ela quase acertou um dedo com o martelo pela terceira vez, eu tive o suficiente.

— Qual é o seu problema?

— Não há problema. Vamos voltar ao trabalho. — Ela olhou

para a madeira como se pudesse cortá-la com os olhos.

— O que há com esse ódio que você tem de mim? De qualquer forma, eu deveria estar chateado, você me prendeu!

Seu brilho se intensificou descascando uma camada de pele. — Você foi preso.

— Besteira. Você me prendeu.

— Não sou eu quem fornece bebidas para garotas menores de idade e é pego.

Eu joguei meu martelo na mesa. — É isso que você acha que aconteceu?

— Os policiais do campus nunca fazem nada sobre as queixas de barulho, mais de trinta desde o início do ano. Então, liguei para a polícia da cidade.

— Você acha mesmo que estávamos dando bebida a menores de idade?

— Por que mais eles te prenderiam? Ou eram drogas? Talvez estivesse brigando?

Eu nunca quis mais sacudir alguém.

— Nada disso. Uma bola que eu joguei acidentalmente estourou a janela do meu quarto e quebrou a janela do policial, e os policiais da cidade estavam em cima de nós desde que a filha do chefe de polícia tentou entrar em uma de nossas festas, nós a retiramos e suas amigas a deixaram, bêbada e desmaiada em nosso gramado. Ligamos para uma ambulância, e ele não foi muito gentil com o fato de ela estar bêbada e violando a lei.

Sua boca se abriu para responder, mas ela parou na garganta. — Oh. — O vento foi arrancado de seus pulmões.

— Sim, “oh”, e talvez os policiais do campus nunca tenham feito nada sobre as nossas festas porque sabem que é um campus universitário e as pessoas gostam de se divertir.

— E algumas pessoas gostam de dormir.

— Bem, essas pessoas não devem alugar casas perto da

antiga fraternidade e esperar uma boa noite de descanso.

— Algumas pessoas não têm escolha sobre onde moram e precisam pegar o que podem. Algumas pessoas se preocupam em não fazer o que querem, sem considerar mais ninguém ao seu redor.

— Você não sabe nada sobre mim, mas já decidiu exatamente quem eu sou, e isso é bom, porque eu sei exatamente quem você é. — Meu sangue corria nas veias. Eu mal conseguia ver direito.

— E quem sou eu? — Ela enfiou os punhos no quadril. Melhor que empunhar uma pistola de pregos com rancor.

— Você é uma daquelas pessoas que odeia que outras pessoas aproveitem a vida porque você não pode fazer isso sozinha. Talvez tenha sido sugada para fora do seu corpo por um Dementador[6], mas, por mais que tenha acontecido, ver outras pessoas se divertindo deixa você louca porque você é incapaz de fazer isso.

— Eu me divirto bastante.

— Tenho certeza que mexer no seu caldeirão traz boas gargalhadas.

— Talvez minha ideia de diversão não seja música estridente e palhaçadas bêbadas à uma da manhã, quando outras pessoas estão tentando dormir ou estudar sem cerveja, e um baque que abafa sua capacidade de pensar direito.

Cruzando os braços sobre o peito, me recostei na viga de madeira que corria pelo centro da oficina. — Com inveja?

— Foda-se. Eu não estou com inveja. — Ela zombou e enfiou as mãos debaixo dos braços, o que teve o efeito colateral infeliz de me deixar cem por cento ciente do grande problema que ela tinha.

Seu olhar seguiu o meu e um rubor escarlate subiu por seu pescoço, enchendo suas bochechas.

— Você com certeza parece estar. Se as pessoas estão se divertindo, não podem evitar.

— Não gosto de pessoas que estão aqui pelas selfies e tapinhas nas costas. — Porra, esse golpe foi um míssil

arremessado com uma precisão estranha, mas ela não sabia que tudo isso vinha com uma foto para mim.

Minha cabeça recuou e minhas sobrancelhas abaixaram. — Tirei uma selfie desde que cheguei aqui? — Estendi minhas mãos para os lados, com os dedos bem abertos.

Aquilo era uma veia pulsante gigante na testa? Parecia uma veia pulsante gigante na testa.

— Estou farta. — Ela saiu da oficina e foi direto para Rick. Merda, se ela me chutasse do projeto, meu pai estaria no meu caso duas vezes. Ela mal parou e disse algo para ele. Ele recuou a cabeça e olhou para mim. Eu estava muito fodido.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um molho de chaves e dinheiro da carteira.

Ela as arrancou de suas mãos e saiu correndo.

Ela acabou de roubá-lo? Rick se virou e caminhou na minha direção. Voltei para a oficina e peguei o nível. Pelo menos nós tínhamos conseguido passar da metade de uma moldura de rampa. Se eu pudesse terminar isso, talvez hoje valesse alguma coisa.

— Elle disse que estávamos com pouca água, então ela vai correr até a loja. Por que você não ajuda? Ela não será capaz de carregar tudo sozinha. Ela também não perguntou onde eu estacionei o carro. Vá alcançá-la e deixe que ela saiba que está do outro lado.

Eu sufoquei a respiração aliviada que saiu dos meus pulmões. Então ela não tinha me denunciado. Pelo menos isso.

— Eu mencionei antes que um fotógrafo pode estar chegando para tirar algumas fotos no final da semana isso ainda está bom para você? Caso contrário, entendo e posso cancelar.

— Não é um problema. Quanto mais publicidade conseguirmos pelo trabalho que realizamos aqui, melhor.

— Se pudéssemos manter isso entre nós por enquanto, eu agradeceria. — Eu olhei para Elle, abrindo caminho através do

local. — Podemos não terminar no tempo certo e eu não quero que ninguém fique desapontado.

— Sem problemas. É melhor você se apressar antes que ela ande metade da cidade.

Apertei a mão dele e saí atrás dela.

— Obrigado, Nix. — Ele acenou e me apontou na direção do seu carro.

O que eu poderia fazer sobre o infeliz caso de Elle odiar minhas entranhas enquanto ainda obtinha a reputação de reabilitação de que precisava? Ela mudaria de ideia se descobrisse, e eu não queria que ela tivesse a satisfação de pensar que estava certa sobre mim o tempo todo. Talvez eu só precisasse ser gentil e fazê-la relaxar. Quão difícil isso poderia ser?

Eu segui os murmúrios e os palavrões ao encontrar Elle vagando pelos arredores do local, procurando o carro de Rick.

Coloquei minhas mãos em concha na boca. — Não está aí.

Ela levantou a cabeça e estreitou os olhos. Se a aparência pudesse matar, eu estaria conversando com todo mundo através de um tabuleiro Ouija agora.

— Como você sabe? — Ela pisoteava a cada passo.

— Rick me disse onde estava e disse que eu precisava acompanhá-la para ajudar na corrida da água. — Enfiei as mãos nos bolsos e tentei não me deliciar muito com a forma como o pescoço dela ficou apertado e vermelho quando se aproximou.

— Eu não preciso da sua ajuda.

— Não foi isso que Rick disse, e se você não quiser passar a próxima hora procurando o carro dele, acho que precisa da minha ajuda.

Ela olhou de igual para igual comigo. Não havia admiração de olhos estrelados como havia com a maioria das pessoas que conheci. Havia apenas um olhar ardente e cortante.

Eu aprendi cedo que havia um certo tipo de mulher que era muito boa em fazer você pensar que elas não se importavam com

futebol, mas mudavam com prestígio de namorar um QB quando você não estava por perto. Elle não era esse tipo de mulher.

Eu sorri grande e largo. Não deveria ter sido tão bom irritar alguém, mas eu sabia onde estava com Elle. Sem agendas ocultas, sem perguntas sobre o Draft, apenas observar minhas costas para armadilhas e aproveitar todas as chances que tenho para irritá-la.

Depois que eu lhe mostrei onde estava o carro de Rick, ela correu para frente e entrou, quase saindo do estacionamento antes de meus dedos agarrarem a maçaneta da porta. — Indo a algum lugar sem mim?

Mais murmúrios e resmungos. — Entre e vamos acabar logo com isso. — As mãos dela apertaram o volante.

A trava na minha porta mal teve a chance de clicar antes que ela saísse do estacionamento, trocando de marcha como se fosse uma piloto de F1. Fechei minha mandíbula quando o carro virou uma esquina, abraçando o meio-fio.

— Você pode dirigir um pouco mais devagar? — Pressionei minhas mãos contra o painel, me preparando enquanto minha vida passava diante dos meus olhos.

— Não. — Ela deixou cair o queixo no ombro e ficou olhando. Seu olhar voltou para o para-brisa e ela mudou de novo. O carro acelerou e suas coxas subiram e desceram enquanto ela trabalhava na embreagem.

Se meu coração não estivesse tentando sair da minha garganta, eu teria pensado que ela parecia muito sexy mostrando para as engrenagens quem era o chefe. Então, novamente, era sobre Elle que eu estava falando; tais pensamentos eram uma passagem só de ida para a castração.

Bati meu relógio contra o vidro quando estendi a mão para me preparar quando ela dobrou uma esquina como se estivéssemos em uma pista.

— Você poderia não quebrar outra janela, por favor? Especialmente quando você não planeja pagar por isso. — Ela

falou como se estivesse moendo vidro com os dentes.

— O que há com você? Não pagar por isso? Eu acho que paguei bastante. A cidade recebeu o cheque.

— E eu, hein? — Ela tirou os olhos da estrada por um tempo desconfortável. — Depois que você quebrou minha janela e nunca pagou, tivemos que pagar por isso. O senhorio nos culpou. Você sabe quanto custa isso? Tenho certeza de que você não tem ideia, já que é um figurão com fundos ilimitados, mas alguns de nós ficam presos às contas.

— Eu paguei por essa janela.

— Não, você não pagou, e eu fiquei presa comendo manteiga de amendoim e geléia por um mês, para que os grilos e mosquitos em pânico não começassem a se instalar em nossa casa.

— Seu senhorio estava do lado de fora olhando para a janela e eu lhe dei dinheiro para cobrir, mais de mil dólares.

Os olhos de Elle se arregalaram e sua cabeça virou para a minha. — Filho da puta. — Eu nunca tinha visto a cabeça de alguém explodir como em uma explosão mini-atômica, mas eu jurei que ela estava há uma fração de segundo de ser nuclear. — Aquela doninha de cobra pequena mentirosa. — Ela soltou mais algumas combinações inventivas de insultos. As rodas estavam girando, e eu só podia imaginar a tortura que Elle estava tramando em sua cabeça. Pelo menos eu não estaria recebendo isso, desta vez.

Ela se virou para mim, e a raiva em seus olhos diminuiu para fervente. Sua boca abriu e fechou algumas vezes.

— Eu sinto muito. — Aquelas duas palavras pareciam tão conflitantes saindo da boca dela apontadas para mim. — Ele nos disse que você negou qualquer responsabilidade e disse que não tinha feito isso. — Ela apertou a nuca. — E eu acreditei nele.

— Que idiota. — Isso deu início à verdadeira espiral de animosidade. Eu mal conseguia acreditar que ela continuava chamando a polícia depois que eu pagara demais para que a janela dela fosse consertada, e talvez parte de mim tivesse deixado

essas festas ficarem um pouco mais altas do que deveriam, um pouco mais, porque eu sabia que isso a irritava. Talvez o balão de água e as guerras de pistola de água em nossa rua que terminaram em seu pequeno pedaço de gramado não tenham sido a melhor maneira de acalmar as coisas.

— Você não sabe da metade. — Ela rangeu os dentes.

Parando na mercearia como se estivesse pronta para a equipe trocar os pneus e abastecer o carro, ela pulou e bateu a porta.

Apoiei minhas mãos na porta aberta e no assento e enfiei minha cabeça entre os joelhos, respirando fundo. Com o ar de volta nos pulmões, corri atrás de Elle.

Seus dedos estavam com os nós dos dedos apertados ao redor do carrinho de compras, e ela o manobrava pelos corredores como uma arma. Ninguém estava seguro, nem mesmo velhinhas, aquele cara de scooter ou o carrinho de compras cheio de crianças. Todo mundo pulou do caminho quando ela passou.

— Sinto muito por ela. Ela é nova neste planeta e não sabe agir como um ser humano normal. — Eu gritei para qualquer um que ainda não tinha perdido um dedo do pé.

Chegando no corredor com a água, ela pegou o primeiro fardo da prateleira mais alta. Sua mão escorregou da borda e eu pulei para ela, agarrando-a com um braço. Eu cerrei os dentes enquanto meu ombro doía no ângulo estranho.

— Cuidado. — Puxei-a por cima do ombro dela e usei as duas mãos para colocar no carrinho.

— Eu peguei. — Ela resmungou.

— Da próxima vez, eu vou deixar você ter uma concussão, então. — Peguei outro fardo de água e o adicionei à pilha. Com o carrinho carregado de água, assumi a direção dele. Eu queria que todos lá mantivessem seus pés e joelhos intactos. Pegando algumas caixas de rosquinhas e biscoitos para adicionar ao nosso transporte, eu derrapei até parar na fila do caixa.

— Essas coisas não podem aparecer neste cartão. — Ela levantou o queixo em direção aos lanches.

— Não se preocupe. Eu tenho isso.

Ela soltou um suspiro agudo, e eu pude sentir o olho revirar na parte de trás da minha cabeça. — Claro que sim, Garoto de Ouro. — Parecia o pior tipo de elogio. Dois passos para a frente e oito para trás.

9

ELLE

Dormir depois que meu alarme tocou deveria ter sido o primeiro sinal de que não seria um bom dia. Me vesti, peguei minhas coisas e saí correndo de casa em menos de dez minutos.

Entrando no meu carro, andei na beira do limite de velocidade. Pegar o ônibus era a coisa mais madura a se fazer? Sentar lá com Nix e fingir que nossa explosão não tinha acontecido? Sim, era, e com qualquer outra pessoa, eu teria suportado, mas era Nix. Então, eu era madura? Essa era uma grande pilha de inferno, não.

Meu motor tremeu e bateu. Mesmo com manutenção regular, não havia muito a ser feito para cuidar de um carro mais antigo que eu. Quanto tempo levava para um carro ser considerado vintage? Talvez fosse secretamente um item de colecionador. Estacionei e todo o carro estremeceu.

Ou talvez fosse uma pilha de lixo.

Comprar um carro novo não estava no orçamento; simplesmente não estava. Inferno, minha mensalidade não estava no orçamento, mas tentei pegar o maior número possível de mensalidades, o que significava que continuava encontrando Mitchell enquanto ele entrava no centro de serviços comunitários do campus. Sem falhar, era como se ele tivesse um alerta quando eu estava a caminho do trabalho, mas evitar esse lado do campus não era uma opção. Eu precisava trabalhar. Era uma faca de dois gumes quando o trabalho voluntário era o que eu precisava para finalmente pagar minha mensalidade e ter algum dinheiro depois da formatura, mas eu também precisava de parte desse dinheiro agora, um problema do tipo galinha ou ovo. Além disso, se eu acabasse no Peace Corps, não havia muita necessidade de manter esse pedaço de lixo em funcionamento. Eu ficaria dois anos no

exterior em um país sem água corrente e eles me ajudariam a pagar meus empréstimos estudantis.

E aqui estava eu choramingando sobre o meu carro reparável.

Culpa e vergonha roeram meu intestino e descansei minha cabeça no volante. Era tudo o que eu podia fazer para não adormecer lá. O ônibus não chegaria por mais meia hora. Se eu me levantasse e chegasse à oficina de rampas, talvez eu pudesse passar a maior parte do nosso trabalho do dia anterior antes de Nix chegar lá de ônibus e deixá-lo terminar sem culpa.

Minha cabeça levantou com o baixo ruído de cascalho no estacionamento. Bom, Rick chegou cedo; isso significava que eu poderia começar e explicar que precisava estar em algum lugar após o nosso tempo no local e é por isso que não peguei o ônibus, não porque estava evitando um certo QB que permanecerá sem nome. Que em algum lugar que eu precisava estar não era em uma caixa de metal confinada com Nix. Abri minha porta e parei com um pé fora do meu carro.

Não era Rick. Era um Mercedes S-Class brilhante, azul-marinho e novinho em folha. Meu olhar disparou para o motorista. Ele me olhou pela janela do passageiro.

Amaldiçoando baixinho, cheguei ao banco de trás e peguei minha bolsa. Bati a porta do motorista. Foram necessárias três tentativas, mas finalmente consegui travar.

O ronronar baixo do motor desligado e o suave clique da porta sendo fechada foram os únicos sons que não eram os gritos matinais dos pássaros nas árvores. Eu jurava que eles estavam rindo de mim. Os passos esmagadores de cascalho de Nix se aproximaram.

— Tentando começar cedo? — Ele disse.

Virando, resisti à vontade de cruzar os braços sobre o peito. Eu os deixo pendurados ao meu lado.

Ele não ia me pegar hoje. Seu cabelo ainda estava molhado, caindo em ondas desgrenhadas perfeitas e roçando sua testa. Seu olhar caiu para as minhas pernas.

Minhas mãos apertaram a alça da minha mochila. Era dia da lavanderia, então o short que eu usava não eram exatamente amigáveis ao canteiro de obras. *Não se atreva a puxar as bainhas.* Eu cerrei os punhos ao meu lado. Desde quando eu estava tão consciente de todos os aspectos do meu corpo?

— Parece que você teve a mesma ideia.

Nunca houve um aceno mais sombrio que o dele.

— Vamos trabalhar então. — *E acabar com isso.* Eu murmurei isso ou estava na minha cabeça? De qualquer maneira, ele me seguiu como se tivéssemos sido condenados às minas de trabalho duro pelas próximas doze horas.

Larguei minhas coisas na bancada e peguei algumas ferramentas. Enfiando minha mão no zíper frontal da minha bolsa, xinguei baixinho. Foi o que eu consegui por sair de casa tão cansada.

— O que aconteceu?

— Nada, está tudo bem. — Eu beberia a água e compraria alguma coisa durante o intervalo do almoço. Meu estômago roncou como a criatura do lago ness.

O enrugamento e o farfalhar de papel atrás de mim fizeram meu estômago roncar mais alto. O cheiro celestial de salsicha e queijo flutuava pela oficina como uma trilha de perfume de desenho animado, enchendo completamente meu nariz. Fiquei com água na boca.

Levantando o martelo, virei bem a tempo de Nix dar a primeira mordida no seu sanduíche de café da manhã. Meu estômago roncou e eu olhei para as grandes mordidas que ele deu, sua mandíbula subindo e descendo, covinhas me provocando tanto quanto a comida em sua mão. Ele pegou uma caixa de pregos e as colocou ao lado da rampa. Os músculos de seus braços se contraíram e flexionaram.

Lambi meus lábios. *Talvez eu deva pegar alguma comida antes que todo mundo chegue*. Eu estava alucinando sobre Nix de uma maneira que não era quase homicida.

Ele olhou para mim com metade do sanduíche ainda preso na boca. Tirando-o, ele lambeu os lábios... lábios carnudos e fortes... *Cara, que tenha um aperto enlouquecedor. Melhor ainda, pegue um pouco de comida.* Algumas pessoas ficavam com fome, eu aparentemente me deparei com outro tipo de fome para mascarar meu estômago retorcido.

— Você quer um pouco?

Eu torci meu rosto. — Não, obrigada. Não preciso do seu sanduíche meio comido.

Revirando os olhos, ele caminhou até sua bolsa e puxou outro pacote de alegria embrulhado em papel amarelo.

— Eu trouxe três.

Eu queria dizer não. Estava na ponta da minha língua dizer não e sofrer com isso, mas eu não podia. Meu corpo não estava entrando no trem do ódio de Nix quando estavam envolvidas carnes do café da manhã. — Claro, se você não vai comer.

— Não, tudo bem. Também tenho outras coisas, se você quiser. — Ele estendeu o sanduíche como se estivesse oferecendo a um animal selvagem.

Quando o peguei da mão dele, nossos dedos roçaram. Puxei minha mão, tomando cuidado para trazer o sanduíche comigo, e lentamente o desembrulhei, sem cavar como um urso atrás de mel, como eu queria. Desdobrando cuidadosamente o papel, dei a primeira mordida e foi a mistura perfeita de carne salgada, queijo e pão torrado.

— Estou feliz por ter gostado. — Ele riu e terminou o resto do sanduíche.

Cobrindo minha boca com a mão, murmurei comida mastigada. — Obrigada.

— Não se preocupe com isso. — Pegando uma serra, ele a girou nas mãos, os bíceps se aglomerando sob o algodão macio da camiseta. O futebol tinha sido bom para ele. Os músculos fortes em seus antebraços se destacaram. Ele teve 23 passes de touchdown nesta temporada.

Como eu sabia disso? As pessoas estavam gritando enquanto corríamos pela nossa rua quando ele ganhou o campeonato.

Coloquei o papel no chão e peguei a metade inferior do muffin inglês. Ajeitando, usei uma mão para medir duas vezes a madeira para garantir que ela não ficasse curta. *Sanduíche de salsicha para começar.* Eu nem sabia que você poderia pedir estes com dois hambúrgueres, mas nunca fiquei tão agradecida pelo estômago sem fundo de Nix. Coloquei a caneta atrás da orelha e peguei o ovo. *Adeus gema!* Libertei as claras da irmã grosseira e comi o que restava.

Tão bom. Provavelmente estava cheio de pelo menos dez colheres de manteiga. É por isso que a comida do restaurante sempre tem um gosto tão bom. Marquei os outros pedaços de madeira. Levantando a outra metade do muffin para minha boca, olhei para o lado.

Nix olhou para mim com a serra manual no meio da madeira que eu tinha medido.

— O que? — Eu cobri minha boca cheia.

— Você sempre escolhe sua comida assim?

Eu encarei meu massacre de café da manhã. — Talvez. — Enfiei o empadão de salsicha no meu rosto como se ele fosse roubá-lo de volta. *Deixe-o tentar e ele recuará.* Lambi meus dedos, não querendo sacrificar a bondade salgada a um guardanapo.

O olhar de Nix estava em mim quando ele cortou a madeira. Eu pude sentir isso. Ele podia sentir quando eu o encarava também? Ele podia sentir agora? Nossos olhos se chocaram e meu estômago sacudiu. Eu me virei, reunindo o que eu precisava. Um cara me dá comida e de repente eu enlouqueço.

Trabalhamos em silêncio, terminando a rampa que Nix quase completara no dia anterior. Houve um lampejo de culpa que eu paguei e dei a ele um tratamento ruim na loja. Ele compartilhou seu sanduíche comigo, e Jules sempre dizia que compartilhar comida era um sinal de que alguém não era tão ruim. Com a maneira como ela fazia isso, ela era praticamente Madre Teresa.

Queimar a vela nas duas pontas estava me alcançando. Com o abrigo, meus turnos em Uncommon Grounds e sessões de aulas particulares, eu estava mancando em direção à linha de chegada da graduação em uma maratona que durava nos últimos três anos e meio. A maioria das pessoas estava de férias de primavera, jateando em todo o mundo. Cabo, Paris, Fiji, não havia um destino muito espetacular, então por que Nix estava aqui? Por que ele não estava em algum lugar exótico, exibindo aqueles abdominais que eu tinha visto quando ele levantou a camisa para limpar o suor do rosto? Ele era difícil de definir, e isso perturbava a relação de ódio que tínhamos trabalhado tanto para cultivar.

Os ônibus que provavelmente não são seguros para a estrada guincharam, sinalizando a chegada de todos os outros. Peguei minha garrafa de água e bebi metade dela. Indo encontrar os recém-chegados, ajudei Rick a designar e ajeitar todos.

Nix recuou, puxando o boné para cima dos olhos como se isso fosse suficiente para deter a atenção de todos. Jules estava certa, mesmo quando ele tentava ser discreto, ele se destacava. Ombros largos, cintura afunilada e uma bunda feita para jeans e trabalho manual. Não que eu estivesse olhando para ele, mas caramba era uma ótima bunda. O nível anterior de merda que eu dera à Krista & Cia. voltou para me morder.

Enfiei a pistola de pregos na madeira, deixando um recuo antes de puxar o gatilho. De volta à oficina com Nix, a suspensão de alguns minutos não foi suficiente. Todo mundo ficava olhando para ele e falando sobre o tamanho de um contrato profissional que ele conseguiria e em qual time ele ficaria. James tinha falado sobre se tornar profissional, como se fosse uma conclusão precipitada, e eu envolvi isso junto com todo mundo na nossa faculdade. Não importava que ele frequentou uma faculdade D3 sem uma bolsa de estudos e ninguém daquela escola jamais se tornou profissional. Depois de ver como jogadores de futebol de verdade jogavam, minhas bajulações por ele me fizeram sentir idiota mesmo todos esses anos depois.

— Parece que não sou só eu quem pega seus chifres. Eu pensei que, uma vez que sua fome acabasse, você estaria de bom

humor. — Nix riu e pegou a serra.

Girando, olhei para ele. — Eu não estava com fome.

— Meu erro. Você não estava com fome, este é apenas o seu estado natural.

Meus olhos se estreitaram, mas meu estômago estava cheio. O estrondo morreu com o ovo, queijo e salsicha - que ele compartilhou. — Não estou com fome, só não sinto vontade de conversa fiada. Estamos aqui para fazer um trabalho, não para socializar. — Eu deveria ter superado isso. James e Mitchell... quero dizer, não era como se todos os meus relacionamentos de longo prazo terminassem comigo sendo traída - ou espere, era exatamente assim que acabaram. Jurar relacionamentos não significava que esses sentimentos não recuavam de vez em quando. Era sempre uma sensação de roer, abrir e ferir um velho, e eu odiava isso. *Não seja aquela garota estúpida. Você é mais forte que isso, mais forte que eles. Pare de se fixar no fato de que você é total e completamente o tipo de garota que os caras não têm problema em trair.*

— Que tipo de ação boa seria se não estivéssemos todos nos arrastando para provar como nossas contribuições são especiais? Deus não permita que as pessoas se divirtam enquanto fazem algo bom.

— Eu nunca disse que as pessoas não podem se divertir. Eu me divirto.

— Poderia ter me enganado. — Ele poderia pelo menos ter tido a decência de fingir dizer isso baixinho.

— Talvez nossas ideias de diversão sejam completamente diferentes. Você já pensou que isso é possível? Ah, esqueci, você tem uma falta séria de empatia e não consegue se colocar no lugar de outras pessoas.

— Que diabos é isso? Um segundo estamos sendo legais e no próximo você está mordendo minha cabeça. Tem sido assim desde o segundo em que nos conhecemos.

A parte de trás do meu pescoço esquentou quando os flashes

de Nix usando nada além de uma toalha na cabeça brincaram em minha mente.

— Em um minuto você está me checando e no próximo está jogando sua merda.

Eu me virei. — Eu nunca verifiquei você. — Ok, talvez um pouco. — Por que você está aqui? — Parecia territorial? Sim, mas é o que acontece quando alguém fica sob sua pele, especialmente alguém como Nix, que eu queria fingir que nunca faria isso.

Os músculos do pescoço dele se contraíram. Foi com frustração? Bom, pelo menos eu não fui a única a entrar naquela estação. — Não posso querer fazer algo legal? Não posso reservar um tempo para retribuir a uma comunidade que me deu tanto? Você é quem não pode se colocar no lugar de outras pessoas. Não é à toa que eles ainda tinham vagas para esse projeto, aparentemente você tem que ser o tipo certo de pessoa para ajudar os outros ou eles não recebem nada além de merda. — Suas palavras ricochetearam nas vigas de madeira da oficina, e eu fiquei ali atordoada em silêncio. Ele jogou o martelo no chão e foi embora. — Vou pegar um pouco de água, *se* estiver tudo bem com você.

Ele saiu pela porta aberta e eu fechei os olhos com força. Droga, por que ele tinha que ter um argumento real? Passei meus dedos pelos cabelos. A culpa azedou o café da manhã que ele compartilhou comigo. Eu era uma idiota e aquela cujo altruísmo tinha uma agenda. Ele estava lá para ajudar na bondade de seu coração.

Nix voltou com duas garrafas de água e bateu uma ao lado das minhas coisas. Por que ele tinha que ser tão legal? Por que ele não podia ser o idiota arrogante que eu atribuí a ele desde o primeiro dia? Hora de engolir e fazer as pazes. Quão difícil isso poderia ser?

10

NIX

— Desculpe. — Ela murmurou ao meu lado, pegando a garrafa de água que eu trouxe para ela.

Eu tinha dito pouco sobre o motivo de estar aqui? Sim. Ela não sabia que eu estava aqui para a minha reabilitação de reputação. Eu só podia imaginar o tormento que ela me daria por causa disso. Ela não tinha ideia de que eu não tinha me inscrito para isso sozinho. Como eu soube? Porque se ela soubesse, teria esfregado isso na minha cara desde o primeiro dia.

Todo mundo sempre pensava que sabia exatamente quem eu era desde o momento em que me conheceram.

Pai de jogador de futebol profissional. Babaca intitulado. Fui para a escola particular e morava em uma casa grande. Garoto rico mimado. Mesmo na cozinha quando eu visitava meu avô, todo mundo achava que eu estava lá para ser um idiota e tornar suas vidas miseráveis. Pelo menos na FU, as pessoas apenas supuseram que eu era um atleta bravo e com libido em excesso. No grande esquema das coisas, era provavelmente a suposição menos terrível. Normalmente, as pessoas não assumiam que eu estava fora para buscá-las, exceto Elle, que tinha me pegado como todas aquelas coisas desde o primeiro dia em que ela se mudou para a porta ao lado. Um pequeno show após o banho e ela decidiu me odiar com o fogo de mil sóis.

— Não te ouvi. Você poderia repetir? — Coloquei minha mão em volta da orelha.

— Eu disse que sinto muito. — As palavras mal passaram por seus lábios, como se ela estivesse pedindo desculpas forçadas no escritório do diretor para evitar uma detenção.

Este era um momento que eu não podia deixar passar. Era

como detectar um evento astrológico único na vida. — Por que você sente muito?

— Eu não deveria ter assumido que você estava aqui por qualquer outro motivo que não fosse para ajudar. Eu o julguei com base em experiências anteriores com pessoas que só se oferecem para tirar selfies. — Ela se encolheu. Seus ombros estavam quase presos nas orelhas. — É uma coisa ótima que você está fazendo e mais pessoas devem fazê-lo. Você está certo sobre minhas suposições e que eu sou uma idiota.

Uau, isso foi um pedido de desculpas completo. — Eu nunca disse que você é idiota.

— Não com tantas palavras, mas tenho certeza de que estava na ponta da sua língua. — O canto da boca dela se curvou. Então havia um cerne levemente macio embaixo de sua fachada dura.

— Talvez.

— Trégua. — Ela estendeu sua mão.

Eu olhei para sua oferta e rapidamente a avaliei em busca de armas escondidas. — Não.

O rosto dela se enrugou. — Como assim não? Isso foi um pedido de desculpas super gentil.

— Não vamos ter uma trégua. A guerra acabou. Estou pedindo um armistício.

Ela riu, uma grande risada com um sorriso brilhante para acompanhar. Era um arco-íris largo em um dia chuvoso. — Devo publicar o tratado completo ou um aperto de mão será suficiente para marcar a ocasião?

— Um aperto de mão fará isso. — Estendo minha mão.

Ela deslizou a dela na minha. Meus dedos envolveram os dela, e um calor elétrico subiu pelo meu braço. Seus dedos macios fizeram cócegas no interior da minha palma. Sua suavidade roçou as pontas calejadas dos meus dedos. Meu coração batia forte no peito e eu jurei que havia uma orquestra do lado de fora, subindo a uma crescente.

Um grande estrondo do lado de fora quebrou a conexão e nós nos separamos, arrebatando nossas mãos como se tivéssemos sido queimados. Quanto tempo estávamos tremendo? Por que ela não soltou? Ela sentiu o mesmo choque que fez minha pele formigar? Ela estava tentando ler meu pulso e descobrir se eu era um mentiroso? Ok, esse último foi um pouco paranóico. Limpei minha garganta e lhe entreguei uma chave de fenda.

Ela pegou da minha mão, tomando cuidado para não me tocar, e leu a lista de verificação para finalizar nosso projeto. Uma gota de suor correu pela curva do pescoço e correu pela clavícula antes de desaparecer sob a blusa. Eu nunca quis ser uma gota de suor mais do que naquele momento.

Ela manteve a cabeça baixa, mas não estalou para mim enquanto trabalhamos juntos nas rampas e trilhos.

— Toc toc. — Rick bateu no batente da porta, equilibrando um cooler em seus braços. — Todo mundo está dando um tempo. Vocês querem sorvete?

Elle largou tudo de suas mãos e deixou no balcão empoeirado de madeira. — Sim porra, você é um santo. — Ela pulou até ele e enfiou a mão no cooler de plástico azul. Ela pegou dois e eu fiquei para trás. Rick voltou para a porta.

— Aqui está. — Ela segurou a barra de sorvete branca embrulhada em plástico para mim.

Peguei da mão dela e assenti em agradecimento.

Quando ela abriu o dela, seus ombros tremeram em uma dança como uma criança que tinha perseguido o caminhão de sorvete e finalmente o pegou.

Rindo, abri o meu também.

Ela mordeu, rachou a cobertura de chocolate e comeu antes de tocar no sorvete. Cada mordida cobria seus lábios com mais chocolate, os lábios que ela continuava lambendo antes de envolvê-los em torno do sorvete uma vez que todo o chocolate se foi... os lábios que estavam tão cheios e rosados, brilhando quando sua língua os varreu mais uma vez... os lábios isso teria

um papel de destaque nos meus sonhos naquela noite.

Seu olhar travou com o meu e o canto de sua boca levantou. — Você está pingando. — Ela levantou o queixo e meus olhos caíram na minha mão.

Estava coberto de sorvete. Gotas de creme doce derretido pingavam no chão. Isso me puxou para fora do transe que ela me colocou com as lambidas dos lábios e os puxões da boca no deleite congelado.

— Merda. — Levantei o sorvete até a boca e dei grandes mordidas, terminando em menos de um minuto. Grande erro! Uma dor abrasadora cortou meu cérebro. Cegamente, jogando o palito de madeira no lixo, fechei os olhos e assobiei.

Um toque suave pousou nas minhas costas, correndo pelos meus ombros. — Você está bem? — Suas palavras baixas e toque seriam suficientes para restaurar um osso.

Minha dor de cabeça foi esquecida em um instante.

Sua mão parou sobre as cicatrizes levantadas em volta do meu ombro. As grossas faixas do tecido curado se destacavam mesmo debaixo da camiseta.

Ela puxou a mão de volta. — Desculpe. — Ela murmurou.

A perda de seu toque me atingiu mais forte do que deveria. — Cérebro congelado e não se preocupe. É uma lesão antiga.

— O que aconteceu? — Seu olhar estava fixo no meu ombro, e ela entrelaçou as mãos e dobrou os dedos para trás. — Você não precisa me dizer. Isso é pessoal. Me desculpe, por perguntar.

Eu levantei meu braço, girando-o e fazendo um círculo com o cotovelo. — Cirurgia para reparar um dano muscular há alguns anos.

— Foi um acidente? — Ela olhou para mim atentamente. Provavelmente foi a primeira vez que ela segurou meu olhar com qualquer coisa, menos raiva. Em qualquer outro momento, ela optou pelo olhar fechado em seus olhos, como uma casa sendo fechada por uma grande tempestade que assola a costa.

Uma forte explosão de ar saiu pelo meu nariz. — Sim, é chamado de atacante de cento e cinquenta quilos.

Os ombros dela se apertaram e ela ergueu o queixo em meio aceno de entendimento. — Esses tipos de lesões em campo são péssimas.

O que ela sabia sobre lesões esportivas? — Você jogava?

Ela riu. — Líder de torcida no ensino médio, mas não do tipo acrobática louca, então não, eu nunca experimentei isso antes, mas eu já estive com atletas. — Sua boca se apertou e um pequeno vinco apareceu entre as sobrancelhas.

— Não é bonito. — Quanto tempo eu poderia continuar pressionando minha sorte? — Devemos voltar ao trabalho? — Isso foi o suficiente para falar sobre o caminho que eu não estava seguindo. Estendi minha mão, palma para cima, gesticulando para o último de nossos projetos do dia.

— Um segundo. — Ela pegou o celular da bolsa e abriu a tela. — Nós poderíamos ter um pouco de música.

— Não achei que fosse permitido durante a nossa sentença. — O canto da minha boca tremeu.

Os olhos dela se estreitaram, mas de uma maneira divertida que eu não tinha visto antes. — O diretor está se sentindo gentil hoje. — Músicas clássicas dos anos 80 flutuavam no ar do alto-falante do celular, e cantarolamos junto com as melodias e letras com as quais todos pareciam ser capazes de cantar. *Não se preocupe, Simple Minds, não vamos esquecer vocês.*

Trabalhamos lado a lado, a tensão drenada do nosso espaço apertado. Palavras forçadas se transformaram em conversas completas e tornaram o trabalho que fizemos muito mais rápido.

— Eu não posso acreditar que você não gosta de *Some Kind of Wonderful*. — Ela jogou um pano na minha cabeça.

— É ridículo. Se eu tivesse um melhor amigo durão como Stix ao meu lado o tempo todo, não havia como eu perseguir o personagem de Lea Thompson.

— Ele não entendeu. Ele queria a garota popular.

— Foda-se a garota popular. Ele era um idiota, e esse filme deveria ter terminado em três segundos quando ele a encontrou tocando bateria.

— Nem todos os caras são tão perspicazes. — Ela riu.

Eu não sabia disso. LJ e Marisa faziam sua pequena dança há anos.

Terminamos quase todas as rampas e ficamos ao lado de nossos carros. O ônibus já havia saído, então a agitação da atividade era agora um rumor baixo quando as pessoas no local fecharam a oficina.

— Você fez um bom trabalho. — As palavras caíram de sua boca como gotas de água se libertando de uma represa.

— Assim como você. Talvez amanhã possamos passar direto a ser amigos sem os punhais verbais.

Ela abriu a porta do carro e apoiou as mãos entre o teto e a porta aberta. — Quem disse que somos amigos? — A torção de seus lábios fez pouco para esconder o humor que brilhava em seus olhos.

— Quem disse que não somos? — Dobrei minhas mãos no metal quente da parte superior do meu carro.

Ela inclinou a cabeça para trás e entrou no dela. Seu motor rugiu para a vida, batendo e batendo. — Vejo você amanhã, Garoto de Ouro. — Com uma saudação de dois dedos, se inclinando para fora da janela, ela sorriu para mim o primeiro sorriso não solicitado, aquele que diz não estou prestes a alegremente dar a bunda para você, além de um apelido. Ou talvez ela estivesse tentando me matar com bondade. Eu olhei para ela, enquanto saía do estacionamento.



— Quando conseguimos mais comida? — Berk apertou o estômago, balançando para frente e para trás como se não comesse há uma semana, com um Twizzler saindo da boca.

— Vá buscar comida, então. Por que você está sentado aqui reclamando de nós? — Reece pegou o controle e começou o jogo.

— Porque eu sou o irmãozinho irritante do grupo. Está na descrição do trabalho.

— E o que eu sou? — O carro de Reece pulou sobre duas pessoas na cena pós-apocalíptica estéril na tela.

— Você é o irmão mais velho selvagem, pelo menos você era até Seph. — Berk balançava o controle para frente e para trás como se estivesse realmente dirigindo o carro. — LJ é o mais preocupado, sempre assustado que algo ruim aconteça.

LJ cruzou os braços sobre o peito e resmungou baixinho.

— E quem sou eu? — Eu sentei na minha cadeira encostada no canto.

— O pai. — Todos disseram em uníssono sem olhar para cima.

— Por que diabos eu sou o pai?

— Você é o quarterback é claro que você é o pai, se certificando de que seus filhotes estejam alinhados em uma fileira. Além disso, você é a única pessoa que conheço além do meu pai que lê o jornal. — LJ apontou para os jornais sentados no apoio de braço da cadeira.

— Não há nada errado em ler o jornal. — Joguei-os sobre minha cabeça no espaço entre a parede e as costas da cadeira.

— Ok, pai. — Berk bufou.

— Realmente maduro. — Reece sorriu.

— Viu, o que eu disse? Eu totalmente não sou o pai.

LJ bateu a mão no meu ombro quando passou. — Abrace isso. Não fuja do seu destino. Alguém quer uma cerveja?

Três mãos dispararam. — Eu também. — Os pés de Marisa bateram nas escadas de madeira.

Ela deixou cair a toalha da cabeça nos ombros.

— Você tem super audição quando se trata de bebida. — LJ

balançou a cabeça.

— Somente quando você está pagando. — Ela deu um tapa no braço dele. A camiseta de grandes dimensões pendia das coxas e a cueca de flanela de LJ espiava por baixo.

— Marisa, por favor, pelo amor de Deus, me deixe te dar algum dinheiro para comprar roupas novas. — Enfiei a mão no bolso, pegando minha carteira.

Ela congelou, amassando os cabelos úmidos na toalha.

— Estou bem. Suas coisas são realmente super confortáveis. O dinheiro deve chegar em breve da companhia de seguros, e eu posso ganhar ainda mais, porque Liv e eu avisamos o proprietário sobre os choques elétricos mais de uma vez. Não há mais pesadelos sobre ser queimada viva, então tudo está incrível.

Os olhos de todos se arregalaram.

— E eu vou pegar essa bebida agora. — Ela saiu correndo da sala e entrou na cozinha como um personagem de desenho animado. Os caras gesticularam com os braços para LJ segui-la. Nós aprendemos nossa lição sobre confiar nela.

Me recostei na cadeira e meu olhar disparou para a janela diante do flash rosa do outro lado da rua. Tinha sido um dos pilares de seu visual desde que nos conhecemos no início do primeiro ano, mesmo quando seus cabelos ficaram mais compridos. Parecia que, uma vez que Elle decidisse algo, além de uma explosão nuclear, ela não deixaria passar.

De pé, mantive meus olhos fixos nela quando ela se virou e gritou algo para sua colega de quarto no topo da escada da varanda. Ela trocou de roupa, nada além de uma camiseta e calça jeans diferentes, mas eu não conseguia desviar os olhos. Não era sempre que eu olhava para ela. Para onde ela estava indo? Eu estava acabado após um longo dia de construção. Hoje não havia aulas. Ela tinha um encontro? O que ela fazia quando não estava sendo voluntária ou chamando a polícia?

A necessidade de responder a essas perguntas permaneceu comigo durante a noite. Meu olhar continuava disparando para

fora para ver se o carro dela estava de volta. Enquanto se aproximava da meia-noite, a preocupação deixava patas no meu intestino como um cão inquieto à procura de massagens na barriga. O barulho de seu motor me tirou da cama pouco antes da meia-noite. Não quero dizer que pulei da cama, mas provavelmente teria feito uma cópia convincente do Philadelphia Ballet.

Eu me inclinei contra a janela e olhei para o céu noturno como se eu não estivesse sendo uma trepadeira.

Ela não saiu do carro. Suas mãos ficaram no volante e ela descansou a cabeça contra ele, ficando lá por tanto tempo que a preocupação no meu estômago se transformou em tentáculos de medo.

Eu tinha acabado de me afastar da janela para descer quando a cabeça dela apareceu.

Muito mais devagar do que quando saiu, ela saiu do carro. A camiseta preta e o jeans estavam manchados com um caleidoscópio de cores. Cada centímetro dela gritava morta em seus pés. O que ela estava fazendo depois do dia que tivemos para ela parecer assim?

Ela bateu a porta e meus dedos se apertaram no peitoril da janela. Contornando a frente do carro, levantou a cabeça.

Antes que eu pudesse me abaixar, nossos olhos se encontraram. Seu olhar cansado mudou, e não da maneira como eu estava acostumado desde as muitas vezes que nossos olhares se cruzaram do outro lado da rua. Ela levantou a mão e me deu um aceno curto e um sorriso. Sua expressão brilhava nas luzes fracas da rua, embora seu cansaço me deixasse exausto. Eu tinha erguido um troféu de campeonato na minha cabeça, mas isso parecia uma vitória que eu nunca esqueceria. O primeiro sorriso completamente despreocupado dela para mim me iluminou como uma maldita árvore de Natal.

Ela correu os degraus para sua casa com um pouco mais de energia do que antes. Um pequeno tropeço na porta da frente e ela olhou para a varanda como se estivesse pronta para

desmontá-la tábua por tábua deformada. Pelo menos eu não era o único que tinha recebido esse olhar. Ela desapareceu para dentro e eu deitei na minha cama com as mãos atrás da cabeça.

Por que eu tive que reprimir o desejo de atravessar a rua e checá-la? Por que eu pensei sobre onde ela estava indo hoje à noite? Nós acabamos de começar nosso armistício, e a construção estava quase no fim; não faz sentido se envolver além disso. Então, novamente, não havia nada errado em ser um bom vizinho...

11

ELLE

Enxuguei o suor escorrendo pelo meu pescoço com as toalhas de Trojan da FU que Nix havia trazido no dia anterior.

Ele estendeu uma para mim. — Consegui que a equipe mandasse para cá já que eles iriam jogar fora porquê estão redesenhando para a próxima temporada. — A incerteza encheu seu olhar quando ele segurou a toalha em uma mão.

A luz sempre captou as manchas cinzentas em seus olhos assim? Eu balancei minha cabeça, desejando que o cérebro ficasse longe.

— Nós lhes daremos um certificado de doação. — Eu peguei a toalha dele e a encarei. — Obrigada, Garoto de Ouro. — Não houve escárnio nas palavras desta vez. Ele era um cara legal. Droga, por que ele não poderia ser um idiota? Isso tornaria minha vida muito mais fácil.

O número de vezes que eu tive que banir os pensamentos de trabalhar ao lado dele da minha cabeça quando estava deitada na cama, exausta demais para adormecer, havia atingido um nível irritante. Toda vez que eu fechava meus olhos, seus cabelos despenteados, queixo afiado como uma navalha e um sorriso que deveria ser ilegal invadiam minha mente.

Mas a semana acabou. Eu sentiria falta de estar fora, mesmo que a maioria dos meus dias de construção tivesse sido passada na oficina com Nix. Ele segurou um espelho para a vadia que eu fui. Parecia que velhos hábitos morrem com dificuldade. Aqueles velhos sentimentos de espiar por cima do meu ombro enquanto as pessoas riam do meu infortúnio revirava meu estômago. Empurrar esses sentimentos no fundo e fingir que eles não existiam me manteve indo como sempre.

Krista e a Glitter Posse não se queixaram após o meu resumo

inicial. Elas entraram no ônibus por último, depois de todo mundo, suadas, desgrenhadas e rindo enquanto tiravam fotos. Uma das mães e suas duas filhas que receberiam uma das casas apareceram para passar algumas horas no terceiro dia. A rampa para a filha mais nova em uma cadeira de rodas acendeu um fogo sob as nádegas, e as filhas sentaram-se à sombra de um dos enormes carvalhos da propriedade e riram com a conversa da princesa Glitter Posse. Krista mostrou seu martelo deslumbrante e as ajudou a cravar alguns pregos na madeira. Não houve queixas sobre suor, calor ou unhas quebradas. Elas até cantaram algumas de suas músicas favoritas da princesa Disney com as meninas e o tornaram um dia ainda mais especial para elas. Seus sorrisos de criança eram mágicos.

Minha bofetada crítica veio de volta para mim. Eu havia passado de membro do esquadrão de torcida do grupo de abelhas rainhas no ensino médio para sujar minhas mãos na faculdade. Eu nunca quis estar perto de pessoas que seriam idiotas. Eu queria fazer coisas boas, e não doeu que isso mudou a maneira como as pessoas olhavam para mim e me tratavam.

O que me fez uma imbecil ainda maior.

A vergonha pairou no estômago ao pensar que parte do motivo pelo qual eu pintei meu cabelo inicialmente foi porque me ajudava a me destacar nas fotos. Meu cabelo não mais tão brilhante, mas ainda visivelmente rosa tornou-me fácil de identificar enquanto fazia todo esse bom trabalho. Todo esse tempo, eu esperava que tivesse mudado, não queria nada além de mudar, mas estava julgando mal as pessoas de um lado para o outro especialmente Nix. O final desta semana também seria o fim do meu tempo com ele. Acabamos com mais do que uma trégua. Ele não era nada do que eu esperava, e isso me assustou.

Com esse projeto concluído, poderíamos voltar a ser vizinhos, mas vizinhos de verdade, não o tipo de chamar a segurança do campus todas as noites. Ok, do tipo que eu tinha sido antes.

Rick bateu palmas e colocou as mãos em volta da boca para nos chamar.

Coloquei as ferramentas de volta, e todo mundo limpou o equipamento e ficou em um semicírculo ao redor de um Rick radiante.

— Quero agradecer a todos por uma semana incrível. Não sei dizer quanto o tempo e esforço significa para as famílias que moram nelas e usam os projetos especiais em que todos trabalharam tanto.

Nix ficou ao meu lado e balançou seu ombro no meu. Eu o cutuquei de volta e cruzei os braços sobre o peito, deixando Rick fazer seu discurso de encerramento. Todos aplaudiram e mergulharam na tradicional bandeja de biscoitos de chocolate assados que sempre recebíamos no final de uma construção.

Peguei alguns e parei em uma das mesas de piquenique de madeira no sol poente.

— Estou totalmente fazendo isso nas próximas férias de primavera. Vocês estão? — Krista borbulhava como nunca antes. Ela e o resto da Glitter Posse folhearam seus celulares, rindo das fotos que haviam tirado.

Talvez elas possam ser coordenadores no próximo ano. Elas provavelmente poderiam espalhar a notícia para uma parte totalmente diferente da população da UF que ainda não tínhamos estudado, talvez ajudar a promover essa coisa além do habitual.

Nix saiu do trailer escritório de Rick e apertou sua mão. Rick bateu no ombro dele e voltou para dentro.

Arrastando a mão pelo cabelo, o sorriso de Nix vacilou por um segundo quando ele me viu.

Ele não tinha mais que me aturar. Provavelmente haveria marcas de pneus no estacionamento do carro agora que a semana acabou.

Eu deixei minhas mãos caírem no colo, as gotas de chocolate meio derretidas não tendo mais o mesmo apelo. A mesa inteira e meu banco se moveram, levantando meus pés do chão.

Minha cabeça disparou.

Nix deslizou no banco do outro lado da mesa.

— Você vai comer isso? — Ele apontou para os três biscoitos totalmente intactos ainda no meu guardanapo.

Os empurrei na direção dele, incapaz de reprimir meu sorriso. — Vá em frente.

— Incrível. Estou faminto. — Ele era um poço sem fundo.

— Sobre o que você estava falando com Rick?

Ele congelou com o biscoito a meio caminho da boca. — Nada sério. Só queria saber mais sobre o voluntariado após a formatura.

— Fantástico. Eles sempre podem ter mais ajuda.

— O que você vai fazer depois da formatura? — Ele lambeu o chocolate dos dedos e eu tentei não olhar. Quero dizer, eu realmente olhei, mas tentei não.

— Depois da formatura, você diz? — Eu não entendo a pergunta.

— Capelo, beca, longos discursos estúpidos de pessoas que não lembraremos quando chegarmos aos nossos carros. — Ele listou cada grampo maravilhoso da pompa e das circunstâncias que nos aguardavam ao virar da esquina. — Você sabe, graduação.

— Não, não toca nada. — Eu balancei minha cabeça e pulei do banco.

— Você está indo? — Ele se levantou da metade do assento.

— Nós terminamos e estou acabada. Ainda tenho uma coisa a fazer hoje à noite, então vou para casa tomar um banho e tirar uma soneca.

— Oh. — Isso quase soou como decepção em sua voz. — Um encontro?

Quero dizer que foi uma risada, mas o que saiu foi mais como uma gargalhada delirante que só acontece quando você está estúpida e cansada. — Talvez. — Realmente suave. Eu era Jif

manteiga de amendoim era assim que eu era suave. — Quero dizer, sim, eu vou a um encontro.

Ele riu, balançando a cabeça e se levantou. — Não se machuque. Você quase rompeu algo ao inventar essa mentira. — Amassando o lixo, enterrou na lata de lixo a seis metros de distância.

Não tinham três biscoitos naquele guardanapo...?

— Exibido. — Eu resmunguei. — Quem disse que eu não vou a um encontro? — Por que eu estava seguindo ele? *Entre no seu carro e desmaie em casa, Elle.*

— Você, pelo jeito que quase caiu na gargalhada quando perguntei se você tinha um encontro.

— Talvez eu esteja surpresa que você precise perguntar. Estou em encontros constantemente o tempo todo, quase diariamente. Lembre daquela caixa de preservativos superdimensionada. — Eu pisquei quando puxei a maçaneta da porta do motorista para o meu carro e quase arranquei a maldita coisa. Colocando de volta com o quadril, empurrei-a e levantei com cuidado até que a fechadura se soltasse.

— Interessante. — Nix apoiou as costas no carro, cruzou os braços sobre o peito e cruzou um tornozelo sobre o outro, parecendo um maldito modelo de catálogo. Ele era estúpido assim, levemente suado, musculoso e confuso. — Qual foi o seu encontro favorito entre os últimos dez?

Congelei com a porta aberta, um pé dentro e outro no terreno de cascalho. — O cinema?

— Isso é uma pergunta? — Seu sorriso pateta transformou sua mandíbula cinzelada em uma provocação.

Endireitando meus ombros, segurei seu olhar. Ele não ia me derrubar. — O cinema.

Ele levantou o queixo e franziu os lábios. — Qual filme?

Droga. Eu estraguei meu cérebro tentando pensar em algo atual, algo que eu tinha visto um cartaz ou comercial nos últimos

meses.

Eu cobri. — Um filme da Marvel. — Buscando a salvação, cuspi a franquia que sabia que ainda estava por aí.

— Eu amo aqueles. Qual foi? Foi Thor ou Homem-Aranha?

— Homem-Aranha. Tem que amar o Aranha. — Minha tentativa de um movimento de atirar uma teia provavelmente parecia que eu estava tendo algum tipo de espasmo infeliz nas mãos.

— Esses filmes foram lançados no ano passado. — Seu sorriso branco e perolado deveria ter me feito querer olhar com raiva e jogar algumas palavras escolhidas. Mas isso não aconteceu.

Minha boca abriu e fechou. Bati minha mão na testa. Falha total. Joguei minha cabeça para trás e ri. O som ficou preso na minha garganta quando levantei minha cabeça e fiquei cara a cara com Nix. Ele não tinha ido para o lado do motorista. Ele veio para o meu, centímetros nos separando. Engoli.

— Mas se você estiver afim de sair à noite, eu ficaria mais do que feliz em...

Não sou covarde, juro. Andei pelos corredores da minha escola com a cabeça erguida depois que James visitou o feriado de Ação de Graças com sua nova namorada no braço. Fingi que os risos, os dedos apontados e diretos não me atingiram. Quando tive que desistir da viagem dos formandos porque não podíamos mais pagar, eu enfrentei isso como Cersei em sua vergonha, mas Nix me convidou para um encontro? Eu entendi isso direito? Tirei ele do caminho e fechei minha porta antes que ele pudesse terminar a frase.

Pode ou não ter havido marcas destacáveis no cascalho, e eu não olhei no meu espelho retrovisor. Era muito mais fácil dizer não quando você não queria algo do que quando queria. E um encontro, inferno, um encontro com Nix não era o que eu precisava naquele momento, ou nunca. Meu histórico de relacionamento teria feito qualquer fã de esportes chorar. Ele não tinha apenas *destruidor de corações* escrito na testa, estava

rabiscado nas nuvens por um escritor do céu, exibido em néon brilhante acima de seus olhos azuis oceânicos e o sorriso gentil demais.

Ele era todos os meus erros embrulhados em um pacote brilhante.

Não apenas qualquer jogador de futebol, mas o quarterback que acabou de ganhar um campeonato nacional e mora em uma casa apelidada de Brothel.

Cara legal que fazia caridade.

E eu estava com ele.

Não importa o quanto eu tentei negar e usei minha raiva e aborrecimento como escudo, eu gostei dele. Não vai passar. Não colete US $ 200.

A última coisa que eu precisava fazer era rastejar pela linha de chegada da faculdade com meu coração pisoteado por hordas de mulheres lutando por sua atenção.

Além disso, eu estava indo para quem sabe onde no final do semestre. Amigos, eu poderia aguentar. Mais do que isso não está acontecendo. O problema com meu plano platônico ficou aparente quando eu parei na frente da minha casa depois de dirigir um pouco.

— Ei, vizinha! Se preparando para o seu encontro? — Eu pulei quando a voz que pensei poder ultrapassar atravessou a rua.

As cabeças de alguns outros estudantes andando pela calçada se viraram para olhar entre nós.

Levantei minha mão e acenei antes de subir meus degraus. Como diabos eu deveria evitá-lo quando ele morava a dez metros de distância?

12

NIX

O terno feito sob medida do homem sentado à minha frente era exatamente como os outros quatro agentes que eu havia conhecido hoje à noite. Era a versão do meu pai de encontro rápido. Eu prefiro ficar em casa com os caras, além de estar acabado após a construção das férias de primavera.

Recuei na cadeira, mantendo as mãos no colo e longe da pilha de papéis com uma caneta em cima deles. Elle sorriu para mim esta tarde, quando saiu para o carro. Aquele sorriso e pequeno aceno foram a razão pela qual eu havia acampado na varanda da frente agora que o tempo havia parado de flertar com a primavera para quase o verão.

Toda vez que eu andava até lá, ela tinha saído. Cheiros celestiais vieram do outro lado da porta, mas a única coisa que eu queria nunca estava lá. Ela tinha que ser a pessoa mais ocupada do campus.

— Adoraríamos trazer você como um dos nossos atletas mais novos. Sempre negociamos as melhores ofertas possíveis, visando a sua carreira depois que você sai do campo. Tenho certeza de que seu pai pode atestar isso.

— Tenho certeza que sim. — A música e a dança rolavam em mim como um gotejamento lento de água no centro da minha testa. Saindo de lá o mais rápido que pude, voltei para casa. Eu aperfeiçoei a quantidade certa de atenção em uma conversa para garantir que um relatório sobre como eu não parecia estar prestando atenção ou interessado não chegasse ao meu pai.

Esfregando os olhos, apoiei as duas mãos no volante, fritas e prontas para dormir. Continuei dirigindo por pelo menos um quarteirão antes do carro dela se registrar. Esse não era apenas um carro na beira da estrada; era da Elle e não era apenas um

veículo quebrado. Ela ficou ao lado dele olhando sob o capô. Eu joguei meu carro em marcha à ré e recuei, estacionando na frente dela.

Ela me dispensou. — Está tudo bem. Não preciso de ajuda. — foram as primeiras palavras que saíram de sua boca quando minha porta se abriu.

Saindo, dei a volta na traseira do carro.

— Sério, eu tenho isso.

Ela não parecia emocionada por eu ter parado para ajudar? Gumdrops e xarope praticamente saíam da boca dela. O espaço entre as sobrancelhas dela estava apertado. Então ela não disse não só porque era eu; a guarda dela estava sempre alta.

— Oh, oi Nix. — Um pouco da tensão relaxou e ela soltou um suspiro.

— Problemas no carro?

Ela revirou os olhos. — Está nas últimas e um desfibrilador não vai funcionar desta vez. — Ela jogou a chave nos restos do pedaço de metal que pode ter sido considerado um carro. Limpando as mãos na calça, ela baixou o capuz. Ela cruzou os braços sobre o peito e o encarou como uma professora encarando uma criança que a decepcionara na aula. Os murmúrios baixinhos aumentaram. Girando, ela passou as mãos pelos cabelos, espalhando uma faixa de graxa por seus fios rosa brilhantes.

— Você pediu um reboque?

— Meu celular está morto.

— Coisa perigosa quando você está na estrada à noite.

— Obrigada, pai.

Eu bufei de uma maneira totalmente não-pai. — Você precisa de uma carona para algum lugar?

Ela girou sobre os calcanhares e me encarou como se tivesse acabado de lembrar que eu estava lá. Limpando as manchas de graxa no rosto, ela balançou a cabeça.

— Eu posso andar. Estou bem. — Ela acenou e abriu a porta do lado do passageiro.

— Por que andar quando estou te oferecendo uma carona? — Eu me abaixei para olhá-la pela janela aberta do motorista.

Ela estava de joelhos e mãos dentro, pegando a bolsa no banco de trás. A posição também teve o efeito colateral de me dar uma visão nítida de sua blusa com decote em V. Dicas de seu sutiã roxo segurando toda a maciez dos seios pelos quais fui torturado durante as férias de primavera espiaram por baixo do tecido cinza. Eu gostaria de dizer que me afastei e desviei os olhos, mas vamos lá, eles eram espetaculares. A atração gravitacional de seu decote era algo de beleza astronômica.

Meus dedos se apertaram na borda da janela. Visões minhas sobre passar as mãos sobre aquelas curvas suaves correram pela minha mente.

Sua cabeça inclinou-se para o lado e ela seguiu minha linha de visão.

Soltando um assobio irritado, ela pegou sua bolsa e pulou para fora do carro. — Claro, eu vou pegar a carona com você como pagamento pelo show.

— Eu não posso evitar. — Eu levantei minhas mãos em falsa rendição. — Eles estavam ali. É um reflexo.

— Um reflexo de homem puta.

Contornando a traseira do meu carro, abri a porta para ela. — Eu não sou um homem puta.

Ela deslizou para dentro e eu a fechei. Ela se virou no assento no segundo em que abri minha porta. — Diga isso para metade das meninas no campus.

— Elas gostam de flertar, é o que fazem. É inofensivo.

Ela revirou os olhos. — Inofensivo para você como homem, mas é uma acusação contra todas as outras mulheres que não querem se comportar assim. — Ela estremeceu como se tivesse ouvido como aquilo soou.

— Elas se divertem do jeito delas. Veja a Glitter Posse, e daí se elas gostam de glitter e rosa? Quem é você para dizer a elas como devem ou não se comportar? Existe apenas uma maneira como uma mulher deve se comportar? — Isso soa bastante crítico e condescendente para mim. Descansei meu braço em cima do volante e olhei para ela por cima do ombro.

Ela abriu a boca e fechou. — Você tem que estar tão irritantemente certo o tempo todo? — Seus lábios afinaram e ela recostou-se no banco, olhando pelo para-brisa.

Eu ri e liguei o carro. — Para onde, milady?

Ela disse um endereço. Depois que eu coloquei no meu celular, estávamos a caminho.

— Eu nem sempre sou uma idiota julgadora, você sabe.

Eu levantei uma sobrancelha e mordi minha língua para que "Poderia ter me enganado" não saísse. Minhas bolas desfrutavam da estreita relação que tinham com meu corpo.

— Mas você está certo, eu as julguei mal. Eu te julguei mal. — Ela passou o polegar nas costas da mão. — Eu não posso evitar às vezes. Mas você e elas... vocês sempre foram mais do que sinceros sobre quem são. Você é honesto e me fala quando estou sendo idiota, então obrigada.

Um pequeno baque ocorreu no meu peito no comentário "Você é honesto". O fotógrafo veio depois que Elle se afastou naquele último dia. Tínhamos tirado algumas fotos de mim e Rick juntos na construção, uma boa peça. Agora eu precisava descobrir como contar isso para Elle. Ou talvez ela nunca o visse. *Honestamente...* Apertando meus dedos ao redor do volante, mantive meus olhos na estrada. — De nada. — Eu murmurei.

— Arruinar a diversão das pessoas não é o que eu faço. Sou engraçada. Eu rio. Não gosto de chupar a diversão dos quartos.

Mordi mais a língua. — Então, por que você chamou os policiais do campus para nossa casa dezenas de vezes? Por que não vem e nos diz para abaixar?

— Porque não sinto vontade de percorrer um mar de pessoas

bêbadas e encontrar um de vocês para perguntar e dizer: “Claro, sem problemas”, depois a festa continua por mais três horas. Se eu chamo a polícia, as pessoas se dispersam, e é isso. Estou exausta, Nix. Algumas pessoas não conseguem ficar acordadas até tarde e querem dormir no dia seguinte. Alguns de nós têm empregos e responsabilidades que tornam necessário ir para a cama antes de amanhecer.

O cansaço dela quando ela voltou para casa nas últimas noites passou pela minha mente.

— De que adianta fazer tudo isso se você se queimar? Dê a si mesma um tempo para aproveitar sua vida.

Suas costas bateram contra o assento. — Eu não vou me queimar. Os projetos em que trabalho são importantes para mim. O sopão, a construção de casas, as aulas particulares, são para pessoas que precisam de ajuda, e alguns de nós precisam trabalhar para ajudar a pagar pelas coisas. — Ela apertou a ponta do nariz. — Para não dizer que você não trabalhou duro nem nada, e eu realmente não conheço sua situação. O trabalho que você faz no campo e na academia não é nada. Foi um longo dia e eu estou mal-humorada, então podemos esquecer que eu disse alguma coisa?

Fiz uma fita rebobinar e ela riu. Foi um som quente e rouco que enviou um arrepio na minha espinha. — Eu posso fazer isso. Você pode? Que tal voltarmos ao início?

Os olhos dela se arregalaram. — O início. — Ela lambeu os lábios.

— Na primeira vez que nos vimos. — Eu sorri e bati meus dedos no volante.

A boca dela abriu e fechou.

— Você está realmente sem palavras? — Fique quieto coração.

Ela bateu no meu ombro com as juntas dos dedos. — Minhas mãos ainda funcionam.

Eu ri. — Eu posso ver. Então, por que você estava tão chateada naquele dia? Se alguém deveria estar chateado, era eu

por lhe dar um show gratuito.

O sorriso dela caiu como se ela tivesse acabado de descobrir que alguém já havia completado suas palavras cruzadas. Ela soltou outro suspiro cansado, não acho que ela tivesse outro tipo e passou a mão pelo rosto. — Eu dirigi meu pedaço de lixo por milhares de quilômetros do meu projeto de construção da comunidade de verão e precisei ser tutorada pela manhã. Isso foi depois que meus planos de moradia para o último ano fracassaram no último minuto e eu me esforcei para encontrar algo. Eu estava irritada, deprimida e realmente precisava de uma noite de sono.

— A maioria das pessoas está festejando, mas você está lá fora se matando em todo esse trabalho voluntário. Quando você estuda?

Ela respirou fundo entre os dentes da frente e apertou a parte de trás do pescoço. — Eu recebi algumas extensões aqui e ali.

Ela já dormiu? Era sem parar com ela, sempre tentando fazer o melhor para outras pessoas, e eu a respeitava demais por isso. Se ao menos ela se desse um tempo de vez em quando.

Paramos em frente a um prédio cinza em ruínas. Não havia placas na frente.

— Você tem certeza de que este é o lugar certo? — Me inclinei no volante e espiei pela janela da frente.

— Sim! Obrigada pela carona. — Ela abriu a porta antes que o carro parasse completamente.

— Me deixe te levar para dentro. — Eu saí do carro. A pintura brilhante da marinha refletia a confusão de cafeterias artesanais e prédios com tábuas.

— Eu vou ficar bem. — Ela andou para trás com a bolsa por cima do ombro, acenando para mim.

— Você deixaria de ser tão difícil e me deixaria fazer algo legal por você sem lutar pela primeira vez? — Contornando a traseira do carro, eu a alcancei.

Entramos na frente do prédio. Pessoas circulavam pela rua, famílias, casais, homens e mulheres por conta própria. Olhei para a pequena placa acima da porta: *Grace's Soup Kitchen*.

— Você é voluntária aqui?

Ela olhou por cima do ombro. — Não, eu tenho um papel de cantora de lounge. Sim, sou voluntária aqui.

— Ok, Madre Teresa.

Ela bufou.

— Elle, graças a Deus você está aqui. Estamos taquigrafados. — Uma mulher de cabelos grisalhos e crespos em um coque agarrou seu braço e a arrastou em direção à cozinha.

— Obrigada pela carona. — Elle gritou por cima do ombro.

— Eu posso ajudar.

A mulher parou tão rapidamente que Elle bateu diretamente nela, quase derrubando as duas.

Elas me encararam como se tivessem brotado asas em mim. — Eu posso ajudar. Conheço o trabalho de uma cozinha.

Grace nos jogou para dentro. Voltamos para a cozinha comercial e Grace nos entregou aventais. O espaço estava cheio dos cheiros e sons de uma cozinha, e mesmo que não fosse o Tavola, eu estava à vontade lá.

— Se vocês dois puderem descascar e cortar esses vegetais, podemos colocá-los no forno.

— Claro. — Lavamos as cenouras e as batatas e as colocamos no balcão. Tinha que haver pelo menos cinquenta quilos lá. Peguei a faca e Elle pegou o descascador. Girando a faca na minha mão, testei e verifiquei a lâmina.

Deixando os anos de prática assumirem, eu cortei o que ela me entregou mais rápido do que ela podia descascar. Alternando entre descascar e cortar, desaceleramos apenas para despejar o que havíamos terminado em bandejas gigantes do tamanho de uma restauração, cobrir tudo com azeite, sal e pimenta e enfiar no forno.

O serviço começou e enormes bandejas de comida entraram e saíram da cozinha, fazendo as refeições no Tavola parecerem delicadas em comparação. Era uma operação industrial que se movia ainda mais rápido que o restaurante do meu avô. As coisas finalmente diminuíram da velocidade da mangueira de fogo para um gotejamento.

De pé, estávamos sentados em baldes vazios de molho de tomate do tamanho industrial, engolindo água como se estivéssemos no local da construção para uma pausa. Uma coisa sobre cozinhas: elas nunca são frias.

— Obrigada pela ajuda hoje à noite. — Ela assentiu e o canto da boca se levantou.

Eu apontei para ela. — Isso é um sorriso? Não se preocupe, não vou contar a ninguém. Você tem uma reputação de durona para manter.

Ela riu, uma risada cheia de sorriso largo. — E não se preocupe, eu não vou deixar ninguém saber sobre o seu jeito de fazer o bem. Eles podem ter uma ideia errada sobre você.

— E o que poderia ser isso?

— Que você é um cara muito legal que é empurrado para dentro de uma caixa de jóqueis de festeiros por pessoas que são incrivelmente fechadas e não gostam de mudar suas noções preconcebidas, como eu. — Ela riu e passou os dedos pelos cabelos.

Sua risada se abateu profundamente em mim e fez meu pulso disparar.

Ela inclinou a cabeça para o lado e sorriu para mim.

Senti uma debandada no meu peito que nunca sentira antes. — Estou feliz que você finalmente esteja voltando.

13

ELLE

O barulho da cozinha só era rivalizado pela conversa de todos que gritavam o que precisavam na frente. Um segundo vento que eu não tinha previsto fez o serviço da noite passar. Por mais que eu não quisesse admitir, pode ter algo a ver com um certo jogador de futebol que desafiou todas as minhas expectativas.

Por que ele tinha que parecer tão bem fatiando aqueles vegetais? As mangas curtas de sua camiseta se apertaram ao redor dos bíceps enquanto ele levantava a pilha de bandejas sujas e as colocava na pia. Um dos outros voluntários quase cedeu ao tentar carregar outra. Algumas pessoas na cozinha reconheceram Nix. Ele era todo sorrisos e se metia em qualquer lugar que via alguém precisando.

— Elle. Terra para Elle. — Grace estalou na frente do meu rosto.

Afastei minha cabeça e olhei para ela, de olhos arregalados. — Desculpe. — Lambi meus lábios. — O que você disse?

— Eu disse, se você trouxer mais voluntários bonzinhos com você, teremos ainda mais pessoas fazendo fila na próxima semana.

— Pare de objetar a equipe.

— Na minha idade, recebo um passe grátis. — Ela riu e deu um tapinha no meu braço.

Além de um intervalo de cinco minutos, quando ele checou o celular, ele esteve trabalhando com o resto da equipe durante a refeição sem parar.

— Você precisa de ajuda? — Ele levantou uma grande tigela de aço com batatas descascadas nos braços. Quem sabia que um avental de chef poderia parecer tão sexy esticado no corpo musculoso de um cara como Nix. — Elle? — Ele acenou com a

mão na minha frente.

— O que? Sim, isso seria incrível.

Ele jogou todas as batatas lá dentro e começou a triturar e não as transformar em um purê fino. Pegamos nossos pratos, que Grace havia deixado de lado, e caímos no freezer.

— Você sabe o que fazer numa cozinha. — Puxei a manga do casaco dele.

— Trabalho nas cozinhas desde os sete anos.

Ele riu quando meu queixo caiu. — Você?

— Sim eu. Há mais em mim do que esse rosto bonito e corpo fenomenal. — Ele flexionou os bíceps.

— Há também uma cabeça incrivelmente grande. — Coloquei purê de batatas na boca.

— Ainda bem que tenho esses ombros largos para aguentar. — Mais flexão.

— Você é um idiota. — Eu o cutuquei com meu ombro.

— Estou feliz que você finalmente percebeu. — Ele comeu mais algumas garfadas de comida. — Meu avô é dono de um restaurante. Meu pai estava sempre na estrada, então eu fiquei muito tempo lá, e uma vez que comecei a percorrer as vitrines de sobremesas, eles me colocaram para trabalhar.

— E a sua mãe?

— Ela morreu antes de eu fazer um ano.

Meu prato quase caiu das minhas mãos. — Eu sinto muito. Eu não fazia ideia.

— Não se preocupe com isso. — Ele encolheu os ombros. — Não me lembro dela. Sempre foi assim.

Eu estava sempre ferrando tudo quando se tratava dele, e ele não era nada menos que impressionante. Ele não tinha que ajudar. Ele não tinha que me trazer aqui ou ficar o turno inteiro quando eu tinha certeza de que ele tinha coisas muito melhores para fazer. Toda a minha teoria do “garoto de ouro, vida perfeita”

foi soprada para fora e eu odiava estar errada, mas com Nix, eu não odiava tanto quanto de costume.

— Você faz tudo isso há algum tempo, então. — Fiz um sinal para a cozinha, que ainda estava cheia de atividades enquanto os fogões trocavam para a limpeza.

— Sim, não muito mais recentemente com futebol e outras coisas, mas estou voltando a isso.

— Você diz futebol e coisas como se isso não fosse grande coisa.

— Na mente de todos os outros, é.

— Mas não na sua? Você está tão acima de tudo o que envolve o Draft. — Eu ri e coloquei um pouco de frango na boca.

Uma sombra passou por seus olhos. — É o que é. — Ele esfaqueou as vagens em seu prato.

Parei de mastigar, tentando descobrir contra o que diabos ele estava lutando dentro de sua cabeça. — Embora tenha certeza de que sou a última pessoa com quem você gostaria de conversar em condições de proximidade não forçada, se precisar tirar algo do peito, estou aqui.

— Não é proximidade forçada se eu optar por estar aqui. — E então ele começou a arder. *Puta merda.* Eu pensei que era apenas no cinema, mas lá estava, na carne. Baixei meu olhar para o meu prato e tentei manter o calor crescente no meu pescoço, transformando minhas bochechas em uma representação de picolé de cereja.

Nossos quadris estavam colados, nem mesmo roçando um no outro, apenas assentados um contra o outro em uma inclinação confortável.

Pelo menos tinha sido confortável até que meu corpo se tornou hiperconsciente de quão quente ele estava. Não era como se eu não tivesse olhos, mas quando você está trabalhando duro para odiar alguém e finalmente decide que vai tolerá-lo, ceder à gostosura não ajuda exatamente a manter essas paredes erguidas.

Seu cabelo castanho escuro deslizou sobre sua testa, não parecendo ter sido enfiado em uma rede de cabelo nas últimas duas horas. Maldito seja ele e seu cabelo bem cortado. Ele tinha uma mandíbula contra a qual você podia cortar aipo, e eu juro que seu peito e braços deveriam ter sido colocados em um museu.

Meu olhar voltou a encontrar o dele, e o sorriso em seu rosto me levou ao fato de que eu estava olhando para ele por um longo tempo, uma quantidade embaraçosamente longa que levaria um cara preso em alguns estados.

Pulei do meu lugar e joguei meu prato no lixo. *Muito bom, Elle.*

Grace voltou para a cozinha.

— Se você precisar que eu faça...

— Sair. É isso que preciso que você faça. Vá para casa, descanse um pouco. Você está banida pela próxima semana. Não quero ver você aqui.

— Mas...

— Sem desculpas. Este não é o seu trabalho integral. Você tem trabalho escolar, um trabalho real, festas para ir. — Ela se inclinou para perto. — Caras para dar uns amassos.

Eu olhei para Nix parado atrás de nós, tirando seu avental. Eu não deveria ter olhado. Eu não deveria ter olhado. Ele estava parecendo comestível.

— Nix, vocês dois saem daqui enquanto ainda há tempo para aproveitar a noite. Eu geralmente tenho que empurrá-la para fora chutando e gritando, então é a sua vez hoje à noite.

Ele riu. — Eu posso lidar com isso.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Tem um sorvete para você no T-Sweets.

— Vendido! — Eu corri para o carro como se os cães do inferno estivessem nos meus calcanhares. As luzes do carro de Nix piscaram e ele abriu. Eu me joguei para dentro, meu estômago já roncando, mesmo que eu tivesse feito uma refeição completa.

— Se eu soubesse que isso era o suficiente para tirar um sorriso de você, eu teria levado T-Sweets todos os dias nas férias de primavera. — Ele entrou no carro e ligou.

— Você acha que posso ser comprada com sorvete cremoso, com sabor de explosão e cobertura? — Cruzei os braços sobre o peito e franzi os lábios.

— Eu acho. — Ele sorriu e se afastou do meio-fio.

— Palpite de sorte. — Eu ri, falhando em manter os cantos da minha boca virados para baixo.

As luzes fluorescentes da sorveteria lançavam um brilho branco como um farol para qualquer um que desejasse um tratamento noturno. Geralmente havia uma fila enrolada na lateral do prédio e as pessoas ficavam, sentavam ou se inclinavam em qualquer lugar que podiam, uma vez que pegavam suas guloseimas, mas ainda estávamos no final das férias de primavera e a maioria das pessoas ainda não havia voltado. Carros entraram e saíram de lugares, e nós pegamos um no momento em que alguém se virou na nossa frente.

Fomos até a janela e fizemos nossos pedidos. Bem, eu disse à garota atrás do balcão o que eu queria, e Nix pediu comida suficiente para alimentar uma escola primária.

Sentamos na calçada do lado de fora, com todos os bancos e mesas ocupados.

Fiquei com água na boca quando peguei a primeira colherada do meu sorvete de café com calda de chocolate, granulado e amendoim, coberto com chantilly e cereja.

Nix pediu uma banana com sorvete de massa de biscoito, chantilly e cerejas, um pretzel macio, salgadinhos de jalapeno e um milk-shake.

— Você vai explodir. Você sabe disso, certo?

— Ainda não explodi. A temporada acabou e minha dieta de frango assado, cozido e grelhado está acabada. Preciso comer o máximo dessa comida terrível antes que meu metabolismo diminua, depois estou ferrado.

— Com o modo como você estará treinando quando a temporada começar, duvido muito que seu metabolismo vá diminuir. Eles vão fazer você suar sangue quando o campo de treinamento terminar.

Ele chupou o último milk-shake, passando o canudo pelo fundo do copo grande.

Minha boca ficou aberta. *Como diabos...?*

Ele se virou para mim como se não tivesse acabado de engolir um galão de sorvete através de um canudo. — Você parece saber muito sobre o estilo de vida dos jogadores de futebol.

Coloquei mais sorvete na boca e dei de ombros sem me comprometer. A mistura perfeita de chocolate espesso, café cremoso e crocante de amendoim foi mais do que suficiente para manter minha boca ocupada. Eu não queria estragar esta noite falando sobre o meu ex.

Ele ficou olhando para mim, esperando por uma resposta.

Enfiei outro pedaço de sorvete na boca, nem mesmo tentando obter o equilíbrio perfeito de todos os sabores, e de repente fiquei fascinada pelo trabalho de listras pintadas no meio-fio, pegando com os dedos.

— Nix Russo? — Um cara equilibrando seu pote de sorvete e arrastando sua namorada atrás dele correu para Nix. — Puta merda, é realmente você. Uau, posso tirar uma foto?

Nix foi gentil e tirou fotos, assinando algumas coisas que as pessoas colocavam em seu rosto, mas seus olhos se encontraram com os meus sobre as cabeças da multidão. Com uma leve inclinação de cabeça em direção ao carro, ele se livrou das pessoas que agiram como se não o tivessem visto centenas de vezes andando pelo campus, não que eu tivesse prestado atenção nisso ou algo assim.



— O que há com as luzes acesas na sua casa? — Eu dei a volta na frente do carro dele. Houve alguns casos de laptops sendo roubados de moradias destrancadas alguns meses atrás.

Nix olhou para sua casa. Os raios da lanterna atravessavam as janelas da frente e brilhavam no alto da escada.

— Alguém está invadindo? — Minha mão apertou seu braço.

Seus músculos flexionaram sob o meu aperto. — Não tenho certeza. Vamos dar uma olhada. — Suas sobrancelhas estavam franzidas, mas ele parecia mais um personagem de Scooby-Doo indo investigar, não alguém preocupado com a invasão de sua casa.

— Como assim, vamos dar uma olhada? Você vai ser aquele cara em um filme de terror? — Eu afundei meus calcanhares quando ele me puxou para mais perto da casa.

— Tenho certeza que não é nada. O disjuntor provavelmente está desligado. Vamos garantir que os caras estejam bem.

— Cara, precisamos chamar a polícia.

Ele deixou cair o queixo por cima do ombro e olhou para mim.

Minhas bochechas esquentaram e eu me encolhi. — Policiais do campus, não da cidade.

— Nós ficaremos bem. — Ele subiu os degraus e manteve o braço em volta da minha cintura, me segurando ao lado dele. Tentei não sentir que estava prestes a ser sacrificada pelos ladrões. Talvez ele me jogasse neles para desequilibrá-los. Talvez esse tivesse sido seu plano o tempo todo: me acalmar em uma falsa sensação de segurança e depois me jogar em um ladrão na primeira chance que tiver.

A porta da frente estava aberta e meu coração batia forte na garganta.

Nix colocou a mão na madeira e seu braço se apertou ao meu redor. Tentei não pensar em como ele cheirava bem, mesmo depois de trabalhar em uma cozinha a noite toda, como seu braço em volta da minha cintura era como uma parede sólida, me protegendo de tudo o que estava ao meu redor, e definitivamente não o quanto meu coração tinha acelerado. Nada a ver com a possível invasão e entrada em que estávamos prestes a fazer.

14

NIX

UM pop suave e robusto cortou o silêncio sinistro da casa. Eu levei Elle contra mim e fora do caminho do fogo direto. Um dardo Nerf estava pendurado em seus cabelos. A sugestão de seu xampu de morango permaneceu sob o aroma em camadas da comida que estávamos fazendo antes. Meu estômago apertou e não era de fome. *Para baixo garoto.* Eu deveria estar brincando de legal, não que ela não estivesse correndo muito na minha mente para alguém que apenas recentemente disse não me odiar.

Havia muita coisa acontecendo na minha vida agora, merda complicada, mas caramba, eu não me importava nem um pouco quando estava com ela. Se ela fez meu sangue bombear com algumas brigas verbais ou sua risada que estava no meio do caminho entre uma tosse tensa e um sibilar completo, tudo o que veio depois não parecia muito assustador.

Seu olhar disparou para o dardo azul e laranja pendurado em seu cabelo.

— O que diabos está acontecendo? — Ela sussurrou, seus olhos olhando por cima do meu ombro.

— Entramos em uma batalha como você nunca viu. — Eu mantive minha voz baixa e séria e lutei para manter meus lábios firmes e uniformes.

Berk pulou ao meu lado do topo da escada. Um bandana azul estava enrolado em sua cabeça e havia tinta preta borrada sob seus olhos.

Elle pulou e suas mãos se apertaram no meu peito. Eu não deveria estar amando essa proximidade tanto quanto estava. Os olhos dela se arregalaram com confusão e uma ponta de pânico. Eu aproveitei isso para segurá-la um pouco mais forte? Muito

certo que sim.

— Onde diabos você estava? Começamos sem você. Vou te cobrir para que você possa ir até o seu quarto. — Berk espiou por cima do ombro com a arma de dardo pronta. — Você trouxe reforços também, bom homem. — Ele me deu um tapa no ombro antes de seu rosto sério voltar ao lugar. — Estamos enfrentando três. Os idiotas disseram que, porque vencemos as últimas rodadas por conta própria, eles mereciam a pessoa extra. Agora é hora de chutar a bunda deles.

Tossi para manter minha risada em segredo. Virando para Elle, olhei nos olhos dela. — Quando eu disser vá, vá. — Agarrei seus ombros e olhei em seu olhar amplo e questionador. — Corra em três, dois, um, vá! — Envolvendo meu braço em volta de sua cintura, eu a puxei pelas escadas. Alguém gritou e dardos passaram voando por nós. Mergulhando no topo da escada, eu a segurei contra mim. Entramos no meu quarto e chutei a porta atrás de nós.

Ela se levantou do chão e tirou os cabelos do rosto. Seu peito subiu e suas bochechas estavam vermelhas. — O que está acontecendo aqui?

Eu sorri — Você pode ou não ter tropeçado em nossa guerra mensal bem, semestral... na verdade, mais como sempre que quisermos, de Nerf.

— Tropecei ou fui arrastada? Você me assustou. Eu pensei que estávamos prestes a levar um tiro. — Ela empurrou as mãos contra o meu peito, mas a curva de seus lábios não mentiu.

Arrastando a cesta para fora do meu armário, joguei as roupas que a cobriam por cima do ombro e descobri meu arsenal. — Está dentro? — Eu me agachei e olhei para ela.

Ela torceu os lábios para o lado e cruzou os braços sobre o peito. — Se estou, qual é a minha? — Seu joelho roçou no meu lado. Estivemos tão perto a noite toda, os pequenos toques e pincéis suaves me tirando da cabeça. Ela não colocou essa distância entre nós. Mesmo agora, seu jeans áspero esfregou contra o meu corpo através da minha camiseta.

Eu olhei para ela. — Você escolhe. — Colocando a cesta mais perto dela, lambi meus lábios.

Ela se agachou ao meu lado e seu braço roçou o meu. Trabalhamos lado a lado a noite toda, e toda vez que ela me tocava, parecia a primeira vez. O puxão profundo em meu intestino só ficou mais insistente com cada caso de contato.

Ela enfiou a mão no meu estoque e puxou um. — Que tal este? — Ela virou a cabeça, seus lábios a centímetros dos meus.

Seus olhos nadaram com algo novo que cintilou sob as pálpebras, um olhar como o que ela me deu quando saímos da cozinha de sopa. Não estava cheio de aborrecimento ou mesmo aquela expressão resignada à minha presença que ela às vezes usava. Isso era algo mais, e ela não estava mais escondendo.

— Elle?

Minha porta bateu aberta e ela se afastou, caindo de bunda, mas girando a arma para apontar diretamente para a porta.

Porra, acho que estou apaixonado.

Eu balancei minha cabeça, sem saber o que diabos era.

Berk levantou as mãos no ar. — Não atire! Eu estou no seu time. — Ele fechou a porta até a metade e espiou pela fenda. — Estamos sendo dizimados. Seph está sendo tática para nós. Movam-se, pessoal.

Coloquei meu cinto de dardos, dei um a Elle e até espalhei um pouco da tinta que usamos sob os olhos no campo sob os dela. Ela trancou, carregou e se olhou no espelho. Agarrando três clipes de dardo extras do meu cinto, ela os enfiou nos bolsos de sua camiseta. Um estalo disparou da arma quando ela verificou se os dardos estavam prontos.

— Quantos são contra? — Ela se encostou na parede ao lado da porta com a mão na maçaneta.

Berk olhou para ela de queixo caído, e o dardo que ele estava segurando na boca atingiu o chão de madeira com um baque abafado.

— Três. — Eu tinha aquele som sonhador na minha voz? A maneira como ela lidou com a Nerf... por que ela não me matou agora? Meu pau esticou contra a costura da minha calça jeans. Eu teria uma marca permanente até o final da noite no ritmo que as coisas estavam indo.

Ela zombou. — Isso não é nada. — Erguendo o dedo, ela fechou a boca de Berk. — Vamos fazer isso.

— Você está incrível. — Eu soltei como uma criança anunciando que tinha que fazer xixi. *Suave. Realmente suave.*

Ela olhou por cima do ombro e sorriu largamente. — Você não parece tão ruim assim.

— Como sabemos que você tem as habilidades? — Berk bateu com a arma no queixo.

— Três anos consecutivos no campeonato de paintball no final de cada ano. — Então ela apontou a arma para ele e apertou o gatilho, atingindo-o diretamente entre os olhos. — O que você acha?

Berk esfregou o local e assentiu.

— Agora vamos ganhar essa coisa. — Sua vantagem competitiva parecia se estender além de ser benéfica.

Desligando o interruptor ao lado dela, ela se agachou e girou a maçaneta da porta. Ela disparou, fazendo um teste de perigo completo como se estivesse em *Missão Impossível*.

Eu corri atrás dela. Berk agarrou minha camisa enquanto olhava para Elle enquanto ela deslizava contra a parede do corredor. — Cara...

— Nem pense nisso. Você nunca será capaz de recuperar o dardo que eu vou empurrar muito fundo na sua bunda se você sequer pensar nisso.

— Nix tem uma namorada. Nix tem uma namorada. — Ele sussurrou enquanto dançava de joelhos.

Um flash de rosa reapareceu na porta. — Vocês, senhoras, aqui estão bebendo limonada? Vamos fazer isso.

— Estou pronto para fazer tudo certo. — Murmurou Berk.

Bati minha mão em seu peito e ele tombou, tossindo.

— Eu estou no seu time, idiota. — Ele esfregou a palma da mão no local.

Depois de Elle sair, seguimos pelo corredor. Houve uma saraivada de dardos quando batemos nas escadas. Eles haviam melhorado desde a última vez que tocamos. Eu teria que encontrar uma maneira de recrutar Seph, a namorada de Reece, para o nosso lado.

Keyton disparou para o pé da escada e disparou contra nós. Retornamos o fogo, mas ele se sacrificou e matou Berk... que então começou a atuar como vencedor de um Oscar. Em câmera lenta, ele desceu as escadas, dando todos os passos enquanto segurava a grade, uivando e gemendo o tempo todo.

No pé da escada, ele agarrou a mão de Keyton. — Eu estou tão frio. Me segure, Key.

Os ombros de Keyton tremiam e ele passou os braços em volta de si, como se pudesse se partir da risada. Ele ofegou e ficou de lado. — Isso dói. — Cada palavra estava em meio riso, meio engasgo.

Berk finalmente ficou completamente imóvel, deixando sua falsa morte afundar com a gravidade necessária. Então seus olhos se abriram, encarando Keyton. — Você está rindo? Não achei que você soubesse. Vale totalmente a pena. Você quer beber?

Keyton assentiu, enxugou as lágrimas do rosto e estendeu a mão. Berk levantou e apertou as mãos dele, puxando-o para cima.

— Se apresse e termine isso para que possamos beber! Estaremos no quintal para não sermos atingidos no fogo cruzado. — Berk gritou, entrando na cozinha e apagando as luzes. A casa foi novamente banhada pela escuridão.

— Vamos fazer isso. — Elle olhou para mim como se estivéssemos saindo do estilo Bonnie e Clyde.

Desci os degraus nas minhas costas, atirando dardos através

dos passadores de corrimão. Reece e Seph recuaram quando Elle me cobriu e nós dois chegamos ao final da escada.

Estendendo minha mão para acenar para Elle, eu respirei fundo e meu coração trovejou em minhas veias.

Ela deslizou a mão na minha. Parei tão rápido que ela bateu nas minhas costas.

— Por que você parou? Não vejo nada! — Ela sussurrou.

— O que ela não pode ver? — Seph chamou. — Vocês dois estão se beijando?

— Não. — Elle gritou.

— Estamos nos retirando para as posições iniciais. Você tem noventa segundos. — Gritou Seph, sua voz ficando mais distante a cada passo.

Trinta minutos suados depois, Elle se inclinou para mim, seu ombro roçando no meu peito. — Estou com meus últimos dardos. Como está sua munição?

Meu olhar estava treinado em seus lábios, brilhando na luz da janela do porão.

Ela me cutucou.

— Certo, eu estou quase fora também.

— Da próxima vez, vou vestindo calça com bolsos. Você nunca pode ter munição suficiente.

Da próxima vez... então ela planejava fazer isso novamente. Não deveria ter me deixado tão feliz quanto ouvi-la dizer isso.

Poderia ter havido um pouco mais de assistência prática ao longo do nosso jogo, algumas oportunidades roubadas para proteger Elle sob o meu corpo quando eu pensei ter ouvido alguém chegando. Ela não tentou me acertar nas bolas nenhuma vez, o que eu tomei como um bom sinal.

Ela também pode ter se inclinado para mim um pouco mais do que o necessário pelo menos uma vez. Meus dedos patinaram através do espaço entre a blusa e a calça jeans, e ela não se

afastou.

Reece e Seph nos colocaram atrás da mesa de sinuca no porão. Eles tinham o terreno alto no estádio de rejeitos que LJ havia criado lá embaixo com algumas poltronas reclináveis que ele havia marcado desde o abandono na calçada e alguns palets de madeira.

— Eu acho que não vamos conseguir fazer isso. — Elle descansou as costas contra a mesa, sua respiração saindo agitada após o nosso mergulho e proteção para o nosso porto seguro atual. Outra rajada de dardos nos banhou. Reece e Seph devem ter pegado a munição extra de Berk e Keyton.

Me jogando no caminho, cobri Elle. Suas costas deslizaram da mesa de bilhar de madeira polida e ela tombou. Coloquei meus braços em volta dela para amortecer sua queda e me preparei. Nossas armas caíram no chão e não havia nada além da adrenalina e do trovão do meu coração.

Ela olhou para mim na penumbra que vinha das janelas da metade do porão. O verde pálido brilhava com uma nova emoção que eu não tinha visto nos olhos dela antes.

O calor e a suavidade de seu corpo embaixo de mim deveriam ter sido o motivo de eu ter acordado antes de me envergonhar, mas não consegui me mexer. Seu peito subiu e caiu entre nós, empurrando seus seios contra o meu peito. Eu queria tocá-los, queria envolver meus dedos em torno deles e brincar com seus mamilos até que ela me dissesse exatamente como ela gostava de ser tocada. Eu não tinha dúvida de que ela não iria se segurar.

Ela levantou a mão... um momento de hesitação... e então a colocou na parte de trás da minha cabeça. Meu cabelo deslizou por seus dedos. As faíscas elétricas do desejo dispararam direto pelas minhas costas, pulsando onde nossos quadris se conectavam.

Eu preenchi a lacuna entre nós, capturando seus lábios com os meus. Ela tinha gosto de baunilha com granulado por cima. Um suspiro chocado saiu de seus lábios e então ela os separou, sua língua correndo ao longo do meu lábio inferior e enviando um

arrepio na minha espinha.

Isso mudou tudo.

15

ELLE

Nix lançou sua artilharia sexual em mim, começando com o fogo leve: um beijo que me fez esquecer meu nome e querer implorar por mais. Meus dedos apertaram sua camisa contra suas costas. Seu quadril prendeu o meu no chão, e eu estava meio chateada que eles estavam e meio aliviados porque, se não tivessem, eu teria envolvido minhas pernas em torno de seu corpo e me apertado contra ele.

O que diabos havia de errado comigo? Por que ele tinha um gosto tão bom, como morangos e chocolate? Passei meus dedos por seus fios sedosos. Ele mordeu meu lábio inferior e nos separamos, ofegando como se tivéssemos acabado de correr cinco quilômetros.

Eu olhei nos olhos dele, meu peito subindo e descendo e tentando descobrir como diabos esse interruptor havia sido acionado. Estávamos jogando um jogo, finalmente nos divertindo, e aqui eu estava tentando montá-lo como um cavalo premiado no Kentucky Derby.

A mesa de sinuca tremeu e nossas cabeças se ergueram com a pesada recarga de plástico logo acima de nossas cabeças. Reece se inclinou com o cano apontado para nós.

— Nós nos rendemos. — Deslizei minhas mãos do peito de Nix e as coloquei sobre minha cabeça.

Seph espiou por cima da borda com o queixo apoiado nas mãos. — O que vocês dois estão fazendo aí em baixo?

Minhas bochechas estavam pegando fogo? Havia vapor saindo dos meus ouvidos? Nix levantou de cima de mim e estendeu a

mão para me ajudar.

Eu hesitei, não tendo certeza que tocá-lo não me levaria direto a tentar escalá-lo como um lenhador.

— Obrigada pelo cardio extra, pessoal, mas eu provavelmente deveria ir. — Antes que alguém pudesse dizer outra palavra, abaixei a cabeça e saí correndo para escapar do constrangimento, subindo correndo as escadas.

— Vocês já terminaram? A comida está pronta. — Berk gritou da porta que dava para o quintal.

Eu nem parei. Eu continuei até voltar para fora. O ar quente da primavera não fez muito para me refrescar ou facilitar a respiração. A pressão do corpo de Nix em cima do meu tinha mexido coisas em mim que eu nunca quis sentir por alguém como ele.

Correndo entre os carros estacionados na rua, fui para o meu lado da rua, onde era seguro e sem Nix.

Dormir, era disso que eu precisava. Eu precisava de uma boa noite de descanso. Eu tinha alguns dias de folga. Embora houvesse uma montanha de cursos que eu estava adiando e precisava terminar, talvez eu apenas dormisse e convencesse Jules a me fazer guloseimas para não precisar sair de casa, porque sair de casa significaria possivelmente correr para Nix.

Meu pé pegou na tabua solta em nossa varanda. Eu jurei que estrangularia nosso senhorio se ele se dignasse a aparecer em nossa casa. Eu não me apoiei contra a porta da frente, como costumava fazer. Eu mal tropecei porque não estava subindo sozinha.

Braços fortes em volta da minha cintura. Os dedos quentes e ásperos de Nix deslizaram pela minha pele, aproveitando o espaço que apareceu entre minha calça e minha blusa, me puxando contra ele. Eu ainda estava bêbada do beijo? Como eu não percebi que ele estava me seguindo?

— Você está bem? — Ele me apoiou nos pés, mas manteve os dedos no meu quadril.

Apoiei minhas mãos contra seu peito. Meu coração disparou novamente e eu mantive meu olhar treinado em seu peito, não que isso fosse melhor. A maneira como o tecido se moldava em seu corpo só me fez querer descascá-lo com os dentes. *Que diabos?* Isto é o que acontece. Eu fui avisada. É o que acontece quando você entra em um estado de privação sexual. Isso começa a fazer você ficar um pouco louca.

Nosso beijo de antes estava correndo pela minha cabeça como uma maratona de filmes dos anos 80. Meu aperto aumentou em sua camisa, o algodão macio agrupando sob meus dedos. Incapaz de me conter, levantei minha cabeça.

Ele olhou nos meus olhos. Na penumbra de dentro da minha casa, vi o redemoinho de emoções em seus olhos.

Se alguém tivesse me dito há três semanas, que os braços de Nix Russo estariam ao meu redor e eu não estaria procurando uma maneira de dar um soco nele, eu diria que essa pessoa era louca, mas não estava procurando por uma abertura para dar uma joelhada em sua virilha. Eu não estava tentando afastá-lo. Em vez disso, eu o estava segurando perto, não querendo que ele me soltasse.

A coisa que eu estava lutando entre nós evaporou com aquele beijo quando uma enxurrada de dardos Nerf voou acima de nós. Agora, eu queria mais daqueles beijos, deixe-me-sem-fôlego-e-me-faça-esquecer-meu-nome, e isso me assustou. Não tive muito tempo para que esse medo aparecesse.

Respirando, Nix pressionou minhas costas contra a porta, seus braços apoiados em ambos os lados da minha cabeça, seu olhar caindo dos meus olhos para os meus lábios. Meu corpo cantarolava com sua proximidade, pulsos elétricos batendo em cada ponto de contato.

— Você saiu antes que a comida estivesse pronta. — Sua voz caiu uma oitava? Era como calda de chocolate sendo derramada sobre mim.

— Nós já comemos. — Minha voz saiu ofegante e quase um sussurro. — Você ainda está com fome? — Minha garganta estava

apertada e eu engoli o caroço do tamanho de um punho na minha garganta.

Seu olhar caiu nos meus lábios. — Eu não consegui dizer boa noite. — Sua cabeça estava se aproximando ou era minha?

Seus olhos eram fascinantes. As manchas de ouro se misturavam com um azul que me lembrava um dia ensolarado em um acampamento. O cheiro dele foi direto para a minha cabeça. Ele cheirava a comida e conforto em uma tarde chuvosa e seu próprio perfume masculino.

Um frescor de hortelã acariciou meus lábios quando ele expirou. Ele colocou uma menta antes de vir atrás de mim? Eu queria provar seus lábios de menta.

Eu levantei minha mão na parte de trás de seu pescoço e preenchi o espaço entre nós. O beijo foi como estar em queda livre, e meus olhos se abriram. Não, estávamos em uma queda livre *real*.

Os olhos de Nix se arregalaram e ele nos rolou, quebrando a maior parte da minha queda com seu corpo. Batemos no chão com um baque e sacudimos a casa. Eu estava atribuindo isso totalmente ao Nix e não aos brownies extras que eu roubei do último lote de Jules.

Só posso atribuir a manobra à habilidade atlética insana de Nix.

— Oh meu Deus, eu sinto muito! Eu não sabia que você estava aí fora. — Jules gritou e cobriu a boca com as mãos. Um envelope roxo estava pressionado contra o rosto dela.

— Não se preocupe, Jules. — Eu resmunguei e esfreguei o ponto latejante no meu quadril. — Nix, você está bem?

Ele assentiu, passando a mão por cima do ombro. — Eu já sofri resultados piores do que isso.

— Sinto muito. — Jules deixou escapar. — Você precisa de gelo ou algo assim? Ou uma mini torta de framboesa com chocolate? Chocolate faz tudo ficar melhor. — Ela deu um sorriso tenso e olhou três segundos longe antes de explodir em lágrimas.

A cabeça de Nix se levantou e suas sobrancelhas se contraíram.

Levantei do chão e ofereci minha mão a ele. — Estamos bem. Sério, não é grande coisa. Não é como se eu não tivesse levado um tombo como aquele das tábuas soltas por aí de qualquer maneira. Onde você estava indo?

Ele riu e pegou minha mão. Minha ajuda provavelmente o ajudou a um total de cinco por cento, mas pelo menos eu tinha oferecido.

— Lugar nenhum. — Seu olhar disparou para o envelope roxo em sua mão, que ela estalou atrás das costas.

— Certo. — Eu desenhei essa palavra para que ela soubesse que seu segredos não seriam divulgados ou eu teria que estourar as grandes armas, a tequila. — Nesse caso, vamos levá-la a cabo com as tortinhas. Nós realmente estávamos voltando para a casa de Nix. Os caras fizeram comida. Você deveria vir, se estiver tudo bem para você. — Eu virei minha cabeça para Nix. Aqui estava eu convidando pessoas que ele nem conhecia para sua casa.

— Qualquer amigo de Elle é amigo meu, especialmente se estão trazendo alguma coisa de chocolate. Você tem o suficiente?

— Eu sempre faço extra. Há bastante. Caso contrário, também tenho biscoitos com pedaços de chocolate, blondies e rosquinhas de creme de leite à moda antiga.

— Jesus, você está fazendo deste lugar uma padaria?

As pontas das orelhas de Jules ficaram vermelhas.

— Enfatizo o cozimento e tenho estado um pouco estressada ultimamente. — Ela olhou para os tênis, tocando as pontas deles juntas.

— Jules também faz muitas sobremesas para a Grace quando pode, então ela tende a assar muito.

— Sua casa está cheia de benfeitores. Isso é incrível, Jules. Tenho certeza de que tudo será delicioso, então traga qualquer coisa que possa e os caras comerão.

— Eu poderia enviá-los com você. Quero dizer, eu não tenho que ir. Você não precisa me convidar apenas pelas sobremesas.

— Jules, pare. Você está vindo e não está escapando disso. É tudo o que posso fazer para tirá-la do poste por uma noite... — Apertei o dedo para ela.

Os olhos de Nix se arregalaram.

O rastejamento escarlate de suas orelhas ardeu até suas bochechas. — Ela não quer dizer o pau de um cara, não que você tenha pensado nisso, mas não é isso. Eu não sou um super skank montando dez caras no pôr do sol todas as noites. Eu faço pole dance. — Agora o carro de bombeiros vermelho se espalhava pelo pescoço até o peito. — Não é a dança do poste, mas sim a aptidão do poste. É como eu treino. Eu não sou uma stripper. — A voz de Jules ficou tão alta que fiquei surpresa que ainda podíamos ouvi-la e os cães ao redor do quarteirão não estavam uivando. — Não que alguém tenha pensado nisso. — E ela voltou à tímida Jules, fascinada pela costura do arco-íris de seus tops.

— Você diz isso, mas você seria uma dançarina incrível. Certo, Nix? — Olhei por cima do ombro para ele e vi seu olhar de cervo no meio de uma estrada de oito pistas.

— Sinto que essa é uma pergunta complicada, então vou sair lentamente da sala e esperar por vocês, senhoritas, na varanda. — Ele fez exatamente isso e cuidadosamente fechou a porta atrás de si.

Jules deu um tapa com a palma da mão na testa.

— Acho que correu bem.

Ela olhou para mim por cima do ombro com os lábios contraídos. — Te odeio. Do fundo do meu coração, eu te odeio. — Ela suspirou. — Um envelope chegou para você.

Bufando e arrastando todas as caixas e bandejas do que ela havia feito naquela semana, ela as colocou no balcão enquanto eu pegava o envelope da mesa. Enquanto rasgava o papel, o anúncio em relevo dourado brilhava na frente.

Era oficialmente oficial: meu convite como candidata ao

Prêmio Huffington.

— O que eu devo levar? Berk gostou dos donuts na sessão de estudo, mas sinto que as tortas são melhores. Ela ficou na frente de suas criações como se alguém a tivesse pedido para escolher entre seus filhos. Um triângulo roxo apontou do bolso de trás.

— E o que, minha querida, é isso? — Dei um tapa no envelope no bolso de trás e bem, sua bunda quando peguei o item misterioso.

— É meu. — Ela pulou, tentando pegá-lo da minha mão.

— Eu sei que é seu, mas o que é?

— Uma carta.

— Preciso abrir e ler, ou você vai me dar um pouco mais para trabalhar aqui?

— É uma das anotações e eu entregaria.

— Eu preciso de mais detalhes, quantas você escreveu?

— Mais ou menos trinta.

Minha boca ficou aberta. — Vocês dois escreveram trinta cartas em quatro meses? Você os deixou *todo* esse tempo e não me deu uma pista?

— Foi constrangedor. Quem faria algo assim? Enfim, deixei a segunda e havia um bilhete esperando por mim. No começo, pensei que talvez fossem eles me dizendo para ficar longe ou parar, mas não era. Foi uma resposta, então temos meio que trocado cartas.

— Oh meu Deus, isso é tão doce, como algo saído de um filme antigo em preto e branco. — Puxei a nota do envelope antes que ela pudesse me parar e digitalizei a página. Usando minha bunda para afastá-la, eu devorei a nota cheia de posições que eu nunca tinha ouvido falar e uma grande quantidade de palavras que você podia ver alguém dizendo enquanto estava deitado ao seu lado, afastando o cabelo do seu rosto te olhando como se você fosse a única pessoa no mundo para ele, se isso existisse no mundo real. Corri pela cozinha fugindo do aperto de Jules antes que ela

desistisse de ser gentil e me jogasse no chão. — Droga, garota, isso foi muito intenso. Eu retiro o que disse, isso não é nada doce. Isso é imundo. — Eu me abanei, rindo quando ela a puxou para fora do meu aperto e empurrou de volta para o envelope.

— É apenas algo bobo. — Ela encolheu os ombros e guardou o envelope em seu caderno, que tinha alguns outros envelopes roxos e pedaços de papel dobrados entre as folhas. — Elas não são todas assim. Suas respostas são realmente muito doces.

— Deixe-me ver. — Fiz mãos agarradas para eles.

— Não, essas são... particulares. Ele é muito diferente do que eu pensava, mas é divertido.

— Você realmente não vai me deixar ver?

Ela balançou a cabeça, quase se dando chicotadas.

— Você é péssima, mas se há alguém que merece alguma diversão, é você. — Eu a puxei para um abraço e a apertei.

— Chega dessa porcaria mole. Vamos acabar logo com isso. — Ela me soltou e apertou os lábios, apertando-os para o lado.

— Não se preocupe, vai ser legal. Não há nada com que se preocupar.

16

ELLE

O Campus estava esquentando. O verão e a graduação estavam chegando, as finais respirando no meu pescoço. Eu não estava na lista dos diretores este semestre, mas meu GPA maluco não importaria se eu recebesse o Prêmio Huffington. Com um ano de folga para resolver as coisas, eu poderia trabalhar em uma posição em algum lugar com aquela pena de prestígio na tampa do meu currículo. O Prêmio Huffington não foi apenas um prêmio foi uma queda de microfone.

Todos saíram do prédio dos fundadores e entraram na quadra. Algumas aulas foram realizadas na grama. Havia outras pessoas deitadas em cobertores, estudando ou fingindo estudar enquanto apenas trabalhavam em seus bronzeados. Alguém montou uma rede de vôlei e bateu na bola. A sociedade de grelhar estava fora no primeiro sinal do clima de verão. Não havia um lugar melhor para comprar um hambúrguer de US $ 1, mas a fila era sempre insana.

— Você deveria ensinar. Você é tão bom.

— Diga isso à sua testa. — Jules olhou para a frente, de parka e calça de neve. Talvez não fosse uma patrulha de esqui completa, mas estava perto de um dia de maio. De short e camiseta, senti como se pertencesse a uma praia de nudismo ao lado dela.

Jules tinha o hábito enlouquecedor de sempre usar mangas e calça compridas, não importa o quê. Na praia? Um top cinza escuro com mangas compridas e calça preta. Cem graus lá fora? Camisa preta de mangas compridas e jeans escuros. Superfície do sol? Gola alta e calça de neve cinza escuro. Tudo o que ela usava era muito escuro e tinha muito tecido.

— Não é tão ruim. — Deslocando minha mochila no meu

outro ombro, esfreguei o galo quase inexistente na minha testa e andei um pouco mais rápido. Pelo menos as contusões da minha queda mudaram de verde e roxo com aparência sobrenatural para marrom. Meu nariz foi poupado quando não consegui executar o arco-íris e beijei o chão com força, tão pequenos milagres. Lá se foi meu futuro dançando pole.

— Parece que você estava tentando fazer crescer um chifre de unicórnio na sua testa.

— Ainda parece assim, hein? — Eu cutuquei no local.

Ela inclinou a cabeça. — Não, agora parece que você estava saindo com um cara com uma ideia seriamente estranha sobre zonas erógenas. Falando nisso... — Ela se aproximou de mim. — Como está o Garoto de Ouro?

— Não tenho ideia.

— Nenhuma? Então, os beijos na varanda e as ligações noturnas, não são nada?

— Estamos saindo. — Dei de ombros e andei mais rápido.

— E brincando de beijar. — Ela franziu os lábios e fez sons estalados.

— Nós não estamos saindo assim. Nós somos amigos.

— Eu deveria estar esperando minha própria sessão de amizade? — Ela bateu os cílios para mim.

— Ele... — Corri meus dedos pelos meus cabelos. — É complicado. Sempre que eu estava perto dele, era como se as duas células cerebrais de sono que me restam estivessem em curto.

— Complicado por quantas calcinhas você está molhando sempre que está perto dele. Eu vi o seu cesto de roupa suja, muito alto. — A risada dela atravessou a quadra. Algumas pessoas se viraram e ela abaixou a cabeça.

— Isso aconteceu porque nossa máquina de lavar está quebrada nas últimas três semanas.

— Desculpas, desculpas. — Ela sorriu e me dispensou. — Eu

tenho aula em cinco. Vejo você em casa?

— Mais tarde. Eu tenho outra extensão no meu papel, então tenho que terminar ou estou ferrada.

Ela passou um dedo sobre o outro, andando para trás. — Vá lá e garanta que você não esteja sonhando acordada com o Sr. Abdomen-Definido

Eu balancei minha cabeça e a vi sair. Eu finalizei minha inscrição no Prêmio Huffington e a entreguei. Agora, eu só precisava ter certeza de me formar. Bata nos livros, aperte o cinto e estude minha bunda.

Mantendo a cabeça baixa, passei as mãos pelos cabelos. Um segundo eu estava voltando para a biblioteca, onde eu estava estudando e definitivamente não estava me escondendo na semana passada, e no seguinte eu me deparei com uma parede. Bem, não um muro de verdade, mas um humano que poderia muito bem ter sido um muro.

Mãos dispararam e agarraram meus braços, me impedindo de adicionar outro machucado ao meu corpo. Eu teria conhecido esse aperto em qualquer lugar. Seus músculos flexionaram quando ele levou todo o meu peso corporal até que eu coloquei meus pés debaixo de mim. Eu mantive meu olhar treinado em seu peito. Esse era um lugar muito mais seguro para olhar.

— Com um sucesso como esse, você deve experimentar a equipe. — Havia uma leveza tensa em sua voz, como se ele estivesse colocando muito trabalho nisso.

— Desculpe, eu não vi você. — Eu olhei para cima, e todas as razões pelas quais ele me aterrorizou vieram correndo, desde o formigamento da minha pele até o jeito que eu queria afundar em seus olhos.

— Quando você tenta passar direto por mim, espero que seja por isso. — Ele apertou a parte de trás do meu pescoço. — Vi seu cabelo e chamei seu nome.

Abri minha boca e a fechei com força. Ficamos lá como dois atores personificando o constrangimento.

— Ouça.

— Deixe…

Começamos ao mesmo tempo e rimos.

— Você vai primeiro. — Ele levantou a mão para mim.

— Não, você vai em frente. — Fiz um sinal para ele começar.

— Você está voltando para casa?

— Sim.

— Posso andar com você?

— Se você quiser. — Dei de ombros, sentindo como se tivesse deslizado uma nota pela minha mesa com “Você gosta de mim? Marque sim ou não “. A dança vibrante no meu estômago tornou difícil me concentrar em colocar um pé na frente do outro.

— Eu quero.

A dança feliz dentro de mim estava completa com confetes, bolos e canhões.

Ele deu um passo para o meu lado e descansou a mão nas minhas costas para nos guiar pela massa de estudantes que cruzavam o campus.

As pessoas chamavam o nome dele, davam-lhe um high-five e tentavam fazê-lo parar, mas mesmo com todas as distrações, nunca havia uma dúvida de que sua atenção estava focada em mim. As pessoas o puxavam para tirar fotos como se ele não atravessasse o campus todos os dias, mas seu olhar sempre encontrava o meu. Eu não me importei com as interrupções quando ele sorriu para mim por cima das cabeças das pessoas que estavam ao seu redor para tirar selfies.

— Isso não é chato? — Eu olhei para ele.

O canto da boca dele se levantou. — Eu nasci com isso. A carreira do meu pai significava que sempre que estávamos em público, especialmente na cidade, isso era tudo que eu conhecia. Acho que não tivemos uma refeição fora de nossa casa ou no restaurante dos meus avós que não foi interrompida pelo menos

uma vez. — Ele encolheu os ombros. — Acho que sempre me pareceu normal.

— Os fãs têm sorte de ter você. Com todas aquelas pessoas em volta de mim, eu arrancaria a cabeça de alguém no terceiro dia.

Ele riu. — Esta é uma reação da multidão vencedora, mas também vi o outro lado. Faça uma interceptação e veja o que as pessoas gritam nas ruas.

— Garantias e desejos esperançosos para o futuro? — Eu ofereci.

— Algo parecido. — Ele sorriu para mim e parecia que eu estava olhando para baixo da crista de uma montanha-russa. Excitação e nervosismo borbulhavam dentro de mim.

— Seu pai está animado para você seguir os passos dele?

— Mais do que incapaz de me conter por finalmente me deixar profissional. Ele planeja isso desde os dez anos. — Sua voz tinha um vazio que não veio com a realização de um sonho que 99,99% das pessoas não conseguiam sequer imaginar tocar, uma tristeza que não correspondia às suas palavras.

Estendi a mão, hesitando e mordendo meu lábio antes de pegar sua mão. Ele apertou e olhou para mim com um nível de incerteza e vulnerabilidade que eu nunca tinha visto antes. Ele estava me deixando entrar, me deixando ver um lado dele que eu não achava que muitas pessoas pudessem ver, e eu estava lá para ele. Eu queria estar lá para ele e nunca deixar ele ir, um pensamento que me abalou profundamente.

17

NIX

Ela deslizou a mão dela na minha. — Por que você não parece

tão animado com isso como a maioria das pessoas imaginaria? — Suas palavras foram tão cuidadosas quanto sair na ponta dos pés no meio da noite.

Eu olhei para ela, e levou tudo em mim para não levantá-la em meus braços e beijá-la.

Ficamos no final da nossa rua.

— Você quer dar uma volta ou algo assim? Tomar um ar? — Ela não soltou minha mão e eu não queria que o que estávamos fazendo agora terminasse.

— Claro, vamos.

Puxei para o tráfego leve no meio da tarde e segui as instruções de Elle, tentando descobrir em que abrigo, cozinha de sopa, projeto de construção ou outra atividade voluntária para a qual ela estava me levando. Em vez disso, paramos no estacionamento sob um prédio de pedra e mármore que eu não via há anos.

Subimos no elevador, e o cheiro me lembrou almoços embalados, acompanhantes dos pais e emoção do ônibus escolar. Ela me puxou para frente e colocou nossas pulseiras sob a maquete da constelação no Franklin Institute.

— Provavelmente já se passaram quinze anos desde que eu vim aqui. — Eu olhei em torno do grampo do ensino fundamental e do ensino médio e senti como se fosse uma criança novamente. O Franklin Institute era um dos pilares da Philly. Exposições se moviam para dentro e para fora, mas a réplica de um coração, a bicicleta do horizonte e a sala de eletricidade existiam para sempre.

Ela olhou para a estátua gigante de Ben Franklin. Seu cabelo rosa desbotado caiu em ondas suaves em volta dos ombros. Estava mais longo do que quando nos conhecemos.

Havia um puxão no meu peito para me esclarecer com ela sobre o projeto com Rick, sobre a história que sairia, e então ela olhou para mim e me puxou para a sala de eletricidade, onde arcos gigantescos fluíam através dos tubos de cátodo e

adolescentes do ensino médio corriam ao nosso redor.

Ela se virou, olhou para mim e agarrou minha mão, passando os dedos pelos meus, e aquele puxão no meu peito se tornou um aperto gravitacional que eu não podia escapar e não queria. Eu faria o que mais meu pai quisesse antes do draft, mas diria a ele para matar essa história e deixá-la morta.

— Ainda é o mesmo. Sou membro de um prêmio de voluntariado da cidade que recebi no ano passado. Às vezes eu gosto de vir aqui para clarear minha cabeça.

Um grupo de crianças vestindo camisetas iguais passou por nós de mãos dadas com seus professores.

— Eles ainda têm um coração gigante?

— Claro, embora seja um ajuste apertado.

Esperamos uma pausa e subimos no coração. — Você não estava brincando. Tenho noventa por cento de certeza de que eles vão precisar das mandíbulas da vida para me tirar daqui. — Virei de lado e me agachei para atravessar o ventrículo esquerdo. — Eles deveriam ter um limite de altura nessa coisa.

Ela riu atrás de mim. O som melódico ricocheteou nos confins das paredes azuis e vermelhas.

Depois, pegamos um pretzel macio, bem, quatro para mim e um para ela no carrinho de comida e nos sentamos, olhando para a lenta rotação dos planetas acima.

— Eu tenho problemas de confiança. — Elle soltou quando eu enfiei um pedaço de pretzel carregado de mostarda na minha boca. Coloquei meu punho na boca quando uma tosse invadiu meu corpo, a queimação picante fazendo meus olhos lacrimejarem.

Ela empurrou guardanapos no meu rosto e deu um tapinha nas minhas costas. — Desculpe deixar escapar isso assim. — Ela olhou para mim, se certificando de que não tinha me enviado para uma sepultura precoce induzida por massa e condimento.

— Eu estou bem. — Tomei um gole de refrigerante. Limpando

a garganta, fiz sinal para ela ir em frente.

— Essa provavelmente não foi a melhor maneira de iniciar uma conversa, deixando escapar isso e fazendo você quase engasgar até a morte. — Ela deu um meio sorriso, bufou e arranhou a lateral do dedo.

— Você pode me dizer o que precisar. — Coloquei minha mão em sua perna e passei o polegar sobre o joelho.

Os cantos de sua boca se ergueram ainda mais, mas ela não olhou para mim. Me recostei, dando-lhe algum espaço e puxando minha mão de volta.

— Problemas de confiança, certo. — Ela respirou fundo e olhou para as crianças entrando e saindo das exposições. — Havia um cara com quem eu namorava na escola. Nós éramos a realeza do ensino médio. Eu era uma líder de torcida. Ele era... ele era um jogador de futebol. Quarterback. — Os lábios dela se apertaram. — E ele me traiu.

— Eu sinto muito.

Ela balançou a cabeça. — Não é sua culpa, mas é definitivamente uma bagagem que eu deveria ter deixado para trás. Eu fui visitá-lo na faculdade. Ele estava um ano na minha frente e eu o encontrei com outra pessoa, minha melhor amiga. Ela deveria estar lá em cima, visitando seu novo namorado. Acabou que seu novo namorado era meu namorado atual. Foi terrivelmente humilhante. Uma vez que as pessoas da minha escola descobriram, eram todos risadas e cochichos nas minhas costas, pessoas que eu pensava serem minhas amigas... Então, quando comecei a faculdade, decidi que não queria o superficial. Somente pessoas boas e genuínas precisam se inscrever.

— Foi quando você começou o trabalho voluntário.

Um pequeno bufo. — Exatamente. Muito egoísta, hein? — Os lábios dela se apertaram. — No segundo ano, eu estava pronta para voltar às coisas, namorar novamente. Eu encontrei um cara, grande nos mesmos grupos em que eu estava. Ele estava envolvido em vários projetos e fazendo muito bem. Achei que

finalmente tinha encontrado uma boa pessoa. Ele fez uma viagem de verão à América do Sul, como voluntário em um orfanato. Havia uma garota que estava em todas as fotos que ele postou, mas ele jurou que eu não tinha nada com que me preocupar. Eu apareci cedo no apartamento que deveríamos compartilhar e o encontrei na cama com ela.

Eu estremeci.

— As coisas eram ruins de uma maneira diferente naquela época. Ele era um cara tão legal, ou todo mundo ficava me dizendo, então o que exatamente eu fiz para fazê-lo fazer isso?

— Não foi sua culpa. — Eu cerrei meu punho, a segundos de caçar esse cara e chutar sua bunda por fazê-la se sentir como se fosse má quando ele era o único que não conseguia manter o pau na calça.

— Eu sabia disso, mas com certeza parecia que todo mundo não sabia, e ficou na minha cabeça que mostraria a ele e a todos os outros novamente. Eu ganharia o Prêmio Huffington e as pessoas veriam que eu sou uma boa pessoa. Além do mais, é importante que eu prove que posso fazer isso.

— Você definitivamente tem passado horas.

— Você não tem ideia. — Ela riu. — Mas essas feridas ainda estão lá. Então, quando você apareceu...

Eu queria encontrar os caras que a machucaram e destruí-los. Fora do campo, eu não era alguém que tinha que provar o quão duro era lutando, mas eles a machucaram. Eles a destruíram e tornaram difícil para ela confiar em si mesma, quanto mais em alguém. Eu queria bater com o punho na garganta deles. — Eu sou um lembrete ambulante de duas pessoas que machucaram você.

Ela olhou para mim. — Eu não deveria ter atirado tudo em cima de você.

Sua armadura fazia muito mais sentido, assim como sua intensa aversão por mim à primeira vista. Quando as feridas estão abertas, você costuma atacar se alguém as cutucar, mesmo

que elas não saibam que estão fazendo isso. — Entendi.

— Isso não significa que esteja certa, mas tenho uma aversão severa aos mentirosos, mesmo quando se trata de coisas que parecem pequenas. — Um músculo em sua bochecha apertou. — Mesmo que isso não pareça grande coisa, não posso ter pessoas na minha vida que mentem para mim.

— Eu entendo isso, e nunca vou fazer isso. — As palavras estavam saindo antes que eu pudesse detê-las, antes que eu pudesse dizer o que acabei de resolver para nunca dizer.

Ela assentiu, mas seria preciso mais do que minhas palavras para fazê-la acreditar.

— Sua vez. — Ela levantou o queixo com o olhar fixo em mim.

— Este é uma situação de você me mostra o seu, eu te mostrar o meu?

— Algo parecido. — Os cantos dos olhos dela vincaram com um pequeno sorriso. — Não me deixe balançando aqui sozinha.

Um aperto no meu peito que estava lá por um longo tempo espremeu o ar dos meus pulmões. Me preparando, soltei um suspiro trêmulo. — Eu nunca quis jogar futebol. — Pelo canto do olho, eu a vi endireitar e virar para mim. Essas foram palavras que eu nunca disse a outra pessoa. — Quando eu era pequeno, eu nunca brincava com meu pai no quintal ou algo assim. Ele nunca estava. A cozinha era onde eu me sentia mais confortável, mas meu pai jogava futebol, então eu meio que entrei por osmose.

— Quando eu era jovem, ir aos vestiários e praticar era tão natural quanto sentar nos balcões do Tavola, o restaurante do meu avô. Papai não teve tempo de me empurrar quando ele estava jogando. Viagens e práticas ocupavam muito do seu tempo, e então um dia foi como um estalo. Mesmo antes de se aposentar, ele estava lá me pressionando para ser um jogador de futebol.

— Eu estava feliz por tê-lo por perto, então fiquei legal em fazer o que fosse necessário para manter sua atenção. Eu falei sobre talvez não jogar no ensino médio, e ele parou de falar comigo por uma semana. E foi aquilo. Eu nunca trouxe isso à

tona novamente. Depois de cada treino, ele me executava ainda mais vezes. Todos os jogos, vitórias ou derrotas, precisavam de um resumo completo, ele até gravou todos os meus jogos para que pudéssemos passar por meus erros quadro a quadro, e agora... eu pensei que se eu vencesse o campeonato nacional, ele finalmente me diria que estava orgulhoso de mim. — Balançando a cabeça, descansei os braços nas pernas. — Quão estúpido eu sou? Fazendo tudo isso para a aprovação do papai. — Eu olhei para ela.

Ela balançou a cabeça e estendeu a mão, pegando a minha. — Não é estúpido. Você confiou em alguém em quem deveria confiar com sua fé absoluta. — Ela parou por um momento. — Você não quer ser profissional?

— Acho que não tenho escolha. — Eu olhei para ela.

— Você sempre tem uma escolha.

— É tudo que eu já conheci.

Os movimentos lentos do seu polegar no meu braço pararam, uma pergunta em seus olhos.

— É o que você quer?

— Às vezes eu fecho meus olhos e tento ver algo além disso.

— O que você vê quando pensa em seu futuro?

— A dor e como meu corpo vai me trair. Estará comigo para sempre. Mesmo com a melhor fisioterapia que o dinheiro pode comprar, tenho lesões que só pioram à medida que envelheço. Meu pai está quebrado. Ele esconde bem, mas eu vi como isso o destruiu. Eu gostaria de ter uma vida onde não tenho medo de envelhecer, porque estou destruindo meu corpo no campo por ainda mais dinheiro. Eu me vejo assumindo o restaurante do meu avô, seguindo os passos dele.

— É difícil saber o que a vida nos reserva. — Seus movimentos lentos começaram novamente, fazendo cócegas nos cabelos do meu braço. O jeito que ela me tirou a roupa sem nem tentar, me fazendo falar sobre coisas que eu não tinha dito em voz alta, apertou minha garganta. Ela lambeu os lábios. — Não faça o

que você pensa que outras pessoas esperam que você faça, se não é o que você quer.

— O que você quer?

Ela lambeu os lábios e seu olhar caiu para as minhas mãos. — Encontrar algo que eu amo tanto que nunca poderia me afastar... encontrar algo que me faça feliz.

Você me faz feliz. Eu sufoquei essas palavras. — Obrigado por ser alguém com quem posso falar.

— É para isso que servem os amigos, certo?

— É isso que somos? — Meu olhar colidiu com o dela. A cintilação que me iluminou como uma casa na véspera de Natal pulsou entre nós.

Os lábios dela se separaram. Rosa. Cheios. Macios. — Sim. — Não me pareceu convincente.

Puxei minha cadeira para mais perto, o metal azul raspando o chão entre nós. — Isso é tudo o que somos?

Ela lambeu os lábios e seu olhar caiu para o meu. Seu pulso disparou contra as costas da minha mão.

Colocando minha mão em cima da dela, fiz um sanduíche Nix- Elle, entrelaçando meus dedos nos dela.

— O que mais nós seríamos? — As palavras eram tão baixas que eu mal podia ouvi-las.

— Eu sou louco por você, B and E, e você não é como ninguém que eu já conheci antes. — *Não posso dizer que quero que você seja minha namorada, porque você provavelmente se transformará em The Flash, saindo daqui com um raio de fogo atrás de você.*

Ela apertou minha mão. — Eu posso dizer exatamente a mesma coisa. — O sorriso dela não foi contido e hesitante como costumava ser. Era largo e brilhante, e eu precisava prová-la novamente.

Puxando-a para frente até que ela estivesse quase no meu colo, ataquei seus lábios com uma fome reprimida que estava

queimando em mim desde aquele primeiro beijo. Ela estava com tanta fome, dando tão bem quanto conseguiu.

Um pigarro alto nos separou. Com os lábios corados que combinavam com seus cabelos, Elle olhou para mim de olhos arregalados. Nós dois viramos a cabeça, estremecendo com a professora e sua tropa atrás dela. Ela bateu o pé e corremos, nossas risadas saltando pelas paredes do elevador quando as portas se fecharam atrás de nós.

— Eu não saio por aí beijando todo mundo, você sabe. — Eu me encostei na parede.

— Você quer dizer que sou especial? — Elle colocou os dedos contra o peito, fazendo sua melhor representação de debutante do sul.

— Você não tem ideia.

18

NIX

EU fui convocado novamente só que desta vez não era para a nossa casa, mas para o estádio. O relógio estava correndo e papai não estava mais divertido com o tempo que eu adiei essa decisão. A formatura estava a menos de um mês.

A segurança me deixou entrar com pouco mais que um aceno. Eu atravessei o estádio e entrei no vestiário. Não cheirava nada como o nosso vestiário do campus. Não havia nada além do cheiro persistente de gelo quente no ar, mas tinha mais cheiro de carro novo. Linhas de vácuo simétricas atravessavam o tapete verde e prateado. Cada armário tinha três vezes o tamanho dos que tínhamos na FU.

Vir aqui desta vez foi diferente. Não era o antigo vestiário do meu pai; era um que poderia ser meu... mas isso não enviou emoções de antecipação através de mim. Tão bom quanto era com TVs de tela plana, bancos acolchoados e armários de madeira maciça, este não era o lugar para mim.

— Você está aqui. — Meu pai saiu de uma das portas laterais. O leve manco em seu passo não era nada comparado ao grande bloco de gelo enfaixado em seu braço.

— Papai.

O fato de eu me encontrar com ele aqui estava violando todo tipo de regras de recrutamento, mas ele era o grande Phillip Russo que não se importava com o que alguém dizia, nem mesmo o comissário.

— Joguei algumas bolas lá fora, não foi tão fácil como costumava ser. — Ele voltou pela porta pela qual entrara.

Imaginei que isso significava que eu deveria segui-lo.

Ele mergulhou em um redemoinho de água em turbilhão. O

cheiro forte das pomadas musculares tópicas cobria a sala. Era como o meu quarto em casa depois de cada jogo e treino. Alguns fisioterapeutas, especialistas em condicionamento e outras equipes entraram na sala, e alguns caras da equipe apareceram. O jogo não era até aquela noite, mas quando você precisava resolver esses problemas em cem por cento, você aparece cedo.

— Tudo isso está esperando por você, filho. — Papai estendeu um braço por todo o caminho. O outro se moveu o mais longe que pôde com a restrição de bandagem e compressas de gelo no braço. Para ele, isso era sobre a glória do campo. Ele tinha um sorriso no rosto como se estivesse me dando as chaves do castelo. Por tanto tempo, isso era exatamente o que eu queria: suar ao lado do meu velho enquanto ele me fazia treinar no campo, sorrindo como um idiota enquanto me treinava e se tornava um elemento importante na minha vida. Depois de muito tempo sem um pingo de atenção dele, eu me envolvi, aproveitei e nunca fui mais feliz, mas depois que todos os sentimentos quentes e brilhantes desapareceram, tudo o que restava era seu escrutínio e decepção interminável. Nada era bom o suficiente.

Mas aqui, em uma sala encharcada de gelo quente e analgésicos, tudo o que vi eram caras se segurando por mais um minuto no campo. Joelheiras. Cicatrizes longas e profundas das cirurgias. O padrão da pistola de pregos nos ombros e pinos sendo inseridos em joelhos. Eles deram tudo de si através do sangue, suor e dor. Minha cirurgia empalideceu em comparação com o que eles passaram para ficar em campo.

— Um anel como este está no seu futuro.

Ele apoiou o cotovelo na beira da banheira e levantou o punho. O volumoso anel incrustado de ouro e diamante não me fez querer correr para a academia e me preparar para a próxima temporada.

Para terminar nosso tempo de alta contravenção no estádio, papai me levou ao médico da equipe. Um dos homens da linha saiu, levantando e largando o ombro coberto por uma manta de gelo e bandagem. Dor simpática palpitava no meu.

Eu mantive minha cabeça erguida. — Eu queria falar com você sobre o projeto de voluntariado.

— A história está pronta para ir.

— Eu preciso que você mate.

— Isso é ouro para o PR, por que eu mataria?

Claro que ele não faria isso apenas porque eu perguntei.

— Existem algumas outras coisas em que estou trabalhando que serão mais adequadas, mais focadas no esporte. — Eu descobriria um projeto mais tarde, mas não queria que Elle descobrisse isso. Desde que deixamos o Franklin, a culpa vinha me afetando muito. Pensar em foder as coisas com ela enviou uma onda de pânico no meu peito como nada mais. Lentamente, eu a estava conquistando e não queria apagar tudo isso.

— Que tipo de coisas? — Ele se inclinou sobre a borda da banheira de imersão.

— Phillip. — Um homem mais velho, com cabelos grisalhos, deu um tapinha nas costas de papai.

— Frank. — Ele apertou a mão do homem.

— Seu pai disse que você estava reclamando do seu ombro. Vamos conversar. — Frank colocou a mão no meu ombro e me levou ao seu escritório. Papai seguiu atrás. O médico vestiu um jaleco branco por cima da camiseta do time e colocou um estetoscópio no pescoço, depois colocou o banquinho mais perto de mim. Meu pai colocou um pé na frente do outro e encostou-se na parede. Tanta coisa para confidencialidade médico-paciente.

— Sim, eu ajustei algumas vezes nesta temporada. Tomei alguns hits.

— Sem problemas. Não se preocupe com isso. Posso preparar alguns relaxantes musculares e analgésicos antes dos jogos e dos treinos e você não sentirá nada.

Não sentir dor não significava que eu não estava causando danos... — Isso não vai piorar as coisas?

— Sou médico da equipe há tempo suficiente para saber que

se você não joga, não é pago. Dou aos meus pacientes o que eles precisam.

— Mas e quanto ao dano que causa?

— Esse dano dói muito menos quando o salário chega. Acredite em mim. — Ele me deu um tapinha no ombro e riu como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Papai me acompanhou até o meu carro. O engate sólido em sua marcha só ficou mais pronunciado a cada ano que passava. — Nada para se preocupar. Os documentos mantêm você saudável o suficiente para jogar, mesmo que você esteja sofrendo. Jogue com a dor e desfrute de toda a glória. — Ele olhou para o estádio como se fossem os portões do céu.

— O médico da nossa equipe me disse que provavelmente precisarei resolver isso.

Uma rajada curta e alta de ar saiu do nariz do meu pai. — O médico da sua equipe estava tentando mantê-lo com medo de se exibir demais nesta temporada. Eles não têm mais nada quando você se for, e se você está quebrando recordes, isso não lhes dá espaço para crescer.

Havia uma chance de zero por cento disso ser verdade. Além disso, a equipe ainda tinha LJ, Berk e Keyton, caras que estavam prontos para serem fortes seleções, mas discutir com papai quando ele estava assim era uma passagem só de ida para Lecture-Ville. — Danos permanentes não é o que eu quero, pai.

— Faço isso há mais tempo do que você está vivo, filho, e sei o que é preciso para fazer isso neste negócio. Agora, para garantir que você esteja no caminho certo com a publicidade antes do draft, tenho algumas coisas em andamento.

— Sobre isso, por que não esperamos? Talvez faça isso mais perto do grande dia? — Eu ainda não tinha dito a Elle. Um beijo dela não foi suficiente. Nunca seria. Ela finalmente estava me deixando chegar mais perto, e eu não tinha percebido o quanto queria isso. Se meu rosto estivesse espalhado por toda a Internet com o que havia acontecido nas férias de primavera, ela

arrancaria minhas bolas.

— Não se preocupe com isso. Eu tenho tudo resolvido.

— Então, a história não está saindo?

— Eu entreguei ao meu assistente, mas não se preocupe. Nós cuidaremos de tudo.

— Obrigado. — Eu balancei a cabeça e entrei no meu carro.



Chiados e estalos das panelas se misturavam com as ligações de todos atrás de suas estações do outro lado do restaurante. A agitação de uma cozinha era tão diferente da comoção de um vestiário ou academia, mas também mais do mesmo, pessoas trabalhando para criar algo que os outros pudessem desfrutar. Aqui, porém, estavam as pontas dos meus dedos em perigo, não todo o meu corpo pronto para ser jogado no chão.

— Se você cortar mais devagar, vamos colocar você de volta à louça. — Vovô bateu nas minhas costas e olhou por cima do meu ombro.

— Desculpe, Chef. Estou um pouco enferrujado. — Voltei ao trabalho, tentando e falhando em manter minha mente sem cortar nenhum dedo. Enfiando o polegar na boca, me afastei da estação.

— Perdeu seu toque, hein? — Ele jogou todo meu lixo no lixo e alguém mais desinfetou minha estação.

— Estou um pouco fora disso.

— Não brinca. Pegue um prato e saia daqui, *um prato*. Por favor, deixe um pouco de comida para os clientes.

— Na verdade, você se importa se eu levar um para um amigo?

A faca do vovô bateu na bancada de aço inoxidável. — O garoto que atacaria alguém que se aproximasse do prato está voluntariamente dando comida? Ou isso é apenas uma manobra para que eu lhe dê mais? — Ele arqueou uma sobrancelha e me deu o olhar severo que sempre me fazia falar enquanto crescia. Ele era um homem velho e espinhoso, mas foi isso que o fez vovô.

Ele dirigia a cozinha como um navio apertado, às vezes se esforçando mais do que o treinador já fazia no campo, mas aqui, nunca parecia trabalho.

— É sério.

— Nesse caso, é melhor trazê-la aqui quando tiver uma chance. Eu gostaria de conhecer a garota que levou Phoenix Russo a se separar de um pouco de comida.

Eu abaixei minha cabeça quando ele carregou o recipiente com frango em molho cremoso e legumes grelhados, em seguida, empilhou uma caixa menor com uma sobremesa em cima.

— Obrigado, vovô.

Os pesos de chumbo que eu carregava no fundo do estômago desde que saíra do estádio foram levantados com um pouco de comida chocante e uma companhia ainda melhor no restaurante, e esse clima melhorou quando eu corri pela rua para Elle com uma pontada de excitação por ela finalmente ver um lugar que significava muito para mim. Vovô a amaria, e ela adoraria Tavola. Eu a apresentaria a todos e talvez a levasse em uma excursão prolongada pelo passeio.

Ela ficou quieta o dia todo, nem uma única ligação ou mensagem de texto, o que estava fora de sintonia com a nossa nova norma após o beijo. Sua agenda era mais cheia do que a minha, mas mesmo quando suas respostas chegavam às duas da manhã, ela sempre voltava para mim. Eu sempre me certificava de que havia um lugar aberto em frente à casa dela, às vezes correndo lá fora para convencer quem quer que fosse a mudar o carro. Eu não a queria entrando em seu lugar tão tarde a alguns quarteirões de distância.

E eu poderia ter passado por uma verificação na minha janela para ter certeza de que ela chegaria em casa a salvo. A última coisa que ela precisava era eu a mantendo acordada a noite toda, então eu dei a ela as horas que ela precisava, enquanto esperava meu tempo pelos dias, semanas e meses à frente e muito mais. Aquele pequeno aceno que ela me daria da varanda, mesmo quando estava de pé, parecia melhor do que qualquer coisa há

muito tempo.

Bati na porta e enfiei as mãos suadas nos bolsos, ansioso para puxá-la em meus braços e beijar o rosto que eu só via do outro lado da rua nas últimas setenta e duas horas.

— Você é um mentiroso. — Ela acenou com um papel na minha frente.

Afastei minha cabeça e olhei para as páginas amassadas na mão dela. Meu estômago caiu. Minha foto foi colada em todos os folhetos para uma nova sessão de construção que eles estavam executando.

— Rick me pediu para ajudar em uma última sessão neste semestre, pois houve muito interesse depois que você se envolveu. Ele me contou tudo sobre o fotógrafo que apareceu depois do último dia e a pequena entrevista que você fez.

Merda. Eu deveria ter dito a ela, e agora era tarde demais.

— Eu posso explicar.

— Explicar o quê? Como você estava lá apenas para uma sessão de reabilitação de merda?

Ding ding ding. Prego na cabeça em pânico.

A raiva irradiava dela e ela soltou as páginas da mão. O papel caiu no chão.

— Sim. — Esfreguei minhas mãos pelos lados do meu rosto. — Mas não foi assim. O negócio de relações públicas foi ideia do meu pai. Eu estava tentando encontrar o momento certo para lhe contar.

— Todos os seus grandes discursos sobre estar lá só para ajudar e pular em todo o meu caso por julgá-lo mal e você e eu estávamos certos o tempo todo. Você só se importava com sua carreira no futebol.

— Não, você não estava certa sobre muito mais do que por que eu estava lá.

Houve um lampejo em seu olhar enquanto ela punha as mãos nos lados do corpo. — Você é um mentiroso. Eu lhe perguntei por

que você estava lá mais de uma vez e você mentiu na minha cara.

Suas palavras batem como um chute no peito. — Talvez eu tenha, mas o que importa porque eu estava lá? Você quer saber por que eu não contei que haveria uma matéria escrita sobre isso?

— Porque você é um idiota mentiroso que só quer fazer coisas que fazem você parecer bem?

— Eu sabia que você reagiria assim, sabia que iria surtar e explodir essa coisa toda fora de proporção. Tivemos um ótimo tempo juntos. Estamos nos divertindo. — Eu me aproximei, odiando a raiva queimando em seus olhos.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Você mesmo disse: Rick recebeu mais interessados pelos projetos, e a história ainda nem foi publicada. Isso não é uma coisa boa?

— Não mude de assunto. É sobre você ir pelas minhas costas porque estava errado. É sobre você fazer isso pelas razões erradas.

— E o que isso importa? Se o trabalho é realizado e as pessoas são ajudadas, o que importa porque as pessoas estão lá? E você? Por que você está fazendo tudo isso? Por que você estava lá? Para ganhar um prêmio? Voltar para algum antigo namorado? Para acertar uma pontuação e provar às pessoas que você é uma boa pessoa?

— Isso não é sobre mim. — Suas palavras foram como um tiro de uma pistola de pregos.

— É sobre você. Se eu lhe dissesse por que estava lá, o que você teria feito?

— Diria para você sair.

— Exatamente, e o bem que será feito pelo próximo grupo não estaria lá. São mais cinco famílias que conseguirão uma casa que de outra forma não teriam.

— Não importa.

— Bem, deveria. Você me chama de mentiroso, mas está mentindo para si mesma. Você sabe quem eu sou. Você é uma das poucas pessoas que sabe. — A raiva e desconfiança em seus olhos estavam cortando direto no meu peito.

Ela cruzou os braços. — Saia.

— Se não houvesse o Prêmio Huffington, se não houvesse um único reconhecimento pelo que você faz, você teria parado há muito tempo. Você acha que eu sou totalmente egoísta e sendo visto, talvez seja porque você vê a mesma coisa em si mesma, só que não estou me martirizando por causa disso.

Ela cambaleou para trás como se eu tivesse batido nela, e eu sabia que aquelas farpas a haviam acertado no peito do jeito que eu as mirava, mas agora eu desejei ter dado alguns socos. A questão era que ela havia se decidido sobre mim há muito tempo, e todo o progresso que tínhamos feito seria apagado porque eu não era o tipo certo de pessoa que ela precisava para ajudar.

— Eu sou uma boa pessoa. Talvez eu deixe as festas de merda durarem muito tempo e não grite com as pessoas que apreciam o que eu faço e me elogiam por isso, mas não significa que você consiga elevar o prêmio de pessoa boa sobre sua cabeça e dizer a todos os outros para se foderem. — Eu saí da varanda dela e voltei para a rua.

Eu poderia jurar que houve uma pronuncia baixa do meu nome, mas não estava com vontade de lidar com nenhum fã agora. Olhando pela janela do meu quarto, verifiquei a casa de Elle. Estava totalmente escura. A trégua acabou.

19

ELLE

— E então ele virou isso para mim como se *eu* fosse o problema, como se houvesse algo errado comigo por estar chateada com ele. Você acredita nisso?

Recuei na cadeira de Jules.

Ela olhou para mim com as mãos em volta do brilhante poste de latão no centro do quarto.

— Sim, eu acredito, e acreditei nas três vezes que você me contou. — Envolvendo as mãos ao redor do poste, ela se levantou perpendicular ao chão e girou lentamente.

— Não foram tantas vezes.

Ela levantou uma sobrancelha quando os dois pés pousaram de volta no chão.

— Você está certa, foram cinco. Esqueci as duas vezes no caminho para a aula ontem.

— Eu não estou errada aqui.

O olhar de Jules deslizou do meu.

— Você está falando sério?

— É uma merda que ele não tenha lhe contado que estavam fazendo uma grande história sobre a construção? Talvez, mas você teria perdido a cabeça se ele tivesse.

— Não, eu não teria.

Ela cruzou os braços e apertou os lábios.

— Ok, talvez eu tivesse perdido com ele. — Caí na cama dela e olhei para o teto.

— Talvez? Você o mataria de oito maneiras diferentes desde domingo. Você provavelmente teria tentado convencer Rick a nem deixá-lo ficar, e provavelmente furaria os pneus do carro dele.

— Você está exagerando.

— Você tem a polícia na discagem rápida. Você não pode culpá-lo por estar assustado para lhe contar qualquer coisa.

Jules tinha um painel preso no teto acima da cama. Recortes de fotos e destinos e seus pratos exclusivos se fundiram em uma colagem que era completa e totalmente ela, toda brilhante e ensolarada, com guloseimas para experimentar. — Ele me assusta, Jules. — A maneira como meu coração disparava toda vez que ele se aproximava. O jeito que eu não conseguia parar de pensar naquele beijo desde que seus lábios deixaram os meus. Do jeito que eu não podia confiar em nenhum desses sentimentos, porque eu era o número um supremo em levar meus dentes por amor.

— Por que ele te assusta? — Ela se deitou ao meu lado e virou a cabeça para olhar para o lado do meu rosto.

Eu me virei e encontrei seu olhar. — Porque eu gosto dele. — Eu olhei de volta para o teto.

— Por que isso é assustador? Ele te deu uma carona quando seu carro quebrou. Ele ajudou no Grace's. Ele parece legal.

— James e Mitchell também.

— Você não pode ignorar um cara por causa de um erro.

— E o que acontece quando ele parte meu coração e eu ainda o quero? O que então?

— *Se* ele partir seu coração.

— Gostaria de ter sua confiança. Se há uma coisa que meu histórico me diz, é que é apenas uma questão de tempo.

— Algumas escolhas erradas não são realmente um histórico.

— Eu escolhi um cara que estava o mais longe possível de James. Mitchell não era um espectador arrogante. Ele não era grande em sua aparência. Ele estava visitando orfanatos na América do Sul. E então eu o encontro na cama com outra garota... Foi como um remake de tiro por tiro do meu último ano do ensino médio, completo com a grande bandeja de biscoitos que

você fez para mim. Ainda estou chateada por ter deixado cair. Eu esperava que eles tivessem atraído ratos para o apartamento que eu planejava compartilhar com ele.

— Você compensou comendo aquele lote duplo que eu trouxe para o dia da mudança. — Ela me cutucou com o cotovelo.

— Depois de todo esse tempo, eu pensei que estava bem, pensei que tinha superado o que aconteceu no ensino médio, mas fazer com que isso acontecesse duas vezes, olhando para trás... esse é o universo me dizendo algo. Me dizendo que eu não sou alguém com quem alguém queira ser fiel. — Resisti ao desejo de me enrolar em uma bola. Ver Mitchell vagando pelo campus como se fosse um santo me fez querer vomitar. Pelo menos eu chutaria sua bunda quando se tratava do Prêmio Huffington.

— Não é. — Ela segurou minha mão. — Você sabe por que eu fiz isso? — Ela apontou para a colagem no teto.

— Para manter uma lista contínua de todos os lugares incríveis que você deseja visitar?

— Isso faz parte, mas também para me lembrar que há muita de bondade por aí. Às vezes parece que tudo o que vemos é ruim. Essa é a lupa que seguramos em tudo, e às vezes esse vidro é tão concentrado que posso senti-lo queimando, aquecendo minha pele e me fazendo querer correr e me esconder. Então, eu deito na minha cama e uso isso para me lembrar. Nem sempre funciona, e alguns dias eu quero rasgá-lo, mas alguns dias isso me ajuda a sorrir.

Lágrimas brilhavam em seus olhos e ela inclinou a cabeça para olhar para mim. Apertei a mão dela e sorri.

— Agora que você sabe que tem sido uma merda, o que você vai fazer sobre isso?

— Nada.

Ela disparou. — O que você quer dizer com nada?

Dei de ombros. — Tenho certeza que ele não quer ouvir nada de mim. Tenho certeza de que ele tem um enxame inteiro de garotas por todo o lado enquanto conversamos e provavelmente se

esqueceu de tudo.

— Você está errada e é uma covarde. — Ela fez o olhar desaprovador de mãe.

— Por que você tem que ser tão madura e sábia?

Ela espanou seu ombro. — Eu sou um grande negócio.

Eu sorri para ela e o momento de intensa confiança que ela merecia. — Você é totalmente.

Ela bufou com desdém. — Tanto faz. Vamos. — Ela bateu na minha perna. — Vamos lá. Algum tempo no poste a ajudará a pensar. Levante-se. — Ela puxou meu braço. — Eu preciso que você me localize enquanto eu tento o Alegra, e você pode fazer o Rainbow.

— Não foi aquele em que eu bati minha testa no poste e tive uma contusão por uma semana?

— Vai ficar tudo bem. Você é melhor agora do que era antes. Você vai ficar bem.



Do lado de fora, na calçada batendo, eu olhei para a casa que só recentemente parei de rezar para ser derrubada em alguma erupção de buraco de pia. Dois dias e isso foi tudo o que tive. Jules estava errada. Nada veio a mim, além de deixar escapar minhas desculpas. Era uma pena que, quando finalmente consegui as bolas, houvesse uma festa em pleno andamento no Brothel.

A ligação frenética de Rick no início da tarde pedindo ajuda para lidar com o dilúvio de voluntários que queriam ajudar depois que a história de Nix foi publicada significava que eu deixaria de lado a pilha de trabalhos escolares que eu tinha e resolveria todas as perguntas corporativas junto com outras pessoas. Me perguntando se Nix ou o resto dos jogadores de futebol da FU estariam lá. Uma história de setecentas palavras com um jogador de futebol teria o grupo de Rick nadando em voluntários e patrocinadores corporativos pelos próximos seis a oito meses.

Li o artigo completo com fotos não apenas do fotógrafo, mas também tiradas por outros voluntários. Krista & Cia. estavam em um monte e eu estava, é claro, olhando carrancuda pelas costas. Não é exatamente um rosto acolhedor, mas cada palavra da história era sobre o excelente trabalho que o grupo havia feito e o quanto isso ajudou a comunidade.

A Make It Home estava se esforçando para conseguir todo o material para mais três grupos. Isso significava doze novas casas para pessoas que não as tinham atualmente. A publicidade havia feito algo que nenhum de nós era capaz de fazer antes. Eu não conseguia ficar brava por ele mentir para mim depois de ver o bem que estava fazendo e também não conseguia descobrir como tirar o pé da minha bunda. Estava tão no fundo que meus cadarços estavam fazendo cócegas nas amígdalas.

Algumas pessoas riram enquanto desciam a calçada e congelavam quando me viram no pé da escada do Brothel. Seus olhares saltaram de mim para a casa e de volta para mim.

Minha reputação me precedeu. Eu levantei minhas mãos.

— Eu não estou chamando a polícia.

As duas garotas e os três rapazes não pareciam nem um pouco convencidos.

— Veja, veja, eu vou entrar. Não estou aqui para acabar com isso. — Respirando fundo, subi os degraus, tentando sufocar os feijões saltando enlouquecidos no meu estômago.

Uma parede estrondosa de som me atingiu quando cheguei ao topo da escada.

Empurrei a porta totalmente aberta e a música tocou em meus ouvidos. O pop old school martelou dentro do meu crânio, e a esmagadora nuvem de cerveja e suor tomou conta de mim.

As meninas dançavam com os braços acima da cabeça, gritando as letras das músicas e bebendo cerveja por todo o lugar. Os caras dançavam atrás delas com copos de plástico vermelhos cheios até a boca.

Empurrando a multidão, procurei alguém que eu conhecesse.

Eu poderia não ter reconhecido ninguém, mas eles certamente me reconheceram. As expressões dos foliões estavam divididas entre medo e raiva.

Eu tentei evitar que meus lábios se apertassem com um toque de sorriso. Talvez se eles pensassem que eu estava me divertindo, eles não me içariam no ar e me lançariam de volta para fora. Eu procurei na casa inteira e não vi os caras que realmente moravam lá. Olhando pela cozinha, vi a porta dos fundos que dava para o quintal. Havia uma grande placa com o "*não* entre" rabiscado em grandes letras vermelhas.

Me esquivando de um barril, deslizei para fora literalmente deslizando sobre uma poça de cerveja e me preparando para a escada de madeira que levava à grama bem cortada.

De dentro da cozinha, alguém chamou atrás de mim. — Você não tem permissão para sair por aí.

Todas as cabeças das sete pessoas do lado de fora se viraram para mim. — Você não pode... — Marisa falou, mas ela se interrompeu quando me viu. No quintal escuro, todos os olhos estavam em mim, depois estavam em Nix e de volta para mim.

Fechei a porta atrás de mim e desci as escadas de madeira, sem um rangido ou gemido. Eles eram sólidos, não como a madeira tronca de nossa casa do outro lado da rua. Eu me concentrei nisso e não nos catorze olhos rastreando todos os meus movimentos.

Atravessando a grama, parei atrás do anel de cadeiras escondido de toda a loucura lá dentro.

Dobrei minhas mãos na minha frente. — Nix, posso falar com você?

Os músculos de suas bochechas se contraíram. — Gente, vocês podem nos dar um minuto? — Ele olhou para mim, calmo e desapegado. Eu nunca o tinha visto me olhar assim, e isso revirou meu estômago.

Todos se levantaram, exceto Berk. Ele estava sentado na beira da cadeira de gramado com um Twizzler entre os dentes. Nix lhe

lançou um olhar de desaprovação e LJ agarrou seu braço, o arrastando em direção à casa com todo mundo.

A porta dos fundos se fechou e eu balancei de um pé para o outro.

Nix estendeu a mão, me oferecendo o chão. — Você queria conversar, então fale.

Engoli em seco, tentando ganhar tempo. Meu plano não se estendeu exatamente além de encontrá-lo na casa em plena festa.

— Tudo o que você disse... você está certo. — Coloquei meus braços em volta da minha cintura. — Mas realmente me machucou que, depois de tudo o que eu disse, você não jogou limpo. Talvez eu fosse uma idiota se você me dissesse naquele primeiro dia, mas depois do Instituto Franklin? Isso machuca.

Ele se inclinou para frente, apontou para o assento vazio em frente a ele e apoiou os antebraços nos joelhos, as mãos entrelaçadas.

Me sentei no banco, empoleirada na beira, pronta para fazer uma fuga rápida.

Ele olhou para a grama entre nós e soltou um suspiro profundo. — Eu não deveria ter mentido para você. Eu sei que não foi legal, mas finalmente estávamos começando a não nos odiar e não queria estragar tudo. Meu pai está nesse pontapé para garantir que minha imagem seja perfeita para o draft. Eu disse a ele para não publicar essa história, mas ele nunca me ouviu. Não sei por que eu esperava que ele fizesse. — Ele olhou para mim com decepção pesada em seus olhos.

Meus dedos se apertaram em torno da frente da cadeira.

— Você não queria que ele usasse a história?

Ele balançou a cabeça com um barulho de nojo. — Não, mas isso não significa que eu não poderia ter te contado, não significa que não deveria ter contado, especialmente depois das coisas que você me contou sobre o que passou. Mentir para você... — Ele fez um grunhido de frustração. — Eu sei tudo sobre o que dói e não queria que você pensasse que estava usando você ou o trabalho

que fizemos na Make It Home. Acabei de fazer você ver que eu não era um idiota.

— Sinto muito, você sentiu que tinha que esconder isso de mim e estava totalmente certo sobre como eu teria reagido. A história tem Rick até os olhos em voluntários, e ainda existem algumas ideias de doações e patrocínios. Então, obrigada por trazer os holofotes para o que Rick está fazendo por anos. Isso fará muita diferença para ele e as pessoas que ele pode ajudar. Obrigada. — Bati meus dedos no assento de cada lado de mim, nervosa sob seu olhar.

— Parece que nós dois estragamos tudo.

— Estou feliz em assumir a maior parte da culpa.

Ele soltou um bufo divertido. — Eu não vou lutar com você por isso.

O recanto isolado no quintal poderia muito bem ter sido uma ilha longe de todos os outros.

Sua mandíbula apertou e ele largou a cerveja. — Tivemos algo bom, não tivemos? — Ele se levantou e eu levantei meu queixo para encará-lo nos olhos.

Minha garganta se apertou. — Tivemos? Como no passado?

— Só se você quiser. — O sussurro rouco enviou um arrepio na minha espinha.

As palavras ficaram presas na minha garganta e eu balancei minha cabeça.

— Bom. — Ele pegou minha mão. As pontas ásperas de seus dedos abriram a necessidade dolorosa que eu tinha enrolado com força e trancado.

Encontrei minha voz e as palavras saíram como um sussurro faminto. — E agora?

— Me deixe te mostrar. — Ele nos levou de volta pela cozinha, e todos saíram do seu caminho. A determinação ardeu em seu olhar e no queixo, que nada tinha a ver com raiva.

A mesma necessidade ardente pingava dentro de mim. Ele me

manteve perto enquanto caminhávamos pela sala, segurando minha mão contra suas costas enquanto a queda de corpos se tornava ainda mais espessa.

Nós nos libertamos da multidão de pessoas e da música batendo. Lá fora, o ar quente da primavera estava fresco depois de deixar a massa contorcida de foliões. Meus ouvidos se ajustaram ao volume, e parecia que o mundo inteiro estava debaixo d'água.

Nix não diminuiu os passos até chegarmos à minha porta da frente. Seu olhar contornou meu corpo, macio e com fome ao mesmo tempo. Apertei minhas coxas contra a pulsação inebriante entre minhas pernas. Ele me segurou como se tivesse medo de deixar ir, mas isso era tudo que eu queria, deixar ir com ele.

Procurei minhas chaves, tentando lembrar como as fechaduras funcionavam. Meus dedos tremiam e sua mão envolveu a minha, firmando-a.

Ele pressionou um beijo suave na parte de trás do meu pescoço, e meus joelhos quase cederam.

Abri a porta da frente e deixei cair o queixo no ombro, olhando para ele atrás de mim.

— E agora?

20

ELLE

A porta bateu atrás de nós. A luz da rua era a única coisa que iluminava a entrada. As pessoas riam do lado de fora. A casa estava silenciosa. Éramos apenas nós, isolados em um casulo de escuridão. Cada respiração estalava com antecipação. Cada rangido da tábua do assoalho enviou um arrepio pelo meu corpo. Cada ranger um passo mais perto. Seu corpo bloqueou o pouco de luz do lado de fora.

— Elle. — O desejo agudo do meu nome em seus lábios foi o único aviso que recebi antes que ele fizesse a ponte entre nós. Suas mãos estavam nos meus cabelos, no meu rosto, em todos os lugares que eu as queria e nem perto de onde eu precisava delas.

Seus lábios caíram sobre os meus, exigindo reembolso pelas provocações que eu nem percebi que estava fazendo. Apenas algumas semanas atrás, tínhamos pedido uma trégua, e agora eu não queria nada além de todo ele. Cada toque. Cada gosto. Toda tentação que eu nunca parei de precisar. As costas de seus dedos percorriam a lacuna entre minha camisa e meu jeans.

Minhas mãos apertadas em sua camisa. O algodão macio se arrastou sobre a superfície dura de seu abdômen.

Ele avançou com o braço em volta da minha cintura, me levantando do chão. Minhas costas pressionaram contra a parede e os músculos sólidos de seu peito.

Puxei a camisa por cima da cabeça dele.

Ele enfiou a mão pela minha calça por cima da minha bunda e a apalpou, apertando e me levantando do chão. Apertei minhas coxas com a dor provocada pela protuberância na frente de seu jeans. Ele jogou beijos no meu ombro nu.

— Estamos tomando a rota cênica? — Eu ri e minha cabeça

rolou para trás quando ele beliscou e chupou no local onde meu pescoço e ombro se encontraram.

— Eu não vou deixar você me apressar, Elle. Estou esperando por isso há muito tempo. — Ele me soltou e tirou minha blusa, balançando-a com os dedos antes de deixá-la cair no chão.

— Quanto tempo?

Uma cintilação brilhou em seus olhos. Ele caiu de joelhos e puxou minha calça o resto do caminho. — Provavelmente desde a primeira vez que eu vi você dançando na janela do seu quarto quando se mudou. — Olhando para mim, ele passou as mãos para cima e para baixo nas minhas coxas, deslizando-as pelo tecido roxo que cobria minha boceta aquecida.

— Isso foi no começo do primeiro ano. — Eu estremeci. A dor entre minhas coxas se tornou um inferno em cascata quando ele começou sua tortura sexual.

Os lábios dele se abaixaram. — Eu sei. Você pode imaginar como eu estava chateado na primeira vez que você chamou a polícia do campus por nossa causa? — Ele desabotoou o jeans. Cada toque no botão dele enviava outra dor latejante diretamente para o meu clitóris. Minha necessidade gananciosa tornou difícil pensar.

— O som na sua casa estava tão alto que eu mal conseguia ver direito. — Coloquei minhas mãos no quadril.

— Você poderia ter vindo. Ninguém teria recusado você. — Seus dedos dançaram ao longo da borda com babados da taça do meu sutiã, me apoiando a cada passo do caminho para o meu quarto.

— Talvez eu não quisesse ser apenas mais um rosto bonito no mar de groupies Trojan da FU. — Eu respirei fundo, meu estômago enrolando em torno do prazer do edifício, as velhas brasas de nossa raiva provocando o calor entre nós ainda mais quente.

Ele passou as costas dos dedos ao longo da minha bochecha. — Você nunca foi apenas mais um rosto bonito, Elle. Nunca. —

Ele deslizou a mão para a parte de trás do meu pescoço e capturou meus lábios em um beijo que exigiu nada além de minha rendição completa.

Eu caí nele, minhas mãos coladas contra ele. Seu coração martelou sob o meu toque, cada baque levando minha necessidade por ele ainda mais.

Subindo os degraus dois de cada vez, ele colocou os braços mais apertados em volta de mim.

Ele estava no topo da escada, seu pau saltando contra a minha bunda. Sem uma palavra minha, ele entrou no meu quarto.

— Como você…

— Você acha que eu não tenho prestado atenção? — Ele sorriu para mim, seus olhos cor de caramelo brilhando com travessuras e desejo, tudo em um. Ele chutou a porta fechada.

Sua mão viajou pelas minhas costas nuas, explorando a nova extensão de pele nua ao seu toque. Meu corpo ondulou com um prazer irrestrito, e a extremidade faminta da necessidade cresceu a cada golpe não acelerado enquanto ele se movia como se tivesse o tempo todo no mundo.

— Nix. — Saiu alto e irritante como um lamento de uma criança sendo provocada com um pedaço de doce, só que ele não era doce, ele era o bolo todo, e eu estava apenas tendo lambidas de glacê. Eu queria uma fatia.

— Não me apresse. — Seus lábios nunca deixaram os meus. Beliscando, lambendo, torneando. Suas habilidades em campo não eram as únicas que estavam acima dos demais. Sua língua dançou com a minha, me dando um prelúdio para o que estava por vir.

Envolvendo seu braço com mais força na minha cintura, ele nos empurrou para trás. Ele se virou e me sentou na beira da cômoda. Algumas garrafas ao meu lado chacoalharam e tilintaram. O espelho frio nas minhas costas enviou arrepios por todo o meu corpo.

Ele se agachou e deslizou as mãos pela minha cintura. Seus dedos mediram a largura e me puxaram para frente contra ele. Me beijando até minha cabeça nadar, ele deslizou as mãos para baixo. Seus dedos deslizaram sob o elástico da minha calcinha listrada rosa e roxa. Nossos olhos se encontraram, um choque de desejo ardente. Minha respiração ficou presa e eu olhei para ele, incapaz de quebrar essa conexão entre nós, uma corda que me deixou no céu e me manteve no chão ao mesmo tempo, consciente de cada batida acelerada do meu coração e toque determinado de seus dedos.

Com um puxão suave, ele me levantou e puxou minha calcinha pelo quadril. Suas mãos apertaram minha bunda, apalpando-a. As pontas ásperas de seus dedos enviaram arrepios de prazer pulsando através do meu corpo.

Separando minhas coxas, ele passou as mãos fortes pela minha pele sensível. Eu gemia com o sussurro de seu hálito contra o meu clitóris, o calor aumentando para um insuportável crescente em antecipação de seus lábios em mim. Meu coração bateu forte e o mundo inteiro ficou centrado em suas mãos, seu olhar, sua boca.

Seus dedos afundaram na carne das minhas coxas. Inclinando-me para frente, olhei para a visão decadente na minha frente. Ele era biscoitos de chocolate em cima de um sundae de brownie. O canto da boca dele se levantou e eu respirei fundo.

Eu não estava preparada. Eu pensei que estava, mas com certeza não estava. Nix passou a língua ao longo da minha boceta, igualmente para me deixar louca e preciso em apertar todos os botões certos. Eu não conseguia me impedir de bater contra sua boca. Ele me segurou, me prendendo contra a parte superior da cômoda. Meus calcanhares batiam contra as gavetas de madeira abaixo, tocando um ritmo de prazer.

Joguei minha cabeça para trás e afundei meus dedos em seus cabelos. Minhas pernas tremiam e eu tentei fechá-las contra o ataque sexual. Era demais e não o suficiente de uma só vez. Nix mergulhou dois dedos em mim. Minhas paredes se apertaram ao

redor deles e fogos de artifício explodiram na frente dos meus olhos.

Eles provavelmente poderiam me ouvir gozar do outro lado do campus. Enquanto eu ainda estava nas nuvens, Nix me levantou da cômoda.

Pegando um preservativo em sua carteira, ele o rolou com as mãos nas minhas o tempo todo. Ele me cobriu com seu corpo. A parede quente de músculo desceu em cima de mim.

— Eu acho que estava errada. — Eu levantei minhas mãos para os lados do seu rosto e o puxei para mais perto. Nossos lábios se uniram em um tom febril, e os minutos de alívio da condução, batendo forte, precisando tê-lo dentro de mim evaporado.

Enganchei minhas pernas em volta da cintura dele. Meu pé cravou em sua bunda enquanto eu tentava puxá-lo para mais perto.

Arrepios subiram na minha pele com a escova do seu pau contra a minha entrada molhada. A ponta larga bateu no meu clitóris e meu quadril dispararou da cama. Eu me abaixei entre nós e o posicionei contra a costura da minha boceta.

Ele descansou a testa na minha. — Ansiosa demais? — O sorriso tenso e o rosnado em sua voz me disseram que ele estava preso por um fio, possivelmente um mais fino que o meu.

— Cale-se. Nós sempre poderíamos voltar lá embaixo e terminar aqueles... — Antes que a frase saísse da minha boca, ele empurrou seu quadril e a cabeça grossa de seu pau empurrou dentro de mim, me esticando até o meu limite. Eu respirei fundo e revirei meu quadril. Cada terminação nervosa recebeu atenção especial de sua invasão avassaladora. Meus dedos do pé se curvaram e minhas costas saíram da cama.

Eu levantei minhas pernas mais alto e ele afundou ainda mais. Ele estremeceu em cima de mim e eu segurei mais apertado enquanto seus impulsos de moagem esfregavam meu clitóris, roubando meu fôlego com cada empurrão e puxão. Enterrei meus

dedos em suas costas e meu corpo inteiro se apoderou, paralisado pelo orgasmo disparado através de mim.

Seu quadril bateu em mim e seu pau se expandiu, enviando outro tremor através de mim quando ele gemeu sua liberação contra o lado do meu pescoço.

21

NIX

Aqui não havia nada mais doce que Elle. Uma rodada se fundiu em duas. Envolvi minhas mãos em torno de seu quadril, dedos afundando em sua carne e bati nela novamente. Soltando meu aperto com uma mão, deslizei entre nós e encontrei seu clitóris. Circulando com o dedo, mantive meus impulsos. A umidade quente dela ameaçou me consumir.

Era demais e não o suficiente de uma vez. Seus músculos se contraíram e seu núcleo me apertou em um abraço feliz e excruciante. O prazer disparou para os meus dedos. Meu nome nos lábios dela era mais do que eu podia suportar. Debaixo de mim, ela se contorceu e empurrou, suas paredes se apertando ainda mais, e eu não pude mais me conter.

Virando quase do avesso, eu a abracei, precisando sentir cada parte dela. Estrelas dançavam na frente dos meus olhos e eu tentei lembrar como respirar. Em uma névoa coberta de suor, caí em cima de sua suavidade como se tivesse acabado de correr em um touchdown de noventa jardas.

A sensação do corpo dela debaixo de mim me fez nunca querer me mover, mas eu não queria esmagá-la. Rolando para o meu lado, eu a levei comigo, mantendo-a pressionada contra o meu peito. Minha cabeça nadou e, mesmo agora, cada golpe de seus dedos na minha pele enviava mais sangue direto para o meu pau como um boxeador que se recusava a ser nocauteado. *Rapaz ou eu estou indo direto para uma coronária.* Meu coração batendo forte como um novato em seu primeiro dia de prática, eu afastei as mechas de cabelo rosa grudadas em sua testa.

Eu olhei nos olhos dela. A exaustão encapuzada neles espelhava a minha, juntamente com a fome desenfreada que significava que nós dois passaríamos o resto da noite nos

satisfazendo até o sono nos vencer.

— Isso foi inesperado. — Ela riu.

— A culpa é sua por fazer o que você fez.

— O que eu fiz? Olhei para você?

— Exatamente. — Eu beijei a ponta do nariz dela.

Segurando-a em meus braços, olhei para ela e passei meus dedos ao longo de sua clavícula. Eu nunca estaria cheio dela. Este momento foi gravado até os ossos, e eu não queria que terminasse.

Isso me assustou muito.

Arrastando meu braço debaixo do ombro dela, levantei-me e descartei a camisinha.

Ela se espalhou na cama, apoiando a cabeça na mão.

— Enquanto você está acordado, ainda há meia bandeja dos brownies de parar o coração de Jules na cozinha. — Havia um traço travesso em seus lábios.

— Seu desejo é uma ordem. — Inclinei-me e peguei meu jeans do chão, colocando-o e descendo as escadas para recuperar o presente para Elle. Eu tinha certeza que eles teriam um sabor ainda melhor quando eu comer o chocolate da pele dela.

Tirando um prato do armário, cortei dois pedaços brownies gigantes para nós antes de voltar para o andar de cima. Sua colega de quarto provavelmente não gostaria de voltar para uma panela completamente vazia depois de seu trabalho duro.

Me recostando, olhei para Elle. Os olhos dela estavam fechados. Eu sorri com a cadência baixa e suave de seu ronco. Beijando o topo de sua cabeça, puxei o cobertor sobre nós dois e me movi para baixo na cama. — Boa noite, Elle.

~

Elle resmungou enquanto dormia, nem um murmúrio ou conversa, mas uma sessão de queixa constante, como se estivesse

a um segundo de afastar alguém da varanda da frente. Isso parecia mais certo do que qualquer coisa há muito tempo, talvez até voltar para Tavola, como se algo estivesse faltando e eu não tivesse percebido - só com Elle, era alguém.

Depois de quase dois anos vivendo do outro lado da rua, não houve mais do que olhares e farpas verbais trocadas entre nós até um mês atrás. Agora, eu não tinha certeza do que aconteceria a seguir.

O que eu queria que acontecesse era nunca mais sair deste quarto. Bem, talvez, exceto viagens regulares até a cozinha para ver o que Jules havia assado. Nós dois poderíamos ser empurrados para fora de casa no final do semestre.

Afastei os cabelos do rosto de Elle e ela resmungou, se enterrando mais profundamente no meu lado. Agarrando meu celular, verifiquei a hora e gemi, deixando minha cabeça cair no travesseiro.

Um lembrete vermelho e irritado de uma reunião que eu tinha piscou na minha tela.

Deslizando meu braço debaixo da cabeça dela, eu a beijei na bochecha. Seus olhos se abriram quando a cama mergulhou com a minha partida.

Peguei minhas roupas do chão e as vesti.

— Você está indo? — Ela sentou e não fez o que as meninas às vezes fazem quando se cobrem, como nos filmes em que o cara tem o lençol na cintura enquanto ela o castiga em seu pescoço. Elle ficou nua e esticou os braços acima da cabeça, tentando me torturar ou talvez me fazer jogá-la de volta nos travesseiros.

— Eu tenho que me encontrar com meu pai. O que você vai fazer hoje?

— Explicações, trabalhando nos meus documentos de final de ano e comer o que tem esse cheiro que está vindo da cozinha. Tenho um turno no Uncommon Grounds mais tarde esta noite.

Como se meu nariz estivesse ligado às palavras de Elle, um delicioso aroma amanteigado se espalhou na sala como um

cobertor de felicidade açucarada. Ela vestiu suas roupas e me seguiu escada abaixo.

Jules estava sentada à mesa da cozinha, mastigando a haste dos óculos.

— Vocês duas terão ataques cardíacos até o final do semestre. — Eu deslizei nos meus sapatos.

Elle pulou no balcão. — Ela é uma defensora de dar quase tudo, às vezes demais. Ficará em casa por uns dois dias, no máximo, e ela enviará tudo como órfãos rebeldes que procuram um bom lar.

— Cozinhar é relaxante, mas ter toda essa comida extra por aí me deixa impaciente.

— Estou mais do que feliz em pegar qualquer coisa que você deseja descarregar de suas mãos, e eu posso até compartilhar com os caras.

— Perfeito. — Jules pulou, pegou uma caixa de padeiro e a carregou com três tipos diferentes de cupcakes, mais brownies e tortas de chocolate. — Berk parecia gostar daqueles da última vez que os fiz, então acrescentei alguns extras. — Seu olhar estava voltado para a caixa como se pudesse desaparecer a qualquer segundo.

— Tenho certeza que ele vai gostar.

Um envelope roxo saiu da caixa de correio na nossa porta da frente. Olhei para cima e para baixo na rua tranquila. Ninguém acordava tão cedo bem, exceto o padeiro do outro lado da rua. Eu segurei a carta e abri a porta da frente.

Berk congelou nos degraus, enfiando algo no bolso de trás.

— Onde você esteve, jovem? Fora a noite toda? — Ele desceu o resto do caminho com a voz falsa do pai.

— Lugar algum.

— Em nenhum lugar, hein? Agora não teria nada a ver com uma certa assediadora de cabelos cor de rosa do outro lado da

rua? — Ele estava no pé da escada, descansando no corrimão com um sorriso satisfeito no rosto.

— Eu posso ter passado algum tempo com Elle.

— Elle e Nix, sentados em uma árvore... — ele cantou.

— Mas se você vai me incomodar com isso, não preciso entregar essas coisas que a colega de quarto dela fez.

Ele congelou, pegou a caixa dos meus braços e correu para a cozinha, preparando a cafeteira. Ele abriu a tampa da caixa e enfiou a cabeça para dentro, inspirando tão alto que pensei que ele tivesse um bolinho ou brownie no rosto quando o puxasse para fora.

— Como ela faz isso? — Ele pegou uma das guloseimas e enfiou na boca. — Eu juro que ela misturou essas coisas com alguma coisa. É insano. Agora é pavloviano. Toda vez que vejo a casa delas, minha boca começa a aguar.

Servindo uma xícara de café, ele deu uma mordida no brownie. Depois de despejar meia xícara de leite e cinco colheres de açúcar no café, ele se encostou no balcão.

— Nessa nota, eu tenho outra coisa para você. — Acenei o envelope na frente do meu rosto.

Ele largou a comida no balcão e o alcançou. Olhando para as mãos cobertas de chocolate, ele as lambeu e as enxugou antes de arrancar a carta do meu alcance.

Ele passou correndo por mim e subiu as escadas, deixando sua xícara quente de café no balcão.

— Calem a boca! — LJ chamou da sala de estar.

Os passos de Berk trovejaram acima antes de sua porta se fechar.

Eu me servi de uma xícara de café.

— O que diabos está acontecendo com ele? — LJ apontou o polegar para a porta, ficando ereto, cada osso de suas costas estalando ao longo do caminho.

— Ele recebeu outra carta.

— Quem imaginaria que ele gosta tanto de ler. — Ele bocejou e esfregou os olhos.

— Acho que o assunto provavelmente é muito diferente do que das aula.

LJ pegou a caneca abandonada de Berk e tomou um gole. Sempre há uma fração de segundo quando alguém percebe que cometeu um erro. Os olhos de LJ se arregalaram e ele correu para a pia, borrifando uma fina névoa cor de café.

Ele limpou a boca com as costas da mão. — Ele despejou insulina diretamente no café ou o quê?

Eu nem tentei esconder minha risada. — Isso é o que você ganha por tentar roubar a bebida dele. Você está dormindo no sofá? O que aconteceu com a sua companheira de cama?

— Eu fui barrado.

— Ela trouxe um cara para casa?

LJ me lançou um olhar de fusão de aço. — Não. — Essa palavra foi aguda como um soco.

Eu levantei minhas mãos em sinal de rendição.

— Liv, sua colega de quarto, precisava de um lugar para dormir, então eu dei a elas o quarto.

— Que cavalheiresco.

— Não é como se eu pudesse dizer não.

— Não é como você jamais poderia.

Ele revirou os olhos. — Ela é minha melhor amiga.

— Isso é tudo o que ela é?

— Nós nos conhecemos desde os oito anos.

— Você não tem mais oito anos.

— Não, isso de novo não. — Ele manteve o olhar fixo na caneca na frente do rosto.

— Vocês dois estão sempre um sobre o outro.

— Combate.

— Paquera.

— Irritando um ao outro.

— Preliminares.

— Estive lá, fiz isso, não peguei a camiseta.

Abaixei minha voz. — Se vocês realmente namoraram, nunca disseram nada sobre isso.

Ele encolheu os ombros. — O que há para contar? Houve uma tentativa, mas decidimos que seríamos melhores amigos.

— Nós?

Ele mordeu o lado do lábio. — Ela.

— Então, toda essa besteira sobre melhor como amigos e tudo isso, você está apenas ganhando tempo?

Seu olhar desviou para o chão acima de nossas cabeças.

— Quase não conseguimos entender da última vez que tentamos e falhamos. Arriscando... prefiro tê-la como amiga do que perdê-la por completo, então estou bem com isso. — O não dito "por enquanto" pairava no ar entre nós.

A casa ganhou vida com passos e portas se abrindo e fechando acima de nós. O café era o despertador universal. Tropeçando nos degraus como zumbis, Marisa, Liv, Reece e Seph surgiram.

Marisa e Liv examinaram a papelada de seu proprietário e companhia de seguros, e o resto de nós tentou se juntar lentamente à terra dos vivos.

— Precisamos investir em uma mesa maior? — Reece disse por trás de Seph, que estava empoleirada no colo dele, com as mãos em volta da caneca, cheirando o doce aroma no qual agora estava viciada.

— Em alguns meses, metade de vocês estará nos abandonando, então teremos muito espaço. — Berk se encostou na parede com um olhar de seriedade que não correspondia às

suas palavras.

— Estaremos por perto. — Ofereci.

— Não faça promessas que não possa cumprir. — Seu sorriso era menos provocador e mais assombrado. — Vocês dois não têm ideia de onde serão recrutados. É legal, no entanto, aproveitem enquanto estamos todos juntos aqui.

As coisas nunca mais seriam as mesmas depois que Reece e eu nos formarmos. Não podíamos deixar momentos como esse passar por nós. Me recostei no balcão e olhei para as cortinas de ripas na frente da casa e na varanda em ruínas da Aspen Drive, sessenta e seis. Às vezes você tem que agarrar a vida com as duas mãos e nunca deixar passar, e eu planejava começar isso hoje.

Berk apareceu com as bochechas coradas para recuperar sua xícara de café agora fria. — Existe uma razão para Johannsen estar do lado de fora com um violão cantando uma garota do lado de fora da janela?

A mesa inteira pulou de uma só vez, até as pessoas que não tinham ideia do que estava acontecendo. Empilhamos a varanda e olhamos boquiabertos para Johannsen, tocando um violão no pequeno pedaço de grama do lado de fora de uma casa a algumas portas de nós.

— Acho que agora sabemos por que ele estava andando pela nossa rua. — LJ esticou o pescoço.

— Ele não é tão ruim. — Marisa riu.

— De quem é essa casa? — Seph se inclinou no parapeito, tentando ver melhor a casa.

— Essa é a casa da Willa. Mas não sei quem mais mora lá. — Marisa tomou um gole de café com um sorriso enorme.

— Willa. — O nome rolou em volta da minha cabeça. Isso era familiar. Talvez ela tenha ido a algumas de nossas festas. Encontrar centenas de pessoas dentro e fora do campo dificultava a colocação das pessoas.

Berk disparou para a frente. — Willa, como Willa Goodwin?

Todos os olhos dos homens se arregalaram. — Irmã do Brick? — Olhei para cima e para baixo da rua como se ele viesse rolando em um tanque a qualquer momento.

— Porra, eu não tinha planejado testemunhar um assassinato neste semestre, mas aqui estamos nós. — Berk sacudiu a cabeça e tomou outro gole de café.

22

ELLE

— É incrível, mãe.

— Seu pai está tão animado. Na idade dele, ele não tinha certeza se encontraria alguma coisa.

— Eu sabia que ele encontraria. — Depois de quase dezoito meses sem trabalho, ele finalmente encontrou uma posição.

— E uma vez que ele receber o primeiro cheque, vai direto para você.

— Não se preocupe com isso. Eu tenho meu trabalho aqui e estou conseguindo passar bem. — A luta só faria papai se sentir pior. Quando eu estava em casa para uma visita durante o verão, ele mal conseguia me olhar nos olhos e, ao sair, ele me pediu vinte para a gasolina. O matou por não poder me ajudar, e eu não queria trazer de volta esse sentimento. A montanha não paga era alta e traiçoeira. Eu descobriria meus problemas por conta própria, e o Prêmio Huffington resolveria 99% deles, me dando o espaço necessário para uma hibernação de um ano após a formatura.

— O jantar está queimando, então me deixe chegar a isso, mas eu queria lhe contar e informar e eu te amo.

— Também te amo, mãe.

— Nos vemos na formatura.

Se eu conseguir. Saí da aula de reforço mal conseguindo manter os olhos abertos. É o que acontece quando você faz sexo na semana com um cara que tem a resistência de um cavalo de corrida. Não havia nada de egoísta em Nix dentro ou fora do quarto. Eu estava tão errada sobre ele, e isso me assustou pensar como as coisas poderiam ter acontecido. Também me assustou muito pensar em onde as coisas estavam indo.

Nós ficávamos na casa um do outro quase todas as noites. Não era como se estivesse longe, do outro lado da rua, mas toda vez que eu andava, os nervos ressoavam no meu estômago. Observá-lo correr para o meu lado me deixou tonta e queria fazer uma dança feliz antes de abrir a porta.

Enquanto estava no campus, parei no escritório do reitor para garantir que eles recebessem meu pedido de prêmio, e eu poderia ter dado uma espiada nas outras indicações. É claro que o nome de Mitchell estava na lista, mas seus projetos não eram nem de longe tão extensos para o semestre. Ele era minha única competição real. Agora eu precisava ter certeza de me formar para ser elegível.

De pé, puxei minha chave da fechadura e bati a porta atrás de mim com visões da minha cama dançando na minha frente.

Enquanto eu passava pela cozinha, algo macio ricocheteou na minha cabeça. Parei, recuando e olhando para a esponja amarela brilhante que me atingira e agora estava no chão.

Jules olhou da porta da cozinha. — Você poderia me avisar quando Nix for ficar aqui?

— Por quê? — Estiquei os braços sobre a cabeça, minhas costas estalando como um pacote de Kit Kats.

— Saí do meu quarto nua como um troll de ponte procurando comida e corri direto para ele.

— Pare com isso. — Eu olhei para ela. — Você não estava nua. Sua roupa de pole é foda.

— Você sabe que eu não mostro meus braços ou pernas em público.

— Os short curtos e o top curto eram fofos.

— Eu queria me arrastar para um buraco de seis metros abaixo de outro buraco e morrer. Estou surpresa que ele não tenha fugido gritando da casa.

Eu bufei. — Você está sempre escondendo as mercadorias. Você precisa liberar as garotas de vez em quando. — Eu levantei minha mão em direção ao seu peito.

Ela bateu na minha mão. — Se você me beliscar, você puxará um pedaço para trás.

Eu levantei minhas mãos em sinal de rendição. — Sensível, sensível. Sempre arruinando toda a diversão.

— Não sou eu que está tentando sentir meu companheiro de quarto.

— Tudo o que estou dizendo é que você é incrível e bonita. Pare de ser tão autoconsciente.

— Como se você soubesse alguma coisa sobre isso. — Ela zombou e se virou, seu rabo de cavalo longo, grosso e preto balançando a cada passo.

— Você não acha que eu fico constrangida?

— Não é o mesmo, Srta. Tamanho Quatro. — Ela jogou por cima do ombro como se eu nunca quisesse sair da minha própria pele, apesar do tamanho.

— Você não é muito maior que eu. Você tem curvas e faz pole dance. Esse é o sonho da maioria dos homens.

O olhar dela se estreitou. — Eu não preciso da sua pena. — Ela se virou e desapareceu na cozinha.

Não, ela não estava fugindo. Não dessa vez. — Quem disse algo sobre pena?

— Tanto faz. — Ela abriu o armário com tanta força que a dobradiça vagabunda que continuamos consertando se soltou. — Veja, eu sou o Hulk. — Ela apoiou as mãos no balcão, os nós dos dedos brancos nas bordas.

— Estamos tentando consertar isso desde sempre. — Isso não é uma frustração normal de Jules. — O que está acontecendo?

— Nada Estou bem. — Ela enxugou o rosto e trabalhou na fixação da dobradiça.

— Você não está jogando isso em mim. Qual é o problema? Derrame, ou vou marchar do outro lado da rua e contar a um certo jogador de futebol...

— Minha mãe quer que eu volte para casa neste verão. — Ela manteve a cabeça baixa, as palavras caindo no linóleo barato como trapos molhados. — Laura vai se casar... — Sua garganta subiu e desceu. — Com Chad, e ela quer que eu seja sua dama de honra.

O sangue foi drenado do meu rosto.

Ela levantou a cabeça com lágrimas e resignação nos olhos.

— Foda-se não, você não vai. Não, especialmente para correr atrás daquela bruxa e de seu noivo fodido. Não. Não vai acontecer. Eu te proíbo. — Após a visita mais curta do Natal conhecida pelo homem, pensei que teria que comprar toda a bebida em três estados para levá-la a esse capítulo de sua vida.

— Você proíbe. — Ela enxugou o canto do olho. — Eles são minha família, certo? Se você tivesse uma irmã, gostaria de estar lá para ela.

— Eu também esperaria que ela não seja uma grande...

— Vamos lá, até eu traço a linha lá. — Ela soltou uma risada aguada. — O casamento é na próxima primavera. Minha mãe quer que eu as ajude a ir às compras de vestidos. “Pare de ser criança, Julia. É água debaixo da ponte”. — A falsa alegria era uma paródia da voz de sua mãe. — “Nos ajudar a preparar o grande dia vai melhorar tudo quando o casamento chegar, e escolher o seu vestido agora significa que você poderá trabalhar para se ajustar a ele até o próximo ano”. — Era uma voz tão suave e leve que quase tornava a crueldade das palavras muito mais profunda.

— Você sabe que eu estou solidamente no campo de deixar as

pessoas de merda em seu caminho, mesmo que sejam da família. Não vá. Eu te imploro.

— Ela é minha mãe, e meu pai quer que eu esteja lá para eles.

— Não deixe que ela te manipule com essa merda.

— Eles são tudo o que tenho.

— Eles não são. Você tem a mim.

— E você está se formando. No próximo ano, estarei sozinha neste lugar. Quem sabe onde Zoe está.

— Você não estará por conta própria. Estarei por perto.

Ela virou a cabeça. — Você sabe o que está fazendo depois da formatura? Você poderia estar na Micronésia, pelo que sabemos.

— Ou um terceiro semestre como senior. Eu adiei todos os trabalhos deste semestre. Estou um pouco ferrada.

— Talvez, em vez de acumular ainda mais horas de voluntariado que você nem precise, consiga terminar esses papéis. A cerimônia de premiação é daqui a três semanas. Você está bem. Desacelere e pense no que você fará depois da formatura.

— Era para eu dar conselhos.

— Teto de vidro, Elle. Teto de vidro.

— Por favor, não ajude Laura no casamento. Por favor, não deixe que eles te arrastem para isso.

Jules suspirou. — Talvez não seja tão ruim.

— Ele é seu ex e traiu você com sua irmã, acho que não pode ser pior.

— Eu posso passar por isso e sair do outro lado. Estou pronta para parar de me sentir assim, como se eu fosse a irmã que deveria morar embaixo da escada.

— Então não vá. Podemos sair, me ajudar a descobrir minha vida e ficar aqui neste verão. Não importa o que, estarei aqui até agosto. Não vá para casa. Fique aqui e podemos ir ao Burger Festival em junho e ao Booze no zoológico em julho. Será o melhor

verão de todos os tempos. Talvez você possa ir direto ao Berk e dizer a ele com quem ele está trocando cartas.

Ela estava balançando a cabeça antes que eu pudesse terminar a frase. — Não está acontecendo.

— Por que não?

— Não posso lidar com outra pessoa me encarando com aquele olhar intenso de decepção que faz uma parte de você morrer.

— E você acha que ele iria olhar para você dessa maneira? De jeito nenhum. Ele vai dar cambalhotas, especialmente quando vir o que você pode fazer no pole.

Ela puxou sua blusa de mangas compridas. — Eu não posso arriscar.

— Então você nunca vai dizer a ele quem você é? Nunca se encontrarão e farão metade das coisas dessas cartas?

— Às vezes a fantasia é melhor que a realidade. Tenho certeza de que ele tem uma imagem de quem eu sou na cabeça e aposto muito dinheiro que não se parece comigo.

— Como você sabe? Pelo que você sabe, ele está imaginando a bibliotecária de Harbin.

Ela levantou a cabeça e torceu o rosto. — Ela tem uns setenta anos.

— Ei, não julgue suas preferências.

Ela jogou uma toalha de cozinha para mim.

— Tudo o que estou dizendo é que é mais provável que você se arrependa de nunca ter dito nada do que fazer isso.

— Sou melhor com a fantasia do que arriscar em uma realidade esmagadora. Já tive mais do que meu quinhão. — Ela pegou o computador e fugiu da cozinha como se estivesse pegando fogo.

Balançando a cabeça, desliguei o forno. Meu celular tocou e eu o tirei do bolso.

Esse leve sentimento de tontura estava de volta. — Ei.

— O que você está assando?

Eu me virei e olhei pelas janelas da cozinha na frente da casa. Nix se inclinou contra o parapeito de sua varanda do outro lado da rua. Abri as persianas.

— Isso seria uma abominação que ninguém deveria permitir que acontecesse. Jules e eu estávamos conversando.

— O que você fará esta noite? — Sua voz era como uma carícia e lavou um pouco do meu cansaço.

— Tenho alguns documentos que preciso terminar e ser entregue.

— Então, eu não posso ir agora? — Seus antebraços estavam apoiados na beira do parapeito, a intensidade de sua aparência já definida como destruidora de calcinha.

Eu gemi. — Eu tenho que fazer isso, mas posso terminar às dez.

— Dez? Eu sou apenas uma ligação? Você está me chamando para atendê-la na calada da noite.

Eu sorri com o riso em sua voz. — Se você não está pronto para o convite.

— Eu nunca disse isso. Vou deixar você trabalhar um pouco e todas as apostas serão canceladas. Estou batendo às dez em ponto, então é melhor você estar pronta. — O rosnado faminto de sua voz me levou a exceder.

— Vou deixar a porta destrancada.

— Não me tente. Comece a trabalhar, B and E. Estou indo buscá-la em duas horas.

— Eu estarei pronta.

— É melhor você estar.

23

NIX

— Você está prestando atenção?

Larguei minha caneta no bloco de notas na minha frente.

— Desculpe, o que você disse?

— Eu disse, a notícia sobre a construção de casas acabou bem. Estou trabalhando em algumas outras coisas para melhorar ainda mais o seu perfil. Você não disse que foi a uma cozinha de sopa ou algo assim?

— Arrastado com um amigo, mas não vou transformar isso em algo publicitário. Fiz isso porque queria.

— Tudo pode ser usado para nossa vantagem. Temos endossos alinhados para você após o seu primeiro ano. Fiz algumas ligações e parece que Philly vai buscá-lo. O quarterback agora está indo bem, mas é apenas uma questão de tempo até o ombro dele ceder e então é sua chance. Ele passou mais tempo preso e embrulhado na offseason. Mesmo com essa cirurgia e reformas, o tempo está passando para ele.

A maneira rápida e desdenhosa que ele falou sobre como a carreira de outro cara fracassou afundou no meu estômago como uma pedra.

— Enquanto você entrar em campo e conseguir algumas conclusões na próxima temporada, será bom. Podemos começar localmente e passar para patrocinadores nacionais.

— Isso não está ficando à frente de nós mesmos?

— Estaríamos ainda mais à frente se você finalmente escolhesse um agente. O tempo está passando. Quando o draft terminar, você começará o campo de treinamento. Você precisa se manter forte lá, então não há dúvida de que, uma vez que o QB

tenha seu primeiro golpe ruim, você sairá do banco.

Meu estômago azedou, e o aumento daquela sensação nauseada que me dominou quando as batidas em câmera lenta aconteceram ao meu redor. O barulho repugnante do capacete contra o meu, o pânico ofegante quando eu bati no chão e o ar foi forçado a sair dos meus pulmões, essa conversa foi exatamente assim.

Minhas mãos formigavam e flexionei minhas mãos.

— E se... — Lambi meus lábios, todo o sangue deixando minha cabeça. Respirei fundo e tentei controlar os sentimentos que ameaçavam me dominar. — E se eu não for, o que acontece se eu me machucar? — Lambi meus lábios secos novamente.

Ele acenou com aquelas palavras. — Você vai ficar bem. Claro, você vai levar alguns hits, mas quem não leva? Você volta como sempre. Você coloca o trabalho e você ganha um anel como o meu. — Ele exibiu o anel que parecia usar quase toda vez que saía de casa.

— Mamãe gostava de assistir você jogar?

Ele ficou imóvel como uma estátua. Era quase como se ele parasse de respirar, o sangue parasse de bombear em suas veias e tudo se desligasse.

Nós nunca conversamos sobre minha mãe, nunca. Papai ficava em silêncio sempre que eu tentava. Falei mais sobre ela com o vovô do que com meu pai.

Ele limpou a garganta. — Não, sua mãe não gostava de me ver jogar.

— Por que não?

— Ela não gostava de ver os hits, especialmente depois da primeira vez que rasguei minha LCA.

— O que ela fazia enquanto você estava jogando?

— Ela estudava. — Sua garganta se apertou. — Ela queria ser médica. Ela estava na faculdade de medicina quando ficou grávida de você.

— Eu nunca soube disso.

— Ela decidiu não continuar depois que você nasceu. — Cada palavra era apertada como um elástico sendo arrancado.

Um sonho morto por minha causa.

— Nunca pense por um segundo que ela se arrependeu. — Ele largou a mão em cima da minha, uma suavidade em seus olhos como nunca havia visto antes. — Mesmo que ela soubesse que só teria duzentos e trinta e sete dias com você depois que você nasceu, ela teria feito as mesmas escolhas. Ela adorava cada segundo que estava com você e nunca duvidava que tivesse feito a escolha certa para si mesma.

Ficou difícil respirar, e uma sensação de formigamento dançou logo abaixo dos meus olhos. Eu pisquei para manter as emoções à distância. — O que mais ela gostava de fazer?

Eu tive a minha abertura e não ia deixar passar. Não havia fotos da minha mãe em casa. Às vezes parecia que meu pai queria limpá-la completamente. Seu histórico com as mulheres não era exatamente estelar. A única graça salvadora era que ele não as desfilara pela casa enquanto eu crescia, mas fora isso, era apenas ele, eu e o vovô.

— Ela gostava de cozinhar, estava sempre no Tavola ajudando o vovô. Ela estava voltando de lá quando aconteceu. — Seus lábios se estreitaram e as venezianas foram fechadas novamente. — Chega disso. Vamos voltar ao trabalho. — Ele balançou a cabeça como se fosse o suficiente para lavar o passado, mas era mais do que ele já havia dito sobre ela antes. Talvez houvesse um vislumbre de esperança lá.

Saindo de casa, era como se um pedacinho da minha mãe tivesse vindo comigo, um pedaço dela que eu nunca tinha conhecido antes: ela gostava de estar na cozinha com o vovô, assim como eu. Olharia ao redor da cozinha na próxima vez que estivesse lá e a imaginaria na frente dos fornos ou arrastando algo para fora da geladeira.

Ela mudou seus planos e decidiu não se tornar médica. Essa

tinha sido uma decisão difícil, não tomada de ânimo leve. Papai disse que ela nunca se arrependeu, e eu esperava que ela não tivesse. Ele nunca me contou sobre onde o acidente de minha mãe ocorreu. Aconteceu quando ela estava saindo do restaurante era por isso que papai odiava? Não era como o vovô ou qualquer outra pessoa poderia saber, mas talvez fosse por isso que ele sempre se ressentia disso.



O caminho de volta para minha casa parecia prolongar-se para sempre. Eu queria contar para Elle. Desde que eu saí da minha casa, esse tinha sido o principal pensamento em minha mente: contar a ela tudo o que meu pai tinha me dito. Eu queria compartilhar essa parte da minha história que eu nem sabia que existia. Parando no Tavola, peguei um pouco de comida e prometi ao vovô que estaria lá mais tarde naquela semana.

— Nix! — Alguém chamou. Normalmente, eu ficava feliz em dizer oi para alguém que me reconheceu, mas não agora. Ainda assim, como minha programação não podia ser anulada, eu me virei e sorri para as duas mulheres em tops azuis pálidos combinando com manchas de letras gregas costuradas na frente.

— Você já pensou em que time gostaria de ser convocado?

As mesmas respostas sem compromisso que eu dei mil vezes derramaram dos meus lábios. Eles se aproximavam a cada segundo que passava. Toda vez que eu tentava contorná-los, eles bloqueavam meu caminho, trabalhando em uníssono como um farol de fraternidade.

Um estrondo e um barulho seguidos de freios estridentes me encheram de partes iguais de pavor e emoção. O carro de Elle era um cartão telefônico de três quarteirões de distância, mas eu sendo Nix, a estrela do futebol, nunca parecia atraí-la. Era uma carta escarlate que significava que eu tinha que trabalhar duplamente para fazê-la baixar a guarda, e agora que ela tinha baixado, eu não estava levando isso de ânimo leve.

A grade de metal contra metal da porta se abriu. Eu me virei e ela se aproximou, seus olhos arregalando quando ela me viu, um

pequeno sorriso só para mim, mas os escudos estavam erguidos quando ela olhou em volta de mim para os cães de caça azuis nos meus calcanhares.

— Está tudo bem? — Ela lançou um olhar desconfortável por cima do meu ombro. Enquanto a situação atual era inocente, não tínhamos definido exatamente nenhuma regra básica sobre o que éramos.

— Trouxe comida para você. — Eu estendi as caixas para ela.

— Aww, isso não é doce? Ela é sua professora ou algo assim? Faxineira, talvez?

Eu cerrei os dentes para não cuspir as palavras na ponta da minha língua que estavam ansiosas para serem vomitadas neles. Eu me conformei com um olhar, e os dois olhares caíram no chão.

A carranca de Elle por cima do ombro quase chamuscou minhas sobrancelhas. — Obrigada por isso. Vou precisar enquanto estiver acordada até quem sabe quando. Acabaram de me dizer que eles precisam que eu cuide da doação de sangue amanhã, então é isso que vou fazer hoje à noite.

— Eu posso ajudar no planejamento. Que horas? Onde?

Ela passou as mãos pelo rosto e apertou a ponta do nariz.

— Começa ao meio-dia na antiga academia. É um desastre e estou tentando limpar. Obrigada pela oferta, mas eu vou conseguir. Tenho certeza que você tem coisas melhores para fazer. — Ela puxou a alça da mochila e subiu os degraus da casa.

— Estou falando sério. Me deixe ajudar. — Eu a persegui e pisei sobre as merdas das tábuas levantadas da varanda de Elle. LJ e eu viemos resolver o problema no fim de semana, mas eles já estavam aparecendo novamente. Se a coisa toda não entrasse em colapso antes do final do semestre, seria um milagre. — Pelo menos pegue a comida.

Ela ficou na porta, seu olhar flutuando sobre o meu ombro. — Eu não quero interromper sua reunião do fã-clube. Elas podem gostar mais.

Meus lábios afinaram. — Eu não comprei para elas. Eu comprei para você. É do restaurante do meu avô. Ele me pediu para te levar lá em algum momento. Sei que você está ocupada, mas gostaria que você o conhecesse.

Seu olhar suavizou e ela olhou para minhas mãos cheias.

— Eu gostaria disso, e obrigada pela comida. — Ela pegou as caixas.

Eu as segurei e mudei minhas mãos para que cobrissem as dela. — Eu posso ajudá-la a preparar as coisas.

— Eu não... eu tenho isso. — Na ponta dos pés, ela espiou por cima do meu ombro. — Elas ainda estão aqui?

Quando cheguei mais perto, a caixa rangeu entre nós. — Elas podem ficar paradas lá até o próximo ano por tudo que eu me importo. Me deixe ajudá-la. — Corri beijos ao longo de sua mandíbula, penas contra sua pele. Ela tinha um sabor doce nos meus lábios.

Os olhos dela se fecharam. — Se você entrar, nós sabemos que não farei nada. — Ela lambeu os lábios. — Começará com uma olhada nos livros, depois nos tocar, e antes que percebamos, estarei debaixo de você o resto da noite.

— Você diz como isso se fosse algo ruim. — Eu me aproximei, abaixando meus lábios nos dela.

— Elas provavelmente invadiriam minha casa se eu deixasse você entrar antes que tirassem um autógrafo ou uma foto de você, ou vão enviar equipes de resgate porque pensam que eu estou mantendo você contra sua vontade. — Os lábios dela se levantaram e a travessura brilhou em seus olhos. — Eu entendi, mas obrigada pela oferta. Quero dizer, e obrigada pela comida. — Ela balançou a caixa, usando-a para colocar algum espaço entre nós.

— Amanhã, eu estarei lá.

Seus lábios se separaram e eu peguei a abertura, puxando seu escudo de caixa de viagem. Deslizei minha outra mão contra as costas dela e a puxei contra mim, mergulhando profundamente

em sua boca.

Houve um suspiro agudo na calçada. *Bom.* Eu queria que elas vissem isso e soubessem que não havia nenhuma maneira no inferno que elas receberiam algo de mim.

O corpo de Elle relaxou em meu abraço, e minha carícia faminta foi recebida com seu toque ansioso e suave. Ela tinha gosto de todas as sobremesas que me foram negadas durante toda temporada de futebol.

Ela se afastou e manteve o olhar treinado no centro do meu peito.

— Tem certeza de que não quer ajuda?

Sua mão pousou sobre o meu coração e ela olhou para mim. — Depois disso? — O canto da boca dela se curvou. — Não tenho dúvidas de que não faria absolutamente nada se você entrasse.

— Não seria nada. — Apoiei minha mão na porta e me inclinei para mais perto.

— Oh não, você não vem. Volte para o seu fã-clube. — Ela levantou o queixo em direção à calçada, mas desta vez não havia raiva nos olhos. — E eu vou trabalhar.

— Te vejo amanhã. — Recuei, mantendo o olhar fixo nela antes de me virar e correr escada abaixo.

— Você não precisa ir. — Ela gritou atrás de mim.

Eu me virei e olhei por cima do ombro. — Eu sei.

Ela sorriu e fechou a porta.

— Nix, você vai estar na unidade de sangue?

Eu me virei, tendo esquecido totalmente as perseguidoras da calçada. — Sim eu vou. Vocês deveriam vir. — Elle receberia tantas doações quanto precisasse e não precisaria se preocupar em divulgar. — Na verdade, conte a todos os seus amigos doação de sangue amanhã, e eu estarei lá.

— Vamos contar a todos. — Elas gritaram atrás de mim.

Talvez se tantos doadores aparecessem, Elle poderia sair mais

cedo para variar. Não há pessoas demais em um evento como esse, certo?

24

ELLE

Este é um desastre irracional e irreverente. Eu olhei para a quadra de basquete completamente invadida. Nós tínhamos marcado apenas algumas dúzias de camas, e havia mais de trezentas pessoas fervilhando por todo o lugar. As pessoas não tinham lido nenhum dos requisitos para doar, então os voluntários da admissão questionavam dez pessoas para cada uma que era realmente elegível.

— O que diabos está acontecendo? — Um dos voluntários atormentados com suor escorrendo pelo rosto. Ele teve que sair correndo para comprar mais água e suco para as pessoas que puderam doar depois que a horda assumiu a mesa após a doação.

— Eu não faço ideia. — Tentei fechar meus ouvidos aos balbucios ao meu redor, mas uma conversa em particular entrou.

— Onde está o Nix?

— Eu não sei. O resto do time está vindo?

— Espero que Reece apareça. Deus, ele é gostoso.

— Ele tem namorada agora.

— Como isso é possível?

Eu estava a 3,8 segundos de perder a cabeça. — De onde todas essas pessoas vieram?

Alguém instalou um alto-falante sem fio e a música tocou do outro lado do espaço. Eu pisei para o lado e, atrás de mim, todos começaram a aplaudir.

Virando-me, olhei para Nix caminhando para a quadra de madeira lascada, e lentamente percebi como esse dia tinha passado completamente a merda.

— Ele está aqui, quebre os barris. — Alguém gritou de uma

das portas laterais que eles abriram, deixando sair o ar condicionado, o que precisávamos para impedir que as pessoas que haviam acabado de doar sangue desmaiassem.

Nix estava feliz com pessoas como se estivesse concorrendo a um cargo. A música estava em alta, e o cheiro pungente de cerveja dominava o látex e o plástico de grau médico que se misturavam ao suor persistente na academia.

Meu sangue batia nas veias. Eu não conseguia mover um músculo, porque isso significaria causar a alguém lesões corporais, uma pessoa em particular. Todas as malditas dúvidas que eu tive, todas as reservas foram empurradas direto no meu rosto quando ele acenou para mim por trás de sua parede de fãs de cabides e adoradores.

Ao meu lado, um voluntário suspirou. — Elle, isso realmente não é propício para o trabalho que precisamos fazer. Um dos técnicos foi pulverizado com cerveja.

Eu estava tão exausta, piscando de volta as lágrimas de raiva que eu me recusei a deixar derramar. — Não era o que eu havia planejado hoje. Eu não tenho ideia do que aconteceu. — Eu tinha uma agora, porém, enquanto todas as reclamações e gemidos das pessoas antes de sua chegada preenchiam as lacunas.

— Temos que encerrar cedo. Não é seguro ter pessoas circulando por todo o lugar.

Alguém correu pela lateral da quadra e jogou uma bola de basquete no aro, que foi abaixada do teto.

— Eu entendo completamente e sinto muito por isso. Podemos fazer você voltar? Posso garantir que nada disso aconteça novamente. — Enterrar Nix nesta academia provavelmente resolveria o problema.

— Somos ocupados no final do ano letivo, então não tenho certeza.

— Compreendo. De qualquer forma, obrigada, e espero que você tenha conseguido boas doações.

— Apenas cerca de um terço do que normalmente fazemos,

mas um pouquinho ajuda, certo? — Seu encolher de ombros indefeso combinava com o aperto que eu estava tentando controlar. Este evento foi colocado no meu colo no último minuto, mas teria sido uma ótima adição de última hora ao meu currículo para o Prêmio Huffington. Em vez disso, me causou estresse adicional, além de desperdiçar o tempo da organização, potencialmente até custando vidas se houvesse escassez de sangue em uma crise.

— Ei, aí está você. — Nix correu para mim em sua camiseta e calça Trojans. Meninas por toda a academia esticaram o pescoço, olhando para ele.

Eu fechei meus punhos ao meu lado ao ouvir o tom leve e despreocupado de sua voz.

— Grande participação, hein? — Ele estendeu os braços como se estivesse enlouquecendo César examinando a construção dos aquedutos.

— Você fez isso? — Mordi os dentes. Minha tentativa de manter minha voz até pegou fogo como o que quer que estivesse se formando entre nós.

O sorriso dele vacilou. — Eu não pensei que tantas pessoas aparecessem, mas sim. Não era disso que você precisava? Mais corpos? Veja quantas pessoas estão aqui. — Ele colocou as mãos nos meus ombros e me virou. Ah, eu vi os frutos de seus esforços: pessoas derrubando mesas e cadeiras, os técnicos de sangue empacotando seus equipamentos, copos de plástico vermelhos na metade das mãos das pessoas. Quem sabia se eles tinham vinte e um anos?

Eu me virei. Nix deu um passo para trás, os olhos arregalados. — Eu posso ver muito bem. Eu vejo esse dia inteiro indo pelo maldito ralo. Talvez eu devesse ter entregado o planejamento a você, então poderia ter terminado o trabalho que precisava escrever ontem à noite. Em vez disso, consegui um lugar na primeira fila para outra festa da UF.

— Você disse que estava preocupada com a participação... — Ele levantou as mãos, as palmas das mãos para fora, mas esse

gesto de rendição me irritou ainda mais. Era da mesma maneira que ele sempre dizia que as festas apareciam em casa como se não houvesse nada que eles pudessem ter feito para incentivá-la.

— Eu não dormi a noite passada. Adiei dois documentos que devem ser entregues amanhã para deixar tudo pronto aqui.

— E eu me ofereci para ajudar.

— É isso que recebo quando você ajuda. — Minha mão se estendeu para as pessoas que pareciam não ter nada melhor para fazer do que sair e brincar. Lágrimas de raiva queimaram nos meus olhos, e isso me irritou ainda mais. Me recusei a chorar na frente de alguém. Eu respirei estremecendo e olhei para ele. O sentimento de cansaço, mal conseguindo manter os olhos abertos, amplificou minha raiva, tingindo de delírio. Meu tanque estava no E, e eu não podia lidar com isso agora.

— Você transformou a doação de sangue em uma de suas malditas festas, Nix. Eles nem podem trabalhar nessas condições. — Meu dedo disparou, apontando para os voluntários derrubando as telas de privacidade que eles tinham para as pessoas doando, as camas que já estavam vazias e sendo derrubadas. — Eles não conseguiam nem obter a quantidade necessária de sangue que geralmente recebem por causa de todos os idiotas que você aparentemente convidou, olhando boquiabertos e aguardando sua chegada. — As lágrimas ardiam nos meus olhos, mas eu bati meus lábios com força e respirei pelo nariz. — Você acha que uma aparição sua é tudo o que precisa para ser melhor? Teria sido melhor se você não viesse. Você entende o quão sério isso é? O sangue é necessário, estamos literalmente falando de vida ou morte aqui. Isso pode custar a vida das pessoas, e eu fui a responsável pela movimentação. Agora, me desculpe, tenho que ajudá-los a fazer as malas e talvez, apenas talvez, possa recuperar outro lugar para eles antes do final do ano.

— Me deixe ajudar.

Ele estendeu a mão para mim, mas eu puxei meus braços para fora do alcance. — *Não*. Você já fez o suficiente. Se você quiser ajudar, mantenha seu fã-clube fora do nosso caminho.

Ele me olhou do outro lado da academia com uma expressão atordoada no rosto, mas isso não durou muito. Logo a festa se moveu em torno dele, engolindo-o em uma multidão de fãs adoradores.

Bom. Deixe-os ficar ali, muito, muito longe de mim.



Fazia quase três dias desde a doacão de sangue, e eu jurei que, se eu pudesse cuspir unhas, Nix teria sido preso na parede mais próxima. Eu reduziria minhas horas de voluntariado, porque de que adiantava ganhar o Prêmio Huffington se eu não me formasse de verdade? Os prazos expiravam no meu pescoço como um calouro excitado do lado de fora do vestiário das meninas.

Pior ainda, eu não tinha ouvido falar de Nix, não que eu quisesse, mas achei que ele teria pelo menos enviado uma mensagem ou algo para se desculpar pelo fiasco que causou. Mas não, nada. Desta vez, estava tudo assustando ele. No final de tudo, alguém jogara uma bola de basquete no meio da quadra e quase retirara a unidade de refrigeração que segurava o sangue.

Eu não esperava o silêncio de Nix, mas talvez fosse o melhor. Tínhamos tido um flerte, um caso. Era quente, sexo arrepiante, noites tranquilas olhando um para o outro sobre nossas pilhas de livros, mas era melhor não ter as coisas mais longe quando eu não podia confiar nos meus sentimentos quando se tratava dele. Ele me deixou toda tonta e irracional. Não era disso que eu precisava.

Prêmio Huffington. Graduada. Bolsa. Corpo da paz? Essa última foi uma nuvem nebulosa pairando no final do ano. Então o que? Eu me concentrei nesse próximo marco por tanto tempo, mas a expansão para depois da faculdade me aterrorizou. Pelo menos a bolsa me daria algum tempo para descobrir tudo.

— Eu pensei que você poderia usar algum combustível de estudo. — Um prato de brownies de chocolate deslizou à vista, raspando o grão de madeira da minha mesa.

— Você não precisa continuar me alimentando, você sabe.

— Eu sei. — Jules caiu na minha cama e se apoiou nos braços.

— Algo em sua mente? — Eu escolhi os pedaços de chocolate.

A boca dela abriu e fechou. Ela torceu os lábios para um lado. — Não. Você quer sair para jantar?

— Eu não posso. Tenho um turno na Uncommon Grounds, mas podemos usar o desconto de funcionários para pegar um pouco de quiche antes do meu horário começar.

Ela apertou o punho e empurrou-o para baixo. — Sim, e eu posso pegar uma salada da Archie's. — Ela cutucou os óculos com a articulação dos dedos. — Me avise quando você estiver pronta para ir.

Lambi o chocolate dos meus dedos e verifiquei a hora.

— Agora?

— Vou pegar minha carteira. — Ela agarrou a beira da porta e voltou. — Você nunca disse como a doação de sangue foi um sucesso?

Meus olhos se estreitaram, e eu posso ter rosnado.

— Isso é bom, hein? — Ela riu.

Chegamos ao Uncommon Grounds e pedi nossa comida, duas quiches e um frango empanado e depois nós pegamos uma mesa. Jules voltou com a comida que pedira: uma salada com molho ao lado e uma água.

Eu levantei uma sobrancelha. — Maneira de me fazer sentir como um glutão.

Ela acenou para o meu olhar. — Eu também estou comendo quiche, a menos que você não tenha pedido uma para mim. — Ela olhou o balcão atrás de mim. — Além disso, eu comi rabanada esta manhã e ainda há brownies em casa.

Alguém atrás do balcão chamou meu nome e eu peguei nossa comida.

— Você acha que Zoe vai voltar? — Jules dividiu sua quiche

no meio, deixando escapar o vapor.

— Como sabemos que ela não voltou? Talvez ela tenha uma capa de invisibilidade. — Tomei minha bebida.

— Vai ser ruim ficar em casa sozinha no próximo ano.

— Você não ficará sozinha. Você pode conseguir novos companheiros de quarto. Inferno, alugue o quarto de Zoe e embolse o dinheiro. Não é como se ela soubesse.

— Estou falando sério. Talvez eu mude para um quarto no campus ou algo assim.

— E deixar para trás o luxo da nossa pequena casa? Como você vai assar?

— Talvez eu não precise assar tanto.

— Sua cabeça explodiria se você não pudesse.

Sua carranca se aprofundou e ela assentiu.

— Você vai me dizer qual é o problema ou eu tenho que torturá-la? Eu posso fazer coisas com utensílios de cozinha que fariam alguém quebrar. Já viu uma espátula quebrar ao meio?

— Você é um monstro. Sabia disso? — O olhar dela disparou para a mesa.

— Fale.

Ela lambeu os lábios e espiou pela borda do estande. — As cartas. — Aparentemente, girar o gelo em seu copo era agora uma nova maravilha do mundo moderno. — Berk quer me conhecer.

— Qual é o problema?

Seus olhos se arregalaram e ela se recostou na cadeira antes de se curvar e assobiar sobre a mesa. — Ele é perfeito, esse é o problema.

— Ninguém é perfeito.

— Ele está quase perto. As cartas mudaram. Nem todas as cartas são Dear Penthouse, como você pensa. Ele é diferente do que eu pensava que seria.

— Diferente como? — Eu me inclinei.

— Apenas diferente. Não achei que ele se importaria depois das primeiras, mas depois começamos a conversar mais sobre nós mesmos. — Ela pegou a etiqueta na garrafa de água.

— Novamente, qual é o problema?

— O decote de seu pênis pode afundar milhares de navios.

Engasguei com meu refrigerante. — Decote de pênis?

— Aquela coisa em V que apenas os caras super gostosos recebem. É como uma flecha gigante apontando na direção do pênis deles, tipo, *você vai gostar, senhora.*

— Uau, eu nunca soube que tinha um nome.

— Quero dizer, não acho que seja o nome técnico para isso ou algo assim.

Inclinei minha cabeça. — Você não diz.

Ela jogou um cubo de gelo para mim. — De qualquer forma, ele quer se encontrar, mas eu não estou bem com isso.

— Então não se encontre com ele. — Dei de ombros.

— Mas eu realmente quero.

— Você acabou de dizer que não estava bem com isso.

— Eu não estou, mas eu quero.

Minha quiche não estava mais em níveis de derreter a boca.

Jules espetou sua salada e comeu com gosto.

— Esse é um tipo de situação de chamada inicial? Já vi alguns de seus rabiscos nessas anotações.

— Começou assim, tudo quente e pesado, mas de alguma forma outras coisas estão surgindo. Na última carta, houve apenas uma menção à minha boceta.

E lá foi o frango na minha traqueia. Largando minha comida, me inclinei, tentando não asfixiar com frango e queijo.

Chiado, eu engasguei. — Que romântico?

— Ele realmente é. — Ela tem um olhar sonhador nos olhos. — Muito mais do que eu esperava.

— Eu acho que você talvez não diga a ele quem você é em breve?

Seus olhos se arregalaram como se eu tivesse pedido para ver fotos nuas dela.

Houve uma comoção em direção à entrada de Uncommon Grounds. Olhei pela borda do nosso estande e fiz uma careta. Trojan, sempre fazendo bagunça onde quer que fossem.

25

NIX

Quem não ama uma xícara de café fumegante como um bom revigorante depois de um treino? Antes, eu tinha descoberto com alguém atrás do balcão que Elle tinha um turno hoje à noite. Eu pensei que o lugar estaria quieto, mas estava lotado. Eu olhei a cafeteria.

O cabelo rosa desbotado de Elle apareceu na vista no segundo em que nossos olhares colidiram.

Fui direto para a mesa, sem me intimidar por nenhum aceno de outras pessoas na cafeteria.

— Ei, Nix. — Jules espiou por cima da xícara com as duas mãos em volta.

Elle lançou um olhar destinado a um traidor para ela.

— Elle... — Ela estava linda como sempre, e os discursos em que eu trabalhei voaram da minha cabeça como uma bola atrapalhada. Não queria falar com ela até consertar tudo.

Ela passou por mim e andou atrás do balcão.

— Continue. — Jules me cutucou com o cotovelo e deu um aperto tranquilizador no meu braço antes de sair.

— Posso falar com você?

— Não. — Ela amarrou um avental na cintura. — Posso ajudar quem é o próximo?

Alguém veio atrás de mim. Eu me virei. — O que você quer? Eu vou pagar.

Os olhos da garota se arregalaram e seu olhar saltou de mim para Elle. — Café gelado mocha duplo. Chantilly extra.

Voltando, dei a Elle a ordem.

Ela não se mexeu. Os braços dela estavam cruzados sobre o peito como se ela tivesse entrado em conflito com a Medusa.

— Eu não pensei na logística da coisa da doação de sangue e em como muitas pessoas não convidadas poderiam estragar tudo. Eu...

Ela pegou um copo e fez a bebida com uma eficiência implacável e atenção aos detalhes.

Inclinando-se sobre o balcão, me contornando ela entregou o copo para a garota que estava ao meu lado, olhando para a nossa pequena exibição como se fosse seu novo programa favorito.

— Eu queria compensar você.

— Próximo. — Elle olhou através de mim.

Agitando a próxima pessoa, recebi o pedido deles. — Meghan, aqui, tomará um café expresso duplo.

— Chegando logo. — Se ela não tivesse cuidado, ela quebraria um dente.

— Elle... — Cobri sua mão com a minha, e ela a pegou de volta.

— Não, Nix. Não. Você não pode simplesmente continuar invadindo minha vida.

— Eu estraguei tudo. Eu só estava tentando ajudar, mas fiz da maneira errada. Eu sei disso agora, mas quero compensar você e receber ainda mais doações de sangue do que você jamais conseguiu antes. Apenas me deixe tentar.

O olhar de ceticismo era palpável. A boca dela abriu e fechou. — Como? — Havia uma cautela nela que eu odiava ver.

— Com outra campanha de doação de sangue.

— Nem vai valer a pena. Quanto aos números que obtemos, tenho certeza de que não nos darão outro espaço antes que todos saiam para o verão.

— E se fosse? E se houvesse mais de trezentas pessoas que poderiam doar? E todos fossem liberados antes do tempo e

cumprirem todos os requisitos?

As sobrancelhas dela mergulharam em confusão.

— Depois daquele dia, verifiquei todas as coisas que as pessoas precisam fazer antes de poderem doar e perguntei ao meu técnico se poderíamos fazer no estádio com todos os jogadores presentes. Recebi o sim de todos da equipe e da equipe de instalações, estamos à sua disposição. Você tem toda a instalação e qualquer uma das concessões para ter comida suficiente para os voluntários e as pessoas que doarem sangue.

— Poderíamos chamá-lo de Give on the Gridiron. — Os olhos dela se iluminaram.

— Toda a máquina FU Trojans está atrás de você, no que precisar. Eu sei que isso é tudo culpa minha. Estou acostumado com… estou acostumado a apenas aparecer em coisas assim. Meu pai sempre me fez fazer esse tipo de coisa, e eu nunca tive que pensar na logística. Sei o quanto isso é importante para você e quanto trabalho você dedica a tudo, e não quero que as pessoas se machuquem por causa do meu erro.

— Hum, com licença. — Houve um toque nas minhas costas. — Posso tomar meu café?

— Desculpe, me deixe fazer. — Elle fez a bebida em tempo recorde e a devolveu para a garota que estava ao meu lado com o olhar saltando entre mim e Elle.

Pedi mais três bebidas para outras pessoas antes que a fila acabasse.

— Por que você não ligou ou mandou uma mensagem? — Elle limpou o balcão.

— Palavras não eram suficientes. Não queria lhe dizer que estava arrependido, queria lhe *mostrar* que estava arrependido. Levei algum tempo para que eles concordassem em me deixar usar o campo e garantir que eu pudesse fazer isso por você. Por isso eu esperei. A aprovação final veio do pessoal das instalações hoje cedo e eu bati na sua porta antes de vir aqui para lhe dizer, mas você não estava em casa.

— Você está falando sério sobre tudo isso? — Ela olhou para mim com uma incerteza nos olhos que me apunhalaram direto no coração. Sua confiança foi conquistada com força, e eu não iria estragar tudo de novo.

— Eu sou uma merda constante ao seu redor, algo sobre sempre tentar impressioná-la e falhar miseravelmente.

— Você está tentando me impressionar? — Ela se levantou com uma pergunta nos olhos.

— Porra, é ainda pior do que eu pensava, se você nem pode dizer.

— Você já pediu? — Alguém perguntou atrás de mim.

— Vou deixar você voltar ao trabalho. Venha para o estádio amanhã às sete e podemos analisar tudo o que você precisa. Podemos fazer deste o melhor evento da história da FU.

— De manhã?

— Brilhante e cedo. — Me afastei do balcão e saí antes que ela pudesse dizer não. Voltei para casa, determinado a mostrar a ela o quanto isso significava para mim, o quanto *ela* significava para mim.

26

ELLE

As luzes no campo inundaram o espaço enquanto a doação de sangue se esticava na terceira hora. A música tocava no extremo oposto da zona final, onde havia um jogo de touchdown configurado. Nix não estava mentindo quando disse que toda a equipe estava à minha disposição. Berk, LJ, Reece e o resto dos jogadores foram de porta em porta em muitos dormitórios e residências fora do campus para encontrar doadores voluntários.

Os patrocinadores saíram dos armários nos poucos dias seguintes ao anúncio. Havia comida, bebidas, prêmios, camisetas e muito mais. Era parte de carnaval, parte de boas ações, e todo mundo estava se divertindo muito. O poder da máquina FU por trás de qualquer coisa mudou a escala de uma maneira enorme.

Que outros projetos poderiam se beneficiar desse nível de visibilidade?

— Puta merda, este é o evento mais legal que você já montou. — Jules olhou para as luzes do estádio e empurrou os óculos pelo nariz.

— É a primeira vez que tenho literalmente um estádio de pessoas prontas para fazer o meu lance.

— Acho que isso significa que Nix está fora da casinha. — O canto da boca dela se levantou.

— Está no caminho.

Berk saltou ao meu lado. — Elle, Nix disse para verificar com você onde devemos colocar essas camisetas.

Os olhos de Jules se arregalaram e ela congelou como se não pudéssemos mais vê-la se ela não se mexesse.

— Eles podem ir pela saída mais distante, para que as

pessoas possam pegar na saída.

Berk gritou pelo campo para os caras segurando as enormes caixas de camisas dobradas.

— Você se lembra da minha colega de quarto, Jules, a padeira.

Os olhos de Berk se arregalaram e ele se aproximou dela.

— Eu poderia comer suas delícias em qualquer dia da semana.

— Você provavelmente deveria me pagar o jantar primeiro. — Uma risada gaguejante se libertou de sua boca e o rubor escarlate traçou uma trilha no pescoço.

— Se você continuar assando assim, eu vou mantê-la tão alimentada quanto você precisar no valor de caminhões, se necessário.

O sorriso de Jules teve uma morte desigual e ela cruzou os braços sobre o peito. — Obrigada.

— Foi bom conhecê-la. — Ele estendeu a mão e Jules ofereceu a dela como se ele fosse um urso procurando uma refeição. Berk correu de volta pelo campo para pegar uma caixa de camisas que caiu e abriu.

— Caminhões fodidos. — Jules balançou a cabeça e olhou para ele.

— Ele não quis dizer nada com isso. Sério.

— Me poupe, Elle.

— Vá falar com ele. Conte a ele sobre as cartas.

— Depois disso? Você está falando sério? Por que não me amarrar à baliza e dar a todos a chance de experimentar meu constrangimento?

— Se você não contar, ele nunca saberá.

— Nunca tive meu coração esculpido no peito com uma colher enferrujada, mas tenho quase certeza de que seria péssimo. Minha hora de doar sangue está prestes a começar. Vejo você

mais tarde. — Jules correu para a área de entrada.

— Elle. — A coordenadora atravessou o campo em minha direção.

— As coisas estão indo bem? Eu sei que é um pouco de loucura, mas pensei que, com as coisas isoladas, isso manteria longe dos doadores.

— Esta é a unidade mais incrível que já rodamos. Nunca tivemos uma participação como essa em uma escola desse tamanho. Pode ser a maior doação em um único dia que já tivemos. Não posso agradecer o suficiente. Entrar o verão depois que todas as escolas terminarem, é difícil para nós, mas isso fará muito bem. — Ela me puxou para um abraço enorme e rangente.

— Foi um esforço de grupo. Nix Russo é quem preparou todo mundo para trabalhar. Muitas pessoas dedicaram horas para fazer isso acontecer.

— E nós somos muito gratos. Preciso voltar ao meu posto, mas queria agradecer. Diga a Phoenix que eu disse obrigada também. — Ela acenou e voltou para a área de doação.

— Eu vou.

As pessoas andavam pelo estádio com suas camisetas do *Give on the Gridiron*, comendo pipoca e cachorro-quente. Risos e música me cercaram. Era um mar de pessoas que nunca teriam encontrado isso sem o trabalho que Nix havia feito. A necessidade de vê-lo me dominou.

Correndo do campo, perguntei a todos por quem passava se o tinham visto. LJ ergueu os olhos da pintura no rosto e apontou na direção de um dos túneis.

Nix saiu de uma das portas com alguns outros caras, todos equilibrando caixas grandes. — Essas são as bolas de estresse. Elas vão para a área de doação, então levem para lá. — Ele dirigiu os outros antes de me ver. — Vão em frente, pessoal, eu vou conversar. — Ele se virou para mim. — Está tudo bem?

As palavras pararam na minha garganta. Me inclinando sobre a caixa entre nós, levantei as duas mãos e embalei seu rosto,

atacando seus lábios como eu queria desde a última vez que o toquei.

Sua caixa bateu no chão com um baque e ele passou os braços em volta de mim, combinando meus beijos famintos com os seus. Indo para trás, ele nos colocou na porta aberta da sala escura.

— Eu senti falta disso. — Ele sussurrou contra os meus lábios.

— Eu também.

Seus dedos se apertaram ao redor dos cabelos na base do meu pescoço. Inclinando minha cabeça para o lado, ele passou os lábios sobre a minha pele, enviando arrepios na minha espinha.

Um segundo estávamos no meio da sala escura e no outro o mundo inteiro se inclinou. Aterrissei contra o peito sólido de Nix.

— Você está bem? — Eu tentei me levantar.

Ele apertou seu aperto em volta de mim. — As bolas de estresse, a calça de moletom e as camisetas amorteceram minha queda.

— Obrigada por hoje. — Eu salpiquei sua mandíbula com beijos.

— Obrigado por me deixar fazer isso por você. — O contorno de sua ereção pressionou contra a frente do meu monte. *Apenas uma polegada mais alto…*

Ele passou as mãos em volta da minha cintura e me levantou, aperfeiçoando o ângulo.

Estremeci e bati meu quadril contra ele. Alguém passou pela porta, mas não paramos.

Suas mãos seguraram minha bunda, me arrastando mais forte contra ele. A textura de seu jeans adicionou uma sensação extra contra o meu clitóris. Eu estava pegando fogo por ele através de duas camadas de roupas.

Meus suspiros curtos e seus gemidos baixos eram os únicos sons na sala além do atrito do tecido.

— Devemos voltar lá. — Eu bati meus dentes ao longo do lado de seu pescoço.

— Você provavelmente está certa. — Seu quadril dispararam e eu queria gritar de frustração por ele não estar dentro de mim, mas eu não queria romper com o prazer que corria por todo o meu corpo.

— Em um segundo.

— Em um minuto. — Sua língua dançou com a minha no mesmo ritmo de nossos quadris. Risos ecoaram no corredor atrás da porta, mas eu não consegui parar. Se alguém entrasse, não havia nada que me impediria de transar com Nix até a próxima semana.

Ele passou a mão sob a cintura da minha calça e apalpou minha bunda, me apertando ainda mais contra ele, e isso era tudo que eu precisava. A pulsação urgente encontrou uma centelha cega de liberação.

Nix gemeu embaixo de mim e passou a mão pelas minhas costas, me abraçando em seu peito. Nossas respirações ofegantes foram pontuadas por vozes do outro lado da porta.

Descansando sua testa na minha, ele me beijou, seus lábios fazendo cócegas nos meus. — Acho que vou ter que pegar emprestado uma dessas calças de moletom.

27

ELLE

Será que eu saí de um armário de suprimentos parecendo que meu mundo estava abalado como uma estudante do ensino médio escondida no porão dos pais? Sim, sim eu saí.

Penteando meus cabelos com os dedos, eu ri quando Nix me seguiu em uma calça de moletom cinza com *Fulton U* impresso na lateral.

Não era justo o quão sexy ele parecia com aquela maldita calça. Ela pendia baixa em seu quadril, e levou toda a minha força de vontade para não puxar e empurrar ele de volta para o armário.

— Você continua me olhando assim e eu vou ter que prender meu pau com fita atlética.

— Eu não fiz nada. — Meu olhar inocente não estava funcionando com ele.

— Só mais algumas horas até que isso termine e depois consigamos fazer as pazes adequadamente. — Ele pegou a caixa de bolas de estresse anteriormente abandonada e voltamos para o campo.

Um repórter apareceu, tirou fotos nossas e fez uma breve entrevista sobre a doação de sangue e a possibilidade de continuar no futuro, sugerindo que talvez eu pudesse continuar organizando o evento nos próximos anos.

Cansada, mas mais enérgica do que nunca, depois de algo assim, suspirei quando finalmente voltamos à nossa rua. Havia uma promessa silenciosa em nossos passos rápidos e silenciosos para o Brothel, como se uma palavra dita pudesse estragar tudo e convidar interrupções que nenhum de nós estava pronto para tolerar agora.

Com a minha mão na dele, subimos as escadas, dois degraus de cada vez, e Nix fechou a porta do quarto.

Minhas mãos voaram direto para sua cintura e a dele para os lados do meu rosto, embalando minhas bochechas e deslizando seus polegares ao longo da minha mandíbula. — Você acha que hoje foi bem?

— Mais do que bem. Você fez bem. Risque isso, você foi estelar. — Enfiei minhas mãos embaixo da camisa e nas costas dele antes de puxar a camisa por cima da cabeça dele. A combinação daquele olhar sonolento da cabeceira da cama, peito nu e calça de moletom cinza foi um sonho molhado que veio à vida.

— Estou feliz que você gostou.

Coloquei meus braços em volta dele e descansei minha bochecha contra seu peito. Seu batimento cardíaco batia contra o lado do meu rosto. — Foi melhor do que eu jamais poderia imaginar. Obrigada por tudo que você fez e por ter todos a bordo. Obrigada por ser alguém com quem posso contar.

Ele me abraçou com mais força e passou uma mão pelas minhas costas, a outra segurando a parte de trás da minha cabeça.

Gentilmente me inclinando para trás, ele olhou nos meus olhos. — Eu sempre quero ser isso para você. Você pode contar comigo.

Eu assenti. O clima no quarto mudou de faminto para outra coisa. Outro tipo de calor tomou conta de mim, e eu fiquei lá, olhando nos olhos dele, querendo tanto que esse momento nunca passasse, que as coisas sempre parecessem tão bem, que eu sempre estivesse em seus braços.

O aperto no meu coração aumentou, e eu quebrei a conexão entre nós. Eu queria tanto. Eu o queria tanto, queria ser tudo que eu jurei que nunca iria experimentar, tudo que eu tinha certeza de que ninguém iria querer experimentar comigo. Apertando meus olhos, eu sabia que precisava me impedir de descer por uma toca

de coelho sem fim à vista. Ele disse isso agora, mas o que acontece quando ele sair? O que acontece quando o ano letivo terminar?

— Eles têm alguém que faz esse tipo de coisa para a equipe?

— Coisas do tipo eventos da comunidade? — Nix brincou com o cabelo na base do meu pescoço, envolvendo em seu dedo.

— Eu não sei. Eu poderia perguntar. Parece que seria uma boa maneira de capitalizar a popularidade da equipe.

— Hmm. — Peguei sua mão e o conduzi em direção à cama. Por que o físico era muito mais fácil?

Ele se sentou e me encurralou entre suas pernas, levantando minha camisa e salpicando meu estômago e peito com beijos.

O sexo frenético que eu imaginava quando saímos do armário de suprimentos deu lugar a algo diferente em sua cama, lento e lânguido com uma conexão que dificultava a respiração. Nix se colocou acima de mim com movimentos profundos e poderosos, moendo no final de cada um para provocar meu clitóris e puxar um orgasmo aparentemente interminável. Eu ainda estava firmemente envolvida nele, seu nome uma onda incansável que se construiu até que eu mal conseguia respirar.

Com o suor pontilhando minha pele, olhei para o teto, esperando a sensação voltar ao meu corpo.

— Elle, eu... — Ele engoliu suas palavras. Seu corpo estava rígido contra as minhas costas. — Você vem jantar comigo?

Eu me virei para ele e descansei minha cabeça em seu peito, deixando escapar uma pequena risada. — Você tem que perguntar? Claro que eu vou.

— Bom.

Correndo meus dedos ao longo de seu estômago, adormeci, me sentindo mais contente do que há muito tempo.



— Finalmente. Eu estava começando a me perguntar se você estava mentindo para mim esse tempo todo. — Um homem alto,

cujos movimentos rápidos falavam de um homem muito mais jovem do que as rugas indicadas em sua pele, veio até Nix e o abraçou antes de virar os braços abertos para mim.

— Vovô, esta é Elle. — Nix sorriu super largamente quando seu avô segurou meus dois ombros.

— Ele realmente levou a refeição que eu enviei?

Eu olhei para Nix e sorri. — Ele levou, mas acho que podem ter faltado algumas mordidas.

— Ei, eu estava bem. Eu não toquei nela.

Seu avô tremeu e balançou a cabeça. — Por causa disso, acho que ele deveria fazer a comida esta noite.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Você cozinha?

— Eu brinco. — Nix bateu na bolsa em seu braço.

— Brinca *psh*. Depois de tudo que te ensinei, é melhor você ser melhor que isso. Hoje à noite, é hora de você nos surpreender. Você sabe o que há lá atrás. Vou pegar uma bebida para sua amiga e depois estaremos lá.

Nix foi para a cozinha.

— Obrigada por me receber aqui, Sr. Russo.

Ele zombou. — Me chame de Patrick. Tinto ou branco?

— Branco. Obrigada, Patrick.

Ele me serviu uma boa taça e me entregou. — Se ele ainda não cozinhou para você, você vai gostar de Phoenix na cozinha.

— Imagino que ele não tenha conseguido aparecer com frequência durante a temporada.

— Não, mas ele veio com mais frequencia ultimamente. É bom tê-lo aqui. Ele sempre amou a cozinha. — O orgulho de seu avô brilhava intensamente em sua voz.

Entramos na cozinha e Nix fatiava um pouco de carne, espalhando temperos nela. Patrick puxou um banquinho para mim e eu pulei nele.

— Vou deixar vocês. Eu vou ajudar com o serviço. Phoenix, não coma minha parte.

— Se você não voltar aqui em uma hora, velho, talvez eu coma.

— Eu posso ajudar. — Coloquei minha taça de vinho na mesa.

— Você é uma convidada, não ajuda. Você fica parada.

Nix saudou com a faca na mão e cutucou o vinho em minha direção.

— É por isso que você foi tão bom com os vegetais no Grace's.

— Alguns anos de serviço de corte aqui. — Ele apontou para as bancadas de aço, estações de preparação ordenadas e pessoas apressadas. — Fazem isso com você.

— O que você está fazendo? — Envolvi meus dedos em torno da borda do banco entre minhas pernas e balancei meus ombros em antecipação.

— É uma surpresa.

— Assim como você. — Tomei um gole do meu vinho.

— Você também esteve cheia de suas surpresas.

— Mas nenhuma tão delicioso quanto isso. — Inclinei-me sobre a mistura de vegetais temperados e inalei.

Seus olhos passaram por mim. — Eu não diria isso.

A carga que não tinha nada a ver com a cozinha fumegante estava de volta. Mordi meu lábio inferior e tomei outro gole do meu vinho, mantendo meus olhos longe dele. Não é uma ótima maneira de causar uma primeira impressão, pulando os ossos no restaurante do avô.

Nix trabalhando neste ambiente era uma coisa bela. Eu nunca o tinha visto jogar, mas se ele era metade do fluido no campo e na cozinha, não era de admirar que ele estivesse pronto para ser o escolhido número um.

— Posso ir assistir você jogar na próxima temporada?

Seu corte vacilou e ele quase tirou a ponta do dedo.

— Ou não. Não sinta que precisa me convidar ou algo assim. Eu sei... — Minhas palavras morreram na garganta, e todas as promessas que ele me fez pareceram um buraco no estômago. Talvez ele não quisesse que eu fosse vê-lo quando ele estava jogando. Talvez ele estivesse rindo em um quarto de hotel cheio de fãs de futebol quando o treino terminasse. Uma respiração em pânico ficou presa na minha garganta.

— Elle. — Ele parou na minha frente com a mão no meu pescoço e o polegar correndo ao longo do lado do meu rosto no que eu descobri que era o seu movimento favorito de "preciso da sua atenção". — Onde quer que eu esteja no próximo ano... — Ele passou o polegar pelo meu lábio inferior, quebrando todos os tipos de regras de saneamento da cozinha. — Quero ver você o máximo que puder. Sei que você também não sabe onde vai estar, mas vamos fazer funcionar. — Seus olhos suaves encararam os meus com tanta sinceridade que fez meu peito doer. Aquele sentimento de wasabi acabado de provar passou pelo meu nariz, e puxei meu queixo para longe dele para me controlar.

— Nós podemos trabalhar com isso. — Eu balancei a cabeça, mantendo meu olhar treinado nas minhas pernas.

— Nós podemos fazer mais do que isso. — Ele deu um beijo no topo da minha cabeça, e eu apertei meus olhos com força.

Não ouse perdê-la, Elle. Fortalecendo-me com outro gole de vinho, dei um tapa em um sorriso brilhante e voltei a assistir Nix.

Um pouco depois, ele apresentou um prato de camarão cozido, limpando a borda do prato com uma toalha de cozinha. Uma bela mistura de cores se entrelaçou no prato que cheirava ainda melhor do que parecia.

Meu olhar disparou dele para a carne suculenta e legumes perfeitos. — Você é um maldito mágico.

Ele riu e jogou a toalha por cima do ombro. — Reservamos isso para os padeiros. Isso é verdadeira mágica. Jules poderia comandar um exército com as coisas que ela faz. — Ele se aproximou e olhou por cima do ombro. — Não conte a ninguém, mas o material dela é cinco vezes melhor do que qualquer um

aqui. — Ele estendeu um garfo para mim.

— Ela ficaria feliz em ouvir isso. — Eu congelei no meio da mordida. — Você sabe se Berk está namorando alguém?

A cabeça de Nix disparou para trás e suas sobrancelhas se afundaram. — Não que eu saiba. Quero dizer, havia uma garota que vinha com bastante frequência, mas eu não a vejo há um tempo. Ele está trocando cartas com alguém recentemente, e isso parece estar ocupando muito do seu tempo. Por quê?

Jules me cortando de todos os pedaços de brownies e me assando em uma torta passou pela minha mente. — Sem razão. Parece que vocês têm muitos visitantes.

— Mais como vizinhos intrometidos. Reece é todo apaixonado por Seph, LJ e Marisa estão constantemente brigando, e Berk está fazendo sua melhor representação de eremita, então a loucura do Brothel diminuiu.

Dei uma mordida e a carne derreteu na minha língua. Os sabores combinados na minha boca em mordida celestial após mordida celestial. Eu posso ter agarrado o balcão em um ponto para não cair da cadeira.

Com toda a força que tinha, evitei lamber o prato, saboreando cada pedaço.

— O que você acha?

— Não é tão ruim. — Dei de ombros.

— Então você não se importará se eu simplesmente limpar isso para você... — Ele agarrou a borda do meu prato, e eu o bati com o garfo.

— Tire a mão.

Ele sorriu e lentamente deslizou pelo balcão enquanto eu pegava as últimas mordidas e as enfiava na minha boca o mais rápido possível.

— Não é tão ruim, hein?

— Eu estava com fome. — Eu levantei minha mão sobre minha boca completamente cheia.

— Estou feliz que você gostou. — Ele levou nossos pratos para a pilha de outros lavados.

— Geralmente ele come toda a comida. — Seu avô riu e me trouxe outra taça de vinho.

— Desculpe, nós comemos sem você.

Ele acenou com a mão. — Não se preocupe. Ele separou um pouco para mim. Uma vez que o salão fica ocupado, nunca há tempo para sentar, mas sempre é bom ver como tudo isso faz os clientes felizes. Ele não cozinha assim há muito tempo. — Orgulho encheu sua voz.

— Ei, vovô, dando um tempo?

Patrick zombou. — Nunca. A refeição foi maravilhosa. Você não perdeu o seu toque.

Nix sorriu tão largo que poderia ser visto do espaço.

— É bom ter você aqui. Você precisa vir o máximo que puder antes do draft. Quem sabe onde você pode acabar.

— Eu sempre vou voltar aqui, contanto que você tenha um lugar para mim.

— Sempre, Phoenix. — Ele abraçou Nix e bateu nas costas dele. — Agora, o que foi isso que ouvi sobre sobremesas ainda melhores do que as do meu restaurante? — Seu olhar se voltou para o meu e meus olhos se arregalaram.

28

NIX

— Me passe a calda. — Berk gritou, quase subindo em cima da mesa e derrubando a mochila nas costas da cadeira.

— Acalme-se! Está chegando. — Acenei minhas mãos em direção a ele, dando às pessoas ao redor da salão de jantar do Tavola um sorriso apaziguador. Mesmo com a multidão do brunch, a voz de Berk continuou.

Esfregando as mãos, Berk lambeu os lábios. — Um gotejamento intravenoso dessas coisas não seria suficiente para mim.

— Gostaria de um pouco de diabetes com o seu café da manhã? — LJ passou o pequeno jarro de xarope para Berk.

Ele encharcou suas panquecas, guloso em sobrecarga.

— Não deveríamos ter esperado os outros? — Seph brincou com a ponta do guardanapo.

Reece passou o braço em volta do ombro dela. — Lembra das marcas de dentes nas costas da minha mão quando tentei pegar um biscoito da Tupperware? Ficar entre Berk e uma montanha de açúcar é perigoso para a saúde de todos.

— Não sobrará nada para mais ninguém. — Seph tocou a alça do recipiente de xarope. Berk rosnou e arrastou-o para longe, mantendo os olhos fixos nela, pronto para afastar qualquer tentativa de removê-lo de seu aperto.

— Caramba, desculpe. São suas artérias, eu acho. — Seph desenrolou o guardanapo e o colocou no colo, ao contrário dos outros pagãos à mesa.

A porta da frente se abriu e a faixa rosa de Elle atravessou as pessoas perto da entrada, esperando para se sentar.

Ela se aproximou e eu a puxei, a beijando, ignorando os

assobios dos caras.

— Parece que Nix está conseguindo seu açúcar. — LJ riu.

— O que você tem, oitenta anos? — Berk balançou a cabeça.

Colocando minha mão nas costas dela, eu a guiei em direção à mesa. — A equipe do imbecil mal podia esperar e já pedimos.

Um pequeno sorriso como se ela estivesse apenas sorrindo para mim surgiu em seus lábios. — Não se preocupe com isso. Jules estava estressada e precisava de alguém para testar muffins esta manhã, então não estou com muita fome.

— É Jules, rainha da corrida do açúcar. — Berk chamou, arrastando uma cadeira ao lado dele na mesa. — Há um assento aberto aqui e me diga o que preciso fazer para obter outro lote de pãezinhos de canela. — Ele apertou as palmas das mãos.

Ela fez uma pausa e agarrou sua bolsa com força, como se estivesse com medo de ser assaltada a qualquer segundo.

— Eu juro que não mordo pelo menos não sem consentimento. — Ele mordeu os dentes. — Sério, farei qualquer coisa por esses pães. Preciso me ajoelhar e implorar?

Jules se sentou na cadeira ao lado dele, se segurando firme como se um cachorro estivesse sentado ao seu lado. — Qualquer coisa, hein? — Ela relaxou um pouco e colocou a bolsa sobre a mesa. — Como você se sente sobre casamento?

Seus olhos se arregalaram e ele engasgou com a panqueca que ele enfiou na boca. Um abafado *O quê?* Foi quase engolido por sua tosse.

— Foi uma piada. Não se preocupe. — A voz impassível de Jules foi acompanhada por um rolar de olhos.

— Ela *precisará* de um acompanhante para o casamento de sua irmã. Talvez deva ser você.

Jules lançou um olhar para Elle, em seguida, seu olhar colidiu com o meu e ela suavizou sua expressão. — Ela está brincando. Não preciso de um acompanhante. — Essas palavras foram ditas através de dentes cerrados.

Elle se aproximou e se sentou na cadeira ao lado dela. — Eu acho que é uma ótima ideia, Jules. Parece uma troca justa para mim.

— Desculpem todos, Elle deve ter batido a cabeça no caminho até aqui. Ela não está pensando claramente. Posso ver o menu?

Ainda mais comida chegou à mesa, e todos cavaram enquanto discutiam planos para o resto do ano e treinavam campos para os Trojans nos profissionais ou no último ano.

— Ainda não tenho certeza, mas se eu for, não vou descobrir minha posição até a semana após a formatura. — O rosto de Elle se apertou por um segundo antes que seu olhar voasse para o meu e relaxasse um pouco.

— Não pareça tão emocionado com isso. Elle entendeu que ela deve se juntar ao Corpo de Paz se não vencer.

— Mas se você vencer, você fica?

— Não é grande coisa. Ainda não decidi. Se eu ganhar o Prêmio Huffington, poderei ficar. Vou viver da bolsa por um ano e descobrir o que farei a seguir. Se não, esse é o único plano de vida que tenho.

Eu mergulhei minha cabeça e passei a mão sobre a perna dela. — Mas não conseguimos nos ver. — *Isso saiu um pouco carente?*

Seu olhar assustado me disse que poderia ter, junto com pelo menos um pouco chorosa. — Nesse momento, sou uma trava para o Prêmio Huffington. Falei com meu orientador e ele disse que minha inscrição foi a mais impressionante que ele já viu.

— Eu realmente espero que você ganhe. — O pensamento de passar por tudo o que estava surgindo sem Elle ao meu lado só fez o desconhecido muito mais assustador.

— Eu também. — Ela passou a mão sobre a minha.

Eu deixei minha mão na perna dela com uma felicidade brilhando no meu peito que eclipsou um touchdown de retorno. O garçom deixou uma pilha de waffles de mirtilo na minha frente

com um lado de bacon.

— Aqueles parecem tão bons. Talvez eu devesse pedir um pouco.

Cortei um pedaço e estendi para ela no meu garfo. — Aqui, prove do meu e veja se você gosta.

Um garfo caiu sobre um prato.

— Obrigada pelo banho de xarope. — Jules resmungou.

— Você acabou de oferecer comida para ela? — LJ se inclinou sobre Marisa.

— Não é grande coisa. — Eu encontrei seu olhar, rezando para que ele deixasse para lá e relaxasse.

— Você quase me atacou pelo último biscoito amanteigado no outro dia. — O olhar brincalhão de Marisa fez LJ rir.

— Foi uma escolha entre o biscoito e a sopa que você fez.

Todos os caras na mesa estremeceram.

— Vocês deixariam de ser bebês? Não estava tão ruim.

— Você criou uma imunidade à sua própria comida, Ris. É como Rasputin ingerindo veneno diariamente por anos.

— Você acabou de comparar minha comida com veneno?

LJ deu de ombros. — Quero dizer... nós realmente o enviamos para ser testado por crimes contra a Convenção de Genebra, então... — Ele estendeu as mãos para cima.

— Você nunca reclamou antes. — Ela bateu no ombro dele.

— Provavelmente porque minhas cordas vocais foram derretidas.

Marisa espetou um quadrado de waffle perfeitamente cortado e levantou o garfo, olhando para LJ. — É realmente tão ruim assim?

Ele correu para dizer a ela que não era, o que significava que todos nós teríamos que tentar sufocar alguma mistura de Marisa naquele fim de semana. Eu sabia que seria melhor estocar Pepto e

Tums.

Eu levantei meu garfo para Elle e ela deu uma mordida. Os lábios dela envolveram o garfo. Inferno, eu teria alimentado ela com o resto dos meus waffles, mordida por mordida, apenas para ver seus lábios rosados brilharem com xarope, prontos para eu beijá-los.

— Estão deliciosas.

— Aqui, tome o resto. — Pessoas de três mesas se viraram com a minha voz alta. — Quero dizer, se você quiser.

Ela riu e aproximou meu prato. — Que tal dividir?

Sentar ao lado de Elle, dividir os melhores waffles de mirtilo cobertos com calda e chantilly, foi o melhor café da manhã que eu já tomei. As palavras que eu queria dizer a ela por tanto tempo queimaram um padrão em meu coração, e estavam no formato de seu nome.

Eu descansei meu braço nas costas da cadeira e ela se inclinou para mim, rindo junto com todo mundo com a disputa verbal entre LJ e Marisa. Parecia que alguém era um porquinho-da-índia, mas também não confessava, mesmo que a colega de quarto de Marisa tivesse saído de nossa casa há algumas semanas e um deles poderia ter dormido no sofá ou no chão. Ninguém queria balançar o barco da amizade, que parecia estar à beira de algo que não se afastava ileso. De qualquer forma, quanto mais tempo eles compartilhavam uma cama, maior a explosão, não importa quantas vezes tentassem fingir que era como nos velhos tempos, mas na última vez que verifiquei, nenhum deles estava mais no ensino médio.

Elle jogou a cabeça para trás, rindo. As linhas suaves de seu pescoço chamaram meus dedos. Era o mesmo lugar em que eu passava os lábios enquanto me enroscava nos lençóis com ela e onde eu sussurrava o nome dela cada vez que eu era pressionado contra e dentro dela.

— Nix. — Ela olhou para mim com uma diversão faminta. — Berk está falando com você.

— O que você disse?

— Eu disse, qual de nós receberá uma de suas entradas de amigos e família na próxima temporada?

— Quem disse que vocês são? — Eu ri.

Berk piscou e sua cabeça se afastou.

— Brincadeira. Estou brincando.

Ele soltou um *pfft* e balançou os ombros. — Como se eu não soubesse disso. Tanto faz, cara. Não importa. — Ele esfaqueou o prato.

— Vocês dois podem ter um. Meu pai não vai precisar de um, ele me seguirá para todo lado e assistirá a partir daí.

— Pelo menos você não precisará de um exame de próstata com o quão fundo ele está na sua bunda.

— Seu próprio boneco de carne pessoal.

O rosto de Reece se enrugou. — E agora perdi meu apetite. Esse é o visual mais nojento já descrito.

— Como está todo mundo? — Vovô parou junto à mesa.

Levantei-me e o abracei. — O que você está fazendo aqui? Você não esteve ontem à noite?

Ele zombou. — Quem mais estará aqui se eu não estiver?

Uma abundância de garçons, clientes e chefs se apressou atrás dele. — Você é um show comum de um homem só.

— Eu me preocupo, só isso. Vocês têm tudo o que precisam?

— Claro. Venha e sente conosco.

— Não, eu preciso voltar lá. Esses ovos Benedict não vão ficar prontos sozinhos.

— Tenho certeza que eles conseguiriam chegar à mesa sem a sua ajuda.

Ele sorriu. — Eu sei, mas isso não significa que eu não goste. Ah, essa é a Jules que você disse que faz sobremesas melhores que as minhas?

Jules praticamente jogou água na boca de Berk com os olhos arregalados, balançando a cabeça. — Eu nunca diria isso. Não definitivamente NÃO. De jeito nenhum.

— Ela está sendo modesta. Eles são incríveis. Vocês não acham? — Elle estendeu as mãos para consenso, e a mesa concordou.

— Eles estão apenas sendo legais. — Insistiu Jules.

Vovô sorriu. — Bem, sempre podemos usar alguém bom por aqui. O mundo precisa de tanta doçura quanto possível. A verificação foi feita. Vocês, filhos, tenham um ótimo dia.

— Vovô, você não precisava fazer isso.

Ele me lançou um olhar de "merda" e desapareceu de volta na cozinha.

Todo mundo jogou um pouco de dinheiro para gorjeta e fomos embora.

— Meu pai tocou o sino, então estou indo para lá. Vocês voltarão para casa?

Jules estava ao lado da janela de vidro da altura de uma pessoa em frente a Tavola, fingindo não ver nossa troca.

— Vejo você na minha casa mais tarde? — Depois de quanto tempo meu pai me manteria em seu escritório, eu precisaria de uma injeção de Elle para reviver meu dia.

— Meu turno no Uncommon Grounds termina às sete.

— Eu estarei lá então para buscá-la e talvez conseguir alguns donuts velhos.

Ela me aproximou, entortando o dedo e olhando por cima do ombro. — Vou guardar alguns para você debaixo do balcão.

— As vantagens de namorar uma barrista. — Eu a beijei rapidamente. Ela tinha gosto de doce e café.

— Mais como uma queimadora de café. — Ela sorriu e ligou os braços com Jules. — Vejo você à noite.

O caminho para o escritório do meu pai era como sempre foi:

muito longo e rápido demais, tudo ao mesmo tempo.

Quando entrei em seu escritório, papai fechou uma gaveta e descansou as mãos em cima da mesa. — Passando um tempo no restaurante de novo?

Eu parei na frente dele. — Como você soube?

— Você acha que depois de todo esse tempo eu não conheço os cheiros da cozinha do meu pai?

— Machucaria você ir de vez em quando?

— Coisas mais importantes estão acontecendo. Falando nisso, haverá uma cerimônia de premiação em sua escola na próxima semana. Você foi convidado e precisa estar lá.

Ele estendeu um envelope. Os convites da Cerimônia de Reconhecimento de Pré-Início da Fulton U brilhavam em relevo azul na frente.

— Se eu fosse convidado, você pensaria que eles me enviariam isso.

— Eu estava em reunião com o presidente da universidade e ele o repassou.

— Só temos algumas semanas até o final do ano. Pare de se intrometer. Tudo vai ficar bem. — Eu descansei minhas mãos nas costas de uma poltrona de couro.

Ele se levantou do assento e contornou a grande mesa de madeira. — Vai ficar tudo bem *porque* eu me intrometi.

— Você já pensou no que faria se não tivesse mais a minha vida para organizar? Sem mais conversas e reuniões nos bastidores? — Tirei meu celular do bolso. O nível de decepção ao ver que foi um zumbido fantasma e não uma mensagem de Elle, mesmo que eu a tivesse visto, me disse tudo o que precisava saber sobre essa coisa com ela, e isso não me assustou tanto como deveria.

Enlaçando as mãos atrás da cabeça, ele se sentou na outra cadeira em frente à mesa. — Não precisaremos descobrir, não é? Quem é a garota?

— Que garota?

— Aquela que fez você checar seu celular como um filhote de cachorro ansioso. Ela está te distraindo.

— Eu não estou distraído.

— Eu não te disse o quanto é importante ter cuidado com as mulheres agora?

— Ela não é assim.

Ele cruzou os braços sobre o peito. O tácito “elas são todas assim” pairava no ar entre nós.

— Ela é grande em trabalhos de caridade, sendo voluntária. Ela está em cozinhas de sopão, projetos de construção da comunidade, aulas particulares *e* ela tem um emprego. Se alguma coisa, tenho que agendar um horário para vê-la. Ela receberá este grande prêmio de prestígio da universidade por prestar todo esse serviço comunitário. Ela não é uma fanática por futebol.

Havia um estranho lampejo em seu olhar, mas depois sumiu e ele voltou aos negócios. — Estou indo para LA hoje à noite. Eu queria revisar tudo antes de sair.

O alívio de não continuarmos falando no trem Elle me fez agarrar qualquer linha da vida. — Talvez você deva procurar uma namorada, alguém para mantê-lo ocupado, menos preocupado com a minha vida e um pouco mais focado na sua própria.

— Sua mãe se foi.

— Eu sei que ela se foi… mas já faz quase 22 anos.

— Ela se foi. — Seu olhar distante de uma fração de segundo foi substituído pelo determinado que ele sempre assumia quando estava pronto para apresentar um de seus grandes planos. — Agora vamos ver esses vídeos.

Ele levantou da cadeira, batendo no joelho. Um estalo disparou pela sala e ele fez uma careta antes de arrastar um fichário indexado, diminuiu as luzes e iniciou sua apresentação que brilhava na tela do projetor na parede oposta.

Se eu conseguisse sair dali antes da formatura, seria um

milagre.

29

ELLE

— Eu poderia enterrar você em alguns lugares em Jersey, onde eles nunca encontrarão seu corpo. — Jules balançou seu batedor para mim, enviando massa no chão.

— Qual é o problema? Tudo o que fiz foi mostrar que talvez você pudesse ter um acompanhante para o casamento de sua irmã.

— Com Berk. Berkeley Vaughn. Você está brincando comigo? Eu sou a garota gorda com os assados. Ele não está pensando em me rodopiar pela pista de dança tão cedo.

— Você está sempre se colocando para baixo.

— Melhor eu fazer isso do que qualquer outra pessoa.

— Eu nunca soube que você era um valentão.

— Oh, por favor, minhas ameaças de te matar são *principalmente* para rir.

— Eu não estava falando de mim.

— Quem diabos eu intimido?

— Você mesma.

— Eu aprendi com os melhores. — Sua meia risada não fez nada para cobrir as feridas antigas. — De qualquer forma, é melhor endurecer, já que vou à festa de noivado neste verão. — Ela manteve o olhar treinado diretamente à frente.

— Não há nada que eu possa fazer para convencê-la a não ir?

— Sem uma lobotomia, não. É um fim de semana prolongado, e minha mãe deixou claro que seria difícil pagar pelo meu último ano da faculdade se eu não fizesse o papel de melhor irmãzinha do mundo.

— Você ficaria super ofendida se eu a atropelasse com meu carro?

— O feitiço que ela lançou provavelmente quebraria seu carro antes que chegasse perto dela. De qualquer forma, me dará a chance de caçar aqueles livros de Peter Rabbit em casa.

— A, isso é ofensivo para bruxas reais, e B, não deixe sua mãe saber que você ainda está procurando por eles.

— Oh, eu sei. Ela os daria a Laura como presente de casamento no segundo em que sentisse o cheiro de que eu ainda os queria. Enfim, para tópicos menos deprimentes. Três semanas até a formatura, como está a procura de emprego?

— Definitivamente não menos deprimente. Toda aplicação foi rejeitada ou desapareceu em um buraco negro. Eu tive que pedir as empresas nas quais me inscrevi para solicitar minhas transcrições diretamente, porque o registrador nem as liberaria para mim até que eu pagasse os últimos cinco mil que devo pelo semestre e meu GPA não grita exatamente *me contrate*, mesmo para algumas das organizações sem fins lucrativos. Eles não têm financiamento para contratar alguém ou querem alguém que fez mais do que organizar alguns eventos. Eles querem pessoas de dados ou pessoas de negócios. Estou aqui com o meu diploma de humanas e mais nada.

— E algo fora desse mundo? Como planejamento de eventos ou algo assim?

— Por que diabos você acha que eu seria uma pessoa do tipo organizadora de eventos? Pareço lisa e penteada com unhas e cabelos combinando?

— Não, mas por que você acha que precisa ser assim? A doação de sangue, tudo o mais que você organiza parece que seria uma boa opção para você.

— Certo, e todo mundo me levaria tão a sério se eu começasse a escolher arranjos de flores e toalhas de mesa.

— Quem diabos dá a mínima para o que alguém pensa sobre você?

Eu levantei uma sobrancelha e olhei diretamente para ela.

Seu olhar afundou e seus ombros apareceram. — Touché, mas se você precisa de um emprego e não quer ser enviada para a Birmânia ou para outro lugar, por que não procurar? — Ela bateu as unhas uma na outra.

— Se eu disser que sim, você deixa ir e me dá um biscoito?

— Quantos anos você tem, cinco?

Eu levantei quatro dedos. — Quase. — Eu sorri. — Posso tirar uma soneca e você cuida do meu turno para mim, *fim de semana no* estilo *de Bernie*? — Caí na cadeira da nossa cozinha.

— Enquanto meu pole dance tonificou os músculos que eu nem sabia que tinha, não tenho tempo para ligar um sistema de polias para mover seu corpo atrás do balcão no trabalho.

— Você estraga toda a minha diversão.

— Eu não sei disso.

Fechando meus livros depois de algumas horas, enfiei o que precisava na bolsa e fui para Uncommon Grounds. Desligando com a mudança à minha frente, enrolei meu avental no pescoço e ocupei meu lugar atrás do balcão.

A porta se abriu e meu dia não muito ruim, na verdade, meio que ótimo, secou como uma flor cortada de uma videira. Mitchell entrou com o braço em volta de uma morena, não a garota com quem ele me traiu.

— Elle. — Sua surpresa falsa, considerando o fato de que ele me viu entrar neste café pelo menos dez vezes no mês passado, deixou claro para mim que esse idiota não tinha virado uma folha nova. Veio para mostrar sua nova namorada? Que gentil da parte dele.

— Mitchell, o que eu posso pegar para você? — Eu não ia deixá-lo me pegar.

— Vou tomar um café orgânico médio com leite de amêndoa e um biscoito vegan e trouxe meu próprio copo. O que você gostaria, querida?

— Eu vou ter o mesmo.

— Chegando logo. — Peguei os copos dele e me virei para fazer o café mais pretensioso conhecido pelo homem.

— Estou feliz que eles se livraram dos canudos de plástico. Enviei uma petição no mês passado para que isso acontecesse. — Ele se preparou para sua mais nova conquista.

Eu o corrigi alegremente. — Na verdade, o conselho tomou uma decisão há alguns meses, mas demorou um pouco para encontrar um fornecedor, já que todo mundo está mudando para os de papel agora.

Seu rosto congelou e seu olhar disparou para Nova Garota antes que ele se recuperasse. — Bem, tenho certeza de que minha petição os levou a levar as coisas adiante. Mesmo com o leite de amêndoa. *Leite fresco* quero dizer, é um programa de terror, ambientalmente falando.

Eu já fui tão santa quanto você? Eu era tão santificante e irritante de maneiras diferentes? Eu estava agindo assim com Nix e todos os outros com quem trabalhei antes? Puta merda, era um milagre eu ainda ter todos os dentes.

— Então, você está indo para o Prêmio Huffington também? — Ele se inclinou contra o balcão como se tivesse o tempo todo no mundo.

— Sim. — Coloquei o leite de amêndoa em seus copos.

Ele colocou a mão no peito e inclinou a cabeça, muito humildemente. — Você sabe que eu também sou indicado.

— Claro que é.

— Eu fiz mais de oitenta projetos nos últimos quatro anos. Tenho certeza de que ambos sabemos como as coisas vão acontecer. — Ele olhou para a namorada, que brincou apropriadamente.

— Aqui estão suas bebidas. Tenham um ótimo dia. — Deslizei as xícaras pelo balcão para ele.

— Sem ressentimentos, certo, Elle? — Ele se inclinou para

frente e tentou me dar o seu melhor olhar simpático. — Você está melhorando? Parece cansada. Se você precisar de alguém para conversar...

— Na verdade... — Eu me inclinei sobre o balcão mais perto dele. — Você tem uma meleca.

Ele se levantou e pegou um punhado de guardanapos, esfregando-os contra o nariz.

— Tenha um ótimo dia. Tchau.



— Você não terminou uma hora atrás? — Um dos caras do turno depois de mim limpou as mesas.

Após a mudança do inferno, eu estava ansiosa pelo rosto sorridente de Nix. Eu verifiquei o relógio na parede atrás da caixa registradora.

— Alguém deveria estar me pegando, mas meu celular morreu e eu esqueci meu carregador em casa. — Fechei meu caderno. Eu deveria ter trazido meu laptop, ou apenas, você sabe, ter ido para casa, mas eu já tinha esperado tempo suficiente para não dar mais quinze minutos.

Ver Mitchell trouxe à tona todos os tipos de sentimentos que eu tentei evitar. Isso me fez sentir como a mesma garota burra do ensino médio bajulando o jogador de futebol, só que eu desviei essa atenção para o mocinho estrela. Garota estúpida. Tão estúpida. Que histórico.

Por que eu ainda estava esperando Nix chegar? Eu disse a ele a hora errada? Chequei o relógio na parede novamente: quase oito horas. Minha perna saltou para cima e para baixo e estiquei o pescoço para olhar pelas janelas da cafeteria.

O que de pior que poderia acontecer? Nix aparecer e eu não estar lá? Ele viria à minha casa depois. Ficar minuto após minuto me fez sentir cada vez mais estúpida, mesmo sabendo que não ir me buscar não era do personagem dele. Era estupidez misturada com ansiedade. E se algo tivesse acontecido com ele? Talvez seu carro ridiculamente caro tivesse quebrado e não houvesse uma

pessoa gentil o suficiente para parar e oferecer uma carona como ele fez quando eu precisei de ajuda.

Talvez tenha ido para casa ver seu pai tivesse demorado mais do que ele esperava. *Apenas vá para casa, Elle. Isso está começando a parecer patético.* Levantando minha bolsa, a joguei por cima do ombro e me levantei do meu assento. Eu pegaria um pouco da massa de biscoito de chocolate com caramelo salgado de Jules no freezer e assaria quando chegasse em casa.

A maçaneta foi arrancada da minha mão quando a porta se abriu. Suor escorrendo pelo rosto e um ofegante Nix ficou na minha frente com olhos selvagens. — Você ainda está aqui graças a Deus. Eu sinto muito. Meu pai praticamente me trancou em seu escritório o dia todo. — Ele me abraçou contra seu peito. Seu coração batia como se tivesse corrido até lá.

— Havia um dever de casa que eu precisava fazer. Sem problemas.

— Tentei ligar, mas seu celular não estava funcionando. Imaginei que você estivesse me ignorando.

— Morreu.

Ele riu. — Você é a pior em carregar o celular.

— Eu sei.

— Me deixe fazer as pazes com você. — Ele abriu a porta e me levou para fora, tirando minha bolsa do braço. — Talvez eu possa terminar seu trabalho para você? Ou consertar sua campainha quebrada?

— Existem várias maneiras pelas quais você pode fazer as pazes comigo... Com as mãos. — Coloquei uma dele na minha, nos aproximando.

Suas pupilas dilataram e ele lambeu os lábios.

— Com sua boca. — Passei o polegar ao longo do lábio inferior. Inclinando-me, eu sussurrei em seu ouvido. — E com isso. — Deixei minha mão cair entre nós e meus dedos roçaram a ereção pressionando contra o zíper de sua calça jeans.

— Vamos lá. — Saímos do Uncommon Grounds, meus pés mal tocando o chão enquanto Nix me levava para o carro dele.

Ele abriu minha porta tão rapidamente que imaginei ver parafusos das dobradiças batendo no chão. Quando paramos num sinal vermelho, ele tamborilou com os dedos no volante.

Passei a mão pela coxa dele e ele sorriu para mim.

O sinal ficou verde e ele saiu para o cruzamento. Respirei fundo e minha mão apertou sua coxa com tanta força que ele estremeceu.

Meus olhos se arregalaram. O carro azul marinho estava um borrão atrás dele enquanto passavam a luz. Uma chuva de vidro tomou conta de mim e minha cabeça virou para trás. Então, escuridão.

30

NIX

— Você teve uma sorte incrível. — O médico estava ao pé da minha cama. — Mas você precisa manter o braço nessa tipóia por pelo menos uma semana. Nossas varreduras não mostraram fraturas. Há um inchaço intenso no momento, mas isso é de se esperar. Também parece que há algum dano muscular, mas não acredito que seja do acidente.

Lençóis brancos amassados sob minhas pernas enquanto eu me mexia. Pelo menos eles não dobraram como o papel nas camas do pronto-socorro. Máquinas estavam alinhadas do outro lado da sala, desconectadas e sem som. Poderiam estar ligados a mim agora, mas não estavam. Além do meu ombro inchado, alguns cortes no meu pescoço e uma contusão do cinto de segurança, eu estava bem e fui liberado para sair.

Luzes antissépticas, fluorescentes e as temperaturas quase abaixo de zero me lembravam minha cirurgia no colégio, não era um espaço em que eu queria me encontrar novamente.

A figura frouxa de Elle ao meu lado no carro quase me fez perder quando os paramédicos chegaram. Sangue escorria por seu rosto como um filme de terror. Segurá-la em meus braços enquanto esperávamos a ambulância foram os quatro minutos mais assustadores da minha vida. Eu nunca estive mais feliz pela faculdade de medicina e pelo hospital no campus.

A pulsação baixa não tinha sido muito mais do que um dia normal para mim antes que eles me matassem com algumas drogas no hospital. Se alguma coisa, agora, finalmente me lembrei de como era quando não doía.

— Sou jogador de futebol. — Eu olhei para o meu braço embalado contra o meu estômago na tipoia branca brilhante.

— Muitos danos para alguém tão jovem.

— Vem com o território. — Dei de ombros e estremeci com o dardo preciso de dor que zumbia pelo meu braço. — Posso ver minha namorada agora? — Não tínhamos oficialmente colocado esse rótulo nas coisas, mas, se alguma coisa, isso me mostrou que eu com certeza queria. Elle provavelmente iria enlouquecer se me ouvisse chamando ela assim, mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas.

— Claro, ela acabou de receber alta também.

O nó no meu estômago não afrouxaria até que eu a visse. A imagem mental do medo em seus olhos logo antes do impacto do acidente causou um arrepio na minha espinha. Tivemos sorte. Se eu tivesse entrado no cruzamento uma fração de segundo mais cedo, teríamos sido atingidos por completo.

— Phoenix. — A voz estrondosa do meu pai balançou e sacudiu as janelas cobertas por cortinas no corredor. Sua forma inconfundível virou a esquina e foi direto para mim.

— Pai, o que você está fazendo aqui? Eu pensei que você estava indo para Los Angeles.

— Estávamos nos afastando do portão e eu disse a eles para me deixarem sair.

— E eles estão bem com isso?

— Ou me deixavam sair ou eu puxaria a trava de emergência.

Minha garganta se apertou. Em algum lugar no fundo onde eu não queria admitir que existia, eu nunca poderia ter certeza de que papai se importaria o suficiente comigo para mudar qualquer plano que ele fizesse. Ele deve ter ficado com medo de receber uma ligação dizendo que algo aconteceu comigo em um acidente de carro depois da minha mãe.

— Desculpe pela sua viagem. Estou bem, um pouco chateado, mas não é grande coisa.

Ele me puxou para um abraço violento.

Eu estremeci e o abracei de volta. Foi o primeiro que eu

consegui que não veio com uma correção sussurrada para um arremesso que eu fiz ou uma peça que eu corri.

— Você está bem. — Ele parecia estar dizendo mais para se tranquilizar do que me dizer.

— Eu estou bem. Meu ombro foi mexido, mas ficará bom se eu descansar um pouco.

Ele soltou e segurou meus dois ombros, olhando para mim. — Vamos levá-lo a um médico da equipe. Eles vão te dar tudo o que você precisa para isso. Temos que ter você fora e bem para o draft. Se isso sair, pode empurrá-lo para baixo alguns pontos. Tire essa tipoia. É tudo o que precisamos: alguém vendo você com ela e causando um problema ainda maior.

Ele poderia muito bem ter me chutado no peito. Sem falhar, era o primeiro lugar em que sua mente focou depois de se certificar de que eu não estava nas portas da morte, como isso afetaria meu número no draft, se uma equipe tentasse me reduzir de alguns milhões para obter um acordo. Quem se importa? Tudo que eu queria era ver Elle e ir para casa.

— O médico disse para mantê-la.

— Alguns hackers de hospitais que não sabem o que isso pode fazer com sua carreira antes mesmo de começar. Você não vai sair com isso. — Ele disse isso em sua voz de *minha palavra é a final*.

Balançando a cabeça, peguei minha ficha do final da cama e a bati em seu peito. — Você vai dizer ao médico que todo o seu diploma de medicina não significa nada porque você disse que não preciso.

Saí correndo da sala. Entrar em uma briga com meu pai no corredor de um hospital não estava na minha lista de coisas a fazer.

Meu pai me chamou, mas parou quando encontrou meu médico, exigindo tudo o que estava no meu arquivo daquela tarde. Eu balancei minha cabeça, aninhei meu braço contra o peito e me afastei.

Apertando meu dedo no botão de saída, entrei na área de pronto socorro. Estava cheia de pessoas em vários estados para serem remendadas, todas esperando que seus números fossem chamados.

Um borrão de cabelo rosa apareceu no meu lado, e o alívio tomou conta de mim como um gole fresca de água após um treino do meio-dia.

As mãos de Elle me envolveram, seus dedos emaranhados no tecido da minha tipóia. — Eles não me deixaram vê-lo porque eu não era da família. Eu estava enlouquecendo e a cerca de três segundos de me lançar sobre o posto de enfermagem para procurar por você. Acordei na cama e não tinha ideia de onde você estava ou se estava bem!

Eu a segurei firme com meu braço livre. — Ainda bem que saí quando saí. Você está bem?

— Apenas alguns cortes na minha testa, aparentemente eles sangram como uma mãe. Dois cortes, dois pontos, um uniforme arruinado e suas roupas também estão arruinadas. — Ela apontou para as manchas de sangue em todo o colarinho e na frente da minha camisa.

Afastei os cabelos da testa. As pequenas bandagens brancas estavam presas à pele dela. — Você está realmente bem?

— Bem. Eles pensaram que eu tivesse uma concussão por um tempo, mas agora eles acham que eu provavelmente desmaiei com o sangue.

— De perda de sangue? — Meu coração apertou.

Ela corou. — Não, meu próprio sangue. Eu não sou ótima em vê-lo.

— E de outras pessoas?

— Eu estava a quase dez segundos se desmaiar durante as duas doações de sangue.

— Você foi ótima em esconder isso. — E muito mais. As brechas em sua parede estavam ficando maiores, mas ainda

estavam lá e continuavam fortes.

Ela inclinou a cabeça e olhou nos meus olhos. — Como você está? — As pontas dos dedos traçaram as bordas dos meus machucados e cortes.

— Além do meu braço, eu estou bem. O médico disse que preciso descansar um pouco e tudo ficará bem. O dano que eu tenho não tem nada a ver com o acidente. Eles saberão mais quando o inchaço diminuir. Tenho certeza de que vou ter uma bateria de testes em todas as consultas que meu pai provavelmente está agendando agora.

— Ele está aqui? — Ela esticou o pescoço, olhando para trás.

— Sim, é uma longa história na verdade, é curta, mas não quero falar sobre isso agora. Vamos sair daqui.

— Temos que fazer qualquer coisa final de alta, e eles provavelmente vão querer que eu deixe um rim para trás como garantia da conta. — Ela se encolheu e fechou os olhos com força.

— Você está com dor?

— Não, mas não era uma despesa com a qual eu contava para este semestre.

— Não se preocupe com isso.

— Phoenix. — O barítono do meu pai cortou o murmúrio. — Nós precisamos conversar.

Nos virando, mantive Elle pressionada contra o meu lado.

— Já conversamos bastante, pai. Estou levando minha namorada para casa. E preciso descansar.

O olhar do meu pai saltou de mim para Elle. Eu mantive meu braço apertado ao redor dela.

— Isso pode esperar. Estou cansado e acho que uma conversa unilateral de seis horas por dia é o meu limite. Fomos dispensados, para que você possa cuidar dos detalhes. Afinal, é isso que você gosta de fazer. Estamos indo embora.

— Eu vou precisar falar com você sobre isso. — Seu olhar

aguçado para Elle e o aperto nos olhos fizeram meu sangue ferver.

— Você nem sempre precisa. — Sem outra palavra, eu a levei para fora do hospital e a peguei em um táxi.

Ela se aconchegou contra mim no banco de trás do carro, com o braço apoiado no meu estômago, seus dedos pegando uma das gotas de sangue lá.

— Isso foi assustador.

— Foi. Não acredito que alguém seria tão irresponsável em ultrapassar um sinal vermelho desse jeito.

— Eu quis dizer a parte em que você me chamou de namorada. — Ela riu e olhou para mim.

— Coisas bem assustadoras, hein?

— Talvez não seja tão assustador quanto eu pensava que era. — Ela se aninhou mais ao meu lado, e a pulsação no meu ombro derreteu.

O táxi parou na frente da casa dela.

— Podemos ficar na sua casa hoje à noite? — Ela passou os dedos pelos meus. — Jules não está em casa esta noite e estará muito quieto.

— Claro. Você quer pegar algumas roupas?

— Se estiver tudo bem, eu posso usar as suas para dormir. — A incerteza em seus olhos fez meu coração doer pela pouca confiança que ela tinha de que eu ficaria bem com o que ela quisesse fazer.

— Você não tem ideia do quanto eu quero ver você dormindo em uma das minhas camisas.

Com o braço sobre o ombro e os dedos entrelaçados nos meus, atravessamos a rua e seguimos para a minha casa.

— O que você está fazendo chegando em casa tão tarde? E você saiu de um táxi? — Reece tamborilou no notebook enquanto estava sentado no chão em frente à TV.

— Tivemos em um acidente de carro depois que peguei Elle no

trabalho.

Como gaivotas pedindo outro pedaço de bolo, toda a casa ganhou vida com pessoas surgindo de todas as direções. Nós estávamos cercados.

— Tem certeza de que não prefere ir à sua casa? — Eu sussurrei na lateral do cabelo de Elle quando dissemos que estávamos perfeitamente bem pela décima vez.

— Não, eu gosto de ter pessoas por perto que se importam tanto.

Eu assenti. — Como todos podem ver, estamos bem, mas estamos cansados, por isso estamos indo para a cama.

— Não brinque enquanto você está se recuperando. — LJ sacudiu o dedo e bateu no pé.

— E quem disse isso?

Berk entrou na conversa antes de enfiar um biscoito na boca. — Ordens médicas.

— Boa noite a todos.

Fechando a porta atrás de mim, acendi a luz. Elle deitou na minha cama e cruzou a mão sobre o estômago.

Eu poderia ter ficado olhando para ela para sempre. Mesmo um pouco machucada e com roupas manchadas de sangue, ela era de tirar o fôlego de uma maneira que se eu nunca mais visse um pôr do sol ou o oceano novamente estaria absolutamente de acordo desde que eu a visse.

— Você vem para a cama? — Ela deu um tapinha no local ao lado dela.

— Vou pegar algumas roupas para você poder tomar um banho. Os airbags fizeram um estrago no meu nariz, e cada respiração é preenchida com um cheiro de pólvora.

Ela se sentou. — Eu pensei que estava enganada. Que diabos faz com que cheire assim?

— São as conchas que eles usam para implantar o airbag. —

Peguei um short com cordão e uma camiseta.

— Como você sabe tudo isso? — Ela se aproximou de mim, me provocando com sua caminhada oscilante, a curva de sua bunda que se encaixava perfeitamente na minha mão.

Dei de ombros. — Não tenho ideia. Vou pegar uma toalha para você.

— Quem vai lavar as minhas costas e garantir que eu não coloque água na minha cabeça? — Seu queixo caiu e ela olhou para mim, aumentando a provocação para dez.

— Provavelmente não é a melhor ideia hoje à noite. — Fiz um gesto para a tipóia descartada na minha cômoda.

— Não se preocupe, eu farei todo o trabalho. — Como se eu fosse dizer não a isso.

Ela me empurrou em direção à cama até eu cair para trás. Soltando meu jeans, eu queria dizer que ela deveria dormir e descansar antes mesmo de pensarmos sobre isso, mas essas palavras foram um sonho perdido ao vento quando ela levantou a camisa por cima da cabeça.

Pegando uma camisinha da gaveta ao lado da minha cama, eu provoquei as pontas dos seus seios nus, deslizando meus dedos sobre sua carne enrugada. Empurrei meus cotovelos para trás, fazendo uma careta com a dor no meu ombro.

— O meu não dói. — Ela me empurrou para trás e rolou a camisinha. Levou tudo em mim para não gozar naquele momento. Seus dedos estavam tão bem acariciando meu corpo, enviando arrepios de prazer ao longo da minha espinha. Qualquer dor foi esquecida por muito tempo sob seu olhar fascinante, fixado no meu e focado em mim.

Ela ficou de joelhos e afundou em mim. O calor apertado me envolveu, mas lutei para manter meus olhos abertos enquanto ela se sentava em cima de mim, parecendo todas as fantasias que eu poderia esperar, tão reais e tão ela e todos os sonhos que eu já tive.

31

ELLE

EU afundei, gostando de descer por cada centímetro dele. Ele me encheu e me esticou, acendendo o pavio de prazer que passava por mim. Minha bunda pousou contra o topo das coxas de Nix, e ele olhou para mim como se eu fosse a oitava maravilha do mundo.

Ele tinha a estranha capacidade de sempre me fazer sentir como se eu fosse o centro do seu universo. Seus olhos cortaram minhas paredes como uma faca quente na manteiga e me dominaram.

Eu abaixei minha cabeça, porque era demais por hoje, demais de uma só vez, o acidente, não saber onde diabos ele estava, correr até ele e não querer deixá-lo ir, então ele soltou a bomba com a palavra N em mim.

Havia muitas emoções envolvidas no que aconteceu hoje à noite. Até o jeito que ele estava olhando para mim fez meu peito apertar. Caí e o beijei, fechando os olhos.

Ele segurou meu quadril enquanto eu me movia, balançando e moendo enquanto mantinha o máximo de conexão possível entre nós.

Meu orgasmo veio rápido demais e não rápido o suficiente. Eu queria alcançar esse pico junto com ele, querendo que vivêssemos esse momento o maior tempo possível. As faíscas de prazer cresceram e se espalharam pelas minhas pernas e nos dedos dos pés.

Suas mãos rodearam minhas costas, me abraçando como se ele nunca quisesse me deixar ir, e sua boca chupando aquele local no meu pescoço fez minhas costas arquearem quando um grito estrangulado saiu dos meus lábios.

Ele apertou minha bunda e gemeu no meu ouvido, expandindo dentro de mim e enchendo o látex entre nós.

Nosso banho foi rápido e desleixado, derramando água da banheira pequena demais para duas pessoas no chão. Nós caímos na cama e eu mal consegui colocar a camiseta pela minha cabeça.

O cabelo ainda gotejante de Nix, a calça de pijama de flanela e o peito nu o faziam parecer mais delicioso do que qualquer homem que estivesse à procura de negócios.

Enrolada contra ele, parecia que todas as coisas que normalmente me mantinham acordada à noite não podiam me tocar. Aulas vencidas. O que diabos viesse a seguir na minha vida. Ex traidores. Pais desaprovadores. Vizinhos caóticos que nunca podiam diminuir o volume de suas festas. Com o coração de Nix batendo na minha bochecha, eu podia dormir e sonhar sem as preocupações que sempre carregava comigo.

Ele era minha pedra de preocupação pessoal, só que quando eu o esfreguei, tive uma surpresa muito maior. Seus roncos gentis me levaram a dormir e tudo o que o amanhã traria.



— E outra. — Eu queria jogar meu computador do outro lado da sala, mas não tinha exatamente o orçamento para substituí-lo.

— Outra o quê? — Jules desceu os degraus e caiu no sofá ao meu lado.

— Outra rejeição. — Eu estava superqualificada para trabalhar com o salário mínimo e subqualificada para conseguir um emprego no escritório, ou qualquer outro emprego, de acordo com todos os candidatos. — Apertei minha cabeça em minhas mãos, estremecendo quando bati no pequeno corte na minha testa. Pelo menos o machucado agora era apenas um amarelo claro.

— O que acontece se você não receber o Prêmio Huffington?

— Eu só vou ter que ficar por aqui. — Eu esperava que meu sorriso não parecesse tão frágil quanto parecia. Eu teria que encontrar trabalho onde pudesse para conseguir o dinheiro, para

que liberassem minhas transcrições e eu conseguisse outra coisa. Peace Corps, organizações sem fins lucrativos todos eles queriam aquele pequeno pedaço de papel irritante.

— Nem me tente. Estar nesta casa sozinha no próximo ano...

— Você pode conseguir novos companheiros de quarto, e sempre há Zoe.

— Eu me pergunto se ela virá buscar suas coisas. — Jules bateu no queixo.

— Se não, sempre podemos vendê-las.

— Há este maçarico que estou de olho durante todo o semestre.

— Um maçarico?

— Meu jogo de creme brûlée seria elevado para o próximo nível.

— Eu não sabia que havia níveis de creme brûlée.

— Não há necessidade de usar a grelha como uma selvagem. — Ela balançou a cabeça com nojo. — Quantos pedidos de emprego você tem?

— Alguns. Eu não tenho acompanhado. — Na verdade, eu sabia que eram três e eram para empregos em que eu seria pressionada a ganhar o suficiente para viver, comer e economizar para pagar meu saldo do semestre, se não vencesse. Meu orientador me garantiu que minha inscrição era forte e a única coisa que eu podia fazer era esperar. — Vai dar certo. Eu só estou pirando no momento, isso é tudo. Hoje não está assando?

— Você age como se eu cozinhasse todos os dias.

Eu levantei uma sobrancelha e olhei para ela de lado.

— Tudo bem, eu cozinho, mas as finais estão indo bem, então não estou perdendo a cabeça neste momento.

— Lista de Dean?

— Talvez. — Suas bochechas coraram e ela desviou o olhar.

— Tudo bem, eu sou uma nerd! Me processe.

— Eu diria que você é mais idiota do que nerd. Os nerds geralmente não gostam de quadrinhos, ficção científica e outras coisas?

— Conheço algumas franquias de estrelas diferentes.

— Franquias de estrelas?

— Vamos, Elle. Jornada nas Estrelas, Guerra nas Estrelas.

— Certo, eu sabia totalmente do que você estava falando, só estava verificando se você sabia.

— Como estão as coisas com o príncipe encantado?

— Bem?

— Isso é uma proteção, se eu já ouvi uma. Qual é o problema?

— Nada, e é por isso que me sinto assim. Ele me faz feliz. Ele é lindo e tão doce que faz meus dentes doerem.

— E ele é incrível na cama. — Acrescentou.

Eu olhei para ela como *Wtf?*

— Nossas paredes não são tão grossas. Eu posso ouvir Nix fazendo a obra do Senhor lá.

Minha boca abriu e fechou. — Eu não acho que é isso que significa.

— Para mim é.

Eu ri da sua voz prosaica, cantada.

— De qualquer forma, ele tem um futuro incrível e está se formando com louvor.

— E... qual é o problema?

— Ninguém é tão perfeito.

Ela encolheu os ombros. — Talvez ele seja.

— Se ele é, é apenas uma questão de tempo até que ele perceba como eu estou ferrada.

— Você está longe de ser tão estragada quanto pensa.

— Quando estou com ele, é como se nada pudesse me tocar.

Sinto que estou rindo como uma idiota e nada mais importa.

— E isso é um problema... por quê?

— Parece assustadoramente parecido com o que eu sentia com os outros dois, mesmo além de como estava com eles.

— Talvez você seja alguém que faz parte de um relacionamento e finalmente encontrou alguém que merece isso de você.

— Ou sou uma péssima juíza de caráter e o outro sapato vai cair, só que desta vez vou partir minha cabeça e meu coração ao mesmo tempo.

— Se você continuar procurando as rachaduras, eventualmente as encontrará.

— Você provavelmente está certa.

— Claro que estou. Sou sua velha e sábia amiga coruja. — Ela levantou os óculos com o dedo e sobressaltou os dentes superiores como se um personagem nerd ganhasse vida.

Eu joguei um travesseiro na cabeça dela, enviando seus cabelos pelo rosto.

Ela soprou fora de seus olhos. — Da próxima vez, você deve se deitar e eu cobrarei pelo conselho.

Uma batida nos forçou a declarar uma trégua em nossa luta de travesseiros.

Jules abriu a porta e se encostou nela. — Elle, é para você.

— Na verdade, eu queria falar com você. — Berk entrou na casa com as mãos enfiadas nos bolsos. Ele olhou em volta, provavelmente esperando que o lugar não caísse ao redor dele. Eu não o culpo. Depois que Nix me disse que pagou nosso senhorio pela janela que eles quebraram, eu fiz uma queixa com a cidade por sua completa falta de preocupação com nossa segurança neste lugar, não que eles tivessem feito algo a respeito ainda.

Os olhos de Jules se arregalaram e ela olhou de mim para a porta aberta.

— Eu? — Seu chiado era tão alto que fiquei surpresa que não quebrou as lentes de seus óculos.

— Sim, tenho uma ocasião especial chegando e queria saber se talvez você possa fazer um bolo para mim.

— Eu?

— A menos que sejam os duendes Keebler[7] fazendo todas as coisas incríveis que você leva para casa.

— Sim sou eu que faço. O que você precisa?

— Um bolo de camadas. E essa é a receita. — Ele lhe entregou uma impressão. — Eu procurei em todo o lado por uma padaria que pudesse fazer, mas em tão pouco tempo e com a temporada de graduação, ninguém pode.

— Alguma decoração? — Ela parecia uma máquina de bolhas prestes a estourar.

— Você tem confeitos de arco-íris? — Ele mudou de pé para o outro como se fosse impossível para ele ficar parado.

— Claro. Isso é para um dos caras? — Ela sorriu para ele. — Você precisa que eu escreva alguma coisa?

— Não, não é para os caras, e você pode colocar “Parabéns, Alexis”. Ela vai enlouquecer quando provar. Eu contei a ela tudo sobre seus doces e ela está realmente animada.

Meus olhos se fecharam e eu deixei meu queixo cair no peito. Era como ver alguém levar um soco na cara.

— Eu... — Jules pigarreou. — Eu posso fazer isso, com certeza. — Ela cobriu bem a fenda na voz. — Para quando você precisa?

De pé, eu cuidadosamente caminhei em direção a eles. As tábuas do assoalho rangiam sob meus pés, cada uma como uma nova lasca no coração de Jules. Berk estava alheio, mas a maneira como seus dedos agarraram a borda do papel e o leve tremor que a atravessava me fez querer puxá-la para um abraço e comprar um potão de sorvete.

Ele pegou o celular e olhou para a tela. — Amanhã às quatro?

Ela assentiu, como se não confiasse em sua voz.

— Você é a melhor. — Ele a apertou em um abraço com seus braços presos ao lado do corpo. — Diga quanto custa e eu lhe darei o dinheiro, ou você precisa que eu pague antecipado?

Ela balançou a cabeça e forçou um sorriso.

— Você é uma salva-vidas. — Ele acenou para mim e voltou para a porta.

Jules ficou olhando a porta fechada por tanto tempo que tive medo de me mexer.

Erguendo a mão, ela limpou a bochecha.

— Jules... — Coloquei minha mão em seu ombro, e ela pulou.

Ela sorriu para mim, uma espécie de expressão triste e perturbada, e esfregou os olhos sob os óculos. — Estou bem. — Uma expiração de ar que deveria soar leve e despreocupada soou tudo, menos isso. — Não é grande coisa, estou apenas fazendo um bolo para a namorada de Berk ou algo assim. — Ela encolheu os ombros.

— Jules... — Eu a alcancei, mas ela se afastou, cruzando os braços sobre o peito.

Minha boca se abriu e fechou, e o desamparo me matou.

— Por que você continuou me empurrando para ele? — Sua voz falhou e os cantos da boca se apertaram. — Oh meu Deus, eu sou a outra!

— Talvez seja novo. — Eu cobri minha boca com a mão, lágrimas queimando nos meus olhos com a dor dela. — Ele já mencionou alguém quando vocês trocam cartas?

— Nas nossas cartas sexuais? Você acha que ele mencionaria ter uma namorada? — Ela estendeu os braços.

— Você disse que foram além das coisas sexuais.

— Foram. — Ela olhou para a porta fechada. — Eu pensei que estávamos nos conhecendo, mas acho que ele ficou entediado.

Ela deu de ombros como se não se importasse, mas a oscilação em seus lábios e o olhar em seus olhos eram inconfundíveis.

— Não diga isso. — Eu agarrei qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa para tornar isso menos merda. — Talvez ela seja apenas uma amiga.

Jules me lançou um olhar de "você está brincando comigo". — Me deixe juntar as coisas para fazer isso. — Ela digitalizou o papel. — Ela tem bom gosto. É uma receita incrível de Milk Bar.

— Você quer que eu ajude?

Ela limpou o nariz com as costas da mão. — É melhor eu mesma fazer isso. Você não tem trabalho?

— Merda. — Se eu quisesse ficar, não duvidava que Jules me visse, mas também queria estar lá para ela. — Você tem certeza que não quer que eu fique?

— Eu ficarei bem. Não é a primeira vez que algo assim acontece e não será a última. Pelo menos eu não tive que olhar para a pena em seus olhos quando ele viu meu coração sair do meu peito.

32

NIX

Suor escorria da ponta do meu nariz. Segurando a bola na minha mão direita, meus dedos encontraram o sulco familiar do relevo contra a pele pedregosa. Gritei a jogada e procurei meu receptor aberto.

Reece estava seguindo o caminho sinuoso entre os defensores. Sua posição estava segura. Ele não deveria estar no campo, e o mesmo aconteceu comigo. Um lampejo de azul atravessou o campo. Keyton estava praticando na offseason. Ele se libertou dos defensores, encontrando um bolso perfeito para eu afundar a bola.

Eu deixei voar, estremecendo com a dor no meu braço. Olhando para as arquibancadas, fiquei olhando meu pai conversando com alguns agentes e equipes de recrutamento diferentes. Eu quase esperava que ele corresse para o campo e levantasse meu lábio superior, mostrando meus dentes para eles como um cavalo premiado.

Elle estava vindo depois do seu turno. Eu queria buscá-la, mas não queria me atrasar novamente. Ela disse que ficaria bem. O jeito fácil que ela entrou em nossa casa e eu entrei na dela me fez mais feliz do que deveria. Três meses atrás, ela teria tirado minhas bolas com um alicate se eu tivesse atravessado a calçada em frente a sua casa e agora não havia uma noite em que ela não dormisse com a cabeça apoiada no meu peito, correndo os dedos através do cabelo dela.

Ela sempre cheirava tão bem, como se a cor de seu cabelo levasse meu cérebro a pensar em algo doce, embora ela provavelmente me mataria se eu a chamasse de doce. Por mais que ela ainda fingisse ser espinhosa, eu vi a verdadeira ela, a vulnerável e insegura Elle que tinha tanto medo de se machucar

quanto qualquer outra pessoa.

Eu levantei minha mão no meu ombro para massagear, e tirei meu capacete. Esfregar meu ombro após um arremesso resultaria em pelo menos uma palestra de resumo de três horas após o treino, também conhecida como vitrine final.

— Obrigado, cara. — Keyton correu para mim. — Eu não faria aqueles caras olharem duas vezes para mim se você não tivesse aparecido hoje.

— Não se preocupe com isso. Você vai chutar bundas no próximo ano e impressioná-los ainda mais.

Ele puxou a frente da camisa, puxando as almofadas para baixo. — Ah, eu não sei. Esta temporada foi tão incrível por sua causa e de Reece. Depois que você se for, não sei o que faremos.

— Você sobreviverá, e se você quiser isso, não deixe nada atrapalhar. Você tem suas habilidades. Agora você só precisa confiar nelas. — Eu bati no centro do seu peito. — Os caras conversaram com você sobre a mudança para o Brothel no próximo ano?

— LJ e Berk mencionaram, mas eu não tinha certeza. — Seus olhos caíram na grama intocada.

— Reece e eu estamos saindo, não importa o quê. Tenho certeza de que eles não querem dividir o aluguel em dois.

— Eles disseram que alguém já disse sim. Marisa?

Bem, isso seria interessante. — Ela já está lá.

— Legal, eu nunca morei com uma mulher antes.

— Nem mesmo sua mãe?

— Não, ela morreu quando eu era pequeno.

— Não brinca. A minha também. Parece que nós dois estamos no clube e nem sabíamos disso.

Ele soltou um pequeno suspiro. — Eu acho que sim.

— Viver com Marisa não será grande coisa. Além das manicures e tampões mensais, você ficará bem. — Meus olhos se

arregalaram. — Mas, falando sério, sob absolutamente nenhuma circunstância, deixe ela cozinhar ou coma qualquer coisa que ela cozinhou.

A sobrancelha dele se levantou.

— Eu não estou brincando. Nada. Nem um drink. Nem um pãozinho ou um bolinho. *Nada*, ou você estará orando aos deuses da privada por quem sabe quanto tempo.

— Bom saber.

— E encontramos a maioria dos restos remanescentes da antiga fraternidade e os limpamos até agora.

— Remanescentes?

Eu estremeci. — O látex não se decompõe exatamente tão rapidamente quanto você imagina. Mesmo com a nova pintura e as limpezas feitas pelo proprietário, digamos que havia... retardatários.

— Talvez eu deva procurar outro lugar. Eu não sou muito participativo e não quero que os caras se sintam estranhos com isso.

Bati as duas mãos nos ombros dele. — Confie em mim, eles também não gostam de festejar. É uma ótima casa. O senhorio conserta tudo o que precisamos. — Ao contrário do senhorio imbecil de Elle. — É uma ótima localização e o preço é bom. Você sabe em qual quarto você estaria?

As pontas de seus ouvidos ficaram avermelhadas. — Eles disseram que seria o seu.

— Ótimo. Venha depois de tomar um banho e confira. Sério, estou feliz que é você que eles levaram para lá. Esses dois precisam de alguém responsável para mantê-los na linha.

Seu peito inchou com esse elogio enquanto ele sorria largamente.

— Eu tenho que ir falar com meu pai. Converso com você depois, se não o vir, vá para a casa.

— Obrigado, Nix. — Ele correu em direção aos vestiários.

Meu pai continuou e eu fiquei lá sonolento, deixando minha mente vagar por coisas melhores, coisas em forma de Elle que pareciam tão boas pressionadas contra mim. Todas as camadas de preenchimento e proteção foram úteis. Apertei minhas mãos na frente da minha virilha.

— E Phoenix não é apenas um trunfo em campo, ele também é um trunfo, e há muitas maneiras de trazer um foco positivo para uma equipe nos dias de hoje, com tanta negatividade.

Papai manteve seu discurso descontraído. Eu balancei a cabeça em todos os lugares certos, sorrindo e concordando com tudo. Era mais fácil assim e, francamente, eu não dava a mínima. Talvez uma vez que finalmente jogasse minha primeira temporada, eu explodisse meu ombro e todas as suas aspirações por mim morressem junto com sua atenção. Então eu estaria livre de um sonho que nunca tinha sido meu.

Esse pensamento me cegou, batendo na minha cabeça como aquele carro no cruzamento.

Não era isso que eu queria.

Eu queria jogar. Eu sempre quis jogar... certo? Mas, a ideia de me machucar assim... não me assustou como eu pensei que seria. Uma lesão no final da carreira para parar toda a loucura não causou arrepios na espinha ou me encheu de pavor. O que diabos isso significa?

— Nix.

Eu me sacudi desses pensamentos. — Sim, pai? — Eu andei até o lado dele.

— Algo que você gostaria de dizer? — Ele olhou para mim pelo canto do olho.

— Não, eu estou bem. Prazer em conhecer todos vocês, e estou ansioso para vê-los no draft.

Todos se dispersaram, e papai manteve a mão no meu ombro. A mensagem era clara: *fique parado.*

— Essa foi uma oportunidade perdida de se destacar. Você

estava distraído. — Ele olhou para a frente.

— Eu participei de todas as reuniões e ligações sempre que você pediu. — Tirei a mão do meu ombro. — Pare de tentar controlar tudo na minha vida.

Correndo para o vestiário, tomei banho, me troquei e olhei em volta do espaço pintado de azul e dourado uma última vez. Era isso.

Eu parei na frente da minha casa, recebida pelo rosto sorridente e pelos lábios macios da única mulher com quem eu já imaginara um futuro. O desejo de contar a ela era quase inegável. Eu queria arrastá-la para o jardim da cobertura do centro estudantil e gritar para todo o campus.

— Você ainda está suando.

Afastei os cabelos do rosto. — Foi um treino difícil. Estar de volta ao campo foi estranho. — Coloquei-a debaixo do braço enquanto entramos na casa.

— Estranho bom ou estranho ruim?

Dei de ombros. — É estranho saber que foi a última vez que me vesti em campo com esses caras.

Ela descansou a mão no centro do meu peito e olhou para mim. — Estou feliz que você conseguiu fazer isso mais uma vez.

— Eu também. O encerramento deste capítulo aconteceria se eu quisesse ou não, por isso foi bom sair positivo. — Olhei em volta da sala, os cartazes pendurados na parede, os livros e lanches de Berk por toda a mesa.

— Foi aqui e desapareceu rapidamente. Agora o mundo real. Bem, real para alguns. Acho que não podemos contar com o futebol profissional como o mundo “real”. — Ela enrolou os dedos entre aspas.

— E você? O mundo real acena.

— Não me lembre. Pelo menos comigo, ganhando o Prêmio Huffington, algumas portas se abrirão e eu posso respirar um pouco. Então eu posso tomar uma decisão.

— É certo? Eles te disseram? — Sentei na minha poltrona e a puxei para o meu colo com as pernas apoiadas de lado. — Eu sabia que você venceria!

— Nada é oficial ainda, mas meu orientador disse que nunca teve uma aplicação melhor, então não consigo imaginar isso de outra maneira. — Pela primeira vez ela estava brilhando de felicidade sem sombras cansadas.

— Você trabalhou duro para isso. — Passei minhas mãos por suas coxas, apertando suavemente.

— Tem mais alguém aqui? — Ela se aproximou e segurou minha cabeça contra o peito, correndo distraidamente os dedos pelos meus cabelos.

— Eu acho que não, mas...

A porta da frente se abriu. — E se ele estiver se sentindo generoso, ele pode deixar sua poltrona para trás.

Uma cavalgada de jogadores de futebol americano entrou correndo, rindo e quebrando a tranquilidade momentânea minha e da minha garota.

Elle virou-se no meu colo, de frente para a porta com o infeliz efeito colateral de se esfregar na calça de moletom. Ela levantou a bunda para ficar de pé e eu agarrei seu quadril.

— Isso é tudo culpa sua, então você tem que sofrer comigo. — Eu me apoiei contra ela enquanto sussurrei em seu ouvido, deixando os resultados de suas provocações nos torturarem.

Ela soltou um grito e estremeceu.

— Que poltrona? — Eu falei.

— A que você está sentado. — Os caras entraram na sala, ocupando o espaço anteriormente calmo e preenchendo-o com cerveja, chips e videogames.

— Talvez. Eu posso deixar para trás, mas também tem boas lembranças. — Eu aumentei meu aperto em seu quadril. A pulsação sutil enviou ondas ondulantes de prazer através de mim, e isso afetou Elle também a julgar pela maneira como seus dedos

se apertaram nos braços largos de couro da poltrona.

— Isso não é justo. — Ela sussurrou para mim.

— Não é justo que você me fez isso em primeiro lugar.

— Não é como se eu pudesse evitar.

— E eu não posso evitar minha reação a você. Parece que estamos presos aqui.

As pálpebras de Elle tremeram e ela disparou do meu colo, agarrando minha mão e me puxando para frente com mais força do que eu jamais imaginei que ela tivesse.

Correndo para as escadas, ela quase colidiu com LJ trazendo uma panela de molho de frango.

— Nix precisa me mostrar algo no andar de cima. — Ela soltou, em seguida, me puxou pelos degraus atrás dela.

— Tenho certeza que sim. — Berk chamou atrás de nós.

Dentro do meu quarto, ela bateu a porta. — Tire a roupa, agora. — Ela levantou a blusa por cima da cabeça. — Eu vou fazer você pagar por esse pequeno golpe lá em baixo.

Sorrindo, eu chutei meus sapatos. — Mal posso esperar.

33

ELLE

— Elle. — Mitchell ficou ao meu lado enquanto esperávamos nos bastidores do palco antes de nos sentarmos nas fileiras cuidadosamente organizadas atrás do pódio que os reitores e o presidente da universidade se posicionavam para dar nossos prêmios. — Bom ver você aqui.

— Gostaria de poder dizer o mesmo. — Não havia necessidade de ser legal. Ele era um idiota e era isso. Algumas pessoas espiaram a plateia, protegendo os olhos das luzes brilhantes do palco.

Seu sorriso estava tão satisfeito como sempre. — Não há necessidade de ficar sarcástica. Nós dois estamos aqui pelo mesmo motivo.

Eu odiava que ele estivesse certo. Estávamos lá para subir no palco e ter pessoas aplaudindo nossas boas ações.

Nix veio atrás de mim e descansou a mão no meu braço. Os olhos de Mitchell se arregalaram quando seu pomo de adão balançou.

— Ei, Elle. Eu estava procurando por você. — Ele olhou nos meus olhos como se estivéssemos separados por anos não horas, com um desejo e felicidade que fizeram meus dedos do pé formigarem.

Mitchell pigarreou, chamando a atenção de Nix.

Quebrando a conexão entre nós, Nix deu um passo para o meu lado e virou para Mitchell.

— Desculpe, eu não vi você aí. Phoenix Russo — Nix estendeu a mão. — E você é?

— Este é Mitchell Frank. Eu te contei sobre ele. — Eu olhei

para Nix por cima do ombro.

Ele franziu as sobrancelhas, como se estivesse examinando os recantos de sua mente, mesmo para a menor menção de alguém com esse nome. Eu poderia ter beijado ele. — Vocês namoraram?

Mitchell puxou seu colarinho apertado. — Namoramos por quase um ano.

— Um ano inteiro? Elle realmente não mencionou muito sobre você. Acho que não foi grande coisa. — Tradução, *ele* não era grande coisa.

— Trabalhamos juntos nos filantropos da Fulton. Este ano, estou dirigindo sozinho e arrecadamos mais de cinco mil dólares para caridade.

— Elle, o seu evento Give on the Gridiron não arrecadou isso na primeira hora com as camisas assinadas? — Nix olhou para mim, e o brilho encantado em seus olhos tornou difícil manter minhas mãos longe dele.

— Eu acho que foi na terceira hora. As coisas estavam um pouco desorganizadas no início. — A luta para manter um sorriso largo e exultante fora do meu rosto falhou miseravelmente. Eu amo esse homem. O pensamento fugaz ficou preso no meu peito e meu coração acelerou. *Eu o amo.*

— Tenho certeza que no próximo ano você superará isso em pouco tempo. — Ele passou o braço por cima do meu ombro.

— O reitor está nos chamando. Vamos ver o que ele precisa. — Eu pressionei minha mão contra o peito de Nix. — Tchau, Mitchell. — Mitchell olhou para nós de queixo caído. Eu não deveria ter deixado isso me fazer tão feliz, mas deixou.

— Agora é sua hora de brilhar, B and E. — Nix beijou minha têmpora enquanto estávamos no palco, esperando para sair para os nossos lugares.

A cerimônia já durava o que parecia horas, mas eu mantive meu rosto neutro, tentando não ficar cega pelas luzes penduradas nas vigas. Com Nix ao meu lado, não era tão terrível sentar na frente de algumas centenas de pessoas na plateia. Seus pequenos

toques no meu dedo mindinho foram suficientes para afastar minha mente do fato de que a pilha de cartões-prêmio não parecia estar ficando menor.

Uma salva de palmas estremeceu a sala quando Nix se aproximou para receber seu prêmio por espírito esportivo. Pode ter havido uma ou duas buzinas contrabandeados para a cerimônia muito mais moderada.

Ele se sentou ao meu lado e piscou.

Eles mudaram do esporte para o serviço comunitário. Pelo menos eu ficaria fora da minha miséria antes que eles dessem os prêmios acadêmicos.

— Este ano, temos três prêmios pelo trabalho que nossos alunos exemplares fizeram na comunidade. Primeiro, o Prêmio Brennan vai para Mitchell Frank.

Sua expressão aturdida era uma visão. Os prêmios Brennan e Grayson eram placas bonitas para enfiar em uma gaveta. Eles não vinham com o prestígio e o prêmio financeiro como o Huffington, mas quem diabos poderia ter feito mais do que Mitchell além de mim? Quem diabos tinha chegado em segundo lugar? Quem quer que fosse, eu agradeceria a eles depois da cerimônia pelo olhar em seu rosto.

Minhas pernas saltaram para cima e para baixo e deslizei minhas mãos para a borda do meu assento. Não havia mais ninguém que fosse tão visível em nossa área. O Huffington era meu! Com o prêmio e o dinheiro, eu poderia passar o verão e descobrir o que queria fazer. O Corpo da Paz não era o que eu queria. Talvez eu leve Nix a descobrir com quem eu poderia conversar na equipe sobre mais trabalhos comunitários.

Nix murmurou: — Você conseguiu. — e me deu um sorriso largo.

Talvez eu visse onde ele foi convocado e o seguisse como um filhote de cachorro apaixonado. Isso não me fez querer fugir gritando como eu teria pensado que iria.

— E para o Prêmio Grayson... — O presidente da universidade

leu seu discurso, mas eu não conseguia ouvi-lo. Eu tinha conseguido! Olhei em volta para ver quem mais tinha visto nos eventos que poderiam estar na corrida. — Elle Masterson.

Minha cabeça recuou e meu estômago despencou. O que? Tinha que haver um erro. Eu não tinha ganhado o Grayson; Eu ganhei o Huffington.

Eles estavam me chamando muito cedo.

Só que eles não estavam.

O ar nos meus pulmões encolheu até um ponto do tamanho de uma ervilha e eu não conseguia sentir meus lábios. A cada hora acordada por quase dois anos, eu tinha me acabado por esse prêmio. Eu tinha sacrificado minha vida social, sono e, às vezes, minha sanidade. Um estremecimento antes do soluço reverberou no meu peito, e os aplausos da plateia estalaram nos meus ouvidos como vidro quebrado.

Com as pernas dormentes, levantei e avancei para reivindicar o meu brilhante prêmio, novo e segundo lugar. Apertei a mão do presidente da universidade e virei para o fotógrafo em frente ao auditório cheio de pessoas. Eu espiei os resultados naquele dia no escritório do reitor não havia ninguém que tivesse feito mais do que eu, e ninguém poderia ter entrado com um período de tempo tão curto para preencher os eventos que eles haviam organizado. Mitchell sentado atrás de mim com sua placa ainda menor era uma prova disso. Eu levantei dinheiro. Eu tinha servido sopa e picado legumes até perder sensação na ponta dos dedos.

O vencedor havia descoberto a cura para uma doença fatal?

Sentanda na minha cadeira, olhei para a placa. Nix sentou ao meu lado, tentando chamar minha atenção, mas a toca do coelho que eu tinha caído era muito profunda para eu subir e enfrentá-lo naquele momento.

Não teria sido fisicamente possível para mim fazer mais do que eu tinha feito. Eu tinha três configurações: combustão, após combustão e entrar em combustão.

A única coisa que eu fiz por mim mesma nos últimos dois

anos foi o tempo que passei com Nix, tarde da noite me aconchegar ao lado dele na cama enquanto ele acariciava os dedos no meu corpo, enviando cócegas pela minha espinha. Tudo o que eu queria fazer era me esconder debaixo das cobertas e não sair até que ele fizesse essa dormência desaparecer.

— Nosso prêmio final para o trabalho comunitário é um dos meus orgulhos de apresentar. Este candidato foi um participante tardio, mas com todo o trabalho que ele fez ultimamente, foi difícil ignorar as contribuições que ele fez à comunidade, além dos holofotes excepcionais que já estão sobre ele no campo. O vencedor do Prêmio Huffington deste ano é Phoenix Russo.

Ouvi pessoas dizerem que quando algo grande acontece na vida, o mundo inteiro fica mais lento, e eu jurei que poderia ver as asas de um beija-flor batendo na minha frente.

Nix olhou para mim de olhos arregalados quando todos na platéia aplaudiram e aplaudiram.

— Phoenix foi uma parte importante de um recente projeto de serviço comunitário que constrói casas para famílias carentes, e a história chamou muita atenção para a causa. Ele também iniciou o primeiro do que esperamos que seja muitas unidades de sangue em todo o campus. Foi o maior de todos os tempos para um campus do nosso tamanho, de acordo com a Cruz Vermelha.

A cena na minha frente ficou embaçada, como se um espelho de um parque de diversões tivesse sido deslizado na frente dos meus olhos.

Como um zumbi, Nix se aproximou e ficou ao lado do presidente enquanto contava todas as realizações que Nix havia alcançado, além de sua agenda de futebol incrivelmente movimentada, coisas como distribuir refeições em uma cozinha local. A platéia desmaiou e aplaudiu, murmurando sobre como ele era surpreendentemente bom.

Traição era algo que eu já provara antes. Eu tinha sido queimada pela dor crua e abrasadora que vem junto com ela, mas nunca tive alguém para servi-la como Nix. Eu nunca tive alguém rasgando meu peito e colocando montes escaldantes dele direto

no meu coração.

Soltando minha placa, saí do palco. Minhas tentativas de me manter calma foram como um balde contra um maremoto.

Uma mão envolveu meu braço e me girou.

Nix estava ali de terno, com o cabelo perfeito e o prêmio ainda na mão. — Elle, eu não sei o que diabos está acontecendo.

Enfiei as duas mãos no peito dele. — Não! — Minha voz ecoou nas vigas do lado do palco, e mais do que algumas cabeças viraram em nossa direção.

O restante dos vencedores saiu do palco e posou para fotos com suas famílias e amigos.

— Você não pode mentir para mim sobre isso. Você não me usa assim e tenta fingir que não sabe o que está acontecendo. — Lágrimas de raiva queimaram nos meus olhos.

— Não há mentiras. Não sei o que está acontecendo. Eu deveria receber o prêmio de esportes e só isso. Eu nunca me inscrevi para isso. Este era o seu. Eu nunca quis isso. — Ele estava frenético, tentando me fazer encontrar seu olhar.

— Todos os seus cuidados e surpresas foram uma capa louca para quê? Que benefício isso pode ter? Você sabe o quanto isso significava para mim. — Não havia como parar as lágrimas agora. — Você sabia que eu precisava dessa bolsa para me ajudar a resolver as coisas.

Ele pegou meus braços, mas eu pulei para trás.

— E é exatamente por isso que eu nunca faria isso. — Seu olhar saltou do meu para o meu ombro. — Mas eu sei quem pode ter feito.

Eu me virei para seguir seu olhar. Um homem alto e largo com os mesmos olhos que Nix estava perto do palco, um homem que eu vi antes, no hospital.

— Meu pai... — Nix respirou fundo e balançou a cabeça. — Meu pai fez isso.

— Certo, seu pai te ganhou magicamente o prêmio sobre o

qual eu já contei tudo.

— Sim. Essa é a única coisa que explica tudo, e se você precisar do dinheiro, eu te darei. Eu não quero isso.

— Não quero sua caridade. Você sabe que não é apenas pelo dinheiro que eu precisava deste prêmio, e tenho certeza de que também estaria na capa da *Sports Illustrated*: "Atleta altruísta ajuda estudante universitária indigente". Enfie.

— Eu estou te dizendo a verdade.

— Não, você é um mentiroso. É tudo o que você já foi.

— Você quer me escutar? Elle, eu amo você.

— Mentiroso.

Ele abaixou a cabeça e balançou. — Você estava esperando por isso, não é? — Ele olhou para mim com lágrimas nos olhos. — Esperando por uma razão para terminar tudo, um erro para justificar e me largar…

O lento movimento da minha cabeça era como um golpe de fósforo em seus olhos. Cobri meus ouvidos com as mãos.

Seus dedos envolveram meus braços e ele olhou nos meus olhos com um pedido que me cortou o coração. — Eu te amo. Diga que você não sente o mesmo por mim. Esqueça o que você está tentando inventar na sua cabeça para me afastar e acredite em mim. — Ele pressionou os lábios na minha testa.

Lágrimas correram pelo meu rosto, e eu apertei meus olhos com força. Eu queria acreditar nele. Eu queria tanto que dificultava pensar direito, mas eu já havia passado por esse caminho antes, ignorando as coisas porque queria acreditar que alguém me amava tanto quanto eu a amava. Eu amei Nix, e ele mentiu. Ele estava me usando para ajudar sua reputação.

Eu já havia enfrentado isso antes e não podia me permitir acreditar no que realmente não estava lá. O relógio começou assim que eu dormi com ele; era assim que sempre acontecia.

— Não.

Eu quebrei o aperto que ele tinha em mim e recuei.

Seus lábios se apertaram e ele assentiu. — Não tenho mais nada a dizer, Elle. Você está tão preocupada em não se machucar que nem vê que está machucando as pessoas ao seu redor. Eu te amo e nunca te machucaria assim. Não importa o que você pensa, saiba que é verdade.

Eu olhei para as luzes brilhantes do palco e outros vencedores do prêmio tirando fotos e rindo juntos.

Ele realmente teria roubado meu prêmio, sabendo o quanto eu trabalhei para ele, o quanto eu precisava?

Minha cabeça estava girando. Nada disso fazia sentido.

Seu corpo rígido, Nix passou por mim com uma marcha lenta, como se estivesse esperando que eu mudasse de ideia, esperando que eu dissesse a ele que tudo estava perdoado, mas as palavras pararam na minha garganta como meu carro subindo uma colina. Por mais que isso doesse, tudo bem. Melhor terminarmos agora do que daqui um ano quando eu o encontrasse em um quarto de hotel com outra mulher, ou daqui a cinco anos quando eu o encontrasse em nosso quarto com suas bolas enterradas no fundo de outra pessoa.

O futuro que eu nem me permitia admitir estava flutuando na minha cabeça evaporado em uma nuvem de fumaça.

Saí e já estava escuro. Não havia mais ninguém por perto, todos fugindo para seus jantares ou festas comemorativas. Eu estava lá... sozinha.

— Elle.

Eu fiz a escolha certa, não fiz? Nix e eu sempre fomos essa imagem estranha que as pessoas continuavam tentando descobrir. Ele teria ido embora em pouco tempo de qualquer maneira.

— Elle. — Dedos em volta do meu cotovelo.

Virando, fiquei cara a cara com Jules. — O que você está fazendo aqui?

Ela olhou para mim com preocupação nadando em seus

olhos. — Nix me ligou.

Seu nome estourou uma represa que eu estava escondendo, uma maré cheia rompendo as últimas linhas de defesa. Joguei meus braços em volta dela e desmoronei.

Seus tapinhas suaves nas minhas costas enquanto ela me balançava de um lado para o outro só faziam as lágrimas e soluços sufocantes me atormentarem mais. Sentamos no meio-fio do lado de fora do teatro que eu nem me lembrava de ter saído, e ela passou os dedos na parte de trás da minha cabeça, me dizendo como tudo ficaria bem, só que não ficaria.

Não poderia depois do que acabara de acontecer.

Quando minhas lágrimas de soluço se transformaram em fungos, Jules me tirou do ombro e pegou minhas duas mãos nas dela.

— O que aconteceu?

A história veio de mim como água de um hidrante quebrado.

Jules segurou minhas mãos e limpou uma lágrima da minha bochecha.

— E eu o deixei ir embora. Não... — Eu balancei minha cabeça. — Eu o empurrei para longe, mas acabaria acontecendo eventualmente, certo? — Eu olhei para ela, esperando o apoio de Jules que ela sempre me dava.

— Elle, você é minha melhor amiga e eu amo você. — Seus lábios se apertaram e ela respirou fundo, estremecendo. — Mas por que você não acha que merece alguém para amar você?

Seu objetivo era muito preciso para esse tipo de soco sólido no estômago, e tentei puxar minhas mãos para longe dela.

Ela segurou firme. — Não, não fuja disso. Eu não vou deixar você me afastar também. Você não viu o jeito que esse cara olha para você? Eles consertaram nossa varanda, era trabalho demais para ser apenas um truque de relações públicas ou uma tentativa de transar. Ele se importa com você, Elle, mesmo quando não há pontos para marcar. Por que mais ele teria me ligado? Ele quer ter

certeza de que você está bem. Ele te ama.

Essas palavras eram muito difíceis de suportar. Se era verdade e ele me amava, eu acabara de quebrar a melhor coisa que já havia acontecido comigo, e não tinha ideia de como recuperar.

34

NIX

Naufragar. Imaginei que, depois de dispor de homens da linha defensiva em busca do meu sangue, lutando com unhas e dentes para separar minha cabeça dos meus ombros, eu sentiria alguma dor séria, mas esses acertos eram como um corte no papel em comparação com isso. Eu levaria batidas ininterruptas de Johannsen no concreto, se aliviasse um pouco essa dor. Minhas narinas se abriram como se alguém tivesse acabado de abrir um pote de gelo quente bem embaixo do meu nariz. O aperto do alfinete se centrou entre meus olhos.

O que eu fiz? Eu saí. Insensível, tropecei no meio-fio e apoiei meu braço contra uma placa de estacionamento, tentando e falhando em recuperar o fôlego. Ao longo dos anos, o vento me derrubou muito, mas nunca me senti assim. A picada ardente me fez pensar que nunca mais respiraria fundo. Ela me roubou mais do que o ar dos meus pulmões.

Meu coração era dela total e completamente, mas ela nunca confiou nisso. Ela nunca confiou em mim, e eu não poderia viver oscilando no precipício de um mundo onde ela não era minha. Melhor fazer isso agora antes que minha alma estivesse completamente ligada à dela e me separar dela fosse como arrancar um membro.

Parte de mim entendeu seu surto inicial, mesmo que ela devesse saber que algo estava acontecendo aqui.

Por que eles chamaram meu nome? Por que eles pensariam em me dar esse prêmio? Eu não tinha feito nada sobre o que Elle havia falado quando se tratava de preparar sua inscrição.

A raiva estava em uma briga no campo com uma tristeza bocejando dentro de mim. Agarrei meu celular na minha mão,

dividido entre voltar correndo para o teatro para implorar que Elle acreditasse em mim e encontrar meu pai para que eu pudesse envolver meus dedos em seu pescoço. O celular tocou na minha mão. Olhei para trás, esperando que fosse Elle, queimando como um amante cruel.

Claro que não era Elle.



A corrida em câmera lenta que eles fazem nos filmes? Eu pensei que era apenas para um efeito dramático, mas cada passo que eu dava dentro do hospital era como pisar no cimento recém derramado. Pela segunda vez em duas semanas, eu estava lá, só que desta vez era mais sério.

Meu estômago bateu na mesa da recepção e apoiei minhas mãos em cima. — Estamos aqui para ver Patrick Russo. Ele foi trazido algumas horas atrás.

A recepcionista, de uniforme púrpura, batia no teclado como se fôssemos passageiros irritantes em um balcão de check-in de uma companhia aérea, tentando incomodá-la de propósito, não uma família esperando para saber se nosso ente querido estava dando seus últimos suspiros.

Sua resposta foi longa e prolongada, cada sílaba esticada para máxima frustração. Subimos os degraus, papai ficando dois níveis atrás de mim, a mão apoiada no joelho. Tropecei no chão, quase levando um médico andando com uma prancheta.

Com olhos selvagens, corri pelo corredor até o quarto dele. Um médico fechou um prontuário e apertou a mão de vovô. Ele parecia menor, quase engolido pela enorme cama e pelos tubos que corriam de seus braços e peito. As olheiras sob seus olhos e o leve aperto em sua mão quando ele a jogou de volta na cama, enviou pânico correndo por mim.

Vovô se virou para mim e me deu seu sorriso de marca registrada. Aos seus olhos, ele ainda tinha a mesma mistura de determinação e travessuras. Minha ansiedade caiu de doze para dez.

O médico que parecia jovem demais para ser cirurgião ofereceu a mão. — Você deve ser o neto dele, Phoenix. Patrick está se gabando de você desde que o trouxeram aqui.

Eu balancei minha cabeça para me concentrar nas palavras do médico. Ele não deveria ter cabelos grisalhos nas têmporas? Ele parecia um pouco mais velho que eu.

— Sim. — Estendi a mão e apertei a sua.

— Você tem um avô forte. A cirurgia será um negócio padrão. O desvio não deve nos causar nenhum problema, mas ele precisará de um tempo para descansar, manter os níveis de estresse baixos.

— Quando é a cirurgia? — Sob o paletó e a gravata, o suor escorria pela minha nuca.

A atitude calma e fria do médico não fez nada para parar a batida louca no meu peito.

Ele levantou a manga do jaleco. — Em cerca de quarenta e cinco minutos. A enfermeira estará aqui para prepará-lo em cinco. — Batendo na beira da cama do vovô, ele sorriu para mim, e eu queria jogá-lo através do quarto. Se não fosse sério, por que ele precisava de cirurgia hoje? E se era sério o suficiente para precisar de cirurgia hoje, por que eles estavam esperando? Ele tinha quarenta e cinco minutos?

— Acalme-se, Phoenix. Estou bem.

— Você está em um hospital ligado a oitenta monitores diferentes, dificilmente acho que você esteja bem. — Eu o abracei, tomando cuidado com tudo que estava ligado a ele.

Ele acenou com a mão como se isso não fosse maior do que cortar um dedo na cozinha.

Papai interceptou o médico lá fora, sua voz parecendo vibrar no chão.

— O que aconteceu? — Meus dedos roçaram o trilho frio de cama.

— Todo mundo estava exagerando na cozinha, dizendo que eu

não estava tão bem.

— Sim, obviamente, uma reação exagerada total, eles estão prestes a levá-lo a uma cirurgia cardíaca em menos de uma hora.

— Eu ficaria bem.

— Você estaria morto.

— Eu vivi um longo tempo, quase oitenta anos, a morte está prestes a me alcançar.

— O que aconteceu?

— Toda essa boa comida. — Ele riu, soltando uma tosse, e alguns dos monitores soaram loucamente.

— Sr. Russo, está tudo bem aí? — Uma enfermeira entrou, o tipo de caminhada que você não fazia para alarmar alguém, mas ainda para chegar onde precisava ir rapidamente.

— A culpa é do meu neto. — Ele olhou para ela com grandes olhos de cachorrinho, e ela me lançou um olhar de censura. Engoli o nó na garganta e o canto da minha boca se levantou. Mesmo em uma cama de hospital, ele ainda estava afiado como sempre. Quanto tempo mais eu teria com ele? Estar na estrada, campo de treinamento... mesmo se eu ainda estivesse na cidade, quanto tempo restaria, eu estaria perdendo?

— Volto aqui em cinco minutos com a navalha e o creme de barbear. Esteja preparado.

Eu pisquei para ele. — Eles vão raspar o seu peito?

— Não, minha virilha. Os médicos vão enfiam um cateter na minha virilha...

— Não, eu não preciso do passo a passo. Contanto que você fique bem.

— Pai. — Papai estava parado na porta do quarto como um visitante esperando por um convite.

— Phillip.

— Como você está se sentindo?

— Bem. Phoenix vai ajudar as enfermeiras a me prepararem

para a cirurgia, talvez segurar uma das minhas pernas para que elas possam realmente entrar lá.

— Pai, seja sério. — Meu pai entrou no quarto, seu olhar saltando descontroladamente de uma máquina para outra.

Vovô zombou. — Por que começar agora?

— A enfermeira era bem fofa, talvez você pudesse conseguir o número dela. — Eu pisquei para ele e espiei pela porta aberta.

Vovô esfregou o queixo. — Talvez eu possa. Talvez ela goste de uma raposa prateada. — Ele passou a mão pela cabeça cheia de cabelos brancos.

— E o médico disse que você precisa ir com calma, o que significa menos turnos no restaurante. Deixe outra pessoa lidar com as coisas por um tempo. — Eu peguei a mão dele.

Todos os ossos se destacavam contra sua pele fina. Desde quando o vovô ficou tão velho?

— É o trabalho da minha vida. — Vovô cruzou os braços sobre o peito, fazendo o seu melhor olhar adolescente irritado.

— Pela primeira vez, coloque algo mais acima. Estamos falando da sua saúde aqui. — Papai apoiou as mãos nas grades da cama do hospital.

— Eu não pensei que você se importaria de qualquer maneira.

— Eu posso ajudar, vovô.

A cabeça do meu pai levantou, os olhos arregalados.

— Você sabe o quanto gosta do meu nhoque de ricota e manjericão. Não me importo de entrar e fazer o que puder.

Papai fez uma careta. — Você não tem tempo para esse lugar.

— Vou arranjar tempo para o vovô.

Uma batida assertiva na porta interrompeu suas próximas palavras. — Com licença, senhores, preciso preparar o Sr. Russo para a cirurgia. A sala de espera da família fica no corredor à esquerda.

Papai passou correndo pela enfermeira segurando seus

suprimentos na mão. Eu beijei vovô em sua bochecha e lhe dei outro abraço.

— Vejo você do outro lado, velho. — Saindo do quarto, segui a figura desaparecida do meu pai no corredor e na sala de espera.

— Você não pisará nessa cozinha em detrimento de sua carreira. — Papai interrompeu o passo para apontar o dedo direto para o meu peito.

— Vovô precisa da nossa ajuda.

— Ele não precisa de nada além daquele precioso restaurante.

— Qual diabos é o seu problema? Ele é seu pai e está prestes a entrar em cirurgia. Esta pode ser a última vez que o vemos, e você nem se despediu. — As palavras que eu mantive enterradas no fundo desde que recebi a ligação avançou como um quarterback que encontrou abertura.

— Você sabia que seu avô nunca foi a um dos meus jogos? — Papai ficou de costas para mim.

— Na escola?

Ele apoiou as mãos no quadril. — Não, não apenas na escola. Eu quero dizer nunca. Nem uma vez ele tirou um dia ou uma noite de folga para me assistir jogar.

— Você está realmente chateado com isso agora? — Acho que não seríamos uma dessas famílias do tipo que se reune em uma crise, mas uma que se perde. Eu já estava oscilando no limite, e a raiva anterior abafada pela preocupação, atingindo o topo da explosão.

Os lábios do pai torceram. — O velho provavelmente vai morrer só para me irritar.

— Você é inacreditável. É sobre você, não é? É sempre sobre você. — Eu fechei meus punhos e tentei impedir que o sangue trovejante em minhas veias afogasse o resto do mundo. — Você interferiu no Prêmio Huffington, não foi? — Minhas palavras dispararam como unhas, rasgando o ar.

Ele olhou para mim como se eu tivesse perguntado se o céu

estava azul. — Claro.

— Por quê?

— Com o desempenho das histórias de caridade, teria sido estúpido não capitalizar isso. Conversei com Sam e ele mencionou a doação de sangue, sobre a qual você não me contou, e como isso parecia bom para a escola.

— Porque não era sobre nada disso. Eu fiz isso por Elle.

— Ela vai ficar bem. — Ele acenou como se ela não importasse no gigante iminente das minhas perspectivas futuras.

Eu cerrei meus punhos ao meu lado. — O que diabos minha mãe viu em você?

As nuvens de trovoada de sua raiva chicotearam seus olhos. — Que tipo de coisa fodida você esta dizendo?

— Não é pior do que você acabou de fazer. Tudo o que importa é criar essa imagem perfeita para que você tenha o maior lance para ganhar ainda mais dinheiro. Não é sobre o dinheiro, nunca foi sobre o dinheiro para mim.

— Tudo o que eu quero é que você tenha o melhor futuro que puder. As oportunidades disponíveis para você... são ainda melhores do que as que eu tive.

— E eu não ligo. — Estendi meus braços abertos. — Eu não dou a mínima para nada disso. Tudo que eu queria era por...

— Tomei medidas para garantir que você não estrague seu futuro. Você trabalhou tão duro para chegar aqui. Uma bagunça, um dia ruim pode derrubar tudo isso.

— Você acha que eu não sei? É um mantra que você bateu na minha cabeça todos os dias, antes de cada jogo, assistindo todas as fitas de todas as jogadas que eu fiz, apenas apontando meus erros.

— Eu garanti que você tivesse uma vida com a qual a maioria das pessoas sonharia, e eu estava lá para apoiá-lo a cada passo.

— Você estava lá me empurrando a cada passo.

— E se eu não tivesse, o que você faria? Pular pelo restaurante do seu avô? Jogar fora sua carreira no futebol para se tornar um *cozinheiro*?

— Talvez! E se eu fizesse? E se trabalhar com o vovô e fazer uma comida que as pessoas amem fosse o que eu queria?

— Você é meu filho, caramba! — Ele enfiou o dedo no centro do peito. — E faço o melhor que posso para lhe dar tudo o que nunca tive. Ele estava montando o Tavola e não tinha tempo para coisas bobas como me ver jogar futebol. Eu joguei minha bunda naquele campo, esperando que talvez um dia ele visse que eu tinha conseguido e tivesse orgulho de mim, e prometi a mim mesmo que nunca faria o mesmo com meu filho. — Ele olhou nos meus olhos.

— Pai, você não estava lá. Mamãe se foi e você estava na estrada. Eu praticamente morava no Tavola. Era a minha casa.

— Você tinha uma casa, nossa casa.

— Desde que eu fizesse tudo o que *você* queria, certo? Contanto que eu seguisse *seus* planos, fizesse o que *você* pediu. Quando você me pediu para pular, eu perguntei de qual altura, porra. Esse era o tipo de casa que eu tinha. Foi assim que você demonstrou seu amor, me fazendo perseguir o *seu* sonho.

— Eu nunca fiz nada assim. Eu queria que você brilhasse e queria estar lá para manter essa luz em você, para que todos pudessem vê-la, não apenas porque você era meu filho, mas porque eu sabia que você tinha talento. Eu sabia que você tinha isso em você, essa grandeza.

— Você queria o seu recomeço. Eu era uma extensão sua, uma maneira de varrer todos os acordos de endosso que você nunca obteve, todos os campeonatos que você deveria ter vencido. Eu não sou você. Eu nunca quis ser você e estou cansado das pessoas com as quais me importo sempre terem condições para me amar.

"Vovô é o único que nunca deu a mínima para nada além de eu ser feliz. A culpa é minha, no entanto. Eu deixei você

administrar minha vida. Fui junto com o que você queria, sem perguntas, e deixei você pensar que poderia fazer coisas obscuras como essa e se safar."

As sobrancelhas do papai caíram.

— Eu tenho medo. Com medo do que poderia acontecer se eu dissesse que não. Com medo de como seria minha vida se eu fizesse o que realmente quero fazer. Com medo de te perder. Mas não estou mais com medo. — Lágrimas queimaram nos meus olhos. — Eu não vou deixar você me levar para uma vida que eu não quero.

Papai saiu do quarto, a porta gemendo e batendo contra a parede no corredor.

Pensei que poderia ter perdido a última família que me restava.

35

ELLE

O relógio na minha mesa de cabeceira bateu, ecoando dentro da minha cabeça. Sempre foi tão alto? Ou esse foi o primeiro momento de silêncio em que me permiti quem sabe quanto tempo? Coloquei meus braços mais apertados em volta das minhas pernas e enterrei meu rosto nos joelhos.

A escuridão encheu meu quarto. Quanto tempo tinha passado? Horas? Dias? Semanas? Não, não semanas. A formatura estava a apenas alguns dias ou era amanhã? Tudo correu desde que os pedaços de fita que eu estava usando para me segurar tinham sido arrancados.

Minhas lágrimas secaram, lágrimas pelo que aconteceu comigo agora, pela forma como eu deveria me arrastar para o que viria a seguir, e lágrimas pela forma como magoei Nix. A cada passo, deixava meu passado envolver seus dedos longos e

delgados ao redor do pescoço do nosso futuro.

Eu tentei ligar, tantas ligações por tantas horas. Cada chamada e texto ficava sem resposta. Eu tive minha resposta. Desta vez, não havia volta de como eu o machucara, como me machucara.

A culpa foi minha, tinha sido desde o primeiro dia em que me mudei para essa casa. Eu deixei meus problemas se transformarem em uma parede emaranhada de espinhos, tão nítida e larga que era um milagre que alguém tentasse atravessar, mas ele o fez. Ele suportou tudo o que eu disse e não me deixou escapar com nenhum dos meus velhos truques quando se tratava de afastar as pessoas e me proteger.

Só que desta vez, a proteção saiu pela culatra e ele se foi. Eu me arrastei pela rua, provavelmente parecendo ter sido atropelada por um carro e bati na porta dele. Sem resposta.

Eu me arrastei de volta para o meu quarto e fiquei na cama desde então.

— Elle... — A batida suave de Jules e o rangido da minha porta soaram como um motor a jato decolando no meu quarto.

A cama mergulhou, mas eu mantive minha cabeça baixa por tanto tempo que até a cãibra no meu pescoço tinha desistido.

— Trouxe alguns biscoitos para você. — Sua voz era baixa, e até isso era como um rugido nos meus ouvidos.

Eu enterrei minha cabeça mais fundo.

— Nenhuma resposta para um pedaço de chocolate? Agora você está me assustando. — Sua risada tensa não fez nada para ajudar o buraco oco no meu peito. — Chegou uma carta para você.

— Eu não quero ver isso. — Nesse momento, apenas más notícias e lixo eletrônico chegaram em nossa caixa de correio, cartas oficiais da universidade e ofertas de cartão de crédito ruins.

— É do escrivão.

Resignada com o meu destino, peguei da mão dela, deslizando de suas mãos como um lenço de papel sujo. Rasguei: uma nota oficial dizendo que o prazo das aulas para o semestre havia passado. Eu poderia andar com a minha turma, mas não conseguiria me formar. A preocupação e o medo que se acumularam ao longo do semestre antes da cerimônia de premiação foram atenuados pelo pedaço do meu coração que estava faltando. A única coisa que eu estava tentando evitar ocorreu, batendo direto no meu rosto, mas empalideceu em comparação com a perda de Nix.



Os dias se fundiram em uma sessão contínua de Jules batendo na minha porta, tentando me fazer sair e, quando eu não podia, me trazendo comida e escovando meu cabelo. Nix ainda não havia retornado minhas ligações, não que eu pudesse culpá-lo. E então, eu não conseguia mais me esconder.

Meus pais ligaram da estrada; eles chegariam em algumas horas. Eu teria que sorrir por todas as fotos e usar meu capelo e vestido sabendo que não ia me formar. Se eu dissesse a verdade, isso os esmagaria. Papai estava apenas começando no trabalho, e eu não pude dar o golpe de não poder me formar por causa de dinheiro. Adicionar outra ajuda a esse desapontamento não ajudaria ninguém. Andaria pelo palco com o resto da minha classe, eu fingiria que estava tudo bem para meus pais.

A porta da frente se fechou com tanta força que sacudiu o chão, e alguns passos subiram correndo os degraus. A porta do banheiro se abriu e o chuveiro foi ligado. Nenhuma palavra.

Me desdobrando da posição fetal, saí do meu quarto.

A porta do quarto de Zoe estava aberta.

Empurrando para abrir, olhei para dentro. Ela tinha uma toalha enrolada em si mesma e bateu na cama, enviando uma nuvem de poeira por toda parte. Agarrando suas meias descartadas, ela limpou a poeira da mesa e da cômoda. Ela pegou sua bolsa do chão e espalhou seus livros por toda a área de trabalho recém-limpa.

Segurando a toalha mais apertada, ela correu para frente, quase batendo em mim.

— Ei…

— Elle. — Eu forneci.

— Certo, ei, Elle. Você precisa tomar banho? Eu apenas liguei o chuveiro. Eu vou ser super rápida. — Ela correu para o banheiro, tomando o banho mais rápido conhecido pelo homem.

Olhei entre a porta aberta e o banheiro do outro lado do corredor. Ela realmente estava aqui? Era realmente um pensamento na minha cabeça que Jules inventara Zoe como uma manobra para eu ajudar a alugar esse lugar, chegando ao ponto de conseguir que alguém fingisse ser ela no dia da mudança e jogar alguns móveis no quarto.

A água foi desligada e ela saiu do banheiro.

Alguém bateu na porta da frente e eu me inclinei para verificar quem era pela janela.

Zoe sorriu. — Na hora certa. — Ela correu escada abaixo e abriu a porta para um casal de meia-idade, vestido com roupas de negócios, como se estivesse se preparando para uma aquisição corporativa. Jogando os braços em volta deles, ela os convidou.

— Mãe, pai, estou tão feliz por vocês estarem aqui. Eu estava tomando banho. Fiquem aqui embaixo e eu vou correr e me trocar. — Ela os deixou em nossa sala de estar.

— É aqui que você está morando?

— Bem, o subsídio que você me deu este ano tornou difícil encontrar algo melhor, mas eu amo muito esse lugar e minhas colegas de quarto são incríveis. — Ela sorriu tão brilhantemente que eu estava quase cega em um andar inteiro de distância.

— Fiquem à vontade. Eu volto já.

Ela correu de volta pelos degraus e piscou para mim antes de fechar a porta.

Eu estava no topo da escada, admirando suas bolas. A porta da frente se abriu novamente.

— Pronta para se formar, vadia - oh! — Jules gritou quando viu nossos visitantes estranhos.

Eu ri, cobrindo minha boca. Era estranho, como voltar a andar de bicicleta depois de anos. Eu descansei minha cabeça contra a parede e fechei os olhos.

— Por que diabos você não me disse que tínhamos visita? E quem diabos são eles? — Jules sibilou para mim enquanto subia as escadas na ponta dos pés.

— Eles são os pais de Zoe.

— Zoe?

Como se fosse conjurada por nossas palavras, ela saiu do quarto como uma artista de mudança rápida em um vestido de verão com o capelo na mão e a beca no braço. — Vejo vocês duas na formatura. — Ela gritou no seu caminho de volta pelas escadas.

— Que diabos? — Jules e eu nos inclinamos para vê-la desaparecer pela porta da frente com seus pais.

— Se você não estivesse aqui, eu pensaria ter alucinado a coisa toda.

— Ela acabou de aparecer? — Jules abriu a porta de Zoe, olhando dentro de seu quarto.

— Sério. Chegou aqui minutos antes de seus pais baterem na porta.

— Ela vive. — Ela sussurrou como se uma antiga profecia tivesse sido cumprida.

Eu bufei.

— Havia algumas cartas para você no chão lá em baixo. — Jules estendeu para mim.

Um potente coquetel de medo e saudade ricocheteou dentro do meu peito. Minha cabeça disparou, o sangue correndo para o meu cérebro e manchas pretas dançando na frente dos meus olhos. Me lancei para os envelopes na mão dela, rasgando o que parecia menos oficial. Era um envelope quadrado creme com um

endereço de retorno do hospital na aba traseira. *Que diabos?* Meu nome estava rabiscado na frente, uma única folha de papel dentro.

Você merece isso.

- Nix

Ele quis dizer minha dor? A tortura pela qual eu estava passando? Eu queria me enrolar em uma bola e desaparecer. Ser traída não se compara a isso. Isso era uma dor própria, mas era uma criatura viva, respirando, cavando profundamente dentro de mim e me despedaçando. Eu apertei meus olhos com força, e o poço de lágrimas que eu pensei que tinha secado há muito tempo encontrou uma nova fonte. Eles derramaram pelas minhas bochechas e dificultaram a respiração.

— Abra o outro. — Ela cutucou o envelope caído em minha direção.

Com as mãos trêmulas, deslizei o dedo sob o canto não selado do envelope. Achatando as folhas de papel dobradas em três partes, respirei fundo. Através dos olhos lacrimejantes, observei o documento, procurando as palavras que esperava ver repetidas vezes a cada pedido de algo que eu pudesse fazer para liberar a espera.

Bloco removido. Mensalidade paga integralmente.

Por trás do memorando curto e superficial havia uma cópia completa da minha transcrição.

Graus concedidos:

B.A. em inglês

E a data de hoje.

Um soluço ficou preso na minha garganta. Ele fez isso por mim.

Depois de tudo, depois das coisas que eu disse a ele e como eu o tratei, Nix salvou meu futuro. Eu não o merecia, e seria

apenas uma questão de tempo até que o amor que eu tinha por ele não se ajustasse e ele percebesse todas as maneiras que eu estava faltando, então eu teria que vê-lo ir embora.

Envolvendo meus braços em volta de mim, era tudo que eu podia fazer para me segurar. Deitei na minha cama. Enrolada de lado, eu apertei sua carta contra o meu peito e balancei para frente e para trás.

Jules passou a mão pelas minhas costas, e eu desejei que fosse o tipo de cura que resolvesse todos os problemas como na escola primária, desejando que ela pudesse me dar um biscoito e uma massagem nas costas, dizendo que tudo tudo ficaria bem e eu acreditando nela porque sabia que era verdade.

Agora, porém, eu sabia o custo real dos erros. Não houve nenhuma reviravolta como no kickball. Eu não consegui dizer que o arremesso era uma péssima jogada e pedir outra.

Um pouco mais tarde, com a ajuda de Jules, eu me arrastei para fora da cama, tomei um banho e me vesti. O mínimo que eu podia fazer era tentar funcionar na frente dos meus pais. Eu não precisava aumentar a preocupação deles em cima de tudo o mais desmoronando ao meu redor.

Eles apareceram na nossa porta, batendo e tirando uma foto minha assim que eu a abri usando meu capelo e beca.

— Querida, olhe para você. — Mamãe me puxou para um abraço, e foi tudo o que pude fazer para manter minha compostura. Forçando um sorriso grande e largo, eu a deixei mexer comigo.

— Você parece bem, garota. — Papai me abraçou e me apertou com força. — Me desculpe, eu te decepcionei.

Apertando meus lábios com força, balancei minha cabeça.

— Você não fez. — Eu dei um tapinha nas costas dele. — Está tudo ótimo. Estou me formando, certo? — Afastei a maré que tinha meus olhos formigando e fiz isso para que eu tivesse que soltar um suspiro profundo pela boca. Eu estava me formando por causa do Nix.

— Estou tão orgulhoso de você. — Papai apertou meus ombros e me soltou de volta à agitação e fixação de mamãe, lidando com as manchas imaginárias que só podem ser removidas pelo cuspe de uma mãe, os cabelos perdidos que sempre atrapalham todas as fotos.

Em frente à nossa casa, tiramos mais fotos: só eu e mamãe, eu e papai, Jules e eu, mamãe e papai e eu com Jules servindo de fotógrafa.

Em mais de uma foto, minha mãe me chamou por não olhar para a câmera. Em vez disso, meu olhar desviou para a casa do outro lado da rua. Estava silenciosa. Os caras estavam na escola de negócios, o que significava que a formatura havia sido anterior. O departamento de filosofia foi relegado para o último horário do dia.

Fingir até você conseguir, certo? Eu fingia que não estava quebrada por dentro de uma maneira que não fazia ideia de como consertar. Eu estava fugindo do amor há tanto tempo, e teria que continuar fugindo, longe de seus olhos suaves, seus braços fortes e o modo como sua alma cantava na minha. Eu usaria esse sorriso falso o tempo que precisasse, porque não havia volta de Nix.

Havia apenas uma extensão de desolação na minha frente. Ele me deu tudo pelo que trabalhei tanto, e tudo diminuiu em comparação com o que era tentar continuar sem ele.

36

NIX

— Te trouxe isso. — Reece se adiantou com os dedos entrelaçados nos de Seph.

Estremeci com a dor do álcool em uma ferida aberta irradiando pelo meu peito.

Ele entregou meu capelo e beca. A graduação ia e vinha, não que houvesse alguém lá para me assistir andar, nem que eu quisesse ficar na frente de multidões de pessoas que pensavam que me conheciam porque me viram jogar uma bola por um campo nas últimas quatro temporadas.

— Nós pensamos que já que você pagou por isso. Você deveria pelo menos usar.

— Como está seu avô? — Berk sentou ao meu lado e cruzou os braços.

— Estamos apenas esperando ele acordar. — Eu arrastei minhas mãos pelo meu rosto.

— Elle esteve aqui? — Reece esticou o pescoço como se ela pudesse estar pressionada contra a parede e sairia de trás de uma das cadeiras como um mágico de rua.

— Não, ela não veio.

— Você precisa que um de nós ligue para ela? Ou vá buscá-la? — Berk pegou o celular. — Eu tenho o número da colega de quarto dela, eu acho.

Eu balancei minha cabeça. — Não.

— Sério, podemos ir buscá-la.

— Eu disse não. — Minhas palavras foram um tiro nos tons abafados da sala. Todo mundo olhou para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. Mal sabiam eles, eu tinha perdido há um tempo.

— Podemos esperar com você. — LJ estava sentado em uma das cadeiras. Marisa sentou ao lado dele e me deu um pequeno sorriso.

— Vocês não precisam. — Eu balancei minha cabeça. — Tenho certeza que vocês têm festas de formatura e outras coisas para fazer.

— Nah, estamos bem aqui. — Berk me deu um tapinha nas costas. — Alguém quer um doce da máquina? — Ele disse e todos riram. Foi o primeiro raio de luz que rompeu as intensas nuvens

na minha vida.

Vovô estava bem, embora a cirurgia tivesse sido difícil com um bloqueio ainda maior do que eles haviam previsto. Depois de dormir na mobília em miniatura no hospital por três dias, eu me arrastei de volta para casa depois que ele acordou e me baniu, dizendo que eu cheirava mal.

Papai também ficou, mas não conversamos a dois dias quando ele voltou para a sala de espera. Pegamos nossos lugares em lados opostos do espaço, tornando insuportavelmente desconfortável para qualquer pessoa que tentasse se sentar. As outras salas de espera não tinham a mesma tensão fervente e animosidade desenfreada obstruindo o ar como os bloqueios obstruindo as artérias do vovô.

Minha única ruptura com o limbo antisséptico e fluorescente em que eu estava foi quando entrei no campus e fiz o que precisava ser feito. Não importa o que aconteceu com Elle, eu sabia que ela não deveria estar presa em algum limbo de merda que não fosse capaz de seguir em frente com sua vida porque meu pai a havia sabotado.

Coloquei os envelopes embaixo da porta dela e Jules a abriu. Ela tentou me convencer a entrar, mas o fio no qual eu estava me segurando estava se desgastando cada vez mais a cada segundo.

Desabando na minha cama, eu dormi o suficiente para lembrar que eu era humano e depois voltei para o hospital. Papai ocupou seu lugar no canto da sala e deixou sua presença ameaçadora falar todo o tempo, já que sua boca não faria, mesmo quando o vovô me fez prometer ir dar uma olhada no restaurante. Papai não disse nada quando o vovô me pediu que imprimisse os novos menus e me deu uma lista de coisas para ter certeza de que haviam sido encomendadas, sem se intrometer, mesmo quando ele perguntou se eu ficaria no serviço noturno de pré-visualização enquanto ele estava no hospital.

No piloto automático, cheguei ao restaurante e todos me enxamearam, precisando saber o que estava acontecendo. Dei a todos o resumo e eles começaram a trabalhar, como sabiam que

ele iria querer. Com todos os pratos prontos, todos começaram a se sentar no grande ambiente familiar que criamos, transformando o restaurante em uma extensão da família em que todos se tornaram.

— Desculpe, estamos fechados para um evento particular. — alguém disse através de uma pequena fenda na porta, pronta para fechá-la sobre quem não conseguisse ler as três placas postadas e não conhecia a tradição do bairro na noite de estreia.

Mas a ondulação de cabelo rosa pálido através da abertura entre a porta e a moldura me fez sair do meu assento. Ela enfiou o rosto no pequeno espaço e nossos olhares colidiram.

— Eu sei, mas eu queria falar com Nix. — Suas palavras carregaram e morreram em meu nome, um som engolido como se fosse difícil empurrá-lo para fora.

Eu atravessei a distância entre nós. Poderia muito bem ter sido o Grand Canyon. Cada passo reverberava pelo meu corpo.

Sua voz soou como uma que eu não ouvia há anos, não menos de uma semana. Eu senti como se tivesse vivido mil vidas desde que estava com ela no teatro.

— Ela pode entrar. — Eu dei um tapinha no ombro de um dos novos caras e abri a porta, deixando ela entrar.

Ela abaixou a cabeça e entrou. — Acabei de descobrir sobre seu avô. Com tudo o que aconteceu com a formatura, meus pais estavam aqui e eu... bem, pensei que você estivesse me evitando. Não que você não tivesse um motivo, porque não fez nada de errado. Era egocêntrico ao pensar que teria algo a ver comigo, você não estava em casa, não atendia minhas ligações... e agora estou divagando. — Seu olhar pousou em cada centímetro quadrado do lugar, exceto onde eu estava.

Eu queria que ela olhasse para mim. De perto, sem nada entre nós, eu queria que ela me visse, finalmente me visse e o quanto eu a amava, o quanto eu precisava dela, mesmo quando desejava que não. Mesmo quando eu disse a mim mesmo que não deveria, do jeito que meu coração estava correndo para a zona

final da linha dos 50 jardas, eu não sabia se seria capaz de fazê-lo.

Estendi meu braço, fazendo sinal para ela me seguir até a cozinha. Segurando a porta aberta para ela, eu a deixei entrar.

A porta se fechou atrás dela, e eu fingi que todos do outro lado do salão não tinham os olhos apontados para nós através da brecha que se fechava lentamente. Os restaurantes perdiam apenas para os salões de beleza pela quantidade de fofocas que circulavam.

Cruzei os braços sobre o peito, levantando os dedos contra os lados para não estender a mão para ela. Os músculos do meu ombro resistiram à pressão extra.

Suas bochechas estavam vermelhas como se ela tivesse fugido de onde vinha. O rosado suave de seus lábios era exatamente como eu lembrava, assim como eu memorizei olhando para ela noite após noite. Com tudo o que aconteceu nos últimos dias, eu estava tão perto de ligar para ela. Quebrando nos momentos em que saí da sala de espera ou do quarto do meu avô, eu queria enterrar minha cabeça em seu estômago e deixá-la me abraçar e dizer que me amava e que tudo ficaria bem. Mas eu não podia, não se ela nunca confiasse em mim. Dar tudo de mim enquanto ela segurava um pouco de si mesma me devoraria.

— Você queria conversar. — Eu mantive minha voz nivelada, engolindo o nó na garganta.

Ela respirou fundo, sugando através dos lábios contraídos. — Sinto muito pelo seu avô. Acabei de saber e... e queria dizer isso para você. Eu sei o quanto ele significa para você, e ele sempre foi muito gentil comigo.

Pelo menos ela se importava o suficiente para vir aqui. Ela parecia tão cansada quanto eu, mas não era como todas as vezes que eu a tinha visto se arrastando para casa antes. Pelo menos, tudo deveria ter acabado agora que a formatura chegara e se fora. — Isso era tudo?

— Obrigada. — Ela deixou escapar. Seus lábios se apertaram

e sua voz tremeu. — Obrigada pelo que você fez com a minha mensalidade. Eu pago de volta, mas obrigada. Você não precisava fazer isso. Nem sei por que você fez isso, mas obrigada.

— Você não sabe por que eu fiz isso?

Suas palavras abanaram a brasa brilhante que estava no fundo do meu peito, a dúvida. Sempre estaria lá? Mesmo depois de tudo o que eu disse, ela ainda não sabia?

— Você não sabe por que eu fiz isso? — Minha repetição aguçada chamou sua atenção e seu olhar disparou para o meu.

— Entendo que você não conspirou pelas minhas costas no Prêmio Huffington e sei que estava dizendo a verdade. Eu sabia até então, mas não sou boa em confiar em mim. Então, eu queria lhe dizer isso pessoalmente. Eu sei que não é algo que você teria feito nas minhas costas. Você é quem é desde o início e é o mesmo tipo leal e paciente que eu conheci na primeira vez que te vi. — A voz dela falhou. — Mas eu me ceguei para isso. Minhas próprias dificuldades e experiências ruins me impediram de acreditar em tudo o que poderíamos ter sido. — Ela limpou o nariz com as costas da mão. — Eu sinto muito. Eu queria ser a garota que poderia ser tudo o que você queria e precisava. Eu queria muito dar isso a você, e sinto muito por estar aqui falando sobre isso quando seu avô está no hospital, mas não sabia se ou quando você estaria saindo da cidade e não queria sair sem dizer isso para você.

— Você arrancou meu coração, Elle.

Ela olhou para o chão entre nós e assentiu. — Eu sei.

Os lados dos meus olhos arderam em lágrimas.

— Eu sei. Se isso significa alguma coisa para você, arranquei meu próprio coração. Eu pensei... — Ela respirou fundo, se preparando para as palavras que viriam. — Eu pensei que se eu nunca me deixasse te amar, eu não poderia me machucar novamente. — Ela limpou as lágrimas que escorriam por suas bochechas. — Mas eu estava errada.

Ela olhou para mim com a dor que eu senti no meu peito

refletida em seus olhos.

— E não há nada que eu possa fazer para compensar como eu te tratei.

Inclinei meu queixo para o lado e segurei seu olhar. — Há uma coisa.

37

ELLE

Ele deu um nó no meu estômago a cada segundo que passava. Fingir que tudo estava bem na frente dos meus pais nos últimos dois dias me colocou à beira do penhasco, e a maneira como Nix estava olhando para mim agora transformou o nó no meu estômago em vários. Era difícil olhar para ele. Sua mandíbula estava tão apertada que eu podia ver cada mudança de seus tendões.

Eu não deveria ter vindo, talvez apenas tivesse enviado uma carta ou pombo-correio quando estava do outro lado do globo. Com o meu diploma, o Peace Corps me dera a aprovação final para partir com uma passagem de dois anos na Birmânia, a 1350 km de Philly, de Nix, embora naquele momento, eu desejasse já estar muito longe.

Eu não tinha certeza exatamente de que tipo de recepção teria de Nix quando o visse, mas não esperava esse tipo de distanciamento frio. Eu falhei. Ele estava cercado pela família do restaurante e eu estava me intrometendo. Isso foi esclarecido abundantemente.

Eu estava a um fio de distância do choro feio?

Ele estava com os braços cruzados sobre o peito. A camisa de botão se estendia sobre o corpo nos lugares certos. Eu sinto falta dele. Sentia falta do calor em seus olhos e da maneira como ele deixava todos à sua volta à vontade. Eu não tinha pensado que ele poderia ter esse tipo de olhar frio como pedra. Talvez seja um que ele guarda para o campo.

Meu estômago despencou. Eu estava recebendo e merecia o mesmo olhar que ele dava a seus oponentes.

— Há uma coisa.

Suas palavras me encheram de um lampejo de esperança.

Ele se aproximou, quase frente a frente comigo. — Você já me amou? — Suas palavras pareciam clínicas, como uma pergunta da entrevista de emprego.

— Como eu não poderia? Você tem uma cidade inteira pronta para fazer um desfile sempre que sai de casa. Eu amo você e é por isso que eu não podia confiar em você, porque não era apenas em você que eu não confiava, era em mim. As duas vezes anteriores quando pensei que estava apaixonada? Eles são amadores comparado ao que eu sinto por você. Você é o profissional, Nix, e se eu não aguentasse meu coração ser quebrado naquela época, não havia como lidar com isso quando as coisas desmoronassem com você. Foi um ataque preventivo, mas tudo o que fiz foi me explodir. Então esta sou eu sendo completamente e totalmente honesta. Eu te amo.

Seu silêncio era tão alto que doía. Era como duas mãos apertando meu peito.

Seu rosto era uma máscara impassível, e eu o perdi. De todas as coisas que eu tinha perdido, perdê-lo me atingiu com mais força, porque foram minhas próprias idiotices que ficaram no caminho.

— Você está ocupado e me desculpe por invadir e arruinar sua noite. Vou deixar você voltar a isso. Por favor, diga ao seu avô que espero que ele volte à cozinha em breve e eu... — Virei e pisquei as lágrimas que me recusei a deixar cair até sair de lá.

— Pare. — Essa palavra cortou minha bagunça divagadora, e logo estarei chorando.

— Nix? — A dor de sua rejeição me esmagou. Eu teria que fazer isso, e talvez um dia encontrasse algo para preencher o espaço vazio no meu peito, onde meu coração estivera. Eu me afastei dele.

Seus braços dispararam e ele me segurou.

Meu pulso palpitava nos braços quando o aperto dele aumentou.

— Eu precisava saber. — Sua voz me cobriu como um cobertor grosso e pesado. Olhando em seus olhos, vi que eles estavam cheios de lágrimas não derramadas que combinavam com as que secam nas minhas bochechas. O pomo de Adão dele subia e descia. — Eu precisava saber que isso não era unilateral.

Depois de tudo que aprendi sobre confiança, não confiei nos meus ouvidos. Eu não pude, e qualquer resposta morreu na minha garganta porque a esperança era uma piadista cruel e eu não podia lidar com isso agora mesmo quando a cola nem secou nas partes que eu tentei colar.

— Eu precisava saber. — Ele afundou os dedos no meu cabelo, a palma da mão descansando na minha bochecha e quase me levantando dos meus pés quando sua boca caiu na minha. Eu não conseguia me mexer, não conseguia respirar, e então, como um filme, entrou em avanço rápido, eu me arrastei para me aproximar ainda mais dele.

Coloquei meus braços em volta de suas costas e inclinei minha cabeça, abrindo meus lábios e deixando-o entrar em minha boca, meu coração e em qualquer outro lugar que ele quisesse.

— Estava me matando pensando que você não me amava também.

— Eu te amo há muito tempo, há tanto tempo que não me permiti acreditar.

Lágrimas queimavam nos meus olhos, mas desta vez eu não tentei segurá-las. Eram lágrimas de alegria nascidas de um julgamento pelo fogo de minha própria autoria.

Nix beijou minhas lágrimas e segurou a parte de trás da minha cabeça enquanto nossas línguas dançavam, cada golpe de seus lábios reacendendo as brasas do desejo que haviam sido abafadas desde a última vez que nos tocamos.

Ele interrompeu nosso beijo. Nossas respirações ofegantes foram os únicos sons sobre o barulho suave de conversas do outro lado da porta. Descansando sua testa na minha, ele olhou nos meus olhos, e eu queria chutar minha própria bunda de três

maneiras até domingo. O amor brilhava em seus olhos como um farol em uma noite de tempestade.

— O que você fará agora que se formou?

— Consegui minha missão no Corpo da Paz.

— Onde? — A palavra era áspera e apertada.

— Birmânia.

— 1350 km de distância.

Meus olhos se arregalaram. — Como você sabe?

— Eu pesquisei em todos os lugares da sua lista quando você me contou antes e verifiquei alguns horários de voo. Trinta horas de viagem em cada sentido não serão bonitas, mas eu posso fazer isso acontecer.

Descansando minha mão em seu peito, pressionei meus lábios contra os dele. — Quando eu pensei que não poderia te amar mais... — Eu balancei minha cabeça com o tipo de loucura que eu tinha sido. — Você não precisa fazer isso.

— Eu não posso passar dois anos sem te ver, não depois de como esta semana foi.

— Você não precisa viajar para me ver, porque eu vou estar aqui.

— Você encontrou um emprego aqui?

— Mais ou menos. É um estágio. Com todo o dinheiro que economizei neste semestre, tenho o suficiente para me manter depois que você pagou minha mensalidade, ou seja. Estou fazendo estágio com uma organizadora de eventos. — Eu abaixei minha cabeça e engoli contra o rubor que se formava em minhas bochechas. — Eles trabalham com muitas instituições de caridade e organizações sem fins lucrativos, e eu pensei que talvez pudesse ajudar a divulgar e fazer parceria com organizações maiores.

Ele passou os dedos sob meu queixo e levantou minha cabeça. Deveria ter fugido para a Birmânia para viver em uma cabana por dois anos e ajudar uma vila local? Provavelmente. Era

o que uma boa pessoa faria, mas Jules me deu a ideia e minhas rodas começaram a girar, as que foram lançadas no evento do Give on the Gridiron.

— Esse é o ajuste perfeito para você. Pense em quanto mais esses grupos podem fazer com grandes nomes e dinheiro ainda maior por trás deles. Fazer coisas boas não significa que você tenha que ser Madre Teresa 24/7. Não tenha medo de fazer o que te faz feliz. — Ele esfregou o nariz no meu. — E eu sei que você vai colocar todo o seu coração nisso. Qualquer pessoa com quem você trabalha terá sorte em ter você ao seu lado.

Eu pisquei de volta aquelas lágrimas ansiosas e assenti.

— Falando em fazer o que te faz feliz... quanto do que você sente por mim tem a ver comigo ser um jogador de futebol profissional? — Um vislumbre de nervosismo cintilou em seu olhar.

— Cerca de 0,001%. Por quê?

— Engraçado que você está mudando a direção da sua vida, porque estou fazendo a mesma coisa. Esta semana foi difícil e me fez perceber muitas coisas. Futebol não é mais algo que eu possa fazer. Eu fiz isso para o meu pai a vida toda, e tudo o que vai fazer é me desanimar. O salário não vale a pena quando eu posso estar aqui na cozinha com o vovô. Ele precisa ir com calma, e eu sou o único que pode convencê-lo a desacelerar. Então, pagarei as dívidas e assumirei o controle dele em breve.

— Uau.

— Certo? — Ele riu.

— Você tem certeza disso?

— Tanto quanto tenho sobre nós. — Ele arrastou o polegar pela minha bochecha. — Esta semana foi difícil sem você.

— Me desculpe, eu não estava lá, e vou gastar tanto tempo compensando quanto possível. — Eu aumentei meu aperto contra suas costas, segurando sua camisa entre os dedos. — Você ficou sob a minha pele desde o primeiro segundo.

— Você tem certeza de que não ficou nem um pouco impressionada ao me ver pelado?

— Não direi que isso não fazia parte do pacote. — Eu soltei uma risada aguada.

— Eu sabia, você só está me usando pelo meu corpo.

— Mais como amar você por tudo o que você é. — Eu arrastei meus dedos pelos cabelos na nuca dele, deixando os fios macios correrem pelos meus dedos.

— Incluindo minha bunda.

— Sou mais parcial nisso. — Eu arrastei meus dedos ao longo do recuo logo abaixo da cintura de seu jeans.

— Teremos que garantir que nos familiarizemos em breve. — Ele olhou para mim como se estivesse com medo que eu desaparecesse bem na frente dos seus olhos.

Eu assenti. — E temos o resto de nossas vidas para fazer isso.

— O resto, hein?

Engoli em seco a espessura da minha garganta. Agora não era hora de segurar nada. Cada célula do meu cérebro deveria estar gritando para eu não fazer uma declaração louca e precipitada, mas desta vez meu cérebro e meu coração estavam em perfeito acordo. — Para sempre.

— Eu posso lidar com para sempre. — Ele passou o polegar pelo meu lábio inferior. As pontas ásperas de seus dedos causaram arrepios na minha espinha. — Com uma condição.

— Diga.

O canto da boca dele se levantou. — Há uma coisa que você pode fazer para me compensar.

38

NIX

— Nós nunca desistimos! Nós nunca nos renderemos! — Bati minhas costas contra a parede. Um cartucho de plástico cheio de mais dardos deslizou na minha mão. Balancei minha cabeça para o lado e sorri para Elle, puxando-a para perto de mim e provando seus lábios como se eu nunca pudesse prová-los novamente.

Eu não estava dando outro toque, outro beijo, outra noite como certa quando se tratava dela.

— Isso não era exatamente o que eu tinha em mente quando você disse que eu poderia compensar você. — Ela lambeu os lábios.

— Teremos muito tempo para *aquilo* mais tarde. — Meu olhar disparou para seus lábios. — Neste momento, precisamos chutar algumas bundas capturar a bandeira. — Duas bandeiras Fulton U estavam em disputa; uma era de ouro com um cavalo dee Trojan da marinha e outro com uma enorme UF não sancionada pela escola no centro, em letras douradas. Essa última estava no final do corredor do andar de cima.

— Você me trouxe por minhas habilidades fenomenais de guerra Nerf?

— Uma das muitas razões. — Eu pressionei um beijo rápido contra seus lábios, incapaz de evitar.

Quarenta minutos suados e vitoriosos depois, todos nós recuamos nas cadeiras no quintal. Keyton e Berk, os primeiros a sair do jogo novamente, haviam deixado hambúrgueres prontos.

— Quantos desses jogos vocês jogam por ano? — Keyton mordeu seu hambúrguer e tomou um gole de cerveja.

— Quantos quisermos. — Berk enfiou o hambúrguer na boca.

— Legal. — Keyton sorriu e tomou outro gole.

— Embora, eu gostaria de adicionar tiros nos peitos à cláusula junto com: não nos olhos e não nas bolas nas regras. — Marisa levantou a mão. — Levarar um tiro do dardo não é brincadeira.

— Ris, sério? Não precisamos saber sobre seus peitos. — LJ cobriu cada orelha com metade de um pão de hambúrguer.

— Qual é o problema, L? Você não gosta de ouvir sobre os seios da sua melhor amiga? Meu peito? Minhas galinhas de suéter? — Ela puxou a ponta do pão, tentando afastá-lo das orelhas dele.

— Se você não parar, não vou jantar amanhã.

Ela se sentou na cadeira. — Não há necessidade de exagerar. Dãhh. — Ela ficou carrancuda.

— Qual é o problema do jantar? — Elle esguichou um pouco de ketchup em seu hambúrguer.

— É o jantar com meu pai, o último do ano letivo até que eu esteja livre.

— Eu acho que vocês não se dão bem?

— É difícil se dar bem com alguém que nunca esteve por perto e depois domina sua isenção de matrícula gratuita sobre sua cabeça e faz você ir a jantares semanais na casa dele, mas fora isso, nos damos muito bem. Macio como pêssego. — Seu sorriso frágil fez todo mundo admirar as folhas e a grama no quintal.

Uma batida no portão salvou a todos do abjeto que se instalara sobre o nosso grupo. Berk deu um pulo, quase derramando seu prato no chão.

— Jules! — Ele anunciou a todos em um raio de três quarteirões.

— Elle disse que vocês estavam grelhando, e eu sei que todo mundo está saindo... eu tinha muitos brownies sobrando e não os queria no freezer o verão inteiro. Então, eu queria deixar eles. — Ela empurrou o recipiente no peito de Berk.

— Deixe-os, isso é loucura. Fique um pouco. Temos comida mais que suficiente.

Jules se aproximou do portão, mas Berk passou o braço em volta dos ombros dela e a puxou para todo mundo.

Elle e Jules pareciam estar tendo algum tipo de comunicação silenciosa, só com os olhos, e Jules sentou, como se esperasse que lhe oferecessem um sanduíche de cocô.

Com um prato colocado no colo, Jules deu pequenas mordidas calculadas como se houvesse um jogo de boca de Tetris que ela precisava acertar para comer. — Sua amiga gostou do bolo?

A cabeça de Berk disparou com migalhas de brownie na bochecha.

— Que bolo? — Peguei um brownie do recipiente em que ele parecia perfeitamente bem. — Você está nos excluindo e pedindo bolos para si mesmo?

— Não... — Sua perna saltou para cima e para baixo. — Foi um bolo de aniversário.

— Ela gostou? — Os dedos de Jules se apertaram na borda do prato.

— Ela disse que foi o melhor bolo que já comeu. — Ele disse calmamente como se fosse uma conversa apenas entre os dois.

Jules sorriu para ele, mas não alcançou seus olhos. — Estou feliz que Alexis tenha gostado.

Ela detonou a bomba atômica. LJ se virou e Reece balançou a cabeça.

Elle, Jules e Keyton nos olhavam de olhos arregalados.

— Não. — LJ acenou com o dedo no ar. — Não. Ela é uma má notícia, cara.

— Preciso lembrá-lo do que aconteceu da última vez que ela apareceu? — Reece bateu as costas de uma mão na palma da mão.

— Trouxe todas as coisas de volta, além disso, eu não a trouxe aqui. Eu fui com ela.

Arrastando minhas mãos pelo meu rosto, balancei minha cabeça. O coração de Berk era muito grande. Ela era uma usuária e, toda vez que aparecia, Berk ficava segurando a bolsa e limpando a bagunça.

— Você será um jogador profissional de futebol é quando você começa a pensar no tipo de pessoa que deseja ao seu redor e no tipo de pessoa que será tóxica para o seu sucesso.

— Eu sei disso. — Ele entregou o recipiente de brownies para Seph, que apertou a mão dele enquanto se afastava. — Vou pegar mais cervejas.

— Quem é Alexis? — Elle olhou para todos.

— Uma amiga de Berk antes da faculdade. E ela é... bem, digamos que ela não é boa para ele. — LJ parecia esvaziar em sua cadeira.

— Ele parece se importar muito com ela. Ele comprou um bolo para ela. — Jules ofereceu docilmente.

— Às vezes, ele é seu pior inimigo. — Disse Reece enquanto todos olhavam através das amplas janelas da cozinha para Berk enfiando mais garrafas de cerveja em seus braços. — Vou ajudá-lo antes que ele derrube uma caixa inteira de cerveja. — Reece bateu na perna de Seph e ela se levantou, deixando-o salvar nossas cervejas. Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. — Sortuda.

Suas bochechas ardiam intensamente e ela abaixou a cabeça quando ele entrou correndo na casa.

Esses caras eram os melhores amigos que eu já tive, e em questão de semanas, essa casa não seria mais aquela que eu chamava de lar. Não era como se eu estivesse triste vivendo em um lugar que não tinha o apelido de Brothel, mas tínhamos ficado mais que amigos, mais como irmãos e, como filho único, isso significava mais para mim do que todos os jogadores em campo.

O portão do quintal destrancou. Caminhando pela grama com

seu indicador manco, meu pai estava com o olhar focado em mim. Saltando do meu assento, corri para ele.

— Pai, o que você está fazendo aqui? — Levei ele de volta ao portão e fiquei ao lado da casa com os braços sobre o peito.

Ele olhou para mim e respirou, do tipo que ele sempre tomava antes de me colocar sobre as mil coisas que eu tinha fodido entre acordar de manhã e o minuto em que ele me viu. Olhando para o céu, ele balançou a cabeça.

— Eu estraguei tudo.

Meu queixo caiu. Juro que ouviram o *baque a* um quarteirão de distância.

Ele olhou para mim com lágrimas nos olhos. — Você é... — Ele cobriu a boca com a mão enrolada. — Você é meu filho, Phoenix, e eu amo você. Eu te amo mais do que ninguém neste planeta, e sempre quis o que era melhor para você. Queria que você fosse bem-sucedido e se saísse melhor do que nunca. Eu era uma bagunça que ainda não posso acreditar que sua mãe decidiu que eu era a pessoa certa para ela. — Sua voz falhou.

— Pai?

— Me deixe terminar. Preciso me desculpar muito. Quando você era pequeno... — Ele respirou fundo. — Quando você era pequeno, parecia tanto com ela que doía. Todo dia era um lembrete do que eu havia perdido e do que você havia perdido, e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Todo o dinheiro e toda a fama e eu teria dado tudo por mais uma hora com ela. Então, eu fui um covarde e fiquei longe, deixando o vovô cuidar de você enquanto ele dirigia o restaurante. É claro que você aprendeu a amar enquanto passava um tempo com ele lá.

Andou de um lado para o outro na estreita passagem ao lado da casa. — Então você ficou um pouco mais velho e começou a se interessar pelo futebol, e eu me apeguei a isso. Era assim que você era como eu. Eu poderia consertar todas as coisas do futebol, fazer você melhorar, fazer você o melhor. Eu me fixei nisso e disse a mim mesmo que sua mãe iria querer isso para

você, mas era o que eu queria. Apesar de mim, você se transformou no tipo de homem de quem sua mãe teria orgulho.

Lágrimas se acumularam nos meus olhos, e sua figura embaçada tremeu na minha frente.

— Ela teria chutado minha bunda e ficaria tão orgulhosa de você por não me deixar forçar você a uma vida que você não quer. — Ele me puxou para perto, passando os braços em volta de mim em um abraço que desmentia sua idade e o quanto seu corpo havia passado. Ele enterrou o rosto no meu pescoço enquanto seus ombros tremiam.

Ficamos parados com lágrimas consertando algumas das rachaduras de um relacionamento que eu pensava ser irreparável. Ele me deu um tapinha nas costas e me segurou, limpando o nariz. — Eu sou uma bagunça.

— Você quer entrar e comer alguns hambúrgueres? — Apontei meu polegar em direção ao quintal, levantando minha camisa para limpar meu rosto.

— Você só tem alguns dias com esses caras. Aproveite. Vejo você no restaurante.

Minha cabeça recuou. — O restaurante?

— Sim, vovô vai precisar de ajuda, e você não pode fazer tudo sozinho.

— Você cozinha?

— Você não é o único que cresceu lá. — O canto da boca dele se levantou e ele me puxou para outro abraço. — Vejo você em breve.

Ele acenou e desapareceu na frente da casa.

Fiquei atordoado, ainda não acreditando que realmente tivesse acontecido. Voltando ao quintal, peguei o olhar de Elle.

— Você está bem? — Ela murmurou.

Sua preocupação não deveria ter emocionado meu corpo, sua expressão me dizendo que ela sempre estaria lá e sempre teria minhas costas. — Eu vou te dizer mais tarde. — Eu murmurei

antes de pegar uma cerveja.

— Onde você vai morar, Keyton? — Berk se recostou na cadeira.

— Onde funcionar para vocês. Meu contrato termina no final do mês, mas posso encontrar outro lugar para ficar, se vocês precisarem de mais tempo. — Keyton bateu os dedos na borda do prato e olhou para mim.

— Não, eu vou arrancar seu cabelo e deixar você se acomodar antes do início do treino de verão. Há um apartamento no Tavola que o vovô não usa há anos, então eu vou morar lá e começar a consertá-lo. — Sentei na cadeira e puxei Elle para o meu colo.

Ela afundou em mim, completamente relaxada, e passou os dedos pelos cabelos da minha nuca e pescoço. Foi um momento perfeito, do tipo que você jura que vai se lembrar para sempre, até que não haja nada além daquele sentimento brilhante de felicidade, mesmo quando os detalhes desaparecerem.

Berk e Reece retornaram para nosso círculo de cadeiras.

— *Vamos* começar a consertar. Não é como se tivéssemos muito mais a fazer. — Berk entregou as garrafas geladas a todos em nosso círculo.

— E vamos garantir que tenha um sofá confortável para quando esses dois estiverem me deixando louco. — Berk apontou o dedo na direção de LJ e Marisa.

— Eu voto que nós joguemos fora esse sofá. Mais alguém a favor? — Marisa levantou a mão como se estivesse votando em uma sala de reuniões.

— Eu tenho um sofá, se vocês precisam de um substituto. — Ofereceu Keyton.

— Você já sentou no nosso? Devemos enviá-lo para um museu de tortura para ser adicionado à sua seção de punição medieval. Esta é mais uma razão pela qual eu sabia que você seria um colega de quarto incrível. — Berk deu um tapinha no ombro dele.

— Fico feliz por ajudar.

— Você sabe que Berk estará no Tavola farejando por refeições grátis. — LJ recuou na cadeira.

— Ainda não consigo acreditar que você não vai ser profissional no próximo ano. — Berk bebeu a cerveja antes de cuspir e espalhar por todo o lado LJ e Marisa.

Os dois estavam sentados lá, segurando os braços para os lados, como se tivessem sido atingidos no rosto por um balão de água completamente cheio.

— Desculpe, havia uma abelha.

Os dois se levantaram e voltaram para casa como se tivessem feito xixi nas calças.

— Quanta cerveja você pode segurar na boca? Parece que uma mangueira de fogo pulverizou os dois.

— Desculpe. Vou guardar um brownie para vocês. — Berk abriu uma cerveja nova, bebeu um pouco e colocou a caixa de brownie na frente dele. — Você se superou desta vez, Jules. Estes estão incríveis.

— Obrigada. Eu adicionei lascas de chocolate expresso.

— Esses são os meus favoritos.

— Eu sei. — Ela disse as palavras tão baixo que eu não sabia se alguém além de mim e Elle ouviu. Eu me virei para Elle, e ela balançou a cabeça, um movimento rápido que me disse para não tocar com uma vara de seis metros.

— Essas coisas nunca são fáceis, são? — Eu sussurrei em seu ouvido.

— Infelizmente não. — Ela pegou minha mão na dela. — Mas nada bom é fácil, certo?

— Você está certa. — Dei um beijo no ombro dela e pulei de volta para a conversa com os caras. Era hora de absorver o máximo possível disso antes que o mundo real se intrometesse e todos seguíssemos caminhos diferentes. Eu teria Elle ao meu lado, e isso deixou a perda deste lugar e desses caras se tornar

muito mais fácil.

Ela era uma parte de mim que eu nem sabia que estava faltando.

Ela foi a primeira melhor decisão que tomei na minha vida, e seu amor fez todos os dias valerem a pena.

EPÍLOGO

ELLE

Caixas ladeavam o corredor do nosso apartamento de dois quartos no Tavola. Ainda estávamos removendo o papel de parede antigo e pintando o local, mas nos últimos dois meses ele estava se tornando nosso. Entre o novo papel de Nix no restaurante e minha nova posição em uma das maiores empresas de planejamento de eventos da cidade, estávamos exaustos no final de longos dias que às vezes se estendiam até as duas da manhã, mas desabar na cama a cada noite ao lado dele era a melhor hora do dia, eu nunca fui tão feliz.

Dobrando a aba na caixa com as “coisas de Nix” rabiscadas em um lado, voltei para a cozinha. O tesouro lá dentro merecia seu próprio lugar premiado no apartamento.

Ele tinha todos os pratos que tínhamos desembalado até o momento, empilhados com alimentos que me deram água na boca. O chiado e o estalo da panela no fogão eram uma trilha sonora constante em nosso apartamento. Enquanto muitas pessoas sempre diziam que os chefs nunca gostavam de cozinhar em casa, Nix tinha anos de expressão culinária reprimida pronta para uma deliciosa explosão e eu fiquei mais do que feliz por estar na zona de explosão com a boca aberta. Entre ele experimentando coisas novas e o acesso rápido e fácil ao restaurante, fiquei feliz por meu trabalho envolver muitas corridas pela cidade para organizar tudo para os eventos que coordenei.

— Você está escondendo algo, Garoto de Ouro. — Passei meus braços em volta do pescoço de Nix, balançando de um lado para o outro.

Ele passou um braço em volta de mim e jogou o frango na panela ao lado dele. — Eu já cozinhei para você antes.

— Eu não estou falando sobre cozinhar.

Ele apagou o fogo. — O que exatamente eu tenho escondido de você? — O sorriso encantador não funcionava apenas com seus fãs de futebol e clientes no restaurante. Ainda fazia meus joelhos virarem gelatina.

Quando ele estava tão perto de mim e cheirava a comida deliciosa e a roupa recém-lavada, era difícil manter minha linha de pensamento.

— Sua coleção de vinil. Você envergonharia a maioria das lojas de discos.

— Talvez eu simplesmente não quisesse lhe mostrar meu esconderijo secreto, B and E. — Ele esfregou o nariz no meu.

— Talvez eu dê uma olhada e veja quanto eles valem no eBay. — Bati meu dedo no meu queixo.

— Eu tenho algo para você investigar. — Ele mergulhou de joelhos e me levantou, navegando em nosso labirinto de caixas e me deixando cair em nossa cama.

Empurrando meu cabelo para trás do meu rosto, eu sorri para ele. — Temos convidados chegando em cerca de vinte minutos.

Ele olhou para mim com uma fome primordial que enviou um rubor escaldante por todo o meu corpo. — É melhor sermos rápidos, então.

Puxei minha camisa por cima da cabeça. Quando minha cabeça estava livre dela, Nix estava completamente nu como um mágico de mudança rápida. Rindo, lutei com o botão do meu jeans.

Ele se inclinou, pegando meu pé contra o peito e faz cócegas nos dedos dos pés.

Eu resisti e me afastei de seu aperto. — Você deveria estar ajudando. — Lágrimas de riso caíram nos meus cílios.

Segurando a parte de baixo da minha calça jeans, ele a puxou pelas minhas pernas. A sensação de suas mãos em mim nunca deixou de conduzir a dor fervente em uma necessidade que queima em questão de segundos.

— Este é o primeiro dia de folga que nós dois tivemos em mais de um mês.

Ele caiu em cima de mim, se apoiando nos braços. — Você tem certeza que quer gastá-lo com os meus amigos que são uma dor de bunda?

Engatei minha perna sobre seu quadril e empurrei meu calcanhar em sua bunda. — Você sente falta deles. E ainda não tivemos a chance de mostrar esse lugar.

Erguendo a cabeça, ele olhou para a parede atrás de nossa cama, coberta com cinco amostras de tinta diferentes. — O trabalho ainda esta em andamento.

— Não é o máximo? — Passei meus dedos pela barba por fazer em sua mandíbula.

— Eu já te disse o quanto eu te amo? — Ele pegou meus dedos e beijou as pontas dos dedos.

— Hoje não. — Eu levantei meu quadril para encontrar sua ereção prenssada entre nós. A cabeça de seu pau provocou minha entrada.

— Então eu acho que eu deveria te mostrar. — Ele abaixou a cabeça e me beijou, empurrando sua língua na minha boca e mudando o ângulo de seu quadril e em um instante não houve provocação em seu toque. Havia apenas fome, poder e seu amor por mim. Um amor que eu poderia retornar sem reservas ou hesitações.

Meu orgasmo colidiu comigo, dominando todos os meus sentidos. Ele conhecia meu corpo tão bem que parecia que o manual estava gravado em sua mente. Um segundo eu podia respirar e no outro estava flutuando, segurando enquanto ele me apertava e se expandia dentro de mim. Nosso colapso durou pouco; um timer tocou na cozinha.

Ele descansou a testa na minha. — É o pão. — Sua respiração saiu ofegante.

— É melhor você ir buscar. — Caí de volta na cama com meu peito subindo e descendo no ritmo de meu batimento cardíaco.

— Volto logo. Pule no chuveiro e eu lavarei suas costas. — Ele pulou e saiu correndo do quarto, me dando uma visão muito agradável daqueles pães ainda incrivelmente moldados.

Fresca do nosso banho rápido, corri para a porta após a primeira batida.

Berk e LJ estavam na cidade para o treino de verão. Felizmente, Jules ficou em nossa antiga casa, agora dela e de Zoe, então realmente só dela. Ela teria que ir para a festa de noivado da sua irmã durante o longo fim de semana em algumas semanas, então eu estava estocando bebidas e abraços. Marisa havia trabalhado no campus o verão inteiro.

— Onde está o Berk? — Olhei pelo corredor curto.

— Disse que ele tinha algo a fazer. — LJ deu de ombros.

— Provavelmente tem a ver com a nova carta que ele recebeu. Eu juro, ele se esquiva por metade do dia sempre que uma dessas aparece. — Marisa entregou um recipiente de Deus sabe o quê, brilhando como um isótopo radioativo.

Jules tomou toda a sua bebida e a levantou, mesmo depois que ela terminou, inspecionando o fundo do copo e ignorando o meu olhar. Não importa quantas vezes eu disse a ela para contar, ela era inflexível contra isso.

Eu peguei uma bebida para todos e folheamos os filmes na tela.

— Rapazes. — Berk abriu a porta e quase arrancou um pedaço da parede atrás dela. Ele se virou com uma carta na mão e bateu a porta com força.

— Que diabos, Berk? — Nix saiu da cozinha com uma tigela de pipoca.

— Ela disse que acabou. — Seu olhar estava frenético.

— Quem?

Ele jogou o pedaço de papel e envelope amassado no ar.

— Sua Letter Girl? — LJ arrancou a carta da mão de Berk.

— Sim. — Ele afundou na poltrona perto da porta.

Jules ficou fascinada com a contagem de fios do nosso tapete Ikea, puxando e mantendo a cabeça baixa.

— O que você disse a ela?

— Nada fora das nossas cartas normais. Eu peguei a próxima e... — Ele apontou para a que estava na mão de LJ. Ele passou para Marisa, que tentou passar para Jules. Ela balançou a cabeça e passou a inspecionar a madeira da nossa mesa de café.

— Tudo o que diz é “acho que não devemos mais fazer isso”. — Marisa virou. — Por que ela fez isso depois de meses?

Berk afundou a cabeça nas mãos. — Não sei, mas coloquei outra nota na caixa quando fui buscar essa e ela ainda está lá.

Tentei evitar que meu olhar perfurasse um buraco na lateral da cabeça de Jules.

— Talvez ela esteja se afastando e não queira mais um amigo por correspondência. — Nix colocou outro prato de comida na mesa.

Berk balançou a cabeça. — Não estou pronto para que isso acabe.

O olhar de Jules se voltou para ele. O canto da boca dela se curvou.

Eu peguei seu olhar e inclinei minha cabeça em direção a eles. — Diga a ele. — Falei.

Eu levantei minhas sobrancelhas e inclinei minha cabeça em direção a Berk.

Ela me deu um forte aceno de cabeça.

Marisa devolveu a carta para ele. — Não parece que você tem uma escolha.

— O que Alexis acha de tudo isso? — LJ se encostou na geladeira.

O meio passo de Jules em direção a Berk congelou e ela

recuou como se alguém tivesse jogado uma cascavel na frente dela.

— O que tem ela?

LJ cruzou os braços sobre o peito e levantou uma sobrancelha.

— Ela não é alguém que eu possa deixar para trás, supere isso. Mas ela não tem nada a ver com a Letter Girl. Ela não pode simplesmente entrar na minha vida com essas cartas e depois descansar como se não fosse nada.

A garganta de Jules subia e descia e ela pegou a cerveja da mesa. O olhar dela disparou para o chão.

— Parece que ela pode e acabou de fazer.

— Não, eu não aceito isso.

— Quais são as outras opções?

— Eu vou encontrá-la. — O forte ar de determinação de Berk encheu a sala.

A tosse seca de Jules chamou a atenção de todos. Espuma borbulhou no topo de sua cerveja e ela pegou um punhado de guardanapos para cobrir a boca.

— Jules. — Berk chamou o nome dela e caiu no chão ao seu lado.

Ela olhou para ele como se seus olhos estivessem prestes a sair de sua cabeça. Um chiado que soou parecido com um “sim” saiu de sua boca.

— Você está na mesma classe que ela. Bem, nós estamos. Ela também está no último ano. Pode me ajudar?

— Talvez seja melhor deixar as coisas como ela disse.

— Não é tão fácil. Nenhum de vocês entende. — Seu olhar de pânico varreu todos nós. — Jules, você vai me ajudar, certo?

Sua boca ficou aberta e ela olhou nos olhos dele, assentindo uma vez.

O sorriso grande e largo de Berk praticamente podia ser visto

do espaço e ele mergulhou nela, envolvendo-a com os braços, abraçando com força e sacudindo-a de um lado para o outro.

Ela me olhou por cima do ombro durante todo o tratamento de boneca de pano e eu dei de ombros, lhe dando um olhar desamparado.

Ele pulou e andou na frente da TV, examinando as opções de investigação do Scooby Doo. Jules tamborilou com os dedos na perna como se estivesse pronta para sair da sala a qualquer segundo.

— Podemos restringir as coisas para quando as aulas começarem e todos estiverem de volta ao campus. Talvez eu possa encontrar uma maneira de obter amostras de caligrafia. — Ele bateu no queixo.

Jules escondeu as mãos atrás das costas como se a entregassem a qualquer momento.

— Eu não vou parar até encontrá-la. Vamos virar este lugar de cabeça para baixo. Seremos um ótimo time, certo Jules.

Sua boca se abriu e fechou quando seus olhos se arregalaram, parecendo um anime, presos no vácuo do espaço. A palavra mal era um guincho. — Certo.

Não havia como escapar agora. Berk estava determinado e era apenas uma questão de tempo antes que a pressão chegasse a ela. Que comecem os fogos de artifício.

FIM

NOTAS

[←1]
Imagem Gerada por Computador.

[←2]

Breaking and Entering – Arrombamento e Invasão.

[←3]

Tempo de Protrombina

[←4]

A Garota da Carta

[←5]

Get The Fuck Out: Dê o fora, porra.

[←6]

Monstro da saga Harry Potter que suga a felicidade de suas vítimas.

[←7]

Marca de biscoitos.